

ISSN: 1676-6288

CADERNOS PROLAM / USP



BRAZILIAN JOURNAL OF LATIN AMERICAN STUDIES

SPECIAL ISSUE

The new Rights in Latin America:
Ideas, Actors, and Political strategies

VOL. 23, N. 48, SÃO PAULO, BRAZIL
AUGUST 2024



USP



CADERNOS PROLAM / USP - BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

PUBLICADO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA
LATINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - PROLAM/USP. VOL. 23, N. 48
(AGO. 2024).

SEMESTRAL- ISSN 1676-6288 - INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA.
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. 1- ESTUDOS LATINO-AMERICANOS CIÊNCIA
POLÍTICA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS. 2- DIREITO. 3- ECONOMIA. 4-
GEOGRAFIA. 5- HISTÓRIA. 6- PSICOLOGIA. 7- SAÚDE COLETIVA. 8-
SOCIOLOGIA.

ISSN 1676-6288



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

48

JUNE - 2024



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES

Corpo Editorial

Editorial Board
Cuerpo Editorial

Editores Responsáveis - N. 48

Editors of N. 48

Editores Responsables - N. 48

Lorena Soler

Universidad de Buenos Aires

Juan Jesús Morales

Universidad Católica Silva Henríquez

Paulo Renato Silva

Universidade Federal da Integração Latino-Americana

Editoras

Editors

Maria Cristina Cacciamali

Universidade de São Paulo

Vivian Urquidí

Universidade de São Paulo

Coordenação Editorial

Coordinación Editorial

Editorial Coordination

Bruno Massola Moda

Maria Medeiros Palazzo Rolim

Universidade de São Paulo

Ana Daniela de Souza Gillone

Universitat Pompeu Fabra

Editores Associados

Associate Editors

Editores Asociados

Bernardo Mançano Fernandes

Universidade Estadual de São Paulo

Camilo Negri

Universidade de Brasília

Edwin Ricardo Pitre-Vásquez

Universidade Federal de Paraná

Eduardo Guedes Pereira

University of West Indies

Félix Pablo Frigeri

Universidade Federal da Integração Latino-americana

Franco de Matos

Universidade de Brasília

Joana Fátima Rodrigues

Universidade Federal de São Paulo

Júlio César Suzuki

Universidade de São Paulo

Lincoln Secco

Universidade de São Paulo

Lucilene Cury

Universidade de São Paulo

Marilene Proença Rebello de Souza

Universidade de São Paulo

Rafael Antonio Duarte Villa

Universidade de São Paulo

Sylvia Adriana Dobry

Universidade de São Paulo

Wagner Tadeu Iglecias

Universidade de São Paulo

Estagiários

Intern

Daniel Martins Cantuaria

Geovanny Luan Piedade

Universidade de São Paulo

Arte

Graphic Design

Gabriel Galdino

Universidade de São Paulo

Corpo Editorial Internacional

International Advisory Board

Cuerpo Editorial Internacional

Ana Esther Ceceña

Universidad Nacional Autónoma de México

Andrés Donoso Romo

Universidad Playa Grande (Chile)

Angel Guillermo Quinteros

Universidad de Puerto Rico

Ariel Gómez Ponce

Universidad Playa Grande

Betty Lozano

University Consortium on Afro-Latin American Studies (USA)

Elissa Loraine Lister Brugal

Universidade Nacional de Colombia

Enrique E. Shaw

Universidad de Córdoba

Guillermo Beatón

Universidad de la Habana

Inés María Fernández Mouján

Universidad Nacional de Mar del Plata

Jhon Williams Montoya

Universidad Nacional de Colombia

Juan Bello Dominguez

Universidad Pedagógica Nacional

Marina von Harbach Ferenczy

Università degli Studi di Ferrara

Nohora Inés Carvajal Sanchez

Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Octavio Quesada García

Universidade Autónoma de México

Pablo Rocca

Universidad de la República (Uruguay)

Raúl Bernal-Meza

Universidades Nacional del Centro (Argentina)

Tício Escobar

Centro de Artes Visuales (Paraguay)

Vincent Gouéset

Université Rennes 2 (França)

Wladimir Mejía Ayala

Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia

Editores Honorários

Honorary Editors

Editores Honorários

Sedi Hirano

Universidade de São Paulo

Emir Simão Sader

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Lígia Prado

Universidade de São Paulo

Afrânio Mendes Catani

Universidade de São Paulo

Lisbeth Ruth Rebollo Gonçalves

Universidade de São Paulo

Editora/es Assistentes

Assistant Editors

Asistentes Editoriales

Beatriz Leal

Deise dos Santos Oliveira

Fernanda Durazzo de Oliveira

Francielli Mores Gusso

Gabriel Dibb Daub De Vuono

Giovanna Fidelis Chrispiano

Graziela Tavares de Souza Reis

Isabela Furegatti Corrêa

Karen Marcello

Lucas Cotosck Lara

Samiyah Venturi Becker

Suzana Maria Loureiro Silveira

Ygor Pierry Piemonte Dittão

Universidade de São Paulo

APRESENTAÇÃO

A ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** é uma revista especializada em difundir estudos sobre a América Latina. Criada em 2002 pelo Programa de Pós-graduação Integração da América Latina (PROLAM/USP), na fase inicial a ***BJLAS*** teve o objetivo de favorecer o ambiente de integração regional com publicações neste âmbito do conhecimento. Com o passar dos anos, o periódico ampliou seu universo disciplinar e hoje divulga produções científicas de nível de pós-graduação nos diversos campos das humanidades, das artes e das ciências sociais.

Para garantir o foco das publicações da Revista, os editores da ***BJLAS*** têm priorizado temáticas de impacto regional para a América Latina e trabalhos com metodologias comparativas sobre dois ou mais países deste continente. O propósito é que as publicações contribuam de modo significativo para o avanço dos conhecimentos sobre a América Latina e para a divulgação do que se produz nos diversos centros de pesquisa sobre a região, articulando assim a pluralidade de perspectivas teóricas, de linhas de pesquisa e de possibilidade de interpretação.

Tais são as motivações da linha editorial da ***BJLAS*** que incentiva seus autores a realizar análises sobre tópicos transversais em questões sociais, políticas, culturais, econômicas, jurídicas, históricas e artísticas com abordagens transdisciplinares. Por fim, a ***BJLAS*** estimula seus autores a publicar não apenas Artigos, mas também Resenhas Críticas sobre livros recentes ou de grandes obras de pensadores clássicos da América Latina, assim como Críticas de Arte e Ensaios de interpretação da realidade regional.

PRESENTACIÓN

Versión en español

La ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** es una revista especializada en difundir estudios sobre América Latina. Creada en 2002 por el Programa de Posgrado de Integración en América Latina (PROLAM / USP), en la fase inicial la ***BJLAS*** tuvo como objetivo favorecer el entorno de integración regional con publicaciones en este campo del conocimiento. Con los años, la revista ha expandido su universo disciplinario y hoy publica producciones científicas de posgrado en los diversos campos de las humanidades, las artes y las ciencias sociales.

Para salvaguardar la propuesta de las publicaciones de la Revista, los editores de BJLAS priorizan los temas de impacto regional para América Latina y trabajos con metodologías comparativas sobre dos o más países de este continente. El propósito es que las publicaciones contribuyan significativamente al avance del conocimiento sobre América Latina y a la difusión de lo que se produce en los diversos centros de investigación de la región, articulando así la pluralidad de perspectivas teóricas, líneas de investigación y posibilidad de interpretación.

Con tales motivaciones editoriales, la ***BJLAS*** alienta a sus autores a realizar análisis sobre asuntos transversales en temas sociales, políticos, culturales, económicos, jurídicos, históricos y artísticos con enfoques transdisciplinarios. Finalmente, a ***BJLAS*** estimula que a sus autores publiquen no solo Artículos, sino también Reseñas críticas de libros recientes o de grandes obras de pensadores clásicos de América Latina, así como Críticas de arte y Ensayos de interpretación de la realidad regional.

PRESENTATION

English version

The ***Brazilian Journal of Latin American Studies (BJLAS)*** is a journal specialized in disseminating studies on Latin America. Created in 2002 by the Latin America's Integration Graduate Program – Prolam/USP, in the initial phase ***BJLAS*** aimed to promote the environment of regional integration with publications in this field of knowledge. Over the years, the journal has expanded its disciplinary universe and today publishes graduate scientific productions in the different fields of the humanities, arts and social sciences.

To ensure the focus of the journal's publications, ***BJLAS*** editors have prioritized issues of regional impact for Latin America and works with comparative methodologies on two or more countries of the continent. The purpose is that these publications contribute significantly to the advancement of knowledge about Latin America and to the dissemination of what is produced in the various research centers on the region, thus articulating the plurality of theoretical perspectives, research lines and alternative ways of interpretation.

Such are the motivations of the ***BJLAS*** editorial line that encourages authors to carry out analyzes on cross-cutting approaches on social, political, cultural, economic, legal, historical and artistic issues with transdisciplinary perspectives. Finally, ***BJLAS*** stimulates authors to publish not only Articles, but also Critical Reviews of recent books or of great works by classical thinkers from Latin America, as well as Art Critics and Essays to interpret regional reality.

Editoras **Editors**

Maria Cristina Cacciamali 
Universidade de São Paulo

Vivian Urquidí 
Universidade de São Paulo

Editores convidados **Guest Editors**

Lúcio Fernando Oliver Costilla 
Universidad Autónoma de México

Eduardo Restrepo 
Universidad Javeriana de Colombia

ARTIGOS / Artículos / Papers

Las nuevas derechas en América Latina. Ideas, actores y estrategias políticas.

01

As novas direitas na América Latina: ideias, atores e estratégias políticas

As novas direitas na América Latina: ideias, atores e estratégias políticas

Lorena Soler

Juan Jesús Morales

Paulo Renato Silva

A nação e seus outros: o nacionalismo e a contra-insurgência no discurso da Confederação Anticomunista Latino-americana (CAL)

27

La nación y sus otros: el nacionalismo y la contrainsurgencia en el discurso de la Confederación

Anticomunista Latinoamericana (CAL)

The nation and its others: nationalism and counter-insurgency in the discourse of the Latin American Anticommunist Confederation (CAL)

André Kaysel

Soberanía nacional y antisemitismo. La memoria de la derecha nacionalista argentina frente al caso Eichmann

52

Soberania nacional e antisemitismo: as memórias da direita nacionalista argentina diante do caso Eichmann

National sovereignty and anti-semitism: the memories of the Argentine nationalist right in facing the Eichmann case

Celina Albornoz

A nova direita e os livros: Autores, editoras e best sellers de direita no Brasil e na Argentina

77

Las nuevas derechas y los libros: autores, editoriales y best sellers de derecha en Brasil y Argentina

The new right and their books: right-wing authors, publishers, and best sellers in Brazil and Argentina

Thiago Augusto C. Pereira

Ezequiel Saferstein

Movimiento libertario y profetas del mercado en el Chile actual. Las ideas de Axel Kaiser.

109

Movimento libertário e profetas do mercado no Chile de hoje. As ideias de Axel Kaiser

Libertarian movement and Prophets of the market in Chile: the ideas of Axel Kaiser

Juan Jesús Morales Martín

Los Think Tanks de derechas como dispositivos de intervención política durante la pandemia en América Latina. sus sentidos sobre el estado en Chile, Colombia y Argentina

144

Think Tanks de direita como dispositivos de intervenção política durante a pandemia na América Latina: seus sentidos sobre o estado no Chile, Colômbia e Argentina

Right-wing Think Tanks as political intervention mechanisms during the pandemic in Latin America: their perception about the State in Chile, Colombia, and Argentina

Ana Belén Mercado

El brazo político del campo científico. la sociedad brasileña para el progreso de la ciencia durante el gobierno de jair bolsonaro (2019-2022)

176

O braço político do campo científico. a sociedade brasileira para o progresso da ciência durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022)

The political arm of the scientific field: The Brazilian Society for the Progress of Science during the government of Jair Bolsonaro (2019-2022)

Enzo Andrés Scargiali

ARTIGOS / Artículos / Papers

Judicialización de la política y guerras jurídicas en el siglo XXI. un análisis sobre los casos de Argentina, Brasil y Ecuador

205

Judicialização da política e guerras jurídicas no século XXI: uma análise dos casos da Argentina, Brasil e Equador

Judicialization of politics and legal wars in the 21st century: an analysis of the cases of Argentina, Brazil and Ecuador

Florencia Prego

Perú: la derecha radical en transición hacia un orden autoritario

237

Peru: transição da direita radical em direção o autoritarismo

Peru: transition of the radical right towards authoritarianism

Goldstein, Ariel

Derechas y acción política empresarial del sector agropecuario en Argentina (2015-2019) y en Paraguay (2013-2018)

262

Direitos e ação política empresarial no setor agrícola na Argentina (2015-2019) e no Paraguai (2013-2018)

Right wings and corporate political action in the agricultural sector in Argentina (2015-2019) and Paraguay (2013-2018)

Monica Susana Nikolajczuk

RESENHA / Book Review / Reseña

Derechas radicales, familia global de derechas e iberoesfera. El rol de Vox para América Latina

294

Direitas radicais, família global das direitas e iberoesfera: o papel de Vox na América Latina

Radical right, global family of rights and Iberosphere. Vox's role in Latin America

Martín Rafael Duarte Penayo

Lorena Soler¹ 

Universidad de Buenos Aires, Argentina

Juan Jesús Morales² 

Universidad Católica Silva Henríquez, Chile

Paulo Renato Silva³ 

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Brasil

Las nuevas derechas en América Latina. Ideas, actores y estrategias políticas.

La crisis del sentido del orden neoliberal en el pasaje del siglo XX a XXI y la emergencia del ciclo progresista-populista en América Latina reconfiguraron los campos políticos e ideológicos. De este modo, la idea de nuevas derechas (como así también de nuevas izquierdas) se instaló en el campo de las ciencias sociales abriendo nuevos y viejos interrogantes. En rigor, a medida que las fuerzas de izquierda se desplegaban, también las fuerzas de derecha se renovaban y exhibían mayor presencia tras la crisis de las experiencias progresistas experimentadas en la región. Desde 2008 se observó una reversión de la correlación de fuerzas. A través de elecciones o mediante golpes de Estado de nuevo tipo, las derechas accedieron al poder del Estado y desplegaron nuevas estrategias de vinculación con los espacios políticos e institucionales. Según Fabrício Pereira da Silva (2019), en términos generales, es una reacción al “exceso de pueblo” - con sus limitaciones y ambigüedades - de las experiencias del ciclo progresista.

¹ Doctora en Ciencias Sociales por la Universidad de Buenos Aires. Investigadora del Consejo Nacional de Ciencia y Técnica (CONICET) con sede en el IEALC. Profesora de la Facultad de Ciencias Sociales, UBA. E-mail: lorenamarinasoler@gmail.com

² Doctor en Sociología (2012) por la Universidad Complutense de Madrid (España). Desde 2016 es profesor de la Universidad Católica Silva Henríquez, en Santiago, Chile. E-mail: juaniemorales@hotmail.com

³ Doutor em História (2009) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor en la Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Brasil. E-mail: paulo.silva@unila.edu.br

Las fuerzas de derecha que irrumpieron en este contexto histórico tanto las que permanecieron en la dirección de los gobiernos como las que pasaron al campo opositor- adecuaron estrategias de intervención política, alianzas sociales, discursos y formatos de representación, lecturas del pasado y de identidades, definiendo algunos rasgos distintivos. Los trabajos que componen este dossier reponen algunos de estos tópicos, principalmente los vinculados con los dispositivos ideológicos, los vínculos políticos e institucionales de las derechas al interior de los poderes Legislativo y Judicial y la relación entablada con los actores corporativos y económicos.

Claramente, las fuerzas de derecha no son nuevas en el mundo ni tampoco lo son en América Latina, sino que adoptan una pluralidad de posiciones de acuerdo con el espacio y el tiempo. Solo para reducir nuestro encuadre histórico a la segunda mitad del siglo pasado, es posible distinguir la derecha dictatorial (1964 a 1985) de la derecha neoliberal (1985 al 2000), y después las que venimos a llamar *nuevas derechas* han surgido a partir de 2000. Bajo esa categoría de “nuevas derechas” se encierra toda una serie de conceptualizaciones (derecha radical, derecha radical populista, ultraderecha) que dan cuenta, en apretada síntesis, de una derecha ideológicamente ambivalente, que participa del sistema democrático, pero que lo tensiona hasta el grado de estar en contra de la democracia liberal (Alenda y Escoffier, 2024; Bustamante, 2023; Mudde, 2021; Zanotti y Roberts, 2021). Además, estas nuevas derechas vienen a tironear a las derechas tradicionales y a sus partidos políticos, compitiéndoles la hegemonía en su sector. No obstante, por “nuevas derechas” entendemos igualmente una etapa histórica de las fuerzas de derecha en América Latina, cuyo recorrido se inicia de la mano de Piñera (2010-2014 y 2018-2022) en Chile; de Federico Franco (2012-2013), de Cartes (2013-2018) y Abdo Benítez (2018-2023) en Paraguay; de Macri (2015-2019) y Milei (2023) en Argentina; de Temer (2016-2018) y Bolsonaro (2019-2022) en Brasil; de Lasso (2021-2023) y Noboa (2023) en Ecuador; de Duque

(2018-2022) en Colombia; de Bukele (2019) en El Salvador; de Lacalle Pou (2020) en Uruguay y de los gobierno de facto de Añez (2019) en Bolivia y Dina Boluarte en Perú (2022).

Este dossier, se ocupa especialmente de esta tercera etapa y de este heterogéneo mapa, aunque en algunos casos realizando cruces con períodos históricos que entran indefectiblemente en diálogo con el presente. En términos de mapeo, en los años que siguieron al triunfo de Trump en los Estados Unidos, las derechas de la región ganaron una centralidad y radicalidad destacables. Lo que la dinámica reciente expuso es que las nuevas derechas crecieron de modo dispar en esos países, pero con una marca que permite exponer diferencias: en algunos casos lo hicieron en vínculo con los Gobiernos como Piñera y Cartes (incluso cuando buscaron enfrentarlos, terminaron articulando con ellos), mientras las derechas radicales lo hicieron fuera de ellos o en contra, acusando a esas administraciones por no ser lo suficientemente derechistas o ser reversiones de los progresismos. Así, por ejemplo, en la Argentina llegó a la presidencia el economista Javier Milei, exponente de las vertientes radicalizadas; en Chile, el abogado José Antonio Kast dejó atrás las formaciones tradicionales de las derechas y llegó a disputar la segunda vuelta presidencial contra el posteriormente ganador, Gabriel Boric; en Uruguay, finalmente, el Partido de la Gente, Cabildo Abierto o iniciativas como Un solo Uruguay buscan superar el clivaje entre progresismo y centro-derecha característico del sistema político uruguayo, pero con dinámicas (e impacto) desiguales.

Por un lado, la derecha ha apelado a la representación de intereses con estrategias no electorales (corporaciones, medios de comunicación, redes tecnocráticas, centros de pensamiento), y, por el otro, el vehículo ha sido el desarrollo de movimientos electorales antiestablishment o no partidarios (candidaturas independientes que, luego de ganar elecciones, eventualmente forman partidos). No obstante, este dossier se ocupa de lo

que algunos autores llaman como el “enjambre” de las derechas latinoamericanas (Ubilluz y Bolo-Varela, 2024), con sus enredos terminológicos e ideológicos, con sus nuevas variantes, pero también con sus continuidades históricas.

Precisamente, y siguiendo esta perspectiva histórica, dos trabajos colocan el estudio de las derechas en el estricto marco de la Guerra Fría y en dos campos geográficos diferentes sobre los que pueden analizar el peso de la nación y de los intelectuales a la hora de pensar los imaginarios estatales. En primer término André Kaysel, ***La nación y sus otros: nacionalismo y contrainsurgencia en el discurso de la Confederación Latinoamericana Anticomunista***, aborda las representaciones de la nación y el nacionalismo en el discurso ideológico de la Confederación Anticomunista Latinoamericana (CAL) entre los años 1960 y 1980 para demostrar cómo el discurso emitido por este organismo, combinando una concepción organicista de la nación en la Doctrina de la Seguridad Nacional (DSN), disputa la idea de nación como terreno de sentido con sus enemigos comunistas, en una coyuntura crítica en la que también se enfrentaba al discurso en defensa de los Derechos Humanos provenientes de sus aliados tradicionales, Estados Unidos.

En el mismo espacio temporal y problematizando el peso del antisemitismo en las memorias de la derecha nacionalista argentina, Celina Albornoz, ***Soberanía nacional y antisemitismo: las memorias de la derecha nacionalista argentina frente al caso Eichmann***, trabaja a partir del caso de Adolf Eichmann las acciones de agrupaciones juveniles como el Movimiento Nacionalista Tacuara y la Guardia Restauradora Nacionalista contra la comunidad judía argentina. Según la hipótesis de la autora, los reclamos por la violación de la soberanía nacional fueron el principal manto que ocultó el carácter racial del antisemitismo de estos movimientos, cobrando especial relevancia, el antisionismo como fachada.

En las memorias elaboradas en la actualidad se hace patente el intento de matizar, omitir o silenciar el propio ejercicio de la violencia antisemita.

En el campo de las ideas y las producciones de sentido, se agrupan cuatro trabajos que comparten el espacio temporal de las derechas actuales. En primer término, Thiago Augusto C. Pereira y Ezequiel Saferstein, ***La nueva derecha y los libros: autores, editores y best sellers de derecha en Brasil y Argentina***, analizan la producción editorial de libros de los autodenominados nuevos derechistas en Brasil y Argentina, que han generado un segmento prolífico y lucrativo en términos editoriales, así como resonante en términos culturales y políticos. Entendidos como productos culturales, comerciales e ideológicos, los libros juegan un papel importante en la consolidación de una estructura discursiva asociada a la "nueva derecha" en Argentina y Brasil. Además, ilustran cómo los mercados editoriales son responsables de una renovación de los referentes ideológicos encarnados por estos autores.

En la misma dirección heurística, Juan Jesús Morales, ***Movimiento libertario y profetas del mercado en el Chile actual. Las ideas de Axel Kaiser***, se introduce en una selección de libros de venta masiva de Axel Kaiser, uno de los más destacados representantes en los últimos años del movimiento libertario en Chile. Buceando en las ideas más representativas de este intelectual público y a partir de una sociología de los intelectuales y de la sociología de las intervenciones públicas, el trabajo problematiza cómo el movimiento libertario en Chile se está constituyendo en una alternativa ideológica al marxismo cultural, construyendo un nuevo sentido común basado en el liberalismo económico, apelando a las emociones y a la educación económica. Además, los libros operan como dispositivos culturales que dotan de sentido y ponen en disponibilidad ideas de derecha a las audiencias.

Otros de los dispositivos que también se dedican a difundir las ideas de derecha, son los think tanks, instituciones de las que se ocupa Ana

Mercado, ***Los think tanks de derecha como dispositivos de intervención política durante la pandemia en América Latina. Sus sentidos sobre el estado en Chile, Colombia y Argentina***, Precisamente este artículo problematiza la idea que ese campo ideológico pregona sobre el Estado frente a la reciente pandemia. En rigor, el trabajo analiza el rol desempeñado por los think tanks de derechas como dispositivos de intervención política que despliegan sus estrategias a partir de la articulación entre la convocatoria a expertos, la producción y circulación de ideas y el activismo a través de las redes transnacionales que integran. La autora estudia la producción de sentidos sobre el Estado y la gestión de la pandemia de Covid-19 por parte de tres think tanks de Argentina, Chile y Colombia, así como la actuación de dos redes transnacionales durante el año 2020.

Desde otra arista, el estudio del comportamiento del campo científico durante el gobierno de Jair Bolsonaro, Enzo Andrés Scargiali, ***El brazo político del campo científico. La Sociedad Brasileña para el Progreso de la Ciencia durante el gobierno de Jair Bolsonaro (2019-2022)***, explica la intervención política del campo científico en la coyuntura del gobierno de Jair Bolsonaro (2018-2022) en Brasil. En consecuencia, este artículo analiza la relación entre el campo científico y el campo político en ese país, reconociendo los principales agentes políticos y económicos que los sustentan y las políticas promovidas para el área de ciencia y tecnología. Especialmente da cuenta de la organización y acción política del campo científico brasileño desde el caso de la Sociedad Brasileña para el Progreso de la Ciencia (SBPC).

Una otra sección de trabajos agrupa estudios que ponen la lupa en las dimensiones institucionales de las derechas y en sus actores corporativos. En primer lugar, Florencia Prego, ***Guerras jurídicas y judicialización de la política. Un análisis sobre los casos de Argentina, Brasil y Ecuador***, indaga y problematiza los procesos judiciales propiciados en el marco de las guerras jurídicas contra dirigentes políticos y elencos

gubernamentales que protagonizaron los procesos de cambio social que se libraron en Argentina, Brasil y Ecuador. La autora parte de la idea de que las guerras jurídicas constituyen un fenómeno propio del siglo XXI y se trata de una estrategia sostenida por mecanismos institucionales y mediáticos apelando tanto a formatos legales (sostenidos en el derecho penal y en las reglas de la democracia formal) e ilegales (a partir de la creación de normas de excepción) con el objetivo de condicionar los escenarios electorales y generar un efecto disciplinador sobre el sistema político y las dinámicas estatales.

En la misma dinámica de la judicialización de la política y de las derechas radicales, Ariel Goldstein, ***Perú: la derecha radical en transición hacia un orden autoritario***, pone el foco en un país escasamente estudiado en las ciencias sociales. El autor realiza un análisis del período comprendido entre la llegada al poder de Pedro Castillo, su caída y el desarrollo de la presidencia de Dina Boluarte, demostrando el pasaje a un tipo de gobierno autoritario sustentado por la derecha radical, basado en el Congreso, los militares y los policías. Además, muestra cómo estos grupos se nutren también de apoyos exteriores como el partido Vox de España.

Finalmente, Mónica Nikolaychuk, ***Derechas y acción política empresarial del sector agropecuario en Argentina (2015-2019) y en Paraguay (2013-2018)***, se ocupa de un tema central para las ciencias sociales, como es el accionar político de las corporaciones económicas. El artículo reconstruye el vínculo entre derechas y élite económica en Argentina y Paraguay a través del estudio de la acción política empresarial agropecuaria durante los gobiernos de Mauricio Macri (2015-2019) y de Horacio Cartes (2013-2018), demostrando cómo la dimensión que determina el tipo predominante de acción política empresarial del sector agropecuario es la dirección política ideológica de los gobiernos en ejercicio del poder del Estado. Mientras que durante los gobiernos populistas-progresistas en los países bajo estudio el empresariado

agropecuario ponderó la dimensión corporativa y el conflicto político, volviéndose la estrategia prioritaria; con el ascenso de las derechas al poder en Argentina (2015) y Paraguay (2013) se priorizó la estrategia de articulación institucional en el Poder Ejecutivo a través de los mecanismos de circulación de trayectorias desde el ámbito privado, relegando a un plano secundario el accionar contencioso de las organizaciones empresariales. Finalmente, la reseña de Martín Rafael Duarte Penayo, ***Derechas radicales, familia global de derechas e iberoesfera. El rol de Vox para América Latina***, reflexiona sobre el trabajo de Ariel Goldstein, La reconquista autoritaria: Cómo la derecha global amenaza la democracia en América Latina, y cómo la derecha radical europea construye vínculos y articula agendas globales con sus homólogos de derecha latinoamericanos.

Para ir concluyendo, estimamos que este dossier es una contribución al campo de estudios de las derechas latinoamericanas, ya que los trabajos aquí reunidos dan cuenta de discursos, ideas, temas y tópicos que caracterizan la especificidad regional de estas nuevas derechas. Por supuesto, son textos que también dialogan con un fenómeno más amplio como es la radicalización de las derechas a nivel mundial - autores como Charles Tilly (2013) recuerdan que los procesos de desdemocratización no son exclusividad de un país o región. En todo caso, les extendemos una invitación a una lectura atenta de esta serie de artículos que ayudan a un mejor entendimiento de fuerzas políticas, ideológicas, intelectuales y económicas que generan no poca confusión en una ya cambiante América Latina.

Referencias

ALENDIA, S.; ESCOFFIER, S. La nueva ultraderecha en América Latina más allá del fascismo: una agenda de investigación. **Revista de Historia Social y de las Mentalidades**, v. 28, n. 1, p. 255-290, 2024. DOI <https://doi.org/10.35588/03e7wr10>. Disponible en: <https://revistas.usach.cl/ojs/index.php/historiasocial/article/view/6539/26005046>. Acceso en: 5 ago. 2024.

BUSTAMANTE, F. ¿Existe(n) una(s) nueva(s) derecha(s) en Chile? **Cuadernos Inter.c.a.mbio sobre Centroamérica y el Caribe**, v. 20, n. 1, en.-jun. 2023. DOI <https://doi.org/10.15517/ca.v20i1.54336>. Disponible en: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/intercambio/article/view/54336/55078>. Acceso en: 5 ago. 2024.

MUDDE, C. **La ultraderecha hoy**. Barcelona: Paidós, 2021.

SILVA, Fabrício Pereira da. **América Latina em seu labirinto: democracia e autoritarismo no século XXI**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2019.

TILLY, Charles. **Democracia**. Petrópolis: Vozes, 2013.

UBILLUZ, J. C.; BOLO-VARELA, O. El enjambre de la ultraderecha latinoamericana. **Letras**, v. 95, n. 141, p. 4-10, en.-jun. 2024. DOI <https://doi.org/10.30920/letras.95.141.1>. Disponible en: <https://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/revistaLetras/article/view/22093>. Acceso en: 5 ago. 2024.

ZANOTTI, L.; ROBERTS, K. M. (Aún) la excepción y no la regla: la derecha populista radical en América Latina. **Revista Uruguaya de Ciencia Política**, v. 30, n. 1, p. 23-48. DOI <https://doi.org/10.26851/RUCP.30.1.2>. Disponible en: <https://rucp.cienciassociales.edu.uy/index.php/rucp/article/view/475/364>. Acceso en: 5 ago. 2024.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.228303](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.228303)

Recebido em: 25/08/2024
Aprovado em: 29/08/2024
Publicado em: 31/08/2024

Lorena Soler¹ 

Universidad de Buenos Aires, Argentina

Juan Jesús Morales² 

Universidad Católica Silva Henríquez, Chile

Paulo Renato Silva³ 

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Brasil

As novas direitas na América Latina: ideias, atores e estratégias políticas

A crise da ordem neoliberal na passagem do século XX ao XXI e a emergência do ciclo progressista-populista na América Latina reconfiguraram os campos políticos e ideológicos. A ideia de novas direitas (assim como de novas esquerdas) se instalou no campo das ciências sociais abrindo novas e antigas questões. Na medida em que as forças de esquerda se desenvolviam, também as forças de direita se renovavam e exibiam maior presença, especialmente após a crise das experiências progressistas vividas na região. Desde 2008 se observou uma reversão da correlação de forças. Através de eleições ou mediante golpes de Estado de novo tipo, as direitas ascenderam ao poder do Estado e demonstraram novas estratégias de vinculação com os espaços políticos e institucionais. De um modo geral, segundo Fabrício Pereira da Silva (2019), é uma reação ao “excesso de povo” – com suas limitações e ambiguidades – que marcou as experiências do ciclo progressista.

¹Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Buenos Aires. Pesquisador do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (CONICET) baseado no IEALC. Professor da Faculdade de Ciências Sociais da UBA. E-mail: lorenamarinasoler@gmail.com

² Juan Jesús Morales Martín é Doutor em Sociologia (2012) pela Universidade Complutense de Madrid (Espanha). Desde 2016 é professor da Universidade Católica Silva Henríquez em Santiago, Chile. E-mail: juaniemorales@hotmail.com

³Paulo Renato da Silva é Doutor em História (2009) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Desde 2010 é professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) em Foz do Iguaçu, Brasil. E-mail: paulo.silva@unila.edu.br

As forças de direita que surgiram neste contexto histórico – tanto as que permaneceram na direção dos governos como as que passaram ao campo opositor – adequaram estratégias de intervenção política, alianças sociais, discursos e formatos de representação, assim como leituras do passado e de identidades, definindo algumas características próprias. Os trabalhos que compõem este dossiê recolocam alguns desses tópicos, principalmente os vinculados com os dispositivos ideológicos, os vínculos políticos e institucionais das direitas no interior dos poderes Legislativo e Judiciário e a relação estabelecida com os atores corporativos e econômicos.

As forças de direita não são novas no mundo, tampouco na América Latina, mas adotam uma pluralidade de posições de acordo com o espaço e o tempo. Delimitando nosso recorte temporal na segunda metade do século passado, é possível diferenciar a direita ditatorial (1964-1985) da direita neoliberal (1985-2000), e depois as que chamamos de novas direitas surgiram a partir de 2000. Sob essa categoria de “novas direitas” se enquadra uma série de conceitos (direita radical, direita radical populista, ultradireita) que se refere, em síntese, a uma direita ideologicamente ambivalente, que participa do sistema democrático, mas que o tensiona a ponto de estar contra a democracia liberal (Alenda y Escoffier, 2024; Bustamante, 2023; Mudde, 2021; Zanotti y Roberts, 2021). Além disso, estas novas direitas pressionam as direitas tradicionais e seus partidos políticos, disputando a hegemonia no setor. Não obstante, entendemos “novas direitas” como uma etapa histórica das forças de direita na América Latina, iniciada com Piñera (2010-2014 e 2018-2022) no Chile; Federico Franco (2012-2013), Cartes (2013-2018) e Abdo Benítez (2018-2023) no Paraguai; Macri (2015-2019) e Milei (2023) na Argentina; Temer (2016-2018) e Bolsonaro (2019-2022) no Brasil; Lasso (2021-2023) e Noboa (2023) no Equador; Duque (2018-2022) na Colômbia; Bukele (2019) em El Salvador; Lacalle Pou (2020)

no Uruguai e os governos de fato de Añez (2019) na Bolívia e Dina Boluarte no Peru (2022).

Este dossiê se ocupa especialmente desta terceira etapa e deste heterogêneo grupo, ainda que em alguns casos aborde outros períodos históricos que inevitavelmente dialogam com o presente. Nos anos seguintes ao triunfo de Trump nos Estados Unidos, as direitas da região ganharam uma grande centralidade e radicalidade. O que a dinâmica recente expôs é que as novas direitas cresceram de modo diferente nesses países: em alguns casos se vincularam com governos como os de Piñera e Cartes (inclusive quando buscaram enfrentá-los, terminaram se articulando com eles), enquanto as direitas radicais cresceram fora dos governos ou contra eles, acusando essas administrações de não serem suficientemente direitistas ou de serem reversões dos progressismos. Assim, por exemplo, na Argentina chegou à presidência o economista Javier Milei, expoente das vertentes radicalizadas; no Chile, o advogado José Antonio Kast deixou para trás as formações tradicionais das direitas e chegou a disputar o segundo turno presidencial contra o posteriormente vencedor, Gabriel Boric; no Uruguai, finalmente, o Partido de la Gente, o Cabildo Abierto ou iniciativas como Un Solo Uruguay buscam superar a clivagem entre progressismo e centro-direita característica do sistema político uruguaio, mas com dinâmicas (e impacto) diferentes.

Por um lado, a direita apelou à representação de interesses com estratégias não eleitorais (corporações, meios de comunicação, redes tecnocráticas, centros de pensamento) e, por outro, desenvolveu movimentos eleitorais *antiestablishment* ou não partidários (candidaturas independentes que, logo após ganharem eleições, eventualmente formam partidos políticos). Este dossiê se ocupa do que alguns autores chamam de “enxame” das direitas latino-americanas (Ubilluz; Bolo-Varela, 2024), com seus enredos terminológicos e ideológicos, com suas novas variantes, mas também com suas continuidades históricas.

Seguindo esta perspectiva histórica, dois trabalhos colocam o estudo das direitas no marco da Guerra Fria e em dois espaços geográficos sobre os quais é possível analisar o peso da nação e dos intelectuais na hora de pensar os imaginários estatais. Abrindo este dossiê, André Kaysel, ***A Nação e seus Outros: o nacionalismo e a contrainsurgência no discurso da Confederação Anticomunista Latino-Americana (CAL)***, aborda as representações da nação e o nacionalismo no discurso ideológico da Confederação Anticomunista Latino-Americana (CAL) entre os anos de 1960 e 1980 para demonstrar como o discurso emitido por este organismo, combinando uma concepção organicista da nação com a Doutrina de Segurança Nacional (DSN), disputa a ideia de nação com seus inimigos comunistas, em uma conjuntura crítica em que também enfrentava o discurso em defesa dos Direitos Humanos provenientes de seu aliado tradicional, os Estados Unidos.

No mesmo espaço temporal e problematizando o peso do antisemitismo nas memórias da direita nacionalista argentina, Celina Albornoz, ***Soberania nacional e antisemitismo: as memórias da direita nacionalista argentina diante do caso Eichmann***, trabalha, a partir do caso Adolf Eichmann, as ações de agrupações juvenis como o Movimiento Nacionalista Tacuara e a Guardia Restauradora Nacionalista contra a comunidade judaica argentina. Segundo a hipótese da autora, os protestos pela violação da soberania nacional foram o principal manto que ocultou o caráter racial do antisemitismo destes movimentos, adquirindo especial relevância o antissionismo como fachada. Nas memórias elaboradas na atualidade se mostra evidente a intenção de matizar, omitir ou silenciar a própria prática da violência antisemita.

No campo das ideias e produções de sentido, se agrupam quatro trabalhos que compartilham o recorte temporal das direitas atuais. Thiago Augusto C. Pereira e Ezequiel Saferstein, ***A nova direita e os livros: autores, editoras e best sellers de direita no Brasil e na Argentina***,

analisam a produção editorial de livros dos autodenominados novos direitistas no Brasil e na Argentina, os quais geraram um segmento produtivo e lucrativo em termos editoriais, assim como repercussão em termos culturais e políticos. Entendidos como produtos culturais, comerciais e ideológicos, estes livros possuem um papel importante na consolidação de uma estrutura discursiva associada à “nova direita” nestes países. Além disso, ilustram como os mercados editoriais são responsáveis por uma renovação dos referentes ideológicos encarnados por estes autores.

Na mesma direção heurística, Juan Jesús Morales, ***Movimento libertário e profetas do mercado no Chile de hoje. As ideias de Axel Kaiser***, adentra em uma seleção de livros de venda massiva de Axel Kaiser, um dos mais destacados representantes do movimento libertário no Chile nos últimos anos. Mergulhando nas ideias mais representativas deste intelectual público e a partir da sociologia dos intelectuais e da sociologia das intervenções públicas, o trabalho problematiza como o movimento libertário no Chile está se constituindo em uma alternativa ideológica ao marxismo cultural, construindo um novo sentido comum baseado no liberalismo econômico, apelando às emoções e à educação econômica. Além disso, o artigo reflete sobre como os livros operam como dispositivos culturais que dotam de sentido e disponibilizam ideias de direita ao público.

Outro dispositivo que também se dedica a difundir as ideias de direita são as *Think Tanks*, instituições das quais se ocupa Ana Mercado em ***Think Tanks de direita como dispositivos de intervenção política durante a pandemia na América Latina: seus sentidos sobre o estado no Chile, Colômbia e Argentina***. Mercado problematiza a ideia que esse campo ideológico prega sobre o Estado frente à recente pandemia. O artigo analisa o papel desempenhado pelas *Think Tanks* de direita como dispositivos de intervenção política que mostram suas estratégias a partir da articulação entre a convocatória a especialistas, a produção e circulação

de ideias e o ativismo através das redes transnacionais que integram. A autora estuda a produção de sentidos sobre o Estado e a gestão da pandemia de Covid-19 a partir de três *Think Tanks* da Argentina, do Chile e da Colômbia, assim como a atuação de duas redes transnacionais durante o ano de 2020.

Em seguida, o estudo do comportamento do campo científico durante o governo de Jair Bolsonaro, Enzo Andrés Scargiali, ***O braço político do campo científico. a sociedade brasileira para o progresso da ciência durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022)***, explica a intervenção política no campo científico na conjuntura do governo de Jair Bolsonaro (2018-2022) no Brasil. O artigo analisa a relação entre os campos científico e político no país, reconhecendo os principais agentes políticos e econômicos que os sustentam e as políticas promovidas para a área de ciência e tecnologia. O artigo dá conta especialmente da organização e ação política do campo científico brasileiro a partir do caso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Uma terceira seção de trabalhos agrupa estudos que observam as dimensões institucionais das direitas e seus atores corporativos. Florencia Prego, ***Judicialização da política e guerras jurídicas no século XXI. uma análise dos casos da Argentina, Brasil e Equador***, indaga e problematiza os processos judiciais no marco das guerras jurídicas contra dirigentes políticos e membros dos governos que protagonizaram os processos de mudança social que ocorreram na Argentina, no Brasil e no Equador. A autora parte da ideia de que as guerras jurídicas constituem um fenômeno próprio do século XXI e se trata de uma estratégia sustentada por mecanismos institucionais e midiáticos, a qual apela a formatos legais (sustentados no direito penal e nas regras da democracia formal) e ilegais (a partir da criação de normas de exceção) com o objetivo de condicionar os cenários eleitorais e gerar um efeito disciplinador sobre o sistema político e as dinâmicas estatais.

Na mesma dinâmica das direitas radicais e da judicialização da política, Ariel Goldstein, ***Peru: transição da direita radical em direção o autoritarismo***, coloca o foco em um país escassamente estudado nas ciências sociais. O autor realiza uma análise do período compreendido entre a chegada ao poder de Pedro Castillo, sua queda e o desenrolar da presidência de Dina Boluarte, demonstrando a passagem a um tipo de governo autoritário sustentado pela direita radical, baseado no Congresso, nos militares e nos policiais. Além disso, mostra como estes grupos se nutrem também de apoios exteriores como o partido Vox da Espanha.

Finalmente, Mónica Nikolaychuk, ***Direitas e ação política empresarial no setor agrícola na Argentina (2015-2019) e no Paraguai (2013-2018)***, se ocupa de um tema central para as ciências sociais: a ação política das corporações econômicas. O artigo reconstrói o vínculo entre direitas e elite econômica na Argentina e no Paraguai através do estudo da atuação político-empresarial agropecuária durante os governos de Mauricio Macri (2015-2019) e Horacio Cartes (2013-2018), demonstrando como a dimensão que determina o tipo predominante de ação político-empresarial do setor agropecuário é a direção ideológica dos governos em exercício no poder do Estado. Durante os governos populistas-progressistas o empresariado agropecuário nos países estudados intensificou sua dimensão corporativa e o conflito político, que se tornou a estratégia principal; já com a subida das direitas ao poder na Argentina (2015) e no Paraguai (2013) se priorizou a estratégia da articulação institucional no Poder Executivo através dos mecanismos de circulação de nomes da esfera privada, relegando a um plano secundário o acionar contencioso das organizações empresariais. Por fim, a resenha de Martín Rafael Duarte Penayo, ***Direitas radicais, família global de direitas e Iberosfera. O papel da Vox na América Latina***, reflete sobre a obra de Ariel Goldstein, *La reconquista autoritaria: Cómo la derecha global amenaza la democracia en América Latina*, e como a direita radical

européia constrói laços e articula agendas globais com os seus homólogos de direita latino-americanos.

Concluindo, consideramos que este dossiê seja uma contribuição ao campo de estudos das direitas latino-americanas, já que os trabalhos aqui reunidos tratam de discursos, ideias, temas e tópicos que caracterizam a especificidade regional destas novas direitas. Evidentemente, são textos que também dialogam com um fenômeno mais amplo como é a radicalização das direitas a nível mundial – autores como Charles Tilly (2013) recordam que os processos de “desdemocratização” não são exclusividade de um país ou região. Em todo caso, lhes convidamos a uma leitura atenta desta série de artigos que ajudam a um melhor entendimento de forças políticas, ideológicas, intelectuais e econômicas que provocam não pouca confusão em uma já instável América Latina.

Referencias

ALENDIA, S.; ESCOFFIER, S. La nueva ultraderecha en América Latina más allá del fascismo: una agenda de investigación. **Revista de Historia Social y de las Mentalidades**, v. 28, n. 1, p. 255-290, 2024. DOI <https://doi.org/10.35588/03e7wr10>. Disponível em: <https://revistas.usach.cl/ojs/index.php/historiasocial/article/view/6539/26005046>. Acesso em: 5 ago. 2024.

BUSTAMANTE, F. ¿Existe(n) una(s) nueva(s) derecha(s) en Chile? **Cuadernos Inter.c.a.mbio sobre Centroamérica y el Caribe**, v. 20, n. 1, en.-jun. 2023. DOI <https://doi.org/10.15517/ca.v20i1.54336>. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/intercambio/article/view/54336/55078>. Acesso em: 5 ago. 2024.

MUDDE, C. **La ultraderecha hoy**. Barcelona: Paidós, 2021.

SILVA, Fabrício Pereira da. **América Latina em seu labirinto: democracia e autoritarismo no século XXI**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2019.

TILLY, Charles. **Democracia**. Petrópolis: Vozes, 2013.

UBILLUZ, J. C.; BOLO-VARELA, O. El enjambre de la ultraderecha latinoamericana. **Letras**, v. 95, n. 141, p. 4-10, en.-jun. 2024. DOI <https://doi.org/10.30920/letras.95.141.1>. Disponível em:

<https://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/revistaLetras/article/view/22093>. Acesso em: 5 ago. 2024.

ZANOTTI, L.; ROBERTS, K. M. (Aún) la excepción y no la regla: la derecha populista radical en América Latina. **Revista Uruguaya de Ciencia Política**, v. 30, n. 1, p. 23-48. DOI <https://doi.org/10.26851/RUCP.30.1.2>. Disponível em: <https://rucp.cienciassociales.edu.uy/index.php/rucp/article/view/475/364>. Acesso em: 5 ago. 2024.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.228303](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.228303)

*Recebido em: 25/08/2024
Aprovado em: 29/08/2024
Publicado em: 31/08/2024*

Lorena Soler¹ 

Universidad de Buenos Aires, Argentina

Juan Jesús Morales² 

Universidad Católica Silva Henríquez, Chile

Paulo Renato Silva³ 

Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Brasil

The new rights in Latin America: ideas, actors, and political strategies

In Latin America, the progressive-populist cycle and the neoliberal order's crisis at the turn of the 20th and 21st centuries reshaped political and ideological spheres. The idea of new rights (as well as new lefts) emerged in the field of social sciences, bringing up new and old questions. As left-wing forces developed, right-wing forces were also renewed and showed a greater presence, especially after the crisis experienced by many progressive governments in the region. Since 2008 there has been a shift in the correlation of forces in which, either through elections or new types of coups d'état, right-wing governments have ascended to State administration and demonstrated new strategies of entangling political and institutional spaces. According to Fabrício Pereira da Silva (2019), it is a reaction to the "excess of people," with its limitations and ambiguities, that marked the experiences of the progressive cycle.

¹PhD in Social Sciences from the University of Buenos Aires. Researcher at the National Council of Science and Technology (CONICET) based at the IEALC. Professor at the Faculty of Social Sciences, UBA. *E-mail:* lorenamarinasoler@gmail.com

² PhD in Sociology (2012) from the Complutense University of Madrid (Spain). Since 2016 he has been professor at the Silva Henríquez Catholic University, in Santiago, Chile. *E-mail:* juanjemorales@hotmail.com

³PhD in History (2009) by the Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Since 2010, he is professor at the Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) in Foz do Iguaçu, Brazil. *E-mail:* paulo.silva@unila.edu.br

The right-wing forces that emerged in this historical context – both those that remained ruling and those that transitioned to opposing parties – adapted political intervention strategies, social alliances, discourses, and representation formats, as well as revisiting ideological interpretations and identities of the past, defining, therefore, some of its characteristics. The articles of this dossier approach some of these topics, particularly those linked to ideological perspectives, the political and institutional bonds of the right within the legislative and judicial powers, and the relationship established with corporate and economic actors.

Right-wing forces are not new in the world, nor in Latin America, but they have adopted a plurality of positions according to space and time. Upon examining the second half of the last century, it is possible to differentiate the dictatorial right (1964-1985) from the neoliberal right (1985-2000) and then what we call “new rights” that emerged from 2000 onwards. This category of “new rights” encompasses a series of concepts such as radical right, populist radical right, and ultra-right, which refer to an ideologically ambivalent right that participates in the democratic system, but which tensions it to the point of being against liberal democracy (Alenda y Escoffier, 2024; Bustamante, 2023; Mudde, 2021; Zanotti and Roberts, 2021). Furthermore, these new rights tend to pressure traditional rights and their political parties, competing for hegemony. However, we understand “new rights” as a historical stage of right-wing forces in Latin America that started with Piñera (2010-2014 and 2018-2022) in Chile; Federico Franco (2012-2013), Cartes (2013-2018) and Abdo Benítez (2018-2023) in Paraguay; Macri (2015-2019) and Milei (2023) in Argentina; Temer (2016-2018) and Bolsonaro (2019-2022) in Brazil; Lasso (2021-2023) and Noboa (2023) in Ecuador; Duque (2018-2022) in Colombia; Bukele (2019) in El Salvador; Lacalle Pou (2020) in Uruguay, and the de facto governments of Añez (2019) in Bolivia and Dina Boluarte in Peru (2022).

This dossier focuses on this heterogeneous third stage hereby referred to as the “new rights,” although there are some articles that

address other historical periods that inevitably dialogue with the present. In the years following Trump's victory in the United States, the right-wing in Latin America ascended to the center of the political scene, displaying its radical features. These dynamics have exposed that the new rights have grown differently in each country: in some cases it has been linked with governments like those of Piñera and Cartes (even when they sought to confront them, they ended up articulating with them), while the radical right grew outside the governments or against them, accusing these administrations of not being sufficiently right-wing oriented or of being reversals of progressivism. For example, in Argentina, the economist Javier Milei, an exponent of radicalized right, became president; in Chile, the lawyer José Antonio Kast left his traditional right-wing background behind and even disputed the second round of the presidential election against the later winner, Gabriel Boric; in Uruguay, the Partido de la Gente, the Cabildo Abierto or initiatives such as Un Solo Uruguay seek to overcome the cleavage between progressivism and center-right, which is a characteristic of the Uruguayan political system, but with different dynamics (and impact).

On the one hand, the right has been calling for the representation of interests through non-electoral strategies (corporations, media, technocratic networks, Think Thanks) and, on the other, it has developed anti-establishment or non-partisan (independent candidates who, soon after winning elections, congregate in political parties) electoral movements. In this sense, this dossier also addresses what some authors call [the](#) "swarm" of Latin American rights (Ubilluz; Bolo-Varela, 2024), with their terminological and ideological narratives, with their new variants, but also with their historical continuities.

The first two articles of this dossier focus on this historical perspective, particularly within the Cold War context, and in two geographical spaces in which it is possible to analyze the weight of the

nation and intellectuals when thinking about state imaginaries. The first by André Kaysel, ***The Nation and its Others: nationalism and counterinsurgency in the discourse of the Latin American Anti Communist Confederation (CAL)***, addresses the representations of the nation and nationalism in the ideological discourse of the Latin American Anti Communist Confederation (CAL) between the 1960s and 1980s. The author demonstrates how the CAL discourse, which combined an organicist conception of the nation based on the National Security Doctrine (DSN), disputes the very idea of the nation with its communist enemies in a critical scenario in which it also faced its traditional ally, the United States, discourse in defense of the Human Rights.

In the same timeframe and problematizing the weight of anti-Semitism in the memories of the Argentine nationalist right having the Adolf Eichmann case as the historical background, Celina Albornoz, ***National sovereignty and anti-semitism: the memories of the Argentine nationalist right in facing the Eichmann case***, focuses on the actions of youth groups such as the *Movimiento Nacionalista Tacuara* and the *Guardia Restauradora Nacionalista* against the Argentine Jewish community. According to Albornoz's hypothesis, protests over the violation of national sovereignty were the subterfuge to hide the racial nature of these anti-Semitism movements, acquiring special relevance as the anti-Zionism facade. In the memories revisited in the present, it is evident the intention to shade, omit, or silence the practice of anti-Semitic violence deployed in the past.

The next section presents four articles in the field of ideas and productions of meaning that share the time frame of current rights. Thiago Augusto C. Pereira and Ezequiel Saferstein, ***The new right and their books: right-wing authors, publishers, and best sellers in Brazil and Argentina***, analyze the editorial production of books written by self-styled new rightists in Brazil and Argentina, which generated a productive and profitable segment in the editorial industry and repercussions in the

cultural and political spheres. Understood as cultural, commercial, and ideological products, these books play an important role in consolidating a discursive structure associated with the “new right” in these countries. Furthermore, they illustrate how publishing markets are responsible for renewing the ideological references embodied by these authors.

In the same heuristic direction, Juan Jesús Morales, ***Libertarian movement and Prophets of the market in Chile: the ideas of Axel Kaiser***, explores a selection of best-seller books by Axel Kaiser, one of the most prominent representatives of the libertarian movement in Chile in recent years. Diving into the most representative ideas of this public intellectual and based on the sociology of intellectuals and the sociology of public interventions, the article problematizes how the libertarian movement in Chile is constituting an ideological alternative to cultural Marxism, building a new common sense based on economic liberalism, and appealing to emotions and economic education. In addition, the article reflects on how books work as cultural devices that provide meaning and make right-wing ideas available to the public.

Another venue that is also dedicated to spreading right-wing ideas is the *Think Tanks*. Ana Mercado in ***Right-wing think tanks as political intervention mechanisms during the pandemic in Latin America: their perception about the State in Chile, Colombia, and Argentina***, problematizes the idea that this ideological group has about the State in the face of the recent COVID-19 pandemic. The article analyzes the role played by right-wing *Think Tanks* as mechanisms of political intervention that have their strategies based on leveraging experts in the field, producing and circulating ideas and activism through the transnational networks they are part of. The author studies the production of perceptions about the State and the management of the COVID-19 pandemic from three *Think Tanks* in Argentina, Chile, and Colombia, as well as the activities of two transnational networks in 2020.

The next article presents an analysis of the scientific field during the government of Jair Bolsonaro. Enzo Andrés Scargiali, ***The political arm of the scientific field: The Brazilian Society for the Progress of Science during the government of Jair Bolsonaro (2019-2022)***, explains political intervention in the scientific field in the context of Jair Bolsonaro's government (2018-2022) in Brazil. The article analyzes the relationship between the scientific and political fields in the country, recognizing the main political and economic agents that supported them and the policies promoted in the area of science and technology. The article focuses on the organization and political action of the Brazilian scientific community through the Brazilian Society for the Progress of Science (SBPC).

A third section of articles groups studies that observe the institutional dimensions of the rights and their corporate actors. Florencia Prego, ***Judicialization of politics and legal wars in the 21st century. an analysis of the cases of Argentina, Brazil, and Ecuador***, analyze legal processes within the framework of legal wars against political leaders and members of governments who led the processes of social change that took place in Argentina, Brazil, and Ecuador. The author's starting point is the idea that legal wars constitute a phenomenon typical of the 21st century and are a strategy supported by institutional and media mechanisms that appeal to legal formats (supported by criminal law and the rules of formal democracy) and illegal formats. (through the creation of exception norms) with the aim of conditioning electoral scenarios and generating a disciplining effect on the political system and state dynamics.

In the same realm of radical rights and the judicialization of politics, Ariel Goldstein, ***Peru: transition of the radical right towards authoritarianism***, focuses on a country less studied in social sciences. The author analyzes the period between Pedro Castillo coming to power, and his fall, followed by Dina Boluarte's presidency, demonstrating the transition to a type of authoritarian government supported by the radical right with the Congress, the military, and the police officers support. In

addition, it reflects on how these groups are also nourished by external support such as the Vox party in Spain.

Finally, Mónica Nikolaychuk, ***Right wings and corporate political action in the agricultural sector in Argentina (2015-2019) and Paraguay (2013-2018)***, researches the political action of economic corporations. The article reconstructs the link between the right and the economic elite in Argentina and Paraguay through the study of agricultural political-business action during the governments of Mauricio Macri (2015-2019) and Horacio Cartes (2013-2018), demonstrating how the dimension that determines the predominant type of political-business action in the agricultural sector is the ideology of the government that holds the national administration. During the populist-progressive governments, the main strategy of the agricultural business community in these countries was to intensify its corporate dimension and political conflict. On the other hand, when the right arose to power in Argentina (2015) and Paraguay (2013), the strategy of institutional articulation in the executive branch was prioritized through individuals who represented the private sector, relegating the business organizations to a secondary role. Finally, the book review presented by Martin Rafael Duarte Penayo, ***Radical right, global family of rights and Iberosphere. Vox's role in Latin America***, reflects on the work of Ariel Goldstein, *The authoritarian reconquest: how the global right threatens democracy in Latin America*, and how the European radical right builds ties and articulates global agendas with their Latin American right-wing counterparts.

In conclusion, we consider this dossier to be a contribution to the field of study of Latin American rights, given the articles present discourses, ideas, themes, and topics that characterize the regional specificity of these new rights. These studies also dialogue with a broader phenomenon such as the radicalization of the right at a global level. Authors such as Charles Tilly (2013) remind us that the processes of “de-democratization” are not

exclusive to one country or region. In any case, we invite you to carefully read this series of articles that help to better understand the political, ideological, intellectual, and economic forces that cause no small confusion in an already unstable Latin America.

References

ALEND, S.; ESCOFFIER, S. La nueva ultraderecha en América Latina más allá del fascismo: una agenda de investigación. **Revista de Historia Social y de las Mentalidades**, v. 28, n. 1, p. 255-290, 2024. DOI <https://doi.org/10.35588/03e7wr10>. Accessed on 5 ago. 2024.

BUSTAMANTE, F. ¿Existe(n) una(s) nueva(s) derecha(s) en Chile? **Cuadernos Inter.c.a.mbio sobre Centroamérica y el Caribe**, v. 20, n. 1, en.-jun. 2023. DOI <https://doi.org/10.15517/ca.v20i1.54336>. Accessed on 5 ago. 2024.

MUDDE, C. **La ultraderecha hoy**. Barcelona: Paidós, 2021.

SILVA, Fabrício Pereira da. **América Latina em seu labirinto: democracia e autoritarismo no século XXI**. Rio de Janeiro: Ponteio, 2019.

TILLY, Charles. **Democracia**. Petrópolis: Vozes, 2013.

UBILLUZ, J. C.; BOLO-VARELA, O. El enjambre de la ultraderecha latinoamericana. **Letras**, v. 95, n. 141, p. 4-10, en.-jun. 2024. DOI <https://doi.org/10.30920/letras.95.141.1>. Accessed on 5 ago. 2024.

ZANOTTI, L.; ROBERTS, K. M. (Aún) la excepción y no la regla: la derecha populista radical en América Latina. **Revista Uruguaya de Ciencia Política**, v. 30, n. 1, p. 23-48. DOI <https://doi.org/10.26851/RUCP.30.1.2>. Accessed on 5 ago. 2024.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.228303](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.228303)

Recebido em: 25/08/2024
Aprovado em: 29/08/2024
Publicado em: 31/08/2024

A NAÇÃO E SEUS OUTROS: O NACIONALISMO E A CONTRA-INSURGÊNCIA NO DISCURSO DA CONFEDERAÇÃO ANTICOMUNISTA LATINO-AMERICANA (CAL)¹

*LA NACIÓN Y SUS OTROS: EL NACIONALISMO Y LA CONTRAINSURGENCIA
EN EL DISCURSO DE LA CONFEDERACIÓN ANTICOMUNISTA
LATINOAMERICANA (CAL)*

*THE NATION AND ITS OTHERS: NATIONALISM AND
COUNTER-INSURGENCY IN THE DISCOURSE OF THE LATIN AMERICAN
ANTICOMMUNIST CONFEDERATION (CAL)*

André Kayse² 

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Resumo: Este trabalho aborda as representações da nação e do nacionalismo no discurso ideológico da Confederação Anticomunista Latino-americana (CAL), capítulo regional da Liga Mundial Anticomunista (WACL), rede mundial de extrema-direita, atuante entre os anos 1960-1980. Para tanto, me apoiarei em pesquisa documental com fontes primárias dessa organização. Parto da hipótese da ambiguidade ideológica intrínseca ao nacionalismo, para demonstrar como o discurso da CAL, combinando uma concepção organicista da nação com a doutrina de segurança nacional (DSN), disputou a nação como terreno de significado com seus inimigos da esquerda, em uma conjuntura em que também se via confrontado pelo discurso em defesa dos Direitos Humanos, vindo dos Estados Unidos, seus aliados tradicionais.

Palavras-chave: Confederação Anticomunista Latino-americana; Nacionalismo; Contrainsurgência; América Latina.

¹ Agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que por meio do Auxílio à pesquisa regular, no. De processo 2019/21266-5, tornou possível a presente pesquisa.

² Doutor em Ciência Política. Professor do Departamento de Ciência Política da UNICAMP, diretor do Centro de Estudos Marxistas (CEMARX) e coordenador do Laboratório de Pensamento Político (PEPOL). E-mail: akayse@unicamp.br

Resumen: El presente artículo discute las representaciones de la nación y del nacionalismo en el discurso de la Confederación Anticomunista Latinoamericana (CAL), capítulo regional de la Liga Mundial Anticomunista (WACL), red transnacional de la extrema-derecha, actuante entre los años 1960-1980. Con ese objetivo, me apoyaré en investigación documental con fuentes primarias de esa organización. Partiendo de la hipótesis de la ambigüedad intrínseca al nacionalismo, buscaré demostrar cómo el discurso de la CAL, combinando una concepción organicista de la nación con la doctrina de seguridad nacional (DSN), disputó la nación como terreno de significado con sus enemigos de la izquierda, en una coyuntura en que fue confrontado con el discurso en defensa de los Derechos Humanos, venido de los Estados Unidos, sus aliados tradicionales.

Palabras-clave: Confederación Anticomunista Latinoamericana; Nacionalismo; Contrainsurgencia; América Latina.

Abstract: This paper discusses the representations of nation and nationalism in the discourse of the Latin American Anticommunist Confederation, a regional chapter of the World Anticommunist League (WACL), a transnational network of the far-right, active during the 1960s-1980s. With this purpose, this investigation is based upon documental research with that organization's primary sources. Departing from the hypothesis of the intrinsic ideological ambiguity of nationalism, I shall seek to demonstrate how CAL's discourse, combining an organicist conception of the nation and the national security doctrine (NSD), disputed the nation as a terrain of meaning with its enemies of the left, in a conjuncture where it was confronted with the discourse in defense of Human Rights, coming from the United States, its traditional ally.

Key-words: Latin American Anticommunist Confederation; Nationalism; Counter-insurgency; Latin America.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.211354](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.211354)

*Recebido em: 30/04/2023
Aprovado em: 29/08/2024
Publicado em: 31/08/2024*

1. Introdução

Em abril de 1979, teve lugar em Assunção (Paraguai), sob os auspícios da ditadura de Alfredo Stroessner, o XII. Congresso da Liga Mundial Anticomunista (WACL, por sua sigla em inglês), sob o lema “Unidos Venceremos, A Liberdade É Inegociável”, reunindo centenas de delegados,

representando organizações de dezenas de países (Soler, 2018). Na ocasião, a delegação dos anfitriões do evento apresentou uma resolução, propondo aos representantes ali presentes que solicitassem, por meio de seus respectivos governos, alterações na Carta da Organização das Nações Unidas (ONU). O texto fazia as seguintes considerações iniciais, sobre o documento fundador da ONU e sobre a atual situação mundial:

Que dicha Carta, en numerosos artículos se dedica a consagrar los derechos humanos del individuo, en forma puramente enunciativa, sin señalar en uno solo de ellos las obligaciones que en forma correlativa deben corresponder a cada persona, como condición para que los referidos derechos sean realmente válidos.

Que actualmente numerosas Naciones están siendo avasalladas en su Soberanía, Independencia e Integridad territorial, mediante el empleo de la fuerza brutal por parte del imperialismo Comunista, sanguinario, genocida y ateo, que sin ningún escrúpulo sojuzga Pueblos, asesina a mansalva a poblaciones enteras, destruye a culturas, provoca el éxodo de millones de seres humanos, sin que ni las Naciones Unidas ni los Organismos Internacionales, se erijan en defensa de sus derechos ni condenen la descarada agresión marxista, como ocurrió con Angola, Camboya, Laos, Vietnam y otros. Que a esta acción armada, abierta y desembozada, debe sumarse la agresión ideológica y la guerra revolucionaria que en forma permanente desarrolla el comunismo contra la integridad cultural de nuestros pueblos;(…). (WACL, 1979a, p. 1)

Desse modo, de um lado, o documento diagnosticava a desatualização da carta fundacional da ONU, diante da “complexidade” do panorama mundial, atribuindo tal descompasso a uma definição “abstrata” dos direitos humanos individuais, sem estabelecer as “obrigações” de cada indivíduo para fazer jus a tais direitos. Por outro lado, os autores da resolução assinalavam no “imperialismo comunista” – adjetivado como “sanguinário”, “genocida” e “ateu” - a grande ameaça, não apenas à soberania dos povos, mas também à sua integridade territorial e cultural, seja por meio da violência armada, seja por meio da “propaganda ideológica”, ambas parte de uma estratégia de “guerra revolucionária permanente” que teria por escopo a submissão política e a descaracterização cultural das nações, perante a qual a ONU e as demais instituições internacionais seriam impotentes.

Em função desse diagnóstico, os redatores da moção faziam a seguinte proposta:

EL XII CONGRESO DE LA LIGA MUNDIAL ANTICOMUNISTA (W A C L)
RESUELVE:

Art. IB - Disponer que los Capítulos Nacionales que componen la Liga Mundial Anticomunista (WACL),peticionen por todos los medios a su alcance, ante sus respectivos Gobiernos, para que éstos adopten las medidas tendientes a posibilitar la actualización de la Carta de las Naciones Unidas en el Capítulo referente a los Derechos Humanos.

Art, 2B - Estas modificaciones deberán contener normas que establezcan las obligaciones y responsabilidades de la persona humana,frente a los derechos de que goza.

Asimismo, deberán incorporarse a la Carta disposiciones que permitan salvaguardar la Independencia, la Soberanía, la Integridad territorial, la vigencia de la Cultura y la Paz de las Naciones, derechos que deben ser disfrutados por todos los Pueblos de la Tierra, sin interferencias de ninguna laya. (WACL, 1979a, p.2)

Assim, a resolução postula claramente uma restrição dos direitos humanos individuais, em função de direitos coletivos que lhes seriam superiores: à “soberania”, “integridade territorial” e “vigência cultural” das nações, que não deveriam sofrer quaisquer interferências. É em relação a tais direitos das coletividades nacionais que se refeririam as “obrigações” que os indivíduos deveriam contrair, para que fossem válidos seus direitos humanos.

Dessa maneira, se está diante de uma variante do discurso anticomunista que inscreve a nação e o nacionalismo em seu cerne, não apenas opondo o internacionalismo comunista à “soberania nacional”, mas também esta última ao ordenamento internacional, de inspiração liberal-democrática, que passou a vigorar após a II. Guerra Mundial, tendo na defesa universalista dos Direitos Humanos uma de suas diretrizes principais. O objetivo deste artigo é justamente o de compreender o caráter desse nacionalismo de extrema-direita, suas fontes ideológicas e suas consequências contraditórias para a própria nação que pretendia defender.

Baseando-me na bibliografia disponível e na documentação primária, levantada no Centro de Documentación y Archivo Para la Defensa de Los Derechos Humanos (CDYA), vinculado à Suprema Corte de Justiça do Paraguai³, parto das seguintes hipóteses: o discurso da rede CAL-WACL

³ Sou muito grato à diretora do CDYA, Rosa Mercedes Palau e a toda sua equipe, que me receberam para duas visitas, em outubro de 2021 e abril de 2022. Também agradeço ao bolsista TTI da Fapesp, Vinicius Uchoa da Silva e

combinaria uma concepção organicista da nação – herdada da extrema-direita do “entre guerras” – com a chamada doutrina de segurança nacional (DSN) da Guerra Fria, que assinalaria no comunismo a principal ameaça, interna e externa, às nações soberanas. Contudo, isso não a impediria de assumir com frequência um vocabulário político semelhante ao de seus próprios inimigos, disputando com as esquerdas a nação, enquanto um campo de significado comum. Tais coincidências discursivas se dariam em uma conjuntura na qual a CAL-WACL também se via confrontada pelo discurso em defesa dos Direitos Humanos, vindo inclusive dos Estados Unidos, seu tradicional aliado.

Esse argumento será desenvolvido em três movimentos. Em um primeiro momento, após uma breve recuperação da história e do perfil da rede conformada pela WACL e pela CAL, discutirei alguns problemas metodológicos envolvendo o nacionalismo enquanto discurso ideológico. Já na seção seguinte, retomarei as fontes primárias da CAL-WACL, para melhor caracterizar o lugar do nacionalismo em seu discurso político, explicitando seus nexos com a DSN, bem como a disputa simultânea com o inimigo comunista e os adversários liberais do próprio campo ocidental. Por fim, nas considerações finais, abordarei as contradições intrínsecas a um nacionalismo, adscrito às fronteiras ideológicas da Guerra Fria, voltado sobretudo contra uma parte das próprias populações nacionais.

2. A Internacional Anticomunista e o Nacionalismo⁴

As raízes da WACL devem ser buscadas nos estertores da 2ª. Guerra Mundial, quando algumas organizações ultranacionalistas do leste europeu, que haviam colaborado ativamente com os nazistas, - com

a doutoranda em Sociologia pela UNICAMP, Alma Concepción Monges, que me auxiliaram no levantamento do material, bem como ao historiador e fotógrafo Urano Andrade, que fez a digitalização acessível dos documentos.

⁴ Esta seção desenvolve ideias e argumentos, presentes de maneira mais sintética, em trabalho anterior, resultante da mesma pesquisa. Cf. (Kaysel, 2022).

destaque para a Organização Nacionalista Ucraniana (UOL), os *Ustachi* croatas e a “Guarda de Ferro romena - fundam o Bloco Antibolchevique de Nações (ABN) (Anderson; Anderson, 1986, p. 27, Abramovici, 2014, p. 116), (Machado, 2017). Uma década mais tarde, foi criada a Liga Anticomunista dos Povos da Ásia (APACL), instituída com o apoio dos governos de Taiwan e da Coreia do Sul (Anderson; Anderson, 1986, pp. 65-67, Abramovici, 2014, pp. 116-117).⁵

Já o primeiro embrião do que viria a ser a CAL surgiria com o I Congresso Contra a Intervenção Soviética na América Latina, na Cidade do México em 1954⁶, por iniciativa da Frente Popular Anticomunista (FPA), liderada pelo mexicano Jorge Prieto Laurens, e pela Cruzada Brasileira Anticomunista (CBA), encabeçada pelo Almirante Carlos Pena Boto.⁷ Esse primeiro congresso deu origem a Confederação Interamericana de Defesa do Continente (CIDC), que promoveria ainda mais três encontros: no Rio de Janeiro (1955), Lima (1957) e Antigua (Guatemala) (1958) (Canon Voyrin, 2017), (Bohoslavsky; Broquetas, 2018). Segundo a bibliografia sobre estes primeiros encontros anticomunistas continentais, foi neles que se produziram os primeiros contatos com o ABN e a APACL que, cerca de uma década mais tarde, redundariam na criação da WACL e da CAL, fundadas em Taipé (1967) e na Cidade do México (1972), respectivamente.

A rede conformada pelo eixo CAL-WACL, que tem merecido uma recente mas relevante bibliografia, tanto internacional como nacional,⁸ se notabilizou como a mais propriamente global das redes de militância anticomunista que proliferaram durante a Guerra Fria, além da mais intransigente e extremista dentre elas (Abramovici, 2014, p. 113). Tal

⁵ No CDYA, pode-se encontrar um informe em espanhol, em nome do capítulo taiwanês da WACL, contando a história da APACL e da WACL (WACL, 1974). Anderson e Anderson, por seu turno, enfatizam que, dada a pobreza, tanto da Coreia do Sul, como de Taiwan em meados dos anos 1950, a APACL e, posteriormente, a WACL dificilmente teriam se estabelecido sem algum tipo de aporte estado-unidense (Anderson; Anderson, 1986, p. 69).

⁶ O primeiro congresso anticomunista regional foi, em grande medida destinado a atacar o governo reformista de Jacobo Arbenz na Guatemala, não por acaso deposto pelo golpe do Cel. Castillo Armas naquele mesmo ano, com o apoio decisivo dos EUA (Abramovici, 2014, pp. 118-119).

⁷ Para o perfil e a trajetória da CBA e de Pena Boto, cf. (Motta, 2000, pp. 180-187).

⁸ O Brasil participou da CAL-WACL por meio de um think-tank, a Sociedade de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais (SEPEs), liderada pelo banqueiro Carlo Barbieri filho, constituída por empresários e profissionais liberais, muitos formados pelo publicista católico ultraconservador Gustavo Corsão (Machado; Rezende, 2019). O capítulo brasileiro da CAL organizaria o II Congresso da entidade, ocorrido no Rio de Janeiro em 1975, sob a presidência de Barbieri filho. Para a bibliografia nacional sobre a WACL e a CAL, (Machado, 2017), (Machado; Rezende, 2019) e Ribeiro (2018a, 2018b, 2019).

intransigência pode ser percebida, entre outras fontes, na seguinte resolução, aprovada no II. Congresso da CAL, celebrado no Rio de Janeiro em 1975:

Todas las entidades miembros de la CAL se obligan a combatir al comunismo y a sus cómplices, sin importar cuál sea la denominación religiosa, de partido político o de organización que adopten, empleando concretamente todo tipo de medios, no menos eficaces que los que utiliza el comunismo internacional (...); naturalmente atendiendo a las posibilidades reales de cada organización miembro de la CAL, pero procurando éstas oportunamente tomar todas las medidas adecuadas a su fortalecimiento interno y a su eficacia organizativa y de acción. (CAL, 1975)

Quatro anos mais tarde, no já referido congresso da WACL em Assunção, essa intransigência foi expressa, de maneira ainda mais cabal, na seguinte proposta de resolução da delegação guatemalteca:

CONSIDERANDO: Que la organización y el movimiento internacional de carácter totalitario, principalmente el comunismo y el socialismo, debe ser combatido con efectividad, por fuerza igual o superior;

CONSIDERANDO: Que la experiencia del mundo con la agresión comunista

frente a diversidad de entidades y enfoques de lucha opositora, inermes en cada localidad nacional, obliga a una revisión de tácticas y perspectivas. POR TANTO, PROPONE: "

La implementación de una cruzada mundial para recuperar los valores perdidos y buscar el trabajo coordinado, a través de la cooperación moral, económica y física de las "fuerzas democrático-representativas, con vistas a constituir la PRIMERA Internacional Anticomunista. (WACL, 1979b, p. 1)⁹

Assim, a WACL, ao contrário de articulações anticomunistas internacionais anteriores se inseriu sobretudo no campo da extrema-direita. Já no que diz respeito especificamente à América Latina, a CAL tem recebido atenção por ter sido um dos âmbitos de organização da "Operação Condor", articulação entre os aparatos repressivos das ditaduras de segurança nacional sul-americanas nos anos 1970¹⁰, contribuindo

⁹ A representação da Guatemala na CAL-WACL estava a cargo do partido ultradireitista Movimiento de Liberación Nacional (MLN), fundado por Mario Sandoval Alarcón, na esteira da derrubada de Arbenz. Essa agremiação comandou, entre os anos 1970-1980, os esquadrões da morte, responsáveis por parte importante do genocídio ocorrido naquele país, cf. (Anderson; Anderson, 1986, pp. 193-194), (Rostica, 2018a, p. 328). Já para uma abordagem mais aprofundada do genocídio guatemalteco e seu lugar na história da Guerra Fria no continente, cf. (Grandin, 2004).

¹⁰ Para uma abordagem sintética da história da "Operação Condor" e seu papel na internacionalização do terrorismo de Estado, cf. (Braga, 2014). Já para um trabalho jornalístico pioneiro, com abundante informação sobre a "Condor", cf. (Calloni, 2016).

também para a cooperação destas com suas congêneres da América Central no início da década de 1980, congregando não apenas militares e policiais, mas também aparatos civis paramilitares (Rostica, 2018a, 2018b), (Machado; Rezende, 2019), (Ribeiro, 2018a, 2018b).

Tanto a literatura aqui revisada, como a documentação primária consultada, apontam para o fato de que a circulação de ideias na América Latina durante a Guerra Fria foi mais complexa do que um caminho unidirecional dos EUA para o subcontinente, passando por fluxos multidirecionais e envolvendo outros atores e conexões extracontinentais.

Um bom exemplo foi a vinculação entre uma sociedade secreta integrista mexicana, *Los Tecos*¹¹, cuja fachada pública foi a Federación Mexicana Anticomunista de Occidente (FEMACO), e a ditadura nacionalista do general Chang-Kai Chek, de Taiwan, crucial para a criação da CAL no início da década de 1970 (Lopez Macedonio, 2010, pp. 149-150). Deve-se acrescentar, ainda, que a extrema-direita latino-americana, parte das alianças ideológicas que sustentaram as ditaduras de segurança nacional da América do Sul e Central, possuía enraizamento em tradições políticas locais a ponto de, como se verá nas próximas seções, diante da ênfase do Presidente estado-unidense James Carter (1977-1981) nos Direitos Humanos, ensaiar certa autonomia em relação aos EUA (Soler, 2018), (Bohoslavsky, 2019, Rostica, 2019).¹²

Desse modo, para pensar a CAL-WACL como âmbito de produção e circulação do discurso anticomunista, adotarei, como referência metodológica, o conceito de circulação “transnacional”, ou de “transnacionalização” da circulação das ideias, que vem se tornando comum nos estudos históricos nas últimas décadas.¹³ Para tanto, emprego

¹¹ A Asociación Fraternal de Estudiantes de Jalisco, mais conhecida como “Los Tecos”, abreviação de “Tecolote”, espécie nativa de coruja, surgiu no estado mexicano de Jalisco, em meio à resistência católica ao programa de “educação socialista” do governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940), assumindo o controle de uma instituição privada de ensino superior, a já Universidad Autónoma de Guadalajara (UAG), fundada em 1935. O secretário-geral da CAL, Rafael Rodríguez, não por acaso docente na referida universidade, era membro dos “Tecos”, assim como Raimundo Guerrero, presidente da confederação. Cf. (Lopez Macedonio, 2006, 2010), (Ávila, 2015). Agradeço à Professora Nashieli Loera, do Departamento de Antropologia da UNICAMP, pela tradução do termo local que dá nome aos “Tecos”.

¹² Como apontam Scott e John Lee Anderson, em seu esforço pioneiro de jornalismo investigativo, as direitas sul e centro americanas também estabeleceram, por meio da WACL, conexões com a “new right” estado-unidense, retomando as boas relações hemisféricas durante a administração Reagan. Cf. (Anderson; Anderson, 1986, p. 135).

¹³ Para o impacto dessa abordagem nos estudos sobre a Guerra Fria, cf. (Mank et al, 2017), (Marchesi, 2017).

a seguinte definição desse conceito, fornecida na introdução de uma coletânea de estudos sobre as direitas em perspectiva transnacional:

We define transnationalism as the flow and pattern of relationships across national boundaries. Our use of the term transnationalism denotes those movements, organizations, ideas, or networks that include but move beyond the nation. We distinguish the transnational from the global or the international because both of these terms imply the whole world, while transnational suggests connections among and between forces from various—perhaps many—but not necessarily all nations. Our use of transnationalism recognizes the often scattered and uneven nature of connections between and among peoples, groups, governments, and networks. (Durham; Power, 2010, p. 1)

É interessante destacar como essa chave metodológica se adequa particularmente bem à própria lógica do anticomunismo no século XX que, como apontam os próprios autores, tornou-se o principal ponto de aglutinação das direitas no plano internacional, sobretudo pelo caráter internacionalista do movimento encabeçado pelos herdeiros de Lênin (Durham; Power, 2010, p. 2). Contudo, na sequência Durham e Power advertem que a organização transnacional não deixou de representar uma dificuldade para as direitas, até pela importância que o nacionalismo tinha para grande parte desse campo político e, por isso mesmo, pelas discrepâncias entre culturas políticas locais e desconfianças mútuas. Desse modo, o principal dilema teórico para trabalhar as direitas em perspectiva transnacional está em captar as interconexões e contradições entre os planos nacionais e internacionais em sua conformação.

No caso do presente artigo, trata-se, mais especificamente, de pensar a relação entre uma rede transnacional de extrema-direita que, como se viu acima, pretendia ser uma espécie de “internacional anticomunista” e o nacionalismo, elemento ideológico que ocupava um lugar privilegiado no discurso dos atores que a compunham. Nesse sentido, cabe uma reflexão teórica acerca do lugar do nacionalismo enquanto discurso ideológico, marcado sobretudo pela ambiguidade.

Aqui, vale a pena recuperar a crítica feita pelo teórico político argentino Ernesto Laclau à abordagem de Nikos Poulantzas da ideologia fascista. A objeção de Laclau diz respeito à adscrição, por parte do teórico

grego-francês, de determinados elementos ideológicos, como o nacionalismo, por exemplo, a classes sociais específicas. Segundo ele,

This method, inspired by the metaphysical assignment to classes of certain ideological 'elements' can only lead to a multiplication ad infinitum of increasingly formal distinctions. I think the correct method is the reverse: to accept that ideological 'elements' taken in isolation have no necessary class connotation, and that this connotation is only the result of the articulation of those elements in a concrete ideological discourse. This means that the precondition for analyzing the class nature of an ideology is to conduct the inquiry through that which constitutes the distinctive unity of an ideological discourse. (Laclau, 1977, p. 99)

Desse modo, uma interpelação nacionalista não pertenceria necessariamente à burguesia ou à pequena-burguesia, seu sentido ideológico dependendo mais de sua articulação com outros elementos em uma formação discursiva particular. Ainda que meu interesse aqui não seja o pertencimento de classe do nacionalismo, mas sim seu lugar no discurso de uma organização política transnacional, defendo que se pode derivar da observação de Laclau a percepção de que o nacionalismo não pode ser *a priori* circunscrito ao campo da direita ou da extrema-direita, sendo mais um objeto de disputa entre estas e as esquerdas, como procurarei demonstrar mais abaixo.

Contudo, além do vínculo mais abstrato entre ideologia e discurso político, cabe também abordar dificuldades próprias à definição do nacionalismo enquanto ideologia. Em uma das obras seminais sobre o tema, Benedict Anderson assinala logo de saída o que denomina como “paradoxos do nacionalismo”, entre os quais inclui

a força política dos nacionalismos versus a sua pobreza, ou mesmo incoerência filosófica. Por outras palavras, ao contrário do que se passa com a maior parte dos outros “ismos”, o nacionalismo nunca produziu os seus próprios pensadores de monta [...]. (Anderson, 1993, p. 24).

Já o teórico político escocês Tom Nairn fornece uma solução sugestiva ao problema, recorrendo à metáfora do deus latino Janus, ao abordar o nacionalismo como sendo intrinsecamente bifronte do ponto de vista ideológico. Para explicar essa duplicidade o autor remete o advento do nacionalismo à natureza desigual e combinada do desenvolvimento capitalista, que obrigaria as regiões periféricas a adotar uma “marcha

forçada” para a modernidade, mas ao mesmo tempo apoiando-se em sua tradição e cultura locais, até pela ausência dos recursos econômicos e políticos com os quais contariam as regiões centrais (Nairn, 1981, pp. 339-340). Daí que o nacionalismo, movendo-se para o futuro e olhando para o passado, poderia assumir tanto formas radicais e/ou revolucionárias, como conservadoras e/ou reacionárias (Nairn, 1981, pp. 348-349).

Para os efeitos do argumento aqui desenvolvido, importa menos a explicação de fundo de Nairn, do que sua constatação de que o nacionalismo é sempre, em alguma medida, ideologicamente ambíguo e que tal ambiguidade não pode ser simplesmente eliminada por meio da discriminação entre formas “boas” ou “más” do fenômeno. Juntando a concepção de Nairn com o tratamento da relação entre ideologia e discurso, proposta por Laclau, tem-se que o nacionalismo sempre cobre um amplo espectro de possibilidades ideológicas, dependendo os resultados de sua articulação com outros elementos discursivos.

Retornando ao objeto deste artigo, o nacionalismo produzido e reproduzido na rede CAL-WACL encontraria no anticomunismo justamente seu “ponto de articulação¹⁴” com outros elementos discursivos, como o apelo ao tradicionalismo religioso, a uma visão rigidamente hierárquica da sociedade, e a uma defesa intransigente da propriedade privada, constituindo uma formação discursiva, mais do que conservadora, propriamente reacionária, guardando importantes continuidades com as tradições da extrema-direita anteriores à II. Guerra Mundial. Contudo, como se verá na próxima seção, isso não impediu, em determinadas conjunturas, que essa variante do nacionalismo assumisse certas semelhanças discursivas justamente com os inimigos que pretendia combater.

¹⁴ Para o conceito de “ponto de articulação” como elemento de condensação de uma formação discursiva, que lhe conferiria sentido ideológico e a vincularia a uma ou mais classes sociais, cf. (Laclau, 1977, pp. 101-102).

3. A segurança nacional e seus inimigos

Como se viu na introdução, a proposta de resolução, apresentada pelo capítulo paraguaio da CAL ao XII. Congresso da WACL, faz um duplo movimento no que concerne à questão nacional: por um lado, demarca o antagonismo entre a soberania nacional e o “imperialismo comunista”, entendido como incompatível com a própria existência das nações, e estabelece uma clara hierarquia entre estas últimas, enquanto coletividades, e os Direitos Humanos individuais. Daí a proposta, formulada ao final do documento, de alterar a Carta fundacional da ONU, estabelecendo a superioridade dos direitos das nações *vis-a-vis* os direitos dos indivíduos.

Desse modo, se revela no documento uma certa concepção acerca da nação, entendida como um todo “orgânico”, com vida própria que, em nome de sua autoconservação, não poderia admitir divisões internas. Eis aí o motivo da rejeição simultânea, tanto do internacionalismo comunista, como do universalismo liberal dos Direitos Humanos, entendidos ambos como ameaças à soberania e à integridade nacionais.

Esse entendimento sobre a nação possuía uma tradição relativamente longa, remetendo aos diferentes matizes da extrema-direita do período “entre guerras”, nas décadas de 1920-1930. Como foi abordado na seção anterior, diversas agrupações que vieram a se integrar à rede conformada pela CAL-WACL remetiam suas origens ao integrismo católico, caso dos *Tecos* de Guadalajara, ou mesmo ao nazifascismo, como nos casos dos agrupamentos de nacionalistas antibolcheviques do Leste Europeu. Em que pese suas importantes diferenças, tais correntes ideológicas tinham em comum concepções organicistas da nação, sejam associadas ao primado de um catolicismo tradicionalista, sejam ao de laços de “sangue” e “terra”, quando não de variadas combinações de ambos.¹⁵

¹⁵ Um exemplo é o pensamento do sacerdote e teólogo jesuíta Julio Meinvielle (1905-1973), um dos principais representantes de um “fascismo cristianizado” na Argentina (Finchelstein, 2014, pp. 40-41), referência tanto para a extrema-direita em seu país, caso do Movimento Nacionalista Taquara, como também para os “Tecos”, que

Contudo, no contexto do pós-guerra, tais raízes ideológicas, especialmente no que diz respeito ao fascismo, não podiam ser assumidas de maneira explícita, especialmente quando se tratava de governos ou regimes políticos que deviam buscar certa legitimidade internacional, empregando, para tanto, a linguagem da “democracia” e do “mundo livre”. Nessa direção, um exemplo ilustrativo pode ser encontrado em um boletim, datado de 19 de setembro de 1977, produzido pela “oficina de informações” da CAL, com um clipping de notícias regionais, no qual se fazia o seguinte comentário sobre uma recente visita do general Jorge Rafael Videla, então Presidente da junta militar argentina, aos Estados Unidos:

Explicó el mandatario argentino diversos aspectos de la situación argentina y de la política seguida por su gobierno. Habló de que considera prioritario monopolizar la fuerza ante la agresión de sectores terroristas.

Pero lo que con mayor nitidez se destaca de sus declaraciones, es la afirmación de que su país "no tiene vocación nazi", que no existe antisemitismo en la Argentina, y que por "mutuo acuerdo" (sic) había fijado una entrevista con las autoridades del Comité Judío Norteamericano.

Advirtió, sin embargo, que las personas que han cometido delitos serán juzgadas, no importa cuál es su origen racial. Expresó también que "Hay cosas que no pueden modificarse en un ordenamiento democrático", tales como la propiedad privada, la estructura familiar, la libertad etc. (CAL, 1977d, p. 10)

Nas declarações de Videla, compiladas no boletim a partir da imprensa argentina da época, merece destaque a justificativa da estratégia antissubversiva pela necessidade de reestabelecer o “monopólio da força do Estado, diante da ameaça representada por grupos “terroristas”, em referência clara as guerrilhas que atuavam no país nos anos anteriores ao golpe de 1976, além de inscrever como fundamentos inalteráveis de uma “ordem democrática”, a “propriedade privada” e a “estrutura familiar”. Chama também a atenção a necessidade do ditador argentino de enfatizar que seu país não teria “vocação nazista” e não existiria “antisemitismo”, buscando um encontro com representantes da comunidade judaica estado-unidense, fazendo, entretanto, a ressalva de que aqueles que

divulgavam suas obras (Anderson; Anderson, 1986, p. 89). Para as aproximações entre as extremas-direitas argentina e mexicana do pós-guerra, cf. (Ávila, 2015).

tivessem “cometido delitos” seriam “julgados independentemente de sua origem racial”.¹⁶

Claro está, a variedade de nacionalismo, identificável nesse e em outros documentos da CAL e da WACL, não responde apenas às suas raízes fascistas e/ou integristas, mas também a fontes ideológicas mais *mainstream* no universo da Guerra Fria, nomeadamente à assim chamada “doutrina de segurança nacional” (DSN), em suas múltiplas vertentes. Como afirma Marcus Vinicius Ribeiro, a DSN, lastreada nas escolas militares estado-unidense, francesa e, talvez menos conhecida, asiática¹⁷, foi uma das pedras angulares de sustentação ideológica das ditaduras latino-americanas deste período, entrelaçando tanto atores estatais, como da sociedade civil (Ribeiro, 2019, p. 390). No coração da DSN estão as noções de “inimigo interno” e de subversão”, esta última assim definida por um manual de guerra de contrainsurgência do Exército argentino:

Se entenderá por tal, a la acción clandestina o abierta, insidiosa o violenta que busca la alteración o la destrucción de los criterios morales y la forma de vida de un pueblo, con la finalidad de tomar el poder e imponer desde el una nueva forma basada en una escala de valores diferentes. (Junta de Publicaciones del Ejército Argentino, 1976, p.1, Apud Ribeiro, 2019, p. 391)

Como se depreende do trecho acima, o conceito de “subversão” ia muito além de ações armadas diretamente dirigidas contra o Estado, envolvendo qualquer ação que, do ponto de vista das forças de segurança, pudesse representar uma ameaça à “ordem vigente” e a sua “escala de valores”. Assim, não é por acaso que, na alocução acima citada, o general Videla teria afirmado que, em uma “ordem democrática”, haveria elementos, como a propriedade privada ou a família, que não poderiam ser alterados.

Já para a definição do inimigo interno, vale a pena citar a tradução para o espanhol do manual de guerra de contrainsurgência do oficial

¹⁶Segundo Finchelstein (2014, p. 11), ainda que constituíssem menos de 1% da população, os judeus representariam entre 10% e 15% das vítimas da última ditadura argentina. Além disso, (tais vítimas foram submetidas a detenções ilegais, tortura, execuções e desaparecimento forçada, em centros clandestinos, sem qualquer tipo de processo judicial. A propósito, cf. (Verbitsky, 1995).

¹⁷ Taiwan desenvolveu uma doutrina própria de “guerra não convencional”, que difundiu, por meio de programas de treinamento em suas escolas militares, a oficiais de países aliados, como o Paraguai e os regimes reacionários da América Central. Cf. (Anderson; Anderson, 1986).

francês Roger Trinquier, produzido à luz dos conflitos coloniais da Indochina e da Argélia dos anos 1950-1960, e uma importante referência para a DSN na América Latina, nos decênios de 1960-1970:

En la guerra moderna el enemigo no es tan fácil de identificar. No hay frontera física que separe los dos campos. La línea que marca la diferencia entre el amigo y el enemigo puede encontrarse muchas veces en el corazón de la nación, en la misma ciudad donde reside, en el mismo círculo de amigos donde uno se mueve, quizás dentro de su propia familia. Es más bien descubierta si queremos determinar pronto quiénes son en realidad nuestros adversarios y a quienes tenemos que derrotar. (Trinquier, 1981, p. 41, Apud Ribeiro, 2019, p. 394)

Dessa maneira, a guerra teria como “teatro de operações” potencialmente quaisquer esferas da vida social, nas quais “o inimigo” poderia se infiltrar, em especial âmbitos, como as escolas, universidades, igrejas e meios de comunicação, que tivessem por função moldar os valores nos quais se fundamentaria a organização nacional a ser defendida.

Esse conceito, forjado ao calor das guerras coloniais francesas, revela um aparente paradoxo do nacionalismo da rede CAL-WACL, pois ao considerar que a soberania nacional seria permanentemente desafiada por uma força inimiga, infiltrada de maneira camuflada em meio à população, o poder soberano se exerceria contra seu presumível titular: o povo, objeto de permanente vigilância e repressão, quando não de operações de extermínio.

Porém, em seus próprios termos, esse discurso não deixa de ter certa coerência. Em primeiro lugar, seu fundamento não é o ideal democrático do “povo” enquanto o conjunto dos cidadãos, detentor da soberania, mas sim de seu contrário, isto é, as doutrinas contrarrevolucionárias, baseadas nas noções de tradição e hierarquia, amalgamadas à concepção da nação como um todo orgânico, consubstanciada no Estado, na Igreja e na propriedade privada. Em segundo lugar, porque esse nacionalismo contrarrevolucionário, filtrado pela DSN, identifica no “comunismo”, enquanto representação do “inimigo interno”, um “outro” da nação, a ser

dela expelido como condição para restaurar a integridade e a saúde do corpo nacional.

Porém, tal nacionalismo anticomunista podia assumir, no plano do discurso político, um vocabulário curiosamente semelhante ao de seus inimigos. Nesse sentido, um exemplo interessante é fornecido pela seguinte proposta de resolução, adotada pela Comissão de Entidades Cívicas Anticomunistas do III. Congresso da CAL, por iniciativa da delegação boliviana:

1. Como respuesta al comunismo y a los planteamientos de dominio internacional, propiciar en todas las repúblicas hermanas un movimiento político organizado que agrupe a los pueblos, entidades cívicas y políticas, sindicatos, Fuerzas Armadas, instituciones y Gobiernos bajo la doctrina del NACIONALISMO HUMANO ~ NISTA LATINOAMERICANO.
2. Señalar y definir los grandes principios políticos del nacionalismo humanista como doctrina nacional al servicio fundamental del hombre latinoamericano, a fin de unificar los principios rectores, los objetivos y finalidades del movimiento, para movilizar integralmente la voluntad de los pueblos y de cada uno de los sectores, para constituir el más poderoso frente latinoamericano capaz de oponerse triunfalmente a todas las amenazas del comunismo y de las potencias que pretenden avasallar nuestros valores fundamentales y someternos a la opresión, la miseria y el atraso y trabajar por el bienestar moral y material de todas las naciones y pueblos.
3. Constituir una Comisión Permanente, con representación de cada uno de los países latinoamericanos, a fin de precisar, en el más breve tiempo, los conceptos esenciales del Nacionalista Humanista Latinoamericano, la organización real y efectiva del movimiento nacional y popular en toda Iberoamérica, así como los medios técnicos y económicos que harán posible el éxito y realización de los grandes objetivos por alcanzar. (CAL, 1977a, p. 1)

Se o que chama a atenção em um primeiro momento é a contraposição entre o “comunismo internacional”, expansionista e opressor, e as nações soberanas, merece destaque também a menção reiterada a uma doutrina do “nacionalismo humanista latino-americano”, cujos princípios, a ser melhor definidos, deveriam guiar o movimento anticomunista em escala continental. Esse movimento ainda é definido, ao final do texto, como “nacional e popular”, expressão que, juntamente com o ideário da unidade latino-americana, era uma presença frequente na linguagem de parte das esquerdas regionais da época, pautadas pelo anti-imperialismo. Desse modo, o texto assume uma certa retórica

anti-imperialista e latino-americanista, contrapondo à opressão do comunismo o que seria um movimento continental em defesa da soberania nacional e dos povos.

Ora, essas passagens evidenciam como a linguagem do nacionalismo era, antes de mais nada, um terreno de disputa entre esse setor da extrema-direita e as esquerdas que pretendia combater e eliminar. Como lembra Julieta Rostica (2019), trabalhando com a documentação da CAL, o anti-imperialismo não pertence exclusivamente à esquerda, também podendo ser disputado e apropriado por atores vinculados ao campo ideológico oposto, como, aliás, já se viu na introdução, por meio do uso explícito do termo “imperialismo” para qualificar o comunismo.

Esse “anti-imperialismo da direita”, para tomar emprestada a expressão que dá título ao artigo de Rostica (2019), não era movido apenas pela intenção de devolver aos inimigos a categoria de acusação que empregavam contra si, mas também pela necessidade de fazer frente ao que percebiam como a recente hostilidade daqueles que viam até então como seus maiores aliados e protetores, os Estados Unidos. Afinal, como indicado na seção anterior, a política de Direitos Humanos da administração Carter abriu uma crise entre o governo estado-unidense e as ditaduras de segurança nacional na América Latina, para cuja instalação havia colaborado tão ativamente. Tal mudança de posição foi percebida por seus antigos sócios anticomunistas latino-americanos como uma autêntica traição.

Esse tom é perceptível em diversas alocações e documentos da CAL-WACL nesse período, como pode ser bem ilustrado pela seguinte proposta de resolução, também apresentada pela delegação boliviana ao III. Congresso da CAL e aprovada na assembleia final do encontro, no dia 30 de março de 1977:

1. Denunciar ante la opinión sensata y democrática del pueblo norteamericano, la conducta equivocada del Presidente Carter, conducta que beneficia al comunismo en su constante agresión a los pueblos libres y contribuirá a la dominación roja de nuevas naciones.
2. Alertar a las Fuerzas Armadas norteamericanas sobre el grave peligro que significa para el mundo democrático y para el destino

de los Estados Unidos de Norteamérica el debilitamiento de la defensa de los países sudamericanos ante la permanente acechanza del comunismo.

3. Pedir a todos los gobiernos nacionalistas y democráticos de Latinoamérica que formen un solo bloque de naciones anticomunistas para defenderse en conjunto de esta nueva forma de agresión a su soberanía y a su independencia política. (CAL, 1977b, p. 1)

Assim, a CAL se propunha a denunciar aos setores da opinião pública estado-unidense, qualificados como “sensatos” e “democráticos”, bem como as próprias Forças Armadas do vizinho do norte, os perigos para a defesa hemisférica e do mundo livre em geral que representaria a equivocada política exterior de Carter, que só poderia beneficiar a “expansão vermelha” na região. Contra essa “nova ameaça a sua soberania e independência” os governos do continente, qualificados como “nacionalistas” e “democráticos”, deveriam formar um só bloco de nações anticomunistas e garantir sua própria defesa mútua.

Essa espécie de brado anti-imperialista de extrema-direita, voltado ao mesmo tempo contra Moscou e Washington, fica ainda mais patente em uma outra proposta de resolução, também apresentada à plenária do referido congresso, desta vez pela delegação argentina:

1. Que se recomiende a los países de América Latina a través de sus gobiernos, así como a los países en vías de desarrollo, que limiten en cuanto les sea posible, sus operaciones comerciales con Estados Unidos y con los países comunistas (...).

2. Que las naciones de América Latina y en general todas aquellas que luchan por su desarrollo, promuevan como compensación y para contrarrestar la acción de la mafia de los consorcios internacionales y la explotación de que son objeto de las finanzas de Estados Unidos como de la Unión Soviética, un comercio intenso con naciones de sólida economía, como Francia, Alemania Federal, Japón, etcétera, tratando directamente con los productores.

3. Que América Latina, para contrarrestar la aberrante maniobra del gendarme de los derechos humanos al servicio del comunismo internacional James Carter, busque alianzas económicas y políticas al margen de los consorcios internacionales que se manejan desde los Estados Unidos y al margen también del comunismo internacional con sede en Moscú, como única forma para lograr la defensa de los productos básicos, y para evitar mediante arreglos con otros países (...), caer en la dependencia de los soviéticos adquiriendo armamento y otras ayudas en otras fuentes ajenas a Rusia y Estados Unidos.

4. Que los países de América Latina expongan la verdadera naturaleza del chantaje y extorsión del hipócrita James Carter, al querer hacer caer a Iberoamérica en la nefasta telaraña marxista, (...). (CAL, 1977c, p.1)

Desse modo, diante do que qualificavam como “chantagem” e “hipocrisia” da política de Carter, que só poderia ter por objetivo fazer a região cair na “teia de aranha marxista”, os redatores do documento exortavam os países latino-americanos em particular, e aqueles em desenvolvimento, em geral, a diminuir o quanto fosse possível sua “dependência” das finanças, dos “consórcios internacionais” e do fornecimento de armamentos, tanto dos Estados Unidos, como da União Soviética. O emprego na resolução de expressões como “dependência” e “exploração” – mais uma vez, encontráveis em discursos de esquerda – evidencia aquilo que Ernesto Bohoslavsky (2019, p. 166), abordando o IV. Congresso da entidade, celebrado em Buenos Aires em 1980, chamou de “súbito amor de verão” da extrema-direita da CAL com o “anti-imperialismo”, sem que se reduzisse em nada seu anticomunismo, que seguiu sendo a base ideológica das ditaduras latino-americanas.

4 Considerações finais

Um caso peculiar desse entrelaçamento entre retórica anti-imperialista e discurso anticomunista pode ser encontrado na Circular 03/1982, da Secretaria geral da CAL a seus integrantes, que tratava da Guerra das Malvinas, opondo a Inglaterra, sob o comando de Margareth Thatcher, e a Argentina, sob a ditadura militar. O documento, redigido pelo secretário-geral da entidade, o mexicano Rafael Rodríguez, após lamentar que o conflito se produzisse “entre dois países-chave para a defesa ocidental” (CAL, 1982, p. 1), procurava sustentar as razões argentinas, ao mesmo tempo em que alertava para as tentativas dos comunistas de tirar proveito da guerra para atacar a junta militar. Como evidências disso, a carta-circular enumerava os seguintes pontos:

- 1) El activismo desplegado por los marxistas en las manifestaciones populares de respaldo a la Argentina, exhibiendo se cómo campeones de un anticolonialismo que no practican y atacando a la Junta de Gobierno con propósito de derrocarla.

- 2) Propaganda de prensa, radio y TV en numerosas - ciudades de América Latina, Estados Unidos y Europa expresando su apoyo al acto de recuperación de las Islas Malvinas a - la vez que repiten acusaciones contra la Junta de Gobierno como responsable por miles de ciudadanos desaparecidos.
- 3) El encuentro entre Breznev y el líder sandinista Daniel Ortega Saavedra en que abordaron el tema Malvinas y sus posteriores ofrecimientos pro argentinos.
- 4) La intensa campaña de los gobiernos cubano y nicaragüense para estructurar una nueva alianza de Estados Americanos con exclusión de los Estados Unidos pero con sensible preminencia de la izquierda marxista continental.
- 5) La intensidad del apoyo que hoy brindan a Argentina gobiernos que fueron sus enemigos declarados antes del 2 de abril, cómo Panamá, Costa Rica y México que fueron claves para la entrega de Nicaragua al comunismo y el intento de hacer lo mismo con El Salvador y Guatemala.
- 6) Esta campaña comunista debe tener nexos, a su vez con quienes en Londres decidieron entregar al oficial prisionero Astiz a los gobiernos de Suecia y Francia para ser sometido a interrogatorios en relación a la lucha subversiva; hecho confirmado pero aún no dado a publicidad. (CAL, 1982, p. 2)¹⁸

No trecho acima, Rodríguez associa as ações e tomadas de posição de atores de diferentes âmbitos – a oposição argentina, a imprensa latino-americana e europeia, governos socialistas, como o soviético, o nicaraguense ou o cubano, outros governos latino-americanos, como o do México ou da Costa Rica, e até funcionários do governo conservador inglês – a uma conspiração comunista internacional para derrubar o regime militar, ao mesmo tempo aproveitando-se de sua causa nacional e acusando-o de violações aos Direitos Humanos. Mais uma vez, reencontra-se a vinculação, presente em outros documentos aqui examinados, entre a pauta dos Direitos Humanos e o “comunismo internacional”, em oposição a governos nacionalistas, que pretendiam salvaguardar sua soberania, nesse caso, tanto no sentido da recuperação de um território ocupado por uma potência estrangeira, como também no da luta contra a subversão.

¹⁸ Trata-se do Capitão de corveta Alfredo Ignacio Astiz (1951-), apelidado de “o anjo da morte”, o mais notório torcionário durante a ditadura argentina, atuante na Escuela Superior de Mecánica de la Armada (ESMA), um dos principais centros clandestinos de tortura e desaparecimento do regime. O texto faz referência ao pleito da França e da Suécia para julgá-lo pela tortura e desaparecimento das religiosas francesas Alice Dumon e Leonie Duquet e da estudante sueca Dagmar Hagelin. Ao contrário do que afirmava Rodríguez, o governo de Thatcher não o entregou a nenhum dos dois países, devolvendo-o a Argentina aonde, após a ditadura, passaria por diferentes julgamentos, sendo por fim condenado à prisão perpétua por crimes de lesa-humanidade. Para as operações de desaparecimento na ESMA, cf. (Verbitsky, 1995).

Além da já discutida disputa da questão nacional com os comunistas e as esquerdas em geral, chama a atenção como o discurso da CAL, mesmo ao defender um país latino-americano no momento em que tinha por inimigo externo uma das principais potências ocidentais,, não deixa de enfatizar a prioridade da lógica do “inimigo interno” anteriormente abordada, patente na defesa da atuação no que denomina como “luta subversiva” de um oficial da marinha argentina, acusado de crimes de lesa-humanidade. Assim, mesmo quando o nacionalismo de extrema-direita encontra com o de esquerda um terreno comum, a defesa da soberania territorial, não deixa de se demarcar em relação a seu antagonista, revelando a prioridade dada ao combate do “inimigo interno”, isto é, uma parte da própria população.

Aqui, o discurso ideológico da rede CAL-WACL em torno da nação e do nacionalismo, em que pese possuir certa consistência ou coerência interna, exhibe seu caráter contraditório, em especial no que diz respeito às suas consequências para as comunidades nacionais que pretendia defender. Tencionado, de um lado, pela adesão irrestrita as fronteiras ideológicas da Guerra Fria, e, de outro, pela afirmação da primazia da nação, entendida como um organismo que não admitiria divisões, o discurso ideológico dessa extrema-direita latino-americana encontrou na DSN o denominador comum que possibilitava compatibilizar ambas exigências.

Contudo, quando as reviravoltas em sua política externa levaram os EUA a dar mais importância aos direitos humanos em suas relações com a América Latina, os regimes de segurança nacional, representados na rede CAL-WACL, não podiam senão reagir reforçando o polo nacional da equação, aproximando-se, paradoxalmente, de alguns elementos discursivos adotados pelo inimigo que tanto combatiam. O limite, evidentemente, seguia sendo o anticomunismo, como ponto de articulação que conferia coesão à formação discursiva, limitando sempre o alcance do antagonismo com os países centrais e vetando alianças com setores que pudessem ter qualquer aparência de esquerda. Sejam quais

forem as inconsistências internas desse discurso ideológico, não o impediram, como de resto sucede com as ideologias em geral, de ser eficaz enquanto tal, legitimando a repressão das ditaduras sul e centro-americanas do período.

Fontes

CAL. “Acuerdo presentado por la comisión de entidades cívicas anticomunistas”. III. Congreso, Asunción (Paraguay), 28-30/3/1977. Oficina de documentación RRCFC. 0009-SF 0075. Centro de Documentación y Archivo Para la Defensa de los Derechos Humanos (CDYA) de la Corte Suprema de Justicia del Paraguay, 1977^a.

CAL. “Acuerdo presentado por la comisión plenaria”. III. Congreso, Asunción (Paraguay), 28-30/3/1977. Oficina de documentación RRCFC. Centro de Documentación y Archivo Para La Defensa de Los Derechos Humanos (CDYA) de La Suprema Corte de Justicia del Paraguay, 1977b.

CAL. “Acuerdo presentado por la comisión plenaria”. III. Congreso, Asunción (Paraguay), 28-30/3/1977. Oficina de documentación RRCFC. 00084F 9028. Centro de Documentación y Archivo Para La Defensa de Los Derechos Humanos (CDYA) de la Suprema Corte de Justicia del Paraguay, 1977c.

CAL. Boletín no. 2/19/9/1977. Oficina de información RRC. Centro de Documentación y Archivo Para La Defensa de Los Derechos Humanos (CDYA), de la Suprema Corte de Justicia del Paraguay, 1977d.

CAL. Circular no. 03/82. R00076f1897/1899, Centro de Documentación y Archivo Para La Defensa de Los Derechos Humanos (CDYA) de la Corte Suprema de Justicia del Paraguay, 1982.

CAL, Circular no. 02/84, 26/03/1984. R0019f00552/58. Centro de Documentación y Archivo Para La Defensa de Los Derechos Humanos (CDYA) de la Corte Suprema de Justicia del Paraguay, 1984.

CAL. Resolución Aprobada por La Comisión de Entidades Cívicas Anticomunistas, presentada por la Federación Mexicana Anticomunista (FEMACO). II. Congreso de la C.A.L. R00094F-1102. Centro de Documentación y Archivo Para la Defensa de los Derechos Humanos (CDyA) de la Corte Suprema de Justicia del Paraguay, 1975.

WACL. Capítulo Paraguay – Proyecto de resolución. XII. Congreso Mundial Anticomunista, Asunción (Paraguay), 05-09/04/1979. 00108F 1589/90. Centro de Documentación y Archivo Para La Defensa de Los Derechos Humanos (CDYA) de la Suprema Corte de Justicia del Paraguay, 1979^a.

WACL. "Delegación de Guatemala, Partido Movimiento de Liberación Nacional". XII. Congreso Mundial Anticomunista, Asunción (Paraguay), 5-9/04/1979. 000108 F 1588. Centro de Documentación y Archivo Para La Defensa de Los Derechos Humanos (CDYA) de la Suprema Corte de Justicia del Paraguay, 1979b.

WACL. "El Desarrollo de La WACL y La APACL". 00010f-1841/44. Centro de Documentación y Archivo Para La Defensa de Los Derechos Humanos de La Suprema Corte de Justicia del Paraguay, 1974.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVICI, Pierre. The World Anticommunist League: origins, structures and activities. In. VAN DONGEN, L., ROULIN, S. et al (org.). **Transnational Anticommunism and The Cold War: agents, activities and networks**. London: Palgrave/Macmillan, 2014, p. 113-130.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: origens e difusão do nacionalismo**. Lisboa: Edições 70, 1993.

ANDERSON, Scott; ANDERSON, John Lee. **Inside the league: the shocking exposé of how terrorists, Nazis and Latin American death squads infiltrated the World Anticommunist League**. New York: Don, Mead and Company, 1986.

ÁVILA, Luís Herrán. Las Guerrillas Blancas: anticomunismo transnacional e imaginarios de derechas en Argentina y México (1954-1972). **Quinto Sol**, v. 19, n. 1, p. 1-26, 2015.

BOHOSLAVSKY, Ernesto. El IV. Congreso de La Confederación Anticomunista Latinoamericana (Buenos Aires, 1980). **Almanaque Histórico Latino Americano**. p. 164-184, Moscú, 2019.

BOHOSLAVSKY, Ernesto; BROQUETAS, Magdalena. Os congressos anticomunistas da

América Latina (1954-1958): redes, sentidos e tensões na primeira guerra fria. In. BOHOSLAVSKY, E. MOTTA, R. P. S. e BOISARD, S. (org.). **Pensar As Direitas Na América Latina**. São Paulo: Alameda, 2018.

BRAGA, Leonardo Marmontel. Operação Condor: a internacionalização do terror. **Estudios Avanzados**, n. 21, p. 111-136. Santiago: Universidad de Santiago de Chile, junio/2014.

CALLONI, Stella. **Operación Condor – pacto criminal**. Caracas: Fundación Editorial El Perro y La Rana, 2016.

CÂNON VOYRIN, José Lisardo. La Confederación Interamericana de Defensa del Continente (CIDC). **Rúbrica Contemporánea**. v. 6, n. 12, p. 79-99, 2017.

DURHAM, Martin; POWER, Margareth. **New Perspectives On The Transnational Wright**. New York: Palgrave-Macmillan, 2010.

FINCHELSTEIN, Federico. **The Ideological Origins of The Dirty War: fascism, populism, antisemitism and dictatorship in 20th century Argentina**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

GRANDIN, Greg. **The Last Colonial Massacre: Latin America in the Cold War**. Chicago/London: Chicago University Press, 2004.

KAYSEL, André. "As Ideias da Guerra Fria, A Guerra Fria nas Ideias: apontamentos sobre a transnacionalização do discurso político a partir dos casos da Confederação Anticomunista Latino-americana (CAL) e da Liga Mundial Anticomunista (WACL) (1972-1984)". *Wirapuru: revista latino-americana de estudios de las ideas*. No. 5. Santiago de Chile: USACH, 2022.

LACLAU, Ernesto. **Ideology and politics in marxist theory: capitalism, fascism and populism**. London: New Left Review Books, 1977.

LOPEZ MACEDÓNIO, Mónica Naimich. Historia de Una Colaboración Anticomunista Transnacional – Los Tecos de la Universidad Autónoma de Guadalajara y el gobierno de Chang Kai-chek a principios de los años setenta. **Contemporánea – historia y problemas del siglo XX**, v. 1, año 1, p. 133-158, México D. F, 2010.

LOPEZ MACEDÓNIO, Mónica Naimich. Una Visita Desesperada: la Liga Mundial Anticomunista en México. **Journal of Iberian and Latin American Studies**, v. 12, n. 2, p. 91-124, 2006.

MACHADO, Rodolfo Costa. Do genocídio nazista à escalada contrarrevolucionária da Guerra Fria: o Bloco Antibolchevique de Nações (ABN) e a Liga Mundial Anticomunista (WACL). **Verenotio – revista online de Filosofia e Ciências Humanas**, v. 23, n. 2, p. 323-357, 2017.

MACHADO, Rodolfo Costa.; REZENDE, Claudinei Cássio de. Aninhando o ovo do Condor: o "capítulo" brasileiro da Confederação Anticomunista Latinoamericana, cogestora das ditaduras de Segurança Nacional do Cone Sul (1971-1974). **Semina - Revista Dos Pós-Graduandos Em História Da UPF**, v. 18, n. 1, p. 110-128, 2019. Recuperado de <http://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/10179>

MANKE, Alfred et al. Conceptual Readings into the Cold War: Towards Transnational Approaches from the Perspective of Latin American Studies in Eastern and Western Europe. **Estudos Históricos**, v. 30, n. 60, p. 203-218. Rio de Janeiro: janeiro/abril, 2017.

MARCHESI, Aldo. Escribiendo La Guerra Fría Latinoamericana: entre el sur "local" y el norte "global". **Estudos Históricos**. v. 30, n. 60, p. 187-202. Rio de Janeiro, 2017.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em Guarda Contra O Perigo Vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)**. Tese (doutorado em História Social). São Paulo: FFLCH-USP, 2000.

NAIRN, Tom. **The Brake-Up of Britain: crisis and neo-nationalism**, 2. ed. London: Verso, 1981.

RIBEIRO, Marcus Vinicius. **A história da confederação anticomunista latino Americana durante as ditaduras de segurança nacional (1972-1979)**. Tese (doutorado em História). Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2018a.

RIBEIRO, Marcus Vinicius. A Liga Mundial Anticomunista e a Confederação Anticomunista Latinoamericana: um caso de cooperação anticomunista intercontinental na América Latina (1972-1977). **Saeculum – Revista de História**, n. 39, p. 1-16, 2018.

RIBEIRO, Marcus Vinicius. Anticomunismo e Inimigo Interno: uma avaliação da Doutrina de Segurança Nacional a partir de sujeitos e manuais da repressão durante as ditaduras do Cone Sul. **Revista História: Debates E Tendências**, v. 19, n. 3, p. 384-401, 2019. <https://doi.org/10.5335/hdtv.3n.19.9863>

ROSTICA, Julieta Carla. El Antiimperialismo de La Derecha: La Confederación Anticomunista Latinoamericana (1972-1980). **XIII. Jornadas de Sociología**. Buenos Aires: Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, 2019. Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-023/297>. Acceso en 04/10/2021.

ROSTICA, Julieta Carla. La Confederación Anticomunista Latinoamericana: las conexiones civiles y militares entre Guatemala y Argentina (1972-1980). **Desafíos**, v. 30, n. 1, p. 309-347, 2018.

ROSTICA, Julieta. La Transnacionalización de Las Ideas: la escuela antisubversiva de Argentina a Guatemala. **Diálogos: revista electrónica de historia (en línea)**, v. 19, n. 2, p. 170-197, 2018. Disponible en: http://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1409-469X2018000200170&lng=en&nrm=iso. Accedido en 27/11/21 as 11:23h.

SOLER, Lorena Marina. Redes y Organizaciones Anticomunistas en Paraguay. La XII Conferencia Anual de la Liga Anticomunista Mundial, realizada en Asunción en 1979. **Revista Páginas**, año 10, n. 24, p. 55-73, septiembre/diciembre, 2018.

VERBITSKY, Horacio. **El Vuelo**, 2. ed. Buenos Aires: Planeta, 1995.

SOBERANÍA NACIONAL Y ANTISEMITISMO. LA MEMORIA DE LA DERECHA NACIONALISTA ARGENTINA FRENTE AL CASO EICHMANN¹

*SOBERANIA NACIONAL E ANTISEMITISMO: AS MEMÓRIAS DA DIREITA
NACIONALISTA ARGENTINA DIANTE DO CASO EICHMANN*

*NATIONAL SOVEREIGNTY AND ANTI-SEMITISM: THE MEMORIES OF THE
ARGENTINE NATIONALIST RIGHT IN FACING THE EICHMANN CASE*

Celina Albornoz² 

Universidad Nacional de San Martín, Argentina

Resumen: Concluida la Segunda Guerra Mundial, Adolf Eichmann encontró refugio en Argentina. En mayo de 1960, fue capturado por un comando del servicio de inteligencia israelí y fue llevado a Israel para ser sometido a juicio. Encontrado culpable, fue sentenciado a muerte y ejecutado dos años después. Estos hechos tuvieron un fuerte impacto en el país del cual fue sustraído. El mundo del nacionalismo de derecha argentino llevó adelante numerosas manifestaciones para pedir su restitución, mientras que protagonizó fuertes olas de antisemitismo en el país. Las acciones de agrupaciones juveniles como el Movimiento Nacionalista Tacuara y la Guardia Restauradora Nacionalista contra la comunidad judía argentina fueron vivamente repudiadas por la sociedad a ellos contemporánea. Mediante el análisis de boletines y prensa del nacionalismo, de diarios nacionales y de memorias de exmilitantes, verificaré que los reclamos por la violación de la soberanía nacional fueron el principal manto que ocultó el carácter racial del antisemitismo de estos movimientos, tanto en los '60 como en años recientes. También cobra especial relevancia, en el mismo sentido, el antisionismo como fachada. Por último, en las memorias elaboradas en la actualidad se hace patente el intento de matizar, omitir o silenciar el propio ejercicio de la violencia antisemita.

¹ Este artículo es parte de los resultados de una investigación realizada gracias al apoyo de la Fondation pour la Mémoire de la Shoah (París).

² Doctora en Estudios Históricos, Antropológicos y Geográficos por la Università degli Studi di Padova y Doctora en Historia por la Universidad Nacional de San Martín. Email: celinaines.albornoz@gmail.com

Palabras clave: Caso Eichmann; Derecha nacionalista; Antisemitismo; Soberanía nacional; Memorias.

Resumo: Após o fim da Segunda Guerra Mundial, Adolf Eichmann encontrou refúgio na Argentina. Em maio de 1960, ele foi capturado por um comando de inteligência israelense e levado a Israel para ser julgado. Considerado culpado, ele foi condenado à morte e executado dois anos mais tarde. Estes eventos tiveram um forte impacto no país do qual ele foi sequestrado. O mundo do nacionalismo de direita argentino realizou numerosas manifestações para exigir sua restituição, enquanto havia fortes ondas de anti-semitismo no país. As ações de grupos de jovens como o Movimiento Nacionalista Tacuara e a Guardia Restauradora Nacionalista contra a comunidade judaica argentina foram fortemente repudiadas pela sociedade contemporânea a eles. Ao analisar os boletins e a imprensa nacionalista, os jornais nacionais e as memórias dos ex-militantes, verificarei que as alegações de violação da soberania nacional foram o principal manto que escondeu o caráter racial do anti-semitismo desses movimentos, tanto nos anos 60 como nos últimos anos. Também de particular relevância, na mesma linha, é o anti-sionismo como fachada. Finalmente, nas memórias produzidas hoje, é evidente a tentativa de matizar, omitir ou silenciar o próprio exercício da violência anti-semita.

Palavras-chave: Caso Eichmann; Direita nacionalista; Anti-semitismo; Soberania nacional; Memórias.

Abstract: After World War II, Adolf Eichmann found refuge in Argentina. In May 1960, he was captured by an Israeli intelligence unit and taken to Israel for trial. After being found guilty, he was sentenced to death and executed two years later. These events had a strong impact on the country from which he was abducted. Argentinian right-wing nationalist groups carried out numerous demonstrations to demand his restitution while leading strong waves of anti-Semitism in the country. The actions of youth groups such as the Movimiento Nacionalista Tacuara and the Guardia Restauradora Nacionalista against the Argentine Jewish community were strongly repudiated by society. Through the analysis of nationalist bulletins, press, national newspapers, and former militants' memories, and upon verifying the claims for the violation of national sovereignty we found that these were the main cloak that concealed the racial aspect of these anti-Semitic movements, both in the 1960s and in recent years. Furthermore, the role of anti-Zionism as a facade is particularly relevant in this context. Lastly, contemporary memoirs reveal attempts to downplay, omit, or silence the perpetration of anti-Semitic violence.

Keywords: Eichmann case; Nationalist right; Anti-Semitism; National sovereignty; Memories.

1. Introducción

Argentina fue uno de los principales destinos donde se refugiaron numerosos nazis y colaboradores luego de la Segunda Guerra Mundial. Tal es el caso, de Adolf Eichmann, conocido como el “arquitecto de la Solución Final” por haber dado ideado la maquinaria de exterminio implementada en los campos de concentración y exterminio en el continente europeo.

El 11 de mayo de 1960, Eichmann fue capturado por un comando de inteligencia israelí cerca de la casa donde vivía con su familia, en la localidad de San Fernando, en el Gran Buenos Aires. Luego, fue llevado clandestinamente a Israel para ser juzgado. El veredicto fue unánime: fue encontrado culpable de crímenes contra el pueblo judío, crímenes contra la humanidad y crímenes de guerra. Fue, por tanto, condenado a muerte. El 31 de mayo de 1962 fue ejecutado en la prisión de Ramla, siendo ésta la primera y única ejecución realizada por el Estado de Israel.

Tanto la captura de Eichmann como su ejecución, lejos de pasar desapercibidas en Argentina, provocaron un importante revuelo. Se convirtió en un caso mediático de dimensiones globales. El suceso ocupó las portadas de los principales diarios del país y generó diversas reacciones. Aquí, me concentraré especialmente en aquellas del nacionalismo de derecha³, que tuvo como protagonistas a grupos como el Movimiento Nacionalista Tacuara (MNT) y la Guardia Restauradora Nacionalista (GRN).

³ Junto con Lvovich (2006), entiendo por nacionalismo de derecha a un conjunto de organizaciones que formaron parte de una misma y compleja familia política que en Argentina, desde los años '20, sostuvieron posturas antiizquierdas, antiliberales y corporativistas. En la mayor parte de los casos, se alinearon ideológicamente con los fascismos europeos de entreguerras y con los neofascismos, surgidos tras la finalización de la Segunda Guerra Mundial.

Estudiar las consecuencias de un caso de dimensiones globales en el país en el cual se refugió y donde fue localizado y secuestrado el criminal de guerra es sumamente relevante. En Argentina, diversos sectores aplaudieron el accionar israelí, mientras que muchos otros reclamaron a viva voz por la violación de la soberanía nacional. Grupos nacionalistas, a su vez, se sintieron habilitados para dar rienda suelta a su antisemitismo, arraigados en sus posiciones filofascistas y pro-Eje.

Afirmaré que el antisemitismo detrás de las acciones violentas que se multiplicaron tras el secuestro de Eichmann y su ejecución estuvo, en los '60, parcialmente cubierto por el velo del reclamo por la violación de la soberanía nacional, argumento que cobró especial protagonismo en este contexto. También, se justificó el rechazo a los judíos por ser supuestamente leales a una potencia extranjera, es decir, por su “doble lealtad” y su incapacidad de ser “asimilados” a la “tradición argentina”. Por último, del análisis de las fuentes emerge el antisionismo como fachada del antisemitismo. En las memorias registradas en años recientes, de modo similar, el antisemitismo aparece difuminado, silenciado. Propongo dilucidar cuáles fueron las temáticas que surgieron en las entrevistas realizadas a exmilitantes de Tacuara y en las memorias publicadas al abordar temáticas relacionadas con el caso Eichmann y el antisemitismo, con el fin de identificar continuidades y rupturas respecto de los discursos elaborados en los '60, cuando ocurrieron los hechos analizados.

Para abordar estas cuestiones, utilizaré distintas fuentes: por un lado, boletines de Tacuara y la GRN (agrupación que se forma como desprendimiento del MNT), así como diarios nacionales y de la comunidad judía de principios de los '60, además del semanario nacionalista *Azul y Blanco*; por otro, haré uso de entrevistas de historia oral realizadas a exmilitantes de Tacuara entre 2018 y 2020, en el marco del trabajo de campo para mi tesis doctoral, que nos traerán a la actualidad. A ello se

agregarán las memorias publicadas de dos ex-Tacuara a principios de los 2000. El diálogo y la confrontación entre estas fuentes será fundamental.

Para comenzar, me referiré al caso Eichmann y al modo en que fue recibido por el nacionalismo a principios de la década de 1960. Colocaré el acento en la ola de antisemitismo que se propagó en esa ocasión, que tuvo como principales protagonistas a las militancias del MNT y la GRN. Posteriormente, cobrarán relevancia las memorias de los ex militantes. Concluiré con un ejercicio de diálogo entre el ayer y el hoy, con el objetivo de analizar conjuntamente los discursos de los militantes en el momento en que transcurrieron los hechos y en la actualidad, a una distancia de aproximadamente 50 años de los mismos.

2. Soberanía nacional y antisemitismo a principios de los '60

El *affaire* Eichmann fue un acontecimiento de gran importancia en la historia del Holocausto, que dejó una huella importante en Argentina. Adolf Eichmann había ingresado al país sudamericano bajo el nombre falso de Ricardo Klement en 1950. Dos años más tarde, consiguió reunirse con su familia en el país que le dio refugio. Allí, llevaban una vida austera, ordinaria, alejada de la esfera pública. Por varios años, Eichmann se desempeñó en distintos empleos y empresas fallidas, tras lo cual se convirtió en un empleado en la fábrica de Mercedes Benz. No obstante, Eichmann no ocultaba su verdadera identidad entre los círculos nazis locales; lejos de ello, se jactaba de su rango de *Obersturmbannführer* de las *Schutzstaffel* (SS) y de su crucial papel en la maquinaria de los campos de concentración donde fueron exterminadas millones de personas (STANGNETH, 2014).

Luego de haber sido identificado por los servicios secretos israelíes y tras una meticulosa preparación, agentes del Mossad, servicio de inteligencia israelí, llevaron adelante la “Operación Garibaldi”, que culminó con el secuestro del criminal nazi el 11 de mayo de 1960. Pasados diez días

de cautiverio, fue transportado clandestinamente a Israel. El descubrimiento de su presencia en ese país provocó un gran revuelo a nivel mundial.

El secuestro de Eichmann encendió las más profundas pasiones de los nacionalistas argentinos. El MNT y la GRN, agrupaciones juveniles que se encontraron entre los principales exponentes del nacionalismo de derecha de los '60, ocuparon un rol protagónico en los estruendosos reclamos ante la captura del criminal nazi.

Tacuara había surgido en 1957 como una agrupación de jóvenes estudiantes secundarios y universitarios de las clases acomodadas porteñas y simpatizantes de los fascismos europeos, que pretendían realizar una "revolución nacional" que echase por tierra con la democracia liberal. El MNT comenzó a alzar las banderas de la justicia social y a aproximarse a sectores sindicalistas peronistas, razón por la cual amplió notoriamente sus bases. La GRN, que nació como una escisión del MNT en 1960, se constituyó como un grupo más conservador que exacerbó las posiciones de extrema derecha y renegó de los acercamientos al peronismo. En ambos casos, los principales referentes ideológicos de las agrupaciones se encontraban entre los intelectuales del nacionalismo católico argentino del período de entreguerras, como los sacerdotes Julio Meinvielle y Leonardo Castellani, e intelectuales como Juan Carlos Goyeneche, Enrique Osés y Federico Ibarguren, por mencionar a algunos, aunque eran también ineludibles las referencias a los líderes y otros referentes del fascismo europeo, entre los cuales predominaba la figura de José Antonio Primo de Rivera (ALBORNOZ, 2023).

La violencia antisemita fue una parte central del repertorio de acción tanto del MNT como de la GRN. Sus miembros interpretaron al secuestro de Eichmann como una demostración del poder que tenía la comunidad judía en Argentina (CAMPOS, 2022). Por consiguiente, dieron rienda suelta al terror. Según Rein (2001), los dos años que transcurrieron entre la captura

y la ejecución de Eichmann fueron los más duros para la comunidad judía en Argentina desde los sucesos de la Semana Trágica, en 1919⁴.

En primer lugar, cabe mencionar la aparición de violentas pintadas antisemitas en la ciudad de Buenos Aires. Varias de ellas contenían esvásticas, y la mayoría estaban firmadas por Tacuara. En segundo lugar, se sucedieron distintas manifestaciones en las calles de Buenos Aires. En una de ellas habrían participado aproximadamente cincuenta jóvenes nacionalistas que avanzaron por calle Florida, en pleno centro porteño, flameando banderas argentinas⁵. Al llegar al Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto, pidieron a viva voz la ruptura de relaciones con Israel y la restitución de Eichmann a Argentina.

El corolario de la espiral de violencia generada inmediatamente después del secuestro de Eichmann fue el ataque sufrido el 17 de agosto por Edgardo Manuel Trilnick, estudiante judío de 15 años del Colegio Nacional Sarmiento de Buenos Aires. Tras finalizar un acto escolar en homenaje a San Martín, irrumpió un grupo de jóvenes militantes del MNT que proclamaban “Viva Eichmann! Mueran los judíos! Los judíos a Israel! Viva el Movimiento Tacuara!”⁶. En la plazoleta Carlos Pellegrini, a escasos metros, se generó un enfrentamiento, que concluyó con Trilnick herido de bala en el tórax. El repudio ante el ataque fue reproducido en diversos medios gráficos mediante declaraciones condenatorias por parte de numerosos organismos políticos, sociales y educativos, y el antisemitismo pasó a un primer plano en la discusión pública.

Luego de la ejecución de Eichmann el 1º de junio de 1962, tras ser juzgado en Israel y encontrado culpable de crímenes contra el pueblo judío, contra la humanidad y por la comisión de crímenes de guerra, rebrotó la violencia antisemita en Argentina. En palabras de Senkman (1986, p. 18), el ajusticiamiento del jerarca nazi *“sirvió muy particularmente de pretexto*

⁴ Los sucesos de la Semana Trágica se desarrollaron entre el 9 y el 16 de enero de 1919 en la ciudad de Buenos Aires, a partir de una huelga en un establecimiento metalúrgico de la capital, Talleres Vasena. Siguió una huelga general, que se tradujo en paros obreros, protestas, saqueos, violentos enfrentamientos y una brutal represión. Como parte de la misma dinámica, se desataron violentas persecuciones antisemitas (LVOVICH, 2003).

⁵ Así, N°230, 22 junio 1960.

⁶ SIDE. Boletines Informativos. UC5. Biblioteca Nacional Mariano Moreno, Archivos y colecciones.

para que los nacionalistas lanzaran una recrudecida campaña neonazi en el país”.

En este contexto, se produjo el ataque a Graciela Sirota, joven judía, estudiante universitaria. En junio de 1962, días después de la ejecución del criminal de guerra en Israel, Sirota fue secuestrada, torturada y marcada con una esvástica en el pecho. La víctima declaró que reconoció a miembros del MNT entre sus agresores, aunque la investigación no prosperó y los culpables no fueron hallados.

Tanto el caso del ataque a Trilnick como el del atentado a Sirota, picos de dos fuertes olas de antisemitismo, fueron objeto de un generalizado repudio. Las denuncias por parte de la comunidad judía argentina tuvieron eco no solamente en la prensa de la colectividad, sino también en los principales diarios nacionales. Por otra parte, la comunidad judía se organizó para defenderse de las hostilidades. Días después de los sucesos que tuvieron como víctima a Sirota, organizaron un día de paro como protesta, que tuvo un alto grado de acatamiento; numerosos comerciantes de la ciudad de Buenos Aires cerraron sus persianas como muestra de solidaridad hacia la colectividad.

Otra de las problemáticas que se abrieron a raíz de la captura y traslado de Eichmann a Israel fue el conflicto diplomático⁷ que se generó entre Argentina e Israel, que hasta el momento habían mantenido relaciones amistosas. Bajo fuertes presiones, el gobierno argentino demandó a Israel la restitución de Eichmann y el castigo de los responsables del secuestro e inició un reclamo por la violación de la soberanía. Al no satisfacerse estos requerimientos, el entredicho fue llevado al Consejo de Seguridad de Naciones Unidas por el embajador argentino en el organismo, Mario Amadeo⁸.

En resumidas cuentas, la resolución fue favorable a la posición argentina y exigía a Israel otorgar una “reparación adecuada”, aunque ésta no incluía la devolución del criminal. A principios de agosto de 1960, el

⁷ Una reconstrucción detallada del conflicto puede encontrarse en Rein (2001).

⁸ Mario Amadeo fue un reconocido intelectual nacionalista. Simpatizante abiertamente de los regímenes fascistas europeos, fue parte del grupo fundador del semanario *Azul y Blanco*.

conflicto se consideró superado y las relaciones entre Argentina e Israel se restablecieron, tras la reiteración del pedido de disculpas por parte del gobierno israelí, la declaración del embajador Arie Levavi como persona no grata y su expulsión de Argentina (REIN, 2001).

El argumento de la violación de la soberanía se convirtió en el principal eje de los discursos nacionalistas⁹. La noción de “soberanía nacional” era central dentro del repertorio discursivo del MNT y la GRN. El orgullo de la nación y su autonomía incluían un proyecto más amplio, el de una Hispanoamérica, corporativa, unida a la vieja metrópolis, España, por lazos culturales, lingüísticos y por una tradición común. Por ejemplo, el semanario *Azul y Blanco*¹⁰, referencia ineludible para las agrupaciones nacionalistas de la época, definió la transgresión israelí como un “atentado”: *“Ante la situación actual, no se puede transar bajo ningún concepto con Israel, pues la soberanía de nuestra Patria no se negocia sino que se defiende con las armas si fuera necesario”*¹¹.

Por otra parte, *Azul y Blanco* cuestionó la potestad del Consejo de Seguridad de Naciones Unidas para decidir la resolución de un conflicto que se dio en un Estado soberano, luego de que se emitiera el fallo del organismo. Éste no satisfizo a los nacionalistas, que se mostraron iracundos y atacaron a Frondizi por no haber defendido suficientemente la dignidad nacional. Criticaron con fuerza, en consecuencia, que se hubiera dado por concluido el incidente.

Asimismo, dos de los principales líderes de Tacuara, Alberto Ezcurra Uriburu y José Baxter –quien más tarde encabezaría la ruptura de la

⁹ Cabe destacar que tanto el concepto de “soberanía nacional” como el de “antiimperialismo”, apuntado hacia Estados Unidos e Inglaterra, fueron también caros a las corrientes de izquierda, es decir, que atravesaron a movimientos de distintas tendencias dentro del espectro político. En el caso de las izquierdas, no obstante, no estaba presente el componente hispanista, central en el caso del nacionalismo argentino. Sin embargo, el reclamo concreto en el contexto del secuestro de Eichmann se dio específicamente desde el lado de las derechas. Diversos boletines de partidos y agrupaciones de izquierda le otorgaron comparativamente mucha menos relevancia al conflicto y priorizaron la envergadura del criminal de guerra capturado y de las atrocidades cometidas por sobre la cuestión de la violación de la soberanía nacional por parte de Israel.

¹⁰ El semanario *Azul y Blanco* fue una de las principales publicaciones del nacionalismo argentino desde 1956 y hasta fines de los años '60. Fundado por un núcleo de intelectuales de derecha, Marcelo Sánchez Sorondo, Mario Amadeo, Máximo Etchecopar y Juan Carlos Goyeneche, se convirtió en un importante espacio de difusión y discusión del pensamiento nacionalista. Véase Galván (2013).

¹¹ A ello se añadió el pedido de rompimiento de relaciones con Israel y el reclamo de extradición de los miembros del comando que llevaron adelante el operativo que culminó con el secuestro y el traslado de Eichmann a Israel. Solicitaban que fueran juzgados en Argentina por *“infringir nuestras leyes y violar, entre otros, el artículo 14b del Código Penal...”* (*Azul y Blanco*, N. 212, 13 julio 1960).

agrupación hacia la izquierda marxista y peronista, con la fundación del Movimiento Nacionalista Revolucionario Tacuara (MNRT) en 1963–, en una entrevista con Arie Zafran, periodista del periódico *Mundo Israelita*, aseveraron acerca de Eichmann:

Como soldado que cumplió con su deber, aún venciendo la repugnancia que puede haber sentido, merece nuestro respeto. Como víctima expiatoria de atrocidades, supuestas o no, de las cuales no fue responsable, merece nuestro sentimiento.¹²

En esta afirmación se combina el argumento de la obediencia debida con la victimización del criminal nazi, con el cual expresan su solidaridad.

También desde el MNT y la GRN, fueron reiterados los reclamos relacionados con la violación de la soberanía nacional por parte de Israel. Además de ofrecer charlas públicas, fueron artífices de numerosas manifestaciones patentemente antisemitas. Las pintadas con leyendas como “queremos a Eichmann de vuelta” se conjugaban con aquellas que expresaban “mueran los judíos”, “muerte”, “fuera judíos” o “judíos a Israel” (Figuras 1 y 2). En otras palabras, estos pedidos, fundados en un argumento que supuestamente reclamaba por la violación de la soberanía, tenían como trasfondo el antisemitismo que caracterizó, en la mayor parte de los casos, a la cultura política del nacionalismo argentino (LVOVICH, 2006).

Este componente, que fue también relevante en el MNT y la GRN, estaba alineado con el antisemitismo del catolicismo, y tuvo como uno de sus principales promotores y referentes al sacerdote Julio Meinvielle¹³. Desde esta perspectiva, las acusaciones que pesaban sobre el judío, íntimamente relacionado al comunismo a través de una construcción discursiva que los convertía casi en indisolubles, eran la “doble lealtad”¹⁴, la

¹² *Mundo Israelita*, 5 mayo 1962.

¹³ Meinvielle fue uno de los principales representantes de la corriente integrista del catolicismo en Argentina. Fervientemente anticomunista y antisemita, desarrolló –desde una línea doctrinaria antimodernista– teorías conspirativas que se materializaron en publicaciones como *El judío* (reeditado años más tarde como *El judío en el misterio de la Historia*) y *El poder destructivo de la dialéctica comunista*. En un reportaje para *Mazorca*, órgano de prensa de la GRN, afirmó que “los judíos, son enemigos naturales, lo dice San Pablo: “han matado al Señor Jesús, a nosotros nos persiguen y nos perseguirán, están contra el hombre e impiden su salvación”” (*Mazorca*, s/n, 1970).

¹⁴ En una entrevista con Arie Zafran, del periódico de la comunidad judía *Mundo Israelita*, Ezcurra y Baxter sostuvieron: “No admitimos la doble nacionalidad y el sionismo es una especie de doble nacionalidad [...]. El judaísmo de los sionistas no está concebido sólo como religión. Es la adhesión a un estado extranjero que puede estar en conflicto con el nuestro” (*Mundo Israelita*, 5 mayo 1962).

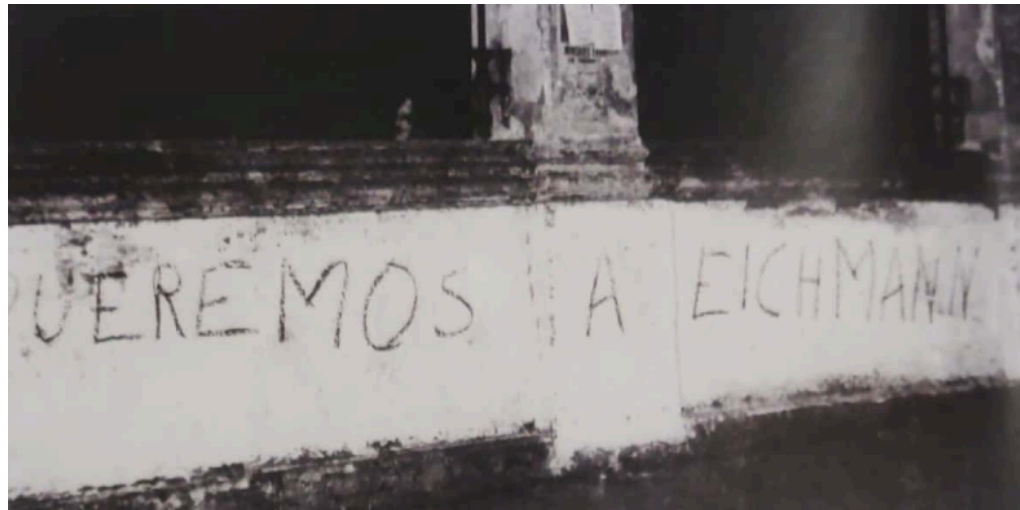
inasimilabilidad¹⁵, la usura y, el peor de los crímenes, el deicidio. A ello se sumó el creciente conspiracionismo, en el marco del cual se difundió la alerta según la cual Israel estaba planificando erigir un nuevo Estado judío en la Patagonia argentina y chilena, denominado Plan Andinia (BOHOSLAVSKY, 2008).

Figura 1. Pintada antisemita en la ciudad de Buenos Aires.



Fuente: *Nueva Sión*, julio 1960.

Figura 2. Pintada reclamando la restitución de Eichmann en la ciudad de Buenos Aires.



Fuente: AVRUIJ, 2005.

¹⁵ A modo de ejemplo, en el boletín *Mazorca*, en un artículo llamado "El judío es siempre judío", se afirma que deben ser rechazados de las naciones donde se encuentran: "en tanto los judíos sigan obstinados en ser antes judíos que españoles, franceses o ingleses, no puede haber otra solución que apartarlos de la comunidad nacional. Es pues necesario convencerse de que el judío, es ante todo judío y extraño a la comunidad en que se encuentra" (*Mazorca*, s/n, 1970).

Las expresiones que demostraban que el antisemitismo era parte de la columna vertebral de estas agrupaciones son innumerables. Sus boletines despliegan un indiscutible rechazo racista hacia la comunidad judía, que se entrecruzaba permanentemente con expresiones de índole política¹⁶. Igualmente, a menudo realizaban declaraciones públicas que negaban el Holocausto¹⁷.

De todas maneras, el antisemitismo pocas veces fue asumido como tal (PADRÓN, 2017). En palabras de Ezcurra y Baxter, “políticamente nos perjudica aparecer como una organización antisemita”¹⁸.

En otra entrevista, a principios de 1963, Ezcurra aseveró que el MNT tenía como principal objetivo la defensa de los valores del catolicismo frente al “imperialismo marxista judío-liberal-masónico y capitalista” (Ezcurra en ROCK, 1993, p. 211). Agregó, con contundencia, una patente negación del antisemitismo del MNT:

Nosotros no somos antisemitas por razones raciales, pero somos enemigos del judaísmo. En la Argentina, los judíos son sirvientes del imperialismo israelí (que violó) nuestra soberanía nacional cuando secuestraron a Adolfo Eichmann. (Ezcurra en ROCK, 1993, p. 211)

Mediante la elaboración de sus discursos públicos, la militancia tacuarista intentaba desprenderse del componente racista, denostado tras la conclusión de la Segunda Guerra Mundial y el descubrimiento de las atrocidades perpetradas por el nazismo. Como afirma Campos (2022), Tacuara renegaba del racismo para adaptarse a un auditorio específico: para la opinión pública contemporánea, el antisemitismo predominante

¹⁶ A modo de ejemplo, en un boletín se afirmaba que el nacionalismo tacuarista “ataca implacablemente a los enemigos de la Patria y de la Fe. Entre esos enemigos figuran, en primera línea, los judíos” (Ofensiva, N°9, 1962). En otra ocasión, reflexionaban: “Si los judíos fueron siempre quienes tomaron medidas destinadas a preservar la raza, ¿por qué se le reprocha a Alemania que haya seguido una política racial y que haya pretendido defenderse contra la mestización?” (Mazorca, año II, N°1, 1968).

¹⁷ En la entrevista realizada por Zafran para *Mundo Israelita* Baxter expresó que no creía en los seis millones de muertos como víctimas del nazismo. Ante la pregunta “¿Qué piensa de la matanza de los judíos a manos de los nazis?”, la respuesta fue la siguiente: “Creemos que se ha exagerado mucho a ese respecto. Además hubo masacres a ambos lados de las barricadas. No podemos justificarlas ni defenderlas. [...] ¿Usted cree en las cámaras de gas? Le recomiendo el libro de un ex comunista francés, Paul Rassinier, “Las mentiras de Ulises”, en el que demuestra que tales masacres de judíos no existieron. Más bien fue un pretexto para cobrar reparaciones a Alemania” (*Mundo Israelita*, 5 mayo 1962).

¹⁸ *Mundo Israelita*, 5 mayo 1962.

hacia finales del siglo XIX y principios del XX, con pretensiones científicas, excedía los márgenes de lo decible en los '60.

Además de esgrimir el argumento de la defensa de la soberanía nacional, el antisemitismo solía aparecer entrelazado con el antisionismo. Tacuara desplegó una lógica discursiva que, hacia el exterior, negaba su antisemitismo, mientras que alegaba un firme rechazo –exclusivamente– hacia el Estado de Israel. El antisionismo cobró aún más fuerza con la llegada del tunecino Hussein Triki a Argentina como representante de la Liga Árabe. Triki estableció sólidas alianzas con grupos del nacionalismo de derecha, entre los cuales se encontraban el MNT y la GRN, que inclusive recibieron financiamientos de esta organización (BESOKY, 2018). Asimismo, se retroalimentó con el mencionado argumento de la “doble lealtad”, que se exacerbó a raíz del caso Eichmann (LÓPEZ DE LA TORRE, 2015).

En la misma entrevista realizada por Arie Zafran a Baxter y Ezcurra, el primero adujo que no estaba de acuerdo con la línea del líder fascista británico Oswald Mosley porque *“él es antijudío como cosa racial y no como cosa política”*¹⁹. Ante esta llamativa afirmación, el periodista lo interrumpió: *“pero ustedes son antijudíos...”*, a lo que Baxter contestó: *“Repito que como cosa política y no como cosa racial. La prueba está en que tenemos camaradas judíos”*²⁰.

De esa manera, entonces, se buscaba relativizar el odio por los judíos, que pasaba a estar velado por una cuestión que colocaban como prioritaria, en el marco de la política. El líder nacionalista aludió a la supuesta presencia de militantes judíos en Tacuara –afirmación poco verosímil–, con la misma finalidad.

Desde la cúpula del MNT, en la misma línea, no se reconoció el carácter antisemita del ataque a Trilnick. Ezcurra y Baxter sentenciaron: *“Ha habido incidentes, no podemos negarlo. No hubo una campaña organizada ni órdenes en ese sentido [...] las agresiones, las víctimas y provocaciones fueron tanto de un lado como del otro”*²¹.

¹⁹ *Mundo Israelita*, 5 mayo 1962.

²⁰ *Mundo Israelita*, 5 mayo 1962.

²¹ *Mundo Israelita*, 5 mayo 1962.

Asimismo, frente al caso Sirota, las respuestas a las acusaciones contra el MNT no se hicieron esperar: publicaron un folleto que llamaron “El caso Sirota y el problema judío en la Argentina”, donde negaron la autoría del acto y denunciaron a la colectividad judía por haber acusado del hecho al nacionalismo argentino (GALVÁN, 2008). También, se enfocaron en intentar una explicación acerca de la supuestamente demostrable relación directa entre comunismo, judaísmo y antiperonismo, a lo que se sumaba la responsabilidad judía en la crisis económica Argentina (LVOVICH, 2006). En suma, los esfuerzos se dirigieron a refutar el carácter antisemita del movimiento.

El manto de la violación de la soberanía, el de la “doble lealtad” y el del antisionismo se dirigían, pues, a mostrarse como un movimiento moderado que respetaba a los judíos que habían sido “asimilados” y calificaba a aquellos sionistas como “antipatria” (LÓPEZ DE LA TORRE, 2015). A su vez, se orientaban a “matizar” discursivamente y solo de manera parcial el accionar que ellos mismos sacaron a la luz. Este tipo de argumentación se repetía en los discursos de los militantes tacuaristas, en los cuales se evidencia una atenta construcción argumentativa destinada a relativizar la idea que se había formado acerca del MNT como organización de tinte antisemita.

Por supuesto, la elaboración de todos estos discursos contrastaba con la doctrina del nacionalismo de derecha argentino, con las acciones llevadas a cabo por sus militantes y con los contenidos de sus boletines y panfletos. Como he argumentado, éstos, de carácter más bien cerrado y destinados a sus “camaradas”, eran una clara expresión de un ferviente antisemitismo, que era uno de los pilares de su cultura política.

3. Soberanía nacional y antisemitismo en las memorias de los exmilitantes de la derecha nacionalista argentina

La reacción de las militancias del MNT y la GRN en defensa del ex-SS luego de su secuestro –sumado a su repertorio decididamente antisemita– contribuyó a acrecentar la asociación de estas agrupaciones con el nazismo. Si durante sus años de militancia tal vinculación era motivo de un férreo rechazo social, lo es más aún en la actualidad. Con el paso del tiempo, el repudio hacia el antisemitismo y diversas formas de discriminación y de ejercicio de la violencia se ha acentuado. Además, el nombre de Tacuara carga una fuerte connotación negativa por los numerosos hechos violentos que protagonizaron a lo largo de la década de 1960 y principios de los '70.

Para nuestras sociedades contemporáneas, prácticamente no existen discrepancias en el juzgamiento de los terribles crímenes cometidos por el nazismo y el papel que Eichmann jugó en ese siniestro entramado. Si se parte del concepto de “discurso social”, entendido por Marc Angenot (2012, p. 12) como *“los sistemas genéricos, los repertorios tópicos, las reglas de encadenamiento de enunciados que, en una sociedad dada, organizan lo decible”*, es posible considerar a estas temáticas como socialmente reprobadas.

En ese marco se elaboran y se exteriorizan las memorias de los exmiembros de la derecha nacionalista. Para la mayor parte de ellos, sus pasados militantes son ya lejanos. El prisma del paso del tiempo (TRAVERSO, 2012), durante el cual se acumulan numerosas experiencias vividas, es fundamental a la hora de analizar sus discursos elaborados en la actualidad. Tal como subraya Portelli (2007), los entrevistados cambian con respecto al momento en que transcurrieron los hechos que narran, y lo hacen también sus propios juicios acerca de ellos. Al observar desde el hoy sus pasados, se genera un abanico de reflexiones y de juicios.

Exmilitantes del MNT como Esteban Orlandini²² y Roberto Bardini²³ (este último tuvo luego un paso por el MNRT) publicaron sus memorias en los años 2000. En sus respectivos libros, intentaron revisar la historia de Tacuara y alejarla de los prejuicios negativos que gravitaban sobre ellos. Ambos constituyen tentativas manifiestas de reivindicar sus propias trayectorias.

El ex-Tacuara de la ciudad de Rosario, Orlandini, se propone crear un retrato romántico de la militancia tacuarista. Su objetivo, tal como declara, es que Tacuara *“hable por sí misma”* (ORLANDINI, 2008, p. 23). Con un relato que tiene como protagonistas a los grupos de Rosario, los rasgos filofascistas y antisemitas de la agrupación están ausentes. La lectura de la obra de Orlandini deja en claro que trata de un intento evidente de redimir la imagen de Tacuara y del nacionalismo.

De modo similar, Bardini (2002) se esfuerza por distanciarse de la etiqueta de fascistas y nazis que pesa sobre la militancia tacuarista. A diferencia de otros exmilitantes, que prefieren eludir la cuestión del antisemitismo, Bardini la enfrenta explícitamente:

¿Fue *Tacuara* una organización antisemita?: sí, pero en el transcurso del tiempo la mayor parte de sus militantes abandonó esa postura y sólo un núcleo muy reducido se mantuvo irreductible. [...] El racismo no es patrimonio de los nacionalistas. (BARDINI, 2002, p. 158)

Aquí, sentó su posición y redujo la simpatía hacia los fascismos europeos y el antisemitismo a rasgos accesorios, de pequeños grupos. Asimismo, hizo referencia al caso Eichmann. Tras introducir la temática y narrar brevemente los acontecimientos ligados a su secuestro, enjuiciamiento y ejecución, agregó:

Independientemente de los sentimientos que pueda provocar un personaje tan detestable como Eichmann, el hecho constituyó una flagrante violación a la soberanía argentina. Y, desde luego, provocó la ira de los nacionalistas. (BARDINI, 2002, p. 50)

²² Orlandini militó en el núcleo rosarino del MNT.

²³ Bardini fue parte del MNT y luego integró el MNRT, escisión que transitó hacia la izquierda, y finalizó allí su trayectoria militante.

Primeramente, Bardini dejó en claro su posición de separación respecto de Eichmann –y, por ende, del nazismo– al calificarlo como un personaje “detestable”. Por otra parte, aparece como preponderante el argumento de la violación de la soberanía nacional, que justifica la “ira” de quienes se sintieron afectados por tal acción. Seguidamente, Bardini citó las palabras de otro ex-Tacuara que también transitó hacia posiciones de izquierda luego de haber militado en el MNT²⁴:

Lo que condenamos fue la injerencia en Argentina de un servicio de inteligencia extranjero, con la complicidad de Frondizi. Se trataba de defender la soberanía de nuestro país, no de defender al nazismo. No teníamos ninguna identificación con *Mein Kampf*. (Tomislav Rivaric en BARDINI, 2002, p. 50)

Al apropiarse de estas palabras de Rivaric, quien había sido su “camarada” tanto en el MNT como en el MNRT, Bardini hizo manifiesto el intento de separación del nazismo. La voluntad de contrarrestar esta etiqueta, contraponiéndola a una causa “noble”, la defensa de la soberanía frente a servicios de inteligencia extranjeros, cristaliza en este fragmento. Los esfuerzos por alejarse del nazismo van de la mano de la intencional separación del antisemitismo.

En resumen, Bardini se coloca a sí mismo en la posición de “arrepentido” de un pasado juvenil que sería luego reivindicado con su paso por su militancia posterior en grupos de izquierda y por haber sido perseguido y exiliado durante el período de la última dictadura cívico-militar.

Bardini y Rivaric fueron dos militantes que formaron parte tanto del MNT como del MNRT, es decir que transitaron de una agrupación de derecha a otra que se reconocía como parte de una izquierda revolucionaria, marxista. En el proceso que culminó con la escisión de un grupo de Tacuara y con la fundación del efímero MNRT en 1963, la

²⁴ Rivaric fue parte del MNRT y, en 1963, participó en el asalto al Policlínico Bancario, principal acción de la flamante organización, que consistió en un operativo cuidadosamente preparado en el cual se hicieron con el dinero de los sueldos de los empleados del hospital y dejaron un saldo de dos muertos (GUTMAN, 2003). En los años '70, Rivaric integró las Fuerzas Armadas Peronistas.

centralidad de la defensa de la soberanía nacional, junto con el firme rechazo del imperialismo, fue un factor que se podría reconocer, a grandes rasgos, como un elemento de continuidad, aunque se enmarcaran en repertorios discursivos divergentes.

Estos últimos testimonios tienen la particularidad de ser memorias publicadas, redactadas probablemente en tiempos prolongados, cuidadosamente confeccionadas y reflexionadas, volcadas al papel y revisadas en función del público al cual apuntaban sus autores. A diferencia de estas memorias, aquellas elaboradas desde la Historia Oral²⁵ son construidas en la interacción entre una entrevistadora –en este caso– y uno o más entrevistados, y el producto que se constituye como fuente está fuertemente marcado e influenciado por una serie de factores que, en la mayor parte de los casos, resultan aleatorios, como ser: la situación de la entrevista, la predisposición del entrevistado, los prejuicios que se traen de los dos lados, las expectativas de ambos, especialmente de quien comparte sus relatos, acerca del destino que tendrán sus palabras, la dinámica y la fluidez de la relación entablada, entre otros. Las fuentes orales resultan, pues, extremadamente ricas para reconstruir las subjetividades, las identidades y las autorrepresentaciones (PORTELLI, 2007).

En una de las entrevistas realizadas a dos exmilitantes de Tacuara, Miguel Gutiérrez Rivero y Eduardo Pella²⁶, el caso Eichmann fue mencionado, justamente, mientras intercambiábamos acerca de la importancia de la noción de “soberanía nacional” para el MNT. Con orgullo, Gutiérrez Rivero adjudicó a la agrupación la invención de la efeméride –que luego se convirtió en nacional– del día de la soberanía, que se celebra el 20 de noviembre de cada año en conmemoración de la batalla de la Vuelta de Obligado²⁷. La conexión entre esta temática y el secuestro del criminal de guerra fue automática. En palabras del entrevistado: *“Otra que cosa que*

²⁵ Realicé las entrevistas en el marco del trabajo de campo de mi investigación doctoral. En todos los casos, contacté a las personas a entrevistar a través de personas que funcionaron de intermediarias. En general, la tarea de conseguir exmilitantes dispuestos a ser entrevistados fue ardua y compleja.

²⁶ Utilizo pseudónimos para referirme a los entrevistados.

²⁷ En la batalla de la Vuelta de Obligado las tropas de Juan Manuel de Rosas lograron frenar temporalmente el avance de las flotas británicas y francesas, el 20 de noviembre de 1845.

*fue terrible fue con el rapto de Eichmann. Por el tema de la soberanía. [...] Por lo de Eichmann me acuerdo que armamos tanto lío...*²⁸. Esta última expresión, “armamos tanto lío”, puede verse como un eufemismo, como una estrategia discursiva para reducir la gravedad de los hechos que protagonizaron. También, es posible que esté relacionada con la percepción del entrevistado, que podría considerar que los actos violentos perpetrados por el nacionalismo en esos años no fueran más que aventuras juveniles, o que las recordara de ese modo.

Otro entrevistado, Julio Paredes, también ex-MNT, aludió a los sucesos posteriores al secuestro de Eichmann de la siguiente manera:

[Hubo] unas manifestaciones, en el centro, que se tiraron volantes, algo de eso sí, en ese momento alguna protesta, porque sí, técnicamente fue una injerencia del Estado de Israel alevosa, eso más allá de la culpabilidad de Eichmann o todo, fue alevoso. Lo agarraron, lo doparon, lo metieron en un avión y se lo llevaron. Sí, hubo una protesta.²⁹

Nuevamente, la injerencia de Israel en Argentina pasa a un primer plano. Aparece aquí, enunciado en otros términos, el antisionismo. Según recordó Paredes, la reacción de la militancia fue la realización de una protesta, consistente principalmente en la distribución de volantes. ¿Es factible pensar que la única consecuencia del secuestro de Eichmann que recuerde sea ésta? Si bien faltan elementos para aventurar una respuesta, dado que los límites de aquello que comparten los entrevistados los colocan ellos mismos, las palabras de Gutiérrez Rivero y Paredes son representativas de dos situaciones: por un lado, el ya mencionado velo de la soberanía nacional que parece cubrir desde las acciones antisemitas perpetradas por el nacionalismo de derecha argentino hasta las atrocidades cometidas por unos de los principales artífices del Holocausto. Por otro lado, emergen los silencios, las omisiones respecto de la violencia de la propia militancia. El ejercicio de la violencia es un factor que a menudo es ocultado o matizado; se trata de una temática que muchos exmilitantes prefieren no abordar, a una distancia de al menos 50 años

²⁸ Entrevista a Pella y Gutiérrez Rivero, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 26/11/2018.

²⁹ Entrevista a Paredes, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 11/12/2019.

respecto de los hechos. En repetidas ocasiones, aparece en contraposición a la noción de “caballerosidad”, a la existencia de códigos masculinos que las personas “respetables” compartían y observaban (ALBORNOZ, 2021).

Respecto de estos llamativos silencios, es posible plantear dos hipótesis: que se trate de omisiones voluntarias que tienen como finalidad matizar las acciones reprobables de la agrupación o que se generen en el marco de la particular situación de entrevista. Como mencioné más arriba, allí entran en juego los prejuicios hacia la persona que conduce la interacción, su género, su proveniencia y la incertidumbre acerca del destino que tendrán sus palabras. Todos estos factores, sin lugar a duda, pueden inducir a los entrevistados a actuar y expresarse con cierta cautela, con reservas a la hora de tratar temáticas que hoy en día son socialmente reprobadas.

La negación o la minimización del antisemitismo es recurrente en las memorias de los ex-MNT (ALBORNOZ, 2021). Tanto el antisionismo como el conspiracionismo y el supuesto control de las finanzas mundiales salen a la superficie como puntas de lanza en los discursos actuales. El siguiente fragmento de la entrevista realizada a Rodolfo Cervera, exmilitante del MNT, es prueba de ello:

Nunca fue el antisemitismo la motivación de nuestra acción. Nunca lo fue. Sí te puedo decir que, cuando nosotros tenemos la opinión que tenemos sobre la plutocracia mundial, el capital financiero manejando los recursos del universo desde la reserva federal hasta los grandes sistemas bancarios de Wall Street, de los Estados Unidos, de Londres, la pertenencia de muchos de esos banqueros a una comunidad es notoria. Pero esto no hace nada respecto de mi relación con cada uno de los judíos con los que me he topado en la vida como compañeros de colegios, vecinos, amigos, lo que fuera. Son cosas distintas. Es la lucha contra una idea de dominación mundial por el dinero y nada más.³⁰

El mito de la conspiración judía mundial, que se instaló en sectores nacionalistas argentinos ya en la década de 1930 (BUCHRUCKER, 1987), sigue teniendo presencia. La negación de la motivación antisemita de su militancia pasada está acompañada por la separación de los “negocios” judíos de los individuos con los cuales manifiesta haberse cruzado durante

³⁰ Entrevista a Rodolfo Cervera, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, 15/11/2019.

su vida, es decir que discursivamente coloca en distintos niveles el plano político y el personal.

4. Reflexiones finales

Para concluir, considero oportuno retomar algunos puntos tratados y ponerlos en diálogo. En primer lugar, el secuestro de Adolf Eichmann y su posterior ejecución causaron gran estupor a nivel mundial. Desde el nacionalismo de derecha argentino, las reacciones ante estos sucesos fueron aguerridas y comprendieron la organización de manifestaciones y charlas, la distribución de volantes, la realización de pintadas violentas y discriminatorias y, como corolario, el ejercicio de la violencia física contra individuos de la comunidad judía local. Las olas de antisemitismo que se desataron entre 1960 y 1962 generaron gran preocupación.

En segundo lugar, los crímenes cometidos por el nazismo y las simpatías hacia el régimen no se encontraban dentro del universo de lo decible socialmente a principios de los '60. De la misma manera, el componente antisemita de la cultura política tacuarista era motivo de repudio, en un contexto en el cual la colectividad judía argentina era permanentemente blanco de la violencia nacionalista. Estas acciones son aún más reprobadas en la actualidad, dados los avances en materia de derechos y de luchas contra distintos tipos de discriminación y ejercicio de la violencia.

Estos contextos dan un marco y delinean la formulación de los discursos de los militantes. A partir de su análisis, se puede constatar que las militancias nacionalistas, en los '60 y en la actualidad, emplearon diversas estrategias discursivas para matizar, ocultar o colocar en segundo plano al antisemitismo.

El velo del antisionismo tuvo mayor nitidez en los años '60. Los reclamos a Frondizi para que actuara contra el gobierno israelí se multiplicaron, y en ese marco se efectuaron los ataques antisemitas

mencionados. Desde los discursos tacuaristas elaborados en ese entonces, estas hostilidades se fundaban en el rechazo del poderío del Estado de Israel y en la supuesta inasimilabilidad de las personas judías, acusadas de tener una doble patria. Los estereotipos que los representan ligados a la usura y al capitalismo financiero fueron reproducidos con constancia.

En las memorias aparece el antisionismo como fachada del antisemitismo, pero no tiene la misma fuerza que en los '60, mientras que el argumento de la "doble lealtad" no se hizo presente. Al igual que en sus años de militancia, los nacionalistas recurren hoy en día al pretexto de la violación de la soberanía nacional como manto que cubre al ejercicio de la violencia y al antisemitismo, que fue esgrimido también por la prensa de la intelectualidad nacionalista nucleada alrededor de *Azul y Blanco*. Este contrapunto constituye una continuidad entre los años en que sucedieron los hechos y la actualidad, y se coloca como estrategia discursiva predominante a la hora de abordar el caso Eichmann. Asimismo, sale nuevamente a la superficie la cobertura del antisionismo con el fin de contrarrestar el rasgo antisemita de Tacuara.

Finalmente, en las memorias elaboradas en años recientes, de modo similar, el antisemitismo aparece difuminado, silenciado. En general, se elude el rechazo hacia las personas judías y el accionar violento del nacionalismo. Los silencios registrados en los relatos se relacionan con numerosos factores. En ocasiones, los exmilitantes realizan denodados esfuerzos para reivindicar sus militancias y sus pasados personales. En el caso de los testimonios de Historia Oral, es necesario considerar las particularidades de cada entrevista y la complejidad de las temáticas abordadas, en un contexto en el cual las acciones sobre las que son interrogados no son vistas con buenos ojos.

5. Referencias bibliográficas

ALBORNOZ, C. 'Combatir al comunismo sin hacerle el juego'. Una aproximación a las memorias de militantes del Movimiento Nacionalista

Tacuara. **Revista Historia Autónoma**, n. 18, p. 129–48.
<https://doi.org/10.15366/rha2021.18.007>.

ALBORNOZ, C. Nacionalsindicalismo, corporativismo e hispanidad. Las apropiaciones de la Falange Española por parte de Tacuara (1957-1973). **Quinto Sol**, v. 27, n. 1, p. 1–22, 2023. <https://doi.org/10.19137/qs.v27i1.6387>.

AVRUJ, C. **Compromiso permanente en la defensa de la dignidad judía**. Buenos Aires: DAIA-Delegación de Asociaciones Israelitas Argentinas, 2005.

ANGENOT, M. **El discurso social: los límites históricos de lo pensable y lo decible**. Tradução: Hilda García. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

BARDINI, R. **Tacuara: la pólvora y la sangre**. México D.F.: Océano, 2002.

BESOKY, J. L. Los muchachos peronistas antijudíos. A propósito del antisemitismo en el movimiento peronista. **Trabajos y comunicaciones**, n. 47, p. e057, 2018. <https://doi.org/10.24215/23468971e057>.

BOHOSLAVSKY, E. Contra la Patagonia judía. La familia Eichmann y los nacionalistas argentinos y chilenos frente al plan Andinia (de 1960 a nuestros días). **Cuadernos Judaicos**, n. 25, p. 223–247, 2008. <https://doi.org/10.5354/cj.v0i25.2563.1>

BUCHRUCKER, C. **Nacionalismo y peronismo: la Argentina en la crisis ideológica mundial (1927-1955)**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1987.

CAMPOS, E. Antisemitismo, racismo y tercermundismo en Tacuara y sus agrupaciones derivadas (1959-1965). **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani**, n. 56, p. 57–79, 2022. <https://doi.org/10.34096/bol.rav.n56.10879>.

GALVÁN, M. V. **El Movimiento Nacionalista Tacuara y sus agrupaciones derivadas: una aproximación desde la historia cultural**. Tesis de maestría—Buenos Aires: Universidad Nacional de San Martín, 2008.

GALVÁN, M. V. **El nacionalismo de derecha en la Argentina posperonista. El semanario Azul y Blanco (1959-1969)**. Rosario: Prohistoria, 2013.

GUTMAN, D. **Tacuara. Historia de la primera guerrilla urbana argentina**. Buenos Aires: Vergara Grupo Zeta, 2003.

LÓPEZ DE LA TORRE, C. F. **La violencia del Movimiento Nacionalista Tacuara contra la comunidad judía en Argentina (1955-1965)**. Tesis de maestría—México D.F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.

LVOVICH, D. **Nacionalismo y antisemitismo en la Argentina**. Buenos Aires: Javier Vergara, 2003.

LVOVICH, D. **El nacionalismo de derecha: desde sus orígenes a Tacuara**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2006.

ORLANDINI, J. E. **Tacuara. Hasta que la muerte nos separe de la lucha: historia del Movimiento Nacionalista Tacuara, 1957-1972**. Buenos Aires: Centro Editor Argentino, 2008.

PADRÓN, J. M. **“¡Ni yanquis, ni marxistas! Nacionalistas”: nacionalismo, militancia y violencia política: el caso del Movimiento Nacionalista Tacuara en la Argentina, 1955-1966**. La Plata: Universidad Nacional de La Plata; Universidad Nacional de Misiones; Universidad Nacional de General Sarmiento, 2017.

PORTELLI, A. **Storie orali: racconto, immaginazione, dialogo**. Roma: Donzelli, 2007.

REIN, R. **Argentina, Israel y los judíos: encuentros y desencuentros, mitos y realidades**. Buenos Aires: Lumière, 2001.

ROCK, D. **La Argentina autoritaria: los nacionalistas, su historia y su influencia en la vida pública**. Buenos Aires: Ariel, 1993.

SENKMAN, L. **El antisemitismo en la Argentina**. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1986. v. 2.

STANGNETH, B. **Adolf Eichmann: historia de un asesino de masas.** Buenos Aires: Edhasa, 2014.

TRAVERSO, E. **La historia como campo de batalla: interpretar las violencias del siglo XX.** Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2012.

A NOVA DIREITA E OS LIVROS: AUTORES, EDITORAS E BEST SELLERS DE DIREITA NO BRASIL E NA ARGENTINA

LAS NUEVAS DERECHAS Y LOS LIBROS: AUTORES, EDITORIALES Y BEST SELLERS DE DERECHA EN BRASIL Y ARGENTINA

THE NEW RIGHT AND THEIR BOOKS: RIGHT-WING AUTHORS, PUBLISHERS, AND BEST SELLERS IN BRAZIL AND ARGENTINA

Thiago Augusto C. Pereira¹ 
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Ezequiel Saferstein² 
Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas, Argentina

Resumo: Nos últimos anos, a direita voltou a ganhar relevância no campo político da América Latina. O envolvimento dos jovens e o fenômeno das redes sociais para a articulação de agentes, subjetividades e práticas de direita têm sido alguns dos temas mais abordados em estudos recentes. Neste artigo, vamos nos concentrar na produção editorial de livros dos autodenominados novos direitistas no Brasil e na Argentina, que geraram um segmento prolífico e lucrativo em termos editoriais, além de ressonante em termos culturais e políticos. Entendidos como produtos culturais, comerciais e ideológicos, os livros desempenham um papel importante na consolidação de uma estrutura discursiva associada à "nova direita" na Argentina e no Brasil. Além disso, eles ilustram como os mercados editoriais são responsáveis por uma renovação dos referentes ideológicos incorporados por esses autores. Ao analisar a trajetória editorial e discursiva de três autores brasileiros e três argentinos enquadrados na nova direita, este artigo explora a relevância política, comercial e cultural de um tipo de produção historicamente consagrado em um cenário de transformações culturais e políticas.

¹ Doutorando pelo programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL da Universidade Federal de São Carlos. Mestre em Estudos Latino-americanos pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos – IELA, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. E-mail: augustopereira.eu@hotmail.com

² Pesquisador Assistente no Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET). Doutor em Ciencias Sociales pela Universidade de Buenos Aires. Mestre em Sociologia da Cultura e Análise Cultural pela Universidad Nacional de San Martín. E-mail: esafenstein@gmail.com

Palavras-chave: Nova direita; Edição e política; Intelectuais; Circulação massiva; Editoras e política;

Resumen: En los últimos años, las derechas han vuelto a adquirir relevancia en el campo político en América Latina. El involucramiento de los jóvenes y el fenómeno de las redes sociales para la articulación de agentes, subjetividades y prácticas derechistas han sido algunos de los temas más abordados en los estudios recientes. En este trabajo nos enfocaremos en la producción editorial de libros de las autodenominadas nuevas derechas en Brasil y en Argentina, que generaron un segmento prolífico y redituable en términos editoriales así como resonante en términos culturales y políticos. Entendidos como productos culturales, comerciales e ideológicos, los libros juegan un papel importante en la consolidación de un marco discursivo asociado a la "nueva derecha" en Argentina y Brasil. Además, ilustran cómo los mercados editoriales dan cuenta de una renovación de los referentes ideológicos que encarnan estos autores. A partir del análisis del derrotero editorial y discursivo de tres autores brasileños y tres argentinos enmarcados en las nuevas derechas, en este trabajo exploraremos la relevancia política, comercial y cultural de un tipo de producción históricamente consagrada en un escenario de transformaciones culturales y políticas.

Palabras-clave: Nuevas derechas; Edición y política; Intelectuales; Circulación masiva; Editoriales y política;

Abstract: In recent years, the right-wing movement has regained relevance in the political field in Latin America. The involvement of young people and the phenomenon of social networks for the articulation of right-wing agents, subjectivities, and practices have been some of the most addressed themes in recent studies. In this article, we will focus on the book publishing production of the self-denominated new rightists in Brazil and Argentina, who have generated a prolific and profitable segment in publishing terms, and with cultural and political resonance. Understandable as cultural, commercial, and ideological products, the books play an important role in consolidating a discursive structure associated with the "new right" in Argentina and Brazil. Moreover, they illustrate how publishing markets are responsible for a renewal of the ideological references incorporated by these authors. By analyzing the editorial and discursive trajectory of three Brazilian and three Argentinian authors framed in the new right, this article explores the political, commercial, and cultural relevance of a historically consecrated type of production in a scenario of cultural and political transformations.

Abstract: New right; Publishing and politics; Intellectuals; Mass circulation; Publishing houses.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.211731](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.211731)

Recebido em: 08/05/2023

Aprovado em: 29/08/2024

Publicado em: 31/08/2024

1. Introdução

Em anos recentes, as direitas adquiriram não só uma relevância fundamental no campo político na América Latina e região global, mas também a atenção do mundo acadêmico e cultural. O envolvimento dos jovens, o fenômeno das redes de contato de direita e o uso de redes sociais para a articulação de agentes, subjetividades e práticas de direita têm sido alguns dos temas mais bem caracterizados no estudo desse fenômeno (CAMEZZANA; CAPASSO, 2023; FORTI, 2021; SANAHUJA; STEFANONI, 2023; STEFANONI, 2021; VÁZQUEZ, 2023), assim como sua caracterização em termos de história política (BOHOSLAVSKY; ECHEVERRÍA; VICENTE, 2021). Por outro lado, a publicação de livros de direita, salvo algumas exceções (CURCINO; PEREIRA, 2022; GOLDENTUL; SAFERSTEIN, 2021; NÓBREGA, 2018; SAFERSTEIN; GOLDENTUL, 2022; SOLER; GIORDANO, 2015), carece ainda de atenção.

É certo que editoras e editores de livros encontraram na Argentina e no Brasil, um mercado fértil para a proliferação de produtos culturais que oferecem subsídios para os embates políticos mais característicos de nosso tempo, promovendo autores, tópicos e títulos associados ao campo das direitas. Cientes das particularidades de cada país, consideramos a atuação de autores – experientes e estreantes – cujo traço distintivo é a afirmação de um posicionamento político "anti-esquerda", autoproclamado de "direita", atualizando as fronteiras do que entendemos por "político" e "política" em nosso tempo.

Ao levarmos em conta a pluralidade de vozes e agendas que se aglutinam sob as bandeiras de uma "nova direita" na Argentina e no Brasil, mais e mais se torna claro que a apreensão de seus pontos de contato resultaria insuficiente se não levássemos em conta também o rechaço que desde ali se empreende em relação a certos marcos civilizatórios ocidentais, tipicamente modernos, indexados sob os rótulos de

"globalismo", "progresismo", "ideología de género", etc. Soma-se a isso a certeza que nutrem de que a sua consolidação resultaria da intervenção, muitas vezes conspiratória, de seus opositores políticos, quase sempre meritórios do rótulo "de esquerda", ainda que a definição de "esquerda" receba, por vezes, coordenadas distintas das encontradas nos cânones das Ciências Sociais e Políticas³.

Ao considerarmos as condições materiais que viabilizam essa peculiar pregnância – cuja máxima expressão é a agora popular noção de "batalha" ou "guerra" cultural –, vemos que o papel desempenhado pelos livros, autores e editoras no processo de consolidação de sua histórica "coerência" não pode ser minorizado. Se na esteira dessa popularização, vimos nascer uma fértil literatura crítica (DIEGUEZ, 2022; MARTINS FILHO; MARQUES, 2021; MORRESI *et al.*, 2021; ROCHA, 2021) à nos fornecer subsídios para uma mais acurada compreensão de "como", "quando" e "porquê" conservadores, liberais, libertários, nacionalistas, cristãos fundamentalistas, militares, militantes radicais de direita e uma multidão de descontentes passariam a constituir uma espécie de "novo" no horizonte político contemporâneo, a apreensão dessa repaginação das direitas ao redor do globo, e a posta em cena de uma "nova direita" no Brasil e na Argentina, de um modo mais específico, passa também pelo exame de sua presença editorial.

Considerando o papel de destaque atribuído aos livros na difusão de idéias, valores e estratégias de natureza política (BOURDIEU, 2015; CHARTIER, 2009; MIDORI DEAECTO; MOLLIER, 2013), tomamos por objeto a recente produção livresca associada às chamadas "novas direitas" argentina e brasileira, considerando o percurso editorial de expoentes

³ Segundo tradicionais dicionários políticos (Oxford; Bloomsbury, etc.), o termo "Esquerda(s)" abarca "ideias favoráveis à mudança e ao avanço dos interesses da classe trabalhadora e dos pobres" (COLIN, P. H., 2004 – *tradução nossa*), e "ideias, movimentos e partidos de caráter radical ou progressista, frequentemente associados ao socialismo" (KERR, A. (org), 2015 – *tradução nossa*). Entretanto, se "o que conta como 'Esquerda' varia em relação ao tempo e ao lugar, [e.g.] noções clássicas de economia Liberal [...]" (Idem – *tradução nossa*), expoentes pensadores das "Novas Direitas" Arg. e Br. tendem a extrapolar essa mais natural movimentação, posicionando as "Esquerdas" em coordenadas menos precisas. Nesse sentido, o *direito ao aborto*, a *padronização do ensino universitário*, o *nazismo* e até mesmo a *segunda guerra mundial* (LOCUS, 2019) já foram, em uma ocasião ou outra, relegados à ela.

autores de livros que a fazem tipificar em ambos contextos. Da Argentina, portanto, consideramos o estreante Álvaro Zicarelli (2022), Javier Milei (2022) e Agustín Laje (2022). Do contexto brasileiro, por outro lado, Bruno Garschagen (2015), Thomas Giulliano (2017) e a agora deputada estadual por Santa Catarina, Ana Caroline Campagnolo (2019).

Em seu conjunto, estes autores despontaram nos últimos anos como referentes intelectuais das chamadas "novas direitas" em função de sua presença nas redes sociais. Assim como no universo livresco, que, por suas características e modos de apresentação, os constroem como autores consagrados, ou em vias de sê-lo, nos espaços de sociabilidade respectivos à esta cultura política. Da mesma forma, o espaço que essas "direitas" ocupam na proposição, reprodução e ampliação de temas, a partir de uma posição inconformista e "antissistema", os coloca em uma posição de influência. (VOMMARO; KESSLER; PALLADINO, 2022). Entendidos como produtos culturais – e, sobretudo, comerciais – claramente ideológicos, no sentido de se posicionarem no mapa político a partir de um lugar definido, não neutro.

Dotados de valor simbólico (BOURDIEU, 2009) e feitos a várias mãos (CHARTIER, 2014), os livros produzidos por esses autores desempenham um papel importante na consolidação de um arcabouço discursivo associado a uma "nova direita" na Argentina e no Brasil. Além disso, essa consolidação evidencia também alguns dos modos como essa produção demandou alternativas dos setores editoriais argentino e brasileiro, viabilizando assim uma certa renovação nos cenários livrescos de cada país – anunciando novos "players", consolidando uma relação menos distanciada entre leitores, autores e livros, *etc.*

Neste sentido, nosso trabalho se estrutura a partir de uma estratégia metodológica que combina elementos de Análise do Discurso (FOUCAULT, 1996) com aportes da sociologia da edição e da produção simbólica (BOURDIEU, 2009), com o objetivo de analisar essas produções editoriais a

partir de seu espaço de produção editorial e de seu espaço de discussão ideológica e política inerente. Para isso, levamos em conta os tópicos e argumentos, bem como dimensões externas ao texto que acusam os modos específicos de sua materialização: as trajetórias de seus autores, as editoras que os publicam, a apresentação social do livro, aspectos de sua circulação⁴, etc.

2. Intelectuais de direita, livros, editores e editoras

As maneiras de se intervir no debate público passaram por profundas reconfigurações nas últimas décadas. Os espaços historicamente privilegiados de produção de visões de mundo, valores e ideologias encontram-se em constante transformação, atravessados por lógicas econômicas, políticas e culturais heterodoxas à condicionar a intervenção daqueles que os moldam (BOLTANSKI; CHIAPELLO, 2010; EYAL; BUCHHOLZ, 2010; RUBINICH, 2011). Os autores de livros da chamada "nova direita" fazem parte desse cenário de transformações nas formas de intervenção no espaço público. São autores que recuperam parcialmente aspectos do papel desempenhado pelo intelectual público do século XX – a realização de atos públicos, a ação coletiva, a argumentação moral –, ainda que o caminho de seu reconhecimento se dê em maior medida em função de sua visibilidade midiática, editorial e virtual, e não por sua inserção em espaços mais clássicos como a academia ou o cenário das revistas culturais latino-americanas. Mesmo assim, eles se posicionam como referentes,

⁴ Tanto na Argentina quanto no Brasil, os dados sobre vendas de livros não são públicos. Para obter alguns desses dados, recorreremos a diferentes estratégias: consulta a editoras e editores, levantamento de fontes jornalísticas, consulta às redes sociais e páginas profissionais dos autores e análise de rankings publicados por cadeias de livrarias como Cúspide e El Ateneo, no caso da Argentina, e Amazon, no caso do Brasil, além de sites do setor editorial, como o PublishNews. Nesse sentido, em alguns casos, foi possível obter dados sobre exemplares vendidos, enquanto em outros casos, foi possível conhecer o desempenho do livro no mercado mesmo sem saber seu número específico de vendas. É importante acrescentar que a circulação desses livros não se limita ao mercado de livros em formato físico ou digital em livrarias tradicionais ou on-line. São livros de circulação em massa que também circulam e são trocados – como os livros de Agustín Laje, por exemplo – em edições piratas (físicas ou digitais).

influenciadores digitais ou formadores de opinião que ocupam e cumprem uma função intelectual.

Dessa forma, a chamada "batalha cultural e política" da nova direita se expressa em diferentes esferas que não são apenas partidárias. Além da mídia, das redes sociais e dos espaços físicos onde estes oferecem palestras, o mundo editorial se tornou um dos espaços preferidos para a circulação de sentidos pela "direita". Historicamente, os livros foram sempre moldados como objetos culturais dotados de autoridade e prestígio social, que são também compartilhados por seus autores e editores, reforçando sua relevância na vida pública (DARNTON, 2021; ESCALANTE GONZALBO, 2007). Na esfera editorial, escritores, editores e outros agentes trabalham para garantir que um nome ou uma figura se associe a uma obra. A maneira como esse produto circula, se espalha e é lido depende em grande parte de como esse autor é fabricado (CHARTIER; CAVALLO, 1997; TARCUS, 2013).

Historicamente, o setor editorial tem feito a mediação entre a produção intelectual, a intervenção cultural e política e um mercado de leitores menos ou mais especializados, mas que são influenciados pela cultura dos livros e das ideias. No mercado editorial contemporâneo, composto por um setor concentrado e integrado por múltiplos atores e segmentos, os vínculos históricos entre edição e política tornam-se menos diretos (MIDORI DEAECTO; MOLLIER, 2013; SAFERSTEIN, 2020), mas não menos eficazes e relevantes. Na atualidade as editoras que publicam livros de ou sobre política não são apenas aquelas que fazem parte de empreendimentos políticos militantes ou partidários, que tendem a participar dos contornos da política. Vários dos autores que selecionamos foram publicados por editoras comerciais, empresas que vendem livros para segmentos mais amplos. A multiplicidade de gêneros, temas e a ampla paleta de públicos-alvo é um reflexo disso.

No caso das grandes editoras de capital transnacional (no caso da Argentina) e também de capital nacional (no caso do Brasil) que controlam o setor desde o final da década de 1990, os que ocupam a gestão editorial são agentes centrais nas etapas de produção, circulação e desempenho comercial dos livros (MUNIZ JR., 2016; SZPILBARG, 2019). A mediação editorial sustenta a tarefa autoral de várias maneiras. Não apenas na lida com o texto e a promoção de sua capacidade de disseminação para públicos amplos, mas também na construção do autor em sua apresentação pública, apresentando-o como um referencial. A construção dos paratextos, o design de uma capa atraente, bem como as recomendações de outros autores nas abas e contra capas também são aspectos que compõem a mediação por parte da editora e são aspectos fundamentais para a compreensão da circulação pois funcionam como instâncias de legitimação e antecipação do livro: apontam o que será destacado e propõem linhas de leitura.

Esses aspectos são importantes para entender uma faceta da "nova direita" atual: seus referentes intelectuais e ideológicos. Nos últimos anos, os mercados editoriais argentino e brasileiro têm se destacado pela produção de livros de circulação em massa que abordam a situação política a partir de uma perspectiva crítica dos governos no poder (CURCINO; PEREIRA, 2022; NÓBREGA, 2018, 2021; SAFERSTEIN, 2021). A polarização política que caracteriza os países sul-americanos (GOLDSTEIN, 2022; MORRESI *et al.*, 2021; VOMMARO, 2016) tem tido seu correlato não apenas nas redes sociais e na virtualidade, mas também no mercado de livros de produção e circulação massiva, assinados por autores que se anunciam nesses espaços como produtores privilegiados de visões de mundo. Esses autores intervêm fortemente nas redes, geram massividade e visibilidade e retroalimentam sinergicamente sua intervenção por meio de mecanismos e instâncias mais tradicionais, a exemplo dos livros que consideramos aqui, que alcançam ressonância para além do que se entende como mercado editorial nesses países.

Oferecem-se, portanto, como suportes no exercício do posicionamento entre colegas e leitores, sendo balizados por meios e redes sociais, que produzem identificação por parte dos leitores, destacando assim seus autores como vozes autorizadas para opinar sobre a política. Por essa razão, uma análise desses textos não deve preterir de uma análise da materialidade, das trajetórias dos autores, dos vínculos entre eles, do papel das editoras que os propõem e publicam em um espaço competitivo, atravessado pelas relações políticas, pela lógica econômica, etc. De modo que uma visão ampliada dos vínculos entre os universos da publicação e o da política, já pelos modos como as intervenções públicas circulam e têm efeito em nosso tempo, faz-se incontornável no processo de apreensão desse objeto. Dessa maneira, desejamos obter uma visão ampliada dos vínculos entre os universos da publicação e o da política, já pelos modos como as intervenções públicas circulam e têm efeito em nosso tempo.

3. Coordenadas editoriais da "nova direita" no Brasil e na Argentina

O universo editorial dessa "nova direita" no Brasil e Argentina é composto por escritores, editoras, leitores, comentaristas, etc., de diferentes idades, formações e interesses. Se é verdade que os nomes mais prontamente reconhecidos desse segmento – a exemplo de Olavo de Carvalho – ostentam uma órbita própria, suficiente para influenciar as trajetórias de outros, é verdade também que eles dificilmente dariam conta das demandas que inspiram se atuassem nesse universo sozinhos. Em nossa apresentação, consideramos a presença editorial de três ascendentes representantes desse segmento político e editorial no Brasil – Bruno Garschagen, Thomas Giulliano e Ana Caroline Campagnolo – e na Argentina – Agustín Laje, Javier Milei e Álvaro Zicarelli.

Figura 1 - Livros analisados

					
Pare de acreditar no governo (Bruno Garschagen) Record, 2015	Desconstruindo Paulo Freire (Thomas Giulliano) História Expressa, 2017	Feminismo: perversão e subversão (Ana Carolina Campagnolo) Vide, 2019	A batalha cultural: reflexiones... (Agustín Laje) Harper Collins/Hojas del Sur, 2022	El camino del libertario (Javier Milei) Planeta, 2022	Como derrotar al neoprogresismo (Álvaro Zicarelli) Sudamericana/Penguin R. House 2022

Fonte: compilação dos autores⁵

Nomes que, desde meados da década de 2010, lograram pautar ou alimentar debates em escala regional e nacional, tornando-se referência entre seus pares e destaques nos segmentos editoriais nos quais figuram – logrando, em alguns casos, figurar até nas listas nacionais de mais vendidos. Em seu coletivo, esses livros ilustram o desenvolvimento de um segmento editorial associado à uma "nova direita" em ambos países. Tomados em suas especificidades, consideramos a trajetória editorial desses autores e os aspectos importantes da constituição desses livros, destacando seu lugar e relevância junto aos contextos brasileiro e argentino, assim como aspectos de relevo de seu conteúdo discursivo constitutivo.

Os autores do Brasil: Bruno Garschagen, Thomas Giulliano e Ana Caroline Campagnolo

A trajetória editorial de Bruno Garschagen parte de esforços de tradução e de um vínculo com o Instituto Ludwig Von Mises Brasil (criado em 2007)⁶. Em 2011, co-traduz⁷ o *best seller* estadunidense *O Fim do FED: Por que acabar com o Banco Central* (2009), do congressista estadunidense, Ron Paul, pela É Realizações, selo que se tornou uma referência junto a "nova direita" brasileira em função da adoção em anos

⁵ Montagem a partir de imagens e dados coletados de sites das livrarias Cúspide e Amazon.

⁶ Versão brasileira do *von Mises internacional*, possui frentes editoriais e educacionais. Trata-se de um *think tank* cuja missão institucional é fomentar "[a] difusão de estudos [...] que promovam os princípios de livre mercado e de uma sociedade livre [...]" (MISES BRASIL, [s.d.]).

⁷ Tradução empreendida em colaboração com a palestrante Mônica Magalhães.

recentes de bem sucedidas estratégias editoriais, somando à tradução de autores *best sellers* internacionais – a ex. de Theodore Dalrymple e Roger Scruton – a leitura de figuras importantes do debate político nacional – à ex. de Reinaldo Azevedo e Luiz Felipe Pondé.

Ainda pela Von Mises Brasil, Gargaschen (2013) traduziu *A Theory of Socialism and Capitalism* (1988), de Hans-Hermann Hoppe, consolidando uma aproximação, em termos editoriais, à produção intelectual de expoentes pensadores do movimento conservador internacional. Somada à sua militância junto ao Mises Brasil, essa atuação editorial primeira permitiu que Garschagen muito rapidamente se estabelecesse como um importante comentador desta tradição no país. Seu debut autoral, publicado em 2015, pela gigante Record, que em função de uma guinada em termos editoriais passa a se apresentar também como grande vitrine de ideias e valores associados à essa nova direita brasileira (SILVA, L. N. DA, 2018), consolida-se como um relativo sucesso de vendas em um tempo marcado por crises institucionais e fortes transformações socioculturais.

Em seu prefácio, assinado por João Pereira Coutinho⁸, a afirmação de que os problemas perpetrados pelo Estado "[...] vão do empobrecimento [...] à corrupção endêmica [...]" (COUTINHO in GARSCHAGEN, 2015), anuncia o teor das críticas encampadas no livro. É que, para Garschagen, a "síntese explicativa" (OLIVEIRA, 2020) que melhor denuncia as interpretações da realidade histórica brasileira tidas como errôneas ou deturpadas, é a ideia de que o nosso vale de lágrimas⁹ atribui-se a uma "[...] maneira excêntrica de pensar a política e de se relacionar com as instituições públicas no Brasil [...]" (GARSCHAGEN, 2015), dado que a dependência que de fato importa seria a do povo em relação ao Estado.

Uma ideia que se explicita também em sua capa, a partir de uma diagramação consciente, em que, mesclando seu título a um esboço do Palácio do Planalto, sugere, ao mesmo tempo, o inchaço da coisa pública e

⁸ João Pereira Coutinho é um escritor português, que subscreve aos princípios econômicos da chamada escola austríaca e à militância conservadora.

⁹ Usamos a expressão "vale de lágrimas", originária do catolicismo, como paráfrase da condição de subdesenvolvimento, e, portanto, em referência ao uso desta empreendido por Álvaro Vieira Pinto (2008).

a imaterialidade dos sonhos. Para além dessa estratégia, é notório o esforço de se caracterizar a dependência anunciada como um vício que se pode traçar de volta ao campo da "Esquerda"¹⁰, esta que, por sua vez, parece ali se expandir para além de seus domínios convencionais, englobando todo o equívoco¹¹ – potencial ou efetivo – característico da chamada sexta república brasileira¹².

Como desdobramento desta primeira crítica, o segundo livro do autor, datado de 2018, chegaria às livrarias com a missão de "[...] esclarecer a origem da nossa peculiar relação com o governo, e a nossa situação atual [...]" (GARSCHAGEN, 2018), uma vez mais resumindo os nossos males de origem¹³ a uma outra síntese explicativa motriz: a ideia de um desnível, urgente, na relação entre *deveres* e *privilégios* no país.

À crítica de '15, portanto, se acrescenta, em '18, uma denúncia central: cresce o número de privilegiados no Brasil¹⁴, grupo este "[...] mais amplo do que costumamos pensar [...] [de] pessoas que são beneficiadas em razão de singularidades econômicas, físicas, sexuais, etárias." (idem). A noção de um rechaço a *obrigações* e *deveres* – civis, éticos, morais, religiosos, etc. – tem ali, pelas razões pelas quais nos familiarizamos anteriormente, a própria ideia de "Esquerda" por paráfrase. Uma perspectiva que reaparece, sob distintas formas e por distintos argumentos, em outras publicações importantes associadas a essa "nova direita" no país, a exemplo do *debut* em editoras comerciais do historiador brasileiro Thomas Giulliano¹⁵.

Nesse sentido, se a leitura dos artigos que produziu em âmbito estudantil nos revela o apreço por grandes nomes do cânone literário nacional¹⁶, a leitura de seu livro de estréia (2017), ao tomar por objeto a obra

¹⁰ Noção que se apresenta no livro de '15 ainda muito associada ao anti-petismo e à figura de Lula, "[...] ele próprio [...] o exemplo: trabalhou apenas nove anos [...]" (GARSCHAGEN, 2015).

¹¹ O argumento prevê que políticos entendidos como de "Esquerda", a ex. dos ex-presidentes José Sarney (PMDB) e FHC (PSDB), ao promoverem "acertos" em seus governos – e.g. privatizações promovidas por FHC (GARSCHAGEN, 2015) –, o fazem apenas como um desvio em relação a uma governante índole universal, de caráter socialista, que seria, ela própria, *fonte* de todo equívoco possível. Nesse sentido, o Partido dos Trabalhadores (PT) é caracterizado como um epítome desse processo.

¹² Período da história política brasileira que compreende o intervalo entre 1985 até o presente.

¹³ A expressão faz referência a um importante estudo de Manoel Bomfim (BONFIM, 2005).

¹⁴ Grupo que teria em sua composição "[...] de advogados a estudantes, de abortistas a trabalhadores com carteira assinada, de sindicalistas a criminosos, de empresários a LGBTTIs [...]" (GARSCHAGEN, 2018).

¹⁵ *Desconstruindo Paulo Freire* (2017).

¹⁶ À exemplo de João Guimarães Rosa, Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis.

de um escritor brasileiro de presença editorial equivalente no mundo, revela o avesso de um apreço. Para Giulliano, a necessidade de resgatar as humanidades – pressuposição defendida no livro¹⁷ –, passaria pela desconstrução do legado freireano, ideia que se reitera na organização dos elementos de sua capa, onde o título do livro aparece, estático, em meio a cacos de vidro em movimento. Para trazer a cabo este *estilhaço*, a associação de Freire ao marxismo, e a subsequente caracterização deste como frente opositora ao empreendimento cristão, faz-se primordial. Pela caneta de Giulliano, Freire precisa ser desconstruído porque, "[...] além de ignorar os valores universais, escolheu defender causas que vilipendiam a dignidade humana" (Idem).

A questão da filiação do pensamento de Freire a Marx habilitaria, portanto, a representação de ambos como *concorrentes* em relação a um empreendimento cristão universal¹⁸, uma vez que, para Giulliano, a necessidade de explicitar a incompatibilidade desses em relação ao cristianismo se deve ao fato da mesma haver sido dissimulada ao longo dos anos. Uma ideia reiterada em um discurso proferido por ele, à convite da Câmara dos Deputados do Brasil (2017), a propósito do projeto Escola Sem Partido¹⁹, quando, ao resgatar um comentário elogioso de Freire à Guevara (FREIRE, 1970) – que reconhecia nesse segundo um exemplo de boa performance comunicativa em relação ao mais pobres –, destacou: "[...] não se enganem. [Freire] não está falando de Jesus Cristo, [nem] de nenhum profeta. Ele está falando de Che Guevara." (BRASIL, 2017).

Portanto, se no processo de *terraplenagem* de Freire, Giulliano escolhe brindar-nos com uma [re]definição de conceitos associados à tradição marxista – e.g. *leninismo*, *trotskismo*, *luta de classes*, etc. –, não é sem razão que esse esforço se ampare na leitura de pensadores não

¹⁷ Considere: "[...] a maneira real de resgatar as humanidades é [submetê-las] à crítica radical, [e transformar] o cânone em uma imensa terra plana, sem as suas diferentes elevações naturais [...]" (GIULLIANO, 2017).

¹⁸ Considere: "[...] as similaridades entre eles nascem de um mesmo princípio ontológico: foram interpretados como profetas." (GIULLIANO, 2017).

¹⁹ Controvertido projeto de lei que estabelecia deveres e proibições ao ambiente escolar brasileiro (cf. https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1707037). e pro comentário elogioso de Freire à Guevara (FREIRE, 1970), reconhecendo no segundo um exemplo de boa comunicação em relação aos mais pobres, Giulliano adverte: "[...] não se enganem. [Freire] não está falando de Jesus Cristo, [nem] de nenhum profeta. Ele está falando de Che Guevara." (BRASIL, 2017).

marxistas, muitas vezes católicos, sempre críticos ao legado de ambos²⁰. De um modo geral, a necessidade de revisitar conceitos da tradição progressista legando-lhes interpretações alternativas, não parece ser incomum nesse segmento. Nesse sentido, se o ano em que Giulliano publicaria o desdobramento de seu *debut*²¹, 2019, ficaria marcado tanto pela chegada de Jair Bolsonaro ao Palácio da Alvorada quanto pelo subsequente empossamento do que, à época, se chamou de "o Congresso mais conservador dos últimos quarenta anos" (QUEIROZ, 2018), em termos editoriais, ele também seria lembrado pela publicação do livro de estréia²² de uma recém empossada deputada estadual (SC), a professora Ana Caroline Campagnolo.

Publicado pela pela Vide Editorial – "[...] [nascida] com o propósito claro de entrar na guerra cultural, explicitamente do lado “direito” do combate [...]" (ESCORSIM, 2018) –, seu lançamento simbolizou um ponto de inflexão na então conturbada trajetória de uma autora, que, vinculada ao projeto Escola Sem Partido, já ostentava naquela altura um notório portfólio de controvérsias²³. Nesse sentido, se em '18, o caráter espetaculoso de sua militância, somado à proximidade com o então colega de partido, Jair Bolsonaro, fizeram de Campagnolo dep. estadual com 34 mil votos (G1, 2018), o sucesso de sua primeira experiência editorial (2019), somada ao exercício de um mandato acompanhado de perto pelas redes sociais, renderam-lhe em '22 o título de "deputada estadual mais votada da história de Santa Catarina" (ANA CAMPAGNOLO, 2022) com 196 mil votos.

Chamado, à época, de "[...] a primeira publicação brasileira com pretensões tão diretamente contrárias ao feminismo [...]" (CAMPAGNOLO,

²⁰ Os autores responsáveis pelos demais capítulos da obra reforçam essa perspectiva bibliográfica conservadora e/ou cristã. Clístenes Fernandes, medievalista e membro do Instituto Hugo de São Vitor (*Think Tank* de inspiração católica, que coordena o empreendimento educacional *Schola Classica*) assina o 2º capítulo. O professor de filosofia, Rafael Nogueira, colunista e escritor – que ocuparia mais tarde a cadeira de presidente da Biblioteca Nacional no governo de Jair Bolsonaro (2019-2022) –, assina o 3º. O 4º fica por conta do cientista social e doutor pela UnB, Roque Callage Neto, que o critica sem ecoar as premissas dos colegas. O 5º é assinado pelo influente cronista político, Percival Puggina, pioneiro na defesa dos valores, ideais e estratégias que viriam a ser associadas a essa "nova direita" brasileira. O 6º (e último), é assinado pelo padre e medievalista, PhD em filosofia (PUC-RS), Cléber E. dos Santos Dias.

²¹ Desconstruindo ainda mais Paulo Freire (2019).

²² *Feminismo: perversão e subversão* (2019).

²³ Dentre as polêmicas protagonizadas por ela, destacamos aquela inspirada pelo então colega de partido, e então deputado federal Jair Bolsonaro: a criação de um "[...] canal informal de denúncia para alunos enviarem vídeos de professores com manifestações “político-partidárias” [...]" (G1, 2018).

2019), o *debut* de Campagnolo lograria, por fim, consolidá-la como uma das mais relevantes vozes dessa "nova direita" no Brasil. "[...] Vasculhando os livros das próprias feministas [...]" (CAMPAGNOLO, 2019), a autora conclui que essa biblioteca esconderia a verdadeira natureza do movimento, a saber, o papel central atribuído a um suposto "[...] teste de iniciação [...]" (idem), ou objetivo final, já que "[...] as feministas não costumam maquiar a natureza de seu movimento em seus próprios livros [...]" (idem). Tomado como um empreendimento de natureza conspiratória, o Feminismo revelaria ter "[...] mais a ver com engenharia social e subversão cultural do que com o reconhecimento dos direitos civis femininos [...]" (idem), configurando-se, mais que nada, como dissimulação.

A conclusão de que "[...] o que toda feminista tem em comum é o compromisso com a revolução sexual [...]" (idem) se apresenta como "síntese explicativa" (OLIVEIRA, 2020) sendo reiterada em sua capa, onde a aparência delicada e conservadora da escrita de seu título se contrasta à macabra descrição da cabeça decepada de João Batista, trazida por Salomé em uma bandeja de prata. A alusão ao crime desencadeado pela sensualidade de Salomé não é, portanto, accidental. O argumento de que "[...] todas as outras pautas e direitos [defendidos pelo Feminismo] podem ser usados ou descartados à medida que catalisem ou não a revolução [sexual] [...]" (idem) reitera essa associação.

Não é de se estranhar, portanto, que a desqualificação do movimento Feminista passa ali também pela caracterização deste como um empreendimento, em última instância, *anti* ou *contra* cristão. Pois, se para Campagnolo "[...] no lugar do cristianismo, as feministas propõem um estilo de vida irresponsável e nocivamente promíscuo sob a falsa propaganda da liberdade [...]" (idem), o combate ao Feminismo pressuporia também um rechaço a não restrição do exercício da sexualidade/sensualidade feminina.

Os autores do Argentina: Agustín Laje, Javier Milei y Álvaro Zicarelli

Agustín Laje é reconhecido por seus pares locais e regionais como um intelectual que consegue condensar e disseminar os principais

argumentos contra o progressismo e, ao mesmo tempo, assumir um compromisso conceitual e programático com a formação de uma "nova direita". Sua carreira editorial ilustra essa trajetória ascendente. Aos 22 anos de idade, ele autopublicou seu primeiro título em 2011. Dez anos depois, sua visibilidade e circulação em massa, bem como o reconhecimento de seus colegas, chamaram a atenção de um grupo editorial transnacional, a Harper Collins, que o contratou para três títulos, dois dos quais foram publicados até 2023: *La batalla cultural. Reflexiones críticas para una Nueva Derecha* (2022) y *Generación Idiota: Una crítica al adolescentrismo* (2023). Nesse caminho de massificação representado em sua trajetória autoral e em sua proliferação na esfera virtual, Laje também passou por uma ampliação de seu discurso. Se em seus primeiros livros ele começou abordando questões locais da história argentina, em seus últimos livros ele propõe uma intervenção político-filosófica com aspirações regionais e internacionais.

O cientista político (Universidade Católica de Córdoba) e mestre em filosofia (Universidade de Navarra) iniciou sua carreira como autor independente. Em 2011, publicou *Los mitos setentistas. Mentiras fundamentales sobre la década de los 70*, um livro no qual ele trata de forma revisionista o passado recente da Argentina e o que ele chama de "história oficial" sobre as causas e consequências da última ditadura militar argentina (1976-1983). Esse título o aproximou do homem que ele reconhece como seu mentor, Nicolás Márquez. Junto a él, se convertirían en una dupla autoral no Grupo Editorial Unión, pequena empresa espanhola fundada em 1973 que tem uma subsidiária ativa na Argentina.²⁴ Márquez e Laje publicariam juntos dois títulos para Unión: *Cuando el relato es una farsa. La respuesta a la mentira kirchnerista* (2016) e *El libro negro de la nueva izquierda. Ideología de género o subversión cultural* (2016). Este título vendeu mais de 20.000 exemplares impressos na Argentina,

²⁴ Essa editora se dedica a publicar, traduzir e divulgar diversas correntes de direita, especialmente aquelas ligadas ao pensamento da Escola Austríaca de Economia e seus seguidores nos Estados Unidos, na Espanha e na Argentina. Também procura reunir posições entre as tendências liberais-libertárias e várias tendências conservadoras, inclusive as de natureza nacionalista e confessional.

15.000 na região e o mesmo número em formato digital.

Dividido em duas seções, cada uma escrita por um dos autores, apresenta uma combinação de argumentos que buscam denunciar que, após a queda do Muro de Berlim, a esquerda se concentrou em uma luta cultural, nos termos gramscianos que esses autores replicam e adaptam. Nessa "batalha cultural", o feminismo e a chamada "ideologia de gênero"²⁵ são considerados inimigos e, portanto, devem ser combatidos pelas diversas forças políticas de direita de forma unida, a partir de um discurso unificado e sofisticado. Na mesma forma ao trabalho de Campagnolo, as representações do movimento de mulheres em seus diferentes estágios históricos levam a uma desqualificação de sua conquista de direitos e a uma super-representação de sua deriva "imoral" em relação à família tradicional.

Por isso, a partir de uma estratégia apresentada em termos morais, em torno da família heterossexual e do direito à vida, se posicionam em torno de uma visão criacionista da vida, mas que não é necessariamente argumentada em termos religiosos mas em termos seculares, jurídicos e médicos, alimentados por argumentos científicos e pela ideia de uma "moralidade pública" (ROMERO, 2021; SANTAMARINA, 2020). *El libro negro...* deu a seus autores exposição internacional e permitiu que eles fizessem turnês de apresentação por toda a região e por Espanha, dessem conferências em eventos de livros, mas também na mídia, em espaços religiosos e educacionais, e até mesmo em esferas oficiais, como o Congresso Peruano. A luta contra a ideologia de gênero e o chamado desses autores para "defender a família", concebida sob critérios conservadores, tem tido esse livro e Laje e Márquez como uma de suas principais ferramentas, com a ajuda da Unión e das editoras que publicaram o livro em diferentes países.²⁶

²⁵ A "ideologia de gênero" é um dos significantes por meio dos quais os setores conservadores articulam noções, significados e atores para dar conta de um estado de coisas que consideram imoral, incorreto e contrário a uma ordem natural pela qual devem ser combatidos.

²⁶ Este livro foi traduzido para o português por Jefferson Bombachin e publicado em 2018 pela editora brasileira Danúbio. Na Espanha foi editado pela Hazte Oír, um grupo de reflexão de direita que organizou conferências dos autores e enviou cópias para padres em diferentes paróquias do país.

O livro foi concebido como um artefato para a batalha cultural por uma editora militante no campo da direita. No entanto, é em seus últimos livros que Laje consegue aprofundar e sistematizar seus argumentos críticos sobre a esquerda e propor uma estratégia ideológica para o que ele imagina ser a ascensão de uma "Nova Direita". A mudança para uma editora transnacional, como a Harper Collins,²⁷ deu-lhe a oportunidade de aumentar a circulação regional e internacional de seus livros e ideias em um grau maior: seus lançamentos conquistaram as primeiras posições de vendas em livrarias físicas e em Amazon.

Como produtos de grande circulação, os últimos títulos da Laje apresentam capas chamativas, abas com paratextos, recomendações, e texto de contracapa convidando à compra do exemplar. *La batalla cultural* apresenta recomendações de pares de direita de renome internacional: o autor americano Ben Shapiro, o economista argentino Javier Milei, o político brasileiro Eduardo Bolsonaro e o político espanhol e fundador do Vox, Santiago Abascal.²⁸ Como forma de legitimar e moldar um espaço político e ideológico, os referenciadores coincidem em elogiar a obra do autor e sua figura como expoente da "batalha cultural" por colegas que utilizam os textos de Laje em suas intervenções e práticas políticas.²⁹ Os agradecimentos incluem colegas, amigos da direita a quem Laje reconhece seu lugar na formação de suas ideias e de seu livro: Nicolás Márquez, Pablo Pozzoni, Carlos Beltramo e Miklos Lukács, entre outros.

Em *La Batalla Cultural* e *Generación idiota*, Laje utiliza um e um arsenal teórico de autores das ciências sociais e humanas de circulação universitária e acadêmica³⁰ para, em seguida, delinear sua plataforma de

²⁷ Os livros publicados pela Harper Collins foram impressos na Argentina por Hojas del Sur, uma pequena editora que adquiriu os direitos de impressão e distribuição.

²⁸ Shapiro também aparece como o único recomendador na aba da *Generación idiota* (2023).

²⁹ Sua ponderação como intelectual é acompanhada pela biografia apresentada pela editora, que destaca os estudos, seu status por meio de prêmios, avaliações e turnês internacionais de palestras, além de sua condição de best-seller.

³⁰ Laje apresenta diferentes significados do conceito de cultura e suas transformações, que se baseiam em leituras da filosofia e das ciências sociais. O objetivo dessa apresentação é explicar a relevância da "batalha cultural" e os usos que a esquerda e a direita fizeram dela. Partindo de eventos como Maio de 68 até os usos pós-modernos da questão cultural pela esquerda e pelo progressismo, Laje tenta argumentar uma ligação conspiratória entre organizações internacionais associadas ao "globalismo" e a esquerda, a fim de explicar o poder do "marxismo cultural" no senso comum das sociedades ocidentais contemporâneas. Em suas palavras, "Fundações de milionários conhecidos financiando o esquerdismo cultural (...) A disputa não é mais primordialmente econômica, mas acima de tudo cultural" (p. 418).

intervenção para uma nova direita.³¹ Ele dedica *La Batalla Cultural* "Para aqueles que estão resistindo" e, ao fazê-lo, procura oferecer uma "teoria da batalha cultural e mostrar por que a cultura se tornou central para a política" (LAJE ARRIGONI, 2022, p. 11). A densidade e a sobrecarga de referências teóricas do livro não está "a serviço da mera teoria", mas busca apoiar uma "prática política que serve à direita em geral". Essa prática política baseia-se em uma articulação das "diferentes correntes de direita que colocam suas batalhas culturais no centro de um novo 'nós' político". É nesse sentido que Laje e seus pares endossam uma posição dominante no campo da direita por seu compromisso intelectual com um fim político, o que o torna um intelectual conceitual e ativo no espaço político. Da mesma forma, esses livros, ao mesmo tempo em que propõem uma perspectiva por meio de uma linguagem que pretende ser acadêmica e erudita (o que é descrito como um valor por seus colegas), é autodescrito como um livro ativista, um chamado à ação.

Seu tese é defendida com base nos usos de Gramsci, Laclau e Mouffe, Foucault e, acima de tudo, autores da Escola de Frankfurt, como Horkheimer e Marcuse. Esses autores também são mencionados em *Generación idiota* e já haviam feito parte da explicação em *El libro negro...* Fornecem a Laje evidências do triunfo ideológico da esquerda e do fracasso da direita, que ele convoca a reagir. Para isso, ele recorre a autores referenciados na Escola Austríaca de Economia e Rothbard, uma leitura fundamental para a formação ideológica da autodenominada Nova Direita. Seus postulados paleolibertários, que propunham uma convergência de libertários com setores conservadores, funcionam como articuladores de uma cultura de direita sem os complexos de outrora que tem alguns eixos comuns: a rejeição do Estado e da ideia de "justiça social", a rejeição da legalização do aborto e outras formas de "progressismo cultural" (STEFANONI, 2021). Na estrutura de sua proposta para uma Nova Direita,

³¹ Ambos ensaios apresentam uma estrutura semelhante: uma introdução, uma série de capítulos nos quais ele desenvolve diferentes temas com base na disseminação de autores das ciências sociais, por meio de um importante aparato de citações referenciadas em linguagem erudita e um grande número de notas de rodapé (957 para o primeiro, 517 para o segundo) e, finalmente, uma conclusão na qual ele elabora sua proposta de modelo "rumo a uma nova direita".

Laje promove um agrupamento de direitistas libertários, nacionalistas e nacional-conservadores para formar uma identidade, um "nós" de direita.³² Assim, conceitos como "batalha cultural" e "marxismo cultural" são usados por Laje para caracterizar um estado de coisas regido por um senso comum esquerdista, que ele combate a partir de posições "politicamente incorretas".

Essa postura politicamente incorreta é o que potencia Javier Milei. Nos últimos anos, esse economista teve um crescimento exponencial em seu perfil mediático e político.³³ A partir de uma posição que ele define como "anarcocapitalista", Milei critica o keynesianismo e recupera as teses do paleolibertarianismo do Rothbard. Nessa linha, a "batalha cultural e política" que busca encarnar em espelho com Agustín Laje lhe permitiu desenvolver pontes com várias expressões da direita local e internacional do ponto de vista político-eleitoral e também em nível cultural.³⁴ Como Laje, Milei tem uma carreira autoral que começou na Unión, onde publicou cinco títulos sobre economia com perfil técnico e linguagem acadêmica.³⁵ Essa carreira autoral que acompanhou sua projeção na mídia permitiu que ele atraísse a atenção de editoras maiores, como a Galerna, a Ediciones B e, finalmente, o grupo editorial Planeta, onde publicou dois títulos: *El camino del libertario* (2022) e *El fin de la inflación* (2023). *El camino del libertario*, que vendeu 12.000 cópias de acordo com dados fornecidos pela editora, tem as características de um livro instantâneo. A capa mostra o economista de costas para uma multidão de pessoas ouvindo uma de suas palestras

³² "Acredito que uma Nova Direita poderia ser formada na articulação de libertários não progressistas, conservadores não imobilistas, patriotas não estatistas e tradicionalistas não integristas. O resultado seria uma força de incorreção política que poderia ser traduzida como uma oposição radical à casta política nacional e internacional, ao estatismo e ao globalismo, ao *stablishment* multimídia e à hegemonia progressista que domina a academia (...) ao poder financeiro global que se inclina indisfarçadamente para a esquerda cultural..." (p. 484).

³³ Nas eleições legislativas de 2021, sua frente La Libertad Avanza obteve 17% dos votos na cidade de Buenos Aires e o tornou membro do Parlamento. Nas eleições presidenciais de 2023, ele ficou em segundo lugar, o que lhe permitiu entrar no segundo turno, no qual competirá com o candidato do partido governista, Sergio Massa, em 19 de novembro, após a entrega da versão final deste manuscrito.

³⁴ a aproximação com Kast, do Chile, o partido Vox na Espanha e os vínculos com a família Bolsonaro no Brasil têm seu correlato em intervenções culturais como a participação nas conferencias conservadoras, performances teatrais e uma prolífica carreira editorial.

³⁵ *Política económica contrarreloj: síntomas, diagnóstico y medidas para salir del cepo y volver a crecer*, com Diego Giacomini e Federico Ferrelli Mazza, em 2014; *Lecturas de economía en tiempos de kirchnerismo*, com prefácio do economista Ricardo López Murphy, em 2014; *El retorno al sendero de la decadencia argentina*, 2015; *Maquinista, infleta y devaluta*, com Diego Giacomini, em 2016 (republicado pela Ediciones B, editora transnacional, com o título *Otra vez sopa. Maquinista, infleta y devaluta*); *Desenmascarando la mentira keynesiana. Keynes, Friedman y el triunfo de la Escuela Austriaca*, em 2018, com prefácio de Ricardo López Murphy e palavras introdutórias de Diego Giacomini.

públicas sobre economia durante a campanha eleitoral de 2021, quando Milei conquistou uma cadeira como deputado nacional pela cidade de Buenos Aires. O livro é principalmente um livro de "campanha", que acompanha a conjuntura e o crescimento exponencial de sua carreira. Ele analisa sua biografia e apresenta sua equipe de colaboradores, além de incluir alguns de seus escritos econômicos alinhados com o pensamento paleolibertário que Milei também popularizou nos estúdios de televisão e nas redes sociais.. O livro também contém discursos de sua campanha eleitoral de 2021, o que o torna um produto eclético, com intervenções biográficas, técnicas e políticas. É um livro fortemente associado à figura do autor, como uma referência cultural e intelectual da mídia que prevalece sobre o conteúdo. A função legitimadora dos paratextos também funciona nesse livro ao incluir um prefácio do intelectual Alberto Benegas Lynch (Jr.), uma referência de prestígio no universo liberal e a quem Milei chama continuamente de "nosso herói".

Em maio de 2023, Milei publicou seu segundo título para a Planeta, *El fin de la inflación*, um título menos biográfico, mas com um claro componente político pois o livro – que vendeu 8.000 cópias nos primeiros meses após a publicação – apresenta seu plano econômico caso ele se torne presidente do país. Em um ano eleitoral, o economista que almeja o poder publica um livro ligado à sua expertise econômica, com receitas técnicas e proclamações políticas. Lá, ele apresenta um programa que envolve um plano de estabilização econômica baseado na redução da inflação por meio da dolarização da moeda nacional. Essas intervenções, materializadas em um livro, são divulgadas pelo autor e pela editora como uma receita, que tem como objetivo funcionar como uma ferramenta de intervenção e uma solução para um dos problemas mais urgentes da economia argentina, ou seja, a inflação.³⁶ Dessa forma, a intervenção cultural de Agustín Laje é complementada pela intervenção econômica de

³⁶ Assim, a introdução do livro começa afirmando que: "Nas próximas páginas, falaremos sobre o que mais importa para os argentinos hoje: dinheiro, preços e o dólar. Basicamente, a tese central que desenvolverei nesta primeira parte é que não há nada de atípico, raro ou estranho no dólar, que ele está completamente dentro da análise econômica com dinheiro e que o que estamos vivenciando é fundamentalmente um problema de natureza monetária" (Milei, 2023, p.19)"

Javier Milei, ambas publicadas por editoras transnacionais em um contexto político e cultural de crescentes expressões de direita. E ambos com um forte foco em figuras individuais que operam como referências intelectuais em termos de mídia. A capa deste livro mostra isso. Assim como no livro anterior ele foi mostrado como um candidato para as massas, na capa de *El fin de la inflación* Milei aparece como um especialista que, devido à sua capacidade individual, pode resolver problemas econômicos por meio de sua força de vontade.

Com uma intervenção que não lida com economia, como a Milei, mas com cultura e política, o autor Àlvaro Zicarelli lhe intervém com um pequeno livro para se inserir na batalha cultural, sem um aparato conceitual tão sofisticado como e com menos pretensões acadêmicas que Laje. Embora não tenha sido um livro que se tornou um best-seller – vendeu cerca de 3 mil exemplares –, a editora apostou nele em sua contratação, em linha com a crescente visibilidade do autor e dos temas. Da capa de seu primeiro livro, *Cómo derrotar al neoprogresismo. Una batalla política* (Sudamericana, 2022), é apresentada como uma ferramenta para o confronto com essa corrente. Um azul cai e quebra um punho esquerdo erguido, em uma espécie de intervenção em um gráfico soviético, com as cores da bandeira venezuelana, um dos principais alvos contra os quais as forças antipopulistas são montadas. Essa imagem de combate é alimentada por uma intervenção cultural. Na contracapa, Zicarelli é apresentado como "um dos intelectuais mais polêmicos e influenciadores digitais da Nova Direita Argentina".

Da mesma forma, em sua biografia, ele é apresentado como um estudioso autodidata de filosofia, história e relações internacionais, como um "discípulo" de renomados intelectuais argentinos: Juan José Sebreli, Carlos Escudé, Rubén Zorrilla e Alberto Benegas Lynch (h). Zicarelli é um personagem com uma inserção ativa no campo político, desde um passado com militância, até uma extensa carreira como assessor de diferentes referentes da direita e centro-direita argentinas. Esse perfil constante no plano da atividade política sem descuidar do plano das ideias

é constantemente destacado ao longo das 140 páginas de seu livro, que ele chama de "manifesto, um texto programático em que se expõe um problema (o progressismo) e a solução para resolvê-lo" (ZICARELLI, 2022, p. 43). Sua biografia pessoal, contada desde as primeiras páginas, sua educação autodidata, que inclui leituras às quais ele teve acesso graças a seus vínculos com intelectuais e políticos, estão ligadas a um programa de ação que se enquadra nas margens da "batalha cultural".³⁷

O problema levantado é semelhante ao de Laje, que prefacia o livro, e Axel Kaiser, que contribui com um epílogo: a esquerda governa o senso comum das sociedades ocidentais, e o objetivo é se apropriar de suas ferramentas discursivas para derrotá-la, primeiro no nível da cultura e depois na política.³⁸ Com essas operações de avaliação, recomendação e legitimação, Zicarelli traça um caminho que lhe permite fazer uma contribuição programática para seu campo ideológico e, ao mesmo tempo, projetar sua carreira política.

Nos primeiros capítulos, ele narra sua passagem da militância "acrítica" e de uma "sensibilidade" à esquerda, passando pela inércia familiar, até sua chegada definitiva à direita, por meio da política e dos "livros". O texto é escrito na primeira pessoa do singular, às vezes dirigido diretamente e de maneira coloquial e desafiadora a um leitor ideologicamente adversário.³⁹ As acusações são articuladas com uma exposição de autores de esquerda, novamente Gramsci e a noção de hegemonia, a fim de se apropriar dela e transformá-la em um suporte teórico para a batalha cultural da direita, assim como Laje. Para alcançar o triunfo e "impor uma visão diferente do mundo" (p. 119), ele propõe, em

³⁷ A leitura de autores filosóficos e políticos recomendados por referências intelectuais com as quais se conectou é destacada na forma de citações e notas de rodapé no texto, além de ser apresentada como um divisor de águas em sua conversão pessoal, um tópico frequentemente vivenciado como um "despertar" ao longo da história das ideias políticas. André Glucksman e Juan José Sebreli são dois dos autores mais citados no livro que dão conta dessa passagem da esquerda para a "direita e o liberalismo", na qual Zicarelli também se reconhece. É a partir desse campo que ele se propõe a resgatar o "arsenal discursivo" para "desarmar o discurso neoprogressista", por meio de argumentos teóricos e práticos que ele delinea no livro (p.44).

³⁸ A partir de sua própria força política, ele se assume como um articulador das diferentes tendências de direita com o objetivo de colaborar na formação de uma ampla coalizão baseada em valores republicanos e antipopulistas.

³⁹ Por um lado, com perguntas que são apresentadas como incômodas, destacadas por sua maneira de se dirigir ao leitor: "Não vá embora agora que eu lhe dei o discurso. Ouça-me, meu caro...". Por outro lado, há uma constante desqualificação do que ele chama de "neoprogressismo", apresentado de forma mais geral: "pensamento neoprogressista palermitano das redes sociais", "fabricantes de pensamentos mecânicos".

primeiro lugar, assumir-se como de direita e, em segundo lugar, responder com argumentos ao discurso que ele chama de "neoprogressista". Assim, nos capítulos finais, Zicarelli propõe regras para responder às acusações que, segundo ele, a direita recebe, como ligações com ditaduras militares, fascismo ou nazismo, ou neoliberalismo. As prescrições incluem "avaliar" o "adversário ideológico" para reverter seu argumento a fim de "confrontá-lo e derrotá-lo, seja em uma conversa, em uma reunião ocasional, em um comício universitário ou em um debate parlamentar" (p. 121). Para cada uma dessas acusações, Zicarelli propõe receitas que apresentam interpretações históricas que lhe permitiriam reverter os argumentos.⁴⁰

A apresentação de ferramentas teóricas e estratégias discursivas para argumentar com adversários ideológicos coexiste no livro de Zicarelli com uma justificativa referente a explicações "naturais" sobre a necessidade do triunfo da direita nessa batalha. Dessa forma, o livro tanto historiciza a batalha em seus argumentos quanto a des-historiciza ao apresentar explicações sobre a suposta natureza dos indivíduos.⁴¹ Dessa forma, com sua publicação, Zicarelli sistematiza suas intervenções e se posiciona estrategicamente dentro dos referenciais ideológicos e políticos da autodenominada Nova Direita. A editora Sudamericana, que pertence ao grupo Random House, fortalece seu catálogo de livros políticos com esse contrato. Além de sua circulação, que não teve a visibilidade e a ressonância de autores como Laje ou Milei, o livro é sustentado por um circuito de diálogo e legitimação típico desse espaço. Por um lado, por meio dos textos incluídos pelo próprio Laje e pelo chileno Kaiser. De outro, por meio das constantes referências no texto, bem como nos agradecimentos do livro, a referentes políticos e intelectuais de direita⁴².

⁴⁰ Por exemplo, à acusação de que "a direita é assassina", ele responde fazendo um relato dos assassinados pelo stalinismo e pelo maoísmo.

⁴¹ "Não há nada mais primitivo no homem do que a necessidade de sobrevivência. Porque não há nada mais elementar para os seres humanos do que tentar viver melhor do que seus pais (...) porque todo mundo entende que esse Estado é um saqueador em troca de nada (...) Não há como vencer uma batalha que sempre foi vencida. Só que eles nos convenceram de que não era assim." (p. 134)

⁴² Javier Milei, "referência máxima do Liberalismo Nacional, da Direita Popular Argentina e flagelo do coletivismo empobrecedor"; Agustín Laje, "uma síntese superadora e crioula entre Roger Scruton e Jordan Peterson, tantos anos sem saber que éramos amigos"; Axel Kaiser, "o mais lúcido e importante divulgador das ideias de liberdade em espanhol de nossa geração"; Nicolás Lucca, Eduardo Prestofelippo, Carlos Escudé, Manuel Adorni, Amalia Granata e Patricia Bullrich, entre quase uma centena de figuras com as quais ele se alinha.

4. Conclusão

Nestas páginas, examinamos as carreiras editoriais de seis autores que se despontaram como referência no segmento da "nova direita" no Brasil e na Argentina em anos recentes. Esse passeio nos mostrou como, por meio da palavra impressa, agentes que desempenham funções intelectuais, por meio de sua produção autoral, conseguem encarnar uma posição em um específico espaço político, ideológico e intelectual. Os recursos discursivos, em termos de estilo, gênero e possibilidades de elaboração de propostas (ideológicas e programáticas), são materializados em estratégias editoriais concretas que são, por sua vez, uma condição necessária para a sustentação da tarefa autoral.

Nos livros estudados para os casos da Argentina e do Brasil, observamos a tentativa de construir um espaço de interlocução e autodefinição dentro do campo da direita. A apresentação de autores considerados próprios e alheios nos permite delimitar as fronteiras entre um espaço de direita no qual o objetivo é construir um "nós" em oposição a um "outro" que leva o nome de progressismo em suas múltiplas facetas. No caso dos autores brasileiros, a orientação do discurso aponta mais para uma dimensão nacional do que internacional, na medida em que o alvo é colocado nas instituições políticas nacionais, os autores - como Freire - que promoveram uma suposta decadência moral que os governos do PT supostamente aprofundaram. A abordagem de Campagnolo ao feminismo se conecta a uma dimensão que transcende as fronteiras nacionais, em linha com as intervenções do argentino Agustín Laje sobre a batalha cultural e a luta contra a ideologia de gênero, e do próprio Zicarelli em relação às modalidades de "neoprogressismo". Por sua vez, os livros de campanha de Javier Milei se baseiam na situação local, mas ele argumenta com base em autores internacionais, como o americano Murray Rothbard, representante da escola austríaca de economia. Da mesma forma, a promoção de certos tópicos-chave, como a disputa contra o feminismo e o

progressismo, é combinada, em casos como o de Zicarelli, com receitas discursivas para argumentar com os oponentes e ordenar a discussão, como Garschagen também faz à sua maneira.

A construção discursiva desses autores se completa por meio de lógicas editoriais que os configuram como referências intelectuais. Graças à materialização de suas ideias em livros cujos paratextos e circulação são apresentados como artefatos de ideias para a disputa política, os autores são moldados como produtores privilegiados de visões de mundo, a partir de capas chamativas que visam orientar a leitura e alcançar uma imagem de autoridade. Portanto, os paratextos, as capas e a redação desses prefácios, epílogos, recomendações e contra capas fazem parte da construção dos autores dessa "nova direita", em um mercado editorial comercial e competitivo.

Nosso trabalho faz parte de um projeto ainda em andamento que busca explorar os discursos e as posições da nova direita por meio de uma análise do espaço editorial, a partir de uma perspectiva que considera as continuidades, as comunicações e as rupturas entre editores e autores na região. Em um contexto de transformações nos modos de intervenção pública e de proliferação de conteúdo digital, os autores, os livros e as estratégias editoriais que os sustentam mostram que esse tipo de intervenção por meio da palavra impressa continua bastante relevante. Autores, livros e as ideias e textos que eles contêm são reunidos com um potencial simbólico e político que coloca os responsáveis por sua assinatura como produtores e disseminadores privilegiados de visões de mundo.

5. Referências bibliográficas

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, É. **El nuevo espíritu del capitalismo**. España: Akal, 2010.

BOHOSLAVSKY, E.; ECHEVERRÍA, O.; VICENTE, M. Las derechas

argentinas en el siglo XX: presentación e itinerarios de un problema. *Em: Las derechas*

argentinas en el siglo XX. De la era de las masas a la Guerra Fría. Buenos Aires,

UNICEN.

BONFIM, Manoel. **A América Latina: males de origem.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

BOURDIEU, P. Las condiciones sociales de circulación de las ideas. *Em: Intelectuales, política y poder*, Buenos Aires: Eudeba, 2009. p. 159–170.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2015.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão especial - PL 7180/14 - Escola sem partido. Audiência Pública REUNIÃO N°: 0101/17, Brasília, Plenário 7 das Comissões, 21 mar. 2017. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/textoHTML.asp?etapa=11&nuSessao=0101/17&nuQuarto=0&nuOrador=0&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=15:00&sgFaseSessao=&Data=21/3/2017&txApelido=PL%207180/14%20-%20ESCOLA%20SEM%20PARTIDO&txFaseSessao=Audiência%20Pública%20Ordinária&txTipoSessao=&dtHoraQuarto=15:00&txEtapa> Acesso em: 05 nov. 2013. Discurso do historiador Thomas Giulliano.

CAMEZZANA, D.; CAPASSO, V. Acciones Performáticas, Derechas y Mediatización: el caso de Jóvenes Republicanos (Argentina). **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 1–36, 2023.

CAMPAGNOLO, A. C. **Feminismo: perversão e subversão.** Campinas: Vide, 2019.

CAMPAGNOLO, A. C. **Guia de Bolso Contra Mentiras Feministas.** Campinas: Vide, 2021.

CHARTIER, R. **Origens culturais da Revolução Francesa**. São Paulo: UNESP, 2009. 2009.

CHARTIER, R.; CAVALLO, G. **Historia de la lectura en el mundo occidental**. Madrid: Taurus, 1997.

CURCINO, L.; PEREIRA, T. A. C. LIVROS, POLÍTICA E POPULISMO: A 'NOVA' DIREITA BRASILEIRA E SEUS BEST SELLERS. *Em: POPULISMO(S) E SUAS LINGUAGENS*. Braga: Humus, 2022.

DARNTON, R. "Francia, se te escapa el café": De la historia del libro a la historia de la comunicación. **Políticas de la Memoria**, [s. l.], n. 21, p. 76–85, 2021.

DEPUTADA ESTADUAL DO PSL ELEITA POR SC INCITA ALUNOS A FILMAR E DENUNCIAR PROFESSORES. G1, Santa Catarina, 29 dez. 2018. Disponível em:

<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/eleicoes/2018/noticia/2018/10/29/deputada-estadual-do-psl-eleita-por-sc-incita-alunos-a-filmar-e-denunciar-professores.ghtml> Acesso em: 05 nov. 2023.

DIEGUEZ, C. **O ovo da serpente: nova direita e bolsonarismo: seus bastidores, personagens e a chegada ao poder**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2022. 2022.

ESCALANTE GONZALBO, F. **A la sombra de los libros. Lectura, mercado y vida pública**. México DF: El Colegio de México, 2007.

EYAL, G.; BUCHHOLZ, L. From the Sociology of Intellectuals to the Sociology of Interventions. **Annual Review of Sociology**, [s. l.], v. 36, n. 1, p. 117–137, 2010.

FORTI, S. **Extrema derecha 2.0: Qué es y cómo combatirla**. [S. l.]: Bookwire GmbH, 2021.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996 [1971]

GARSCHAGEN, B. **Direitos máximos, deveres mínimos: o festival de privilégios que assola o Brasil**. 1a edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

GARSCHAGEN, B. **Pare de Acreditar No Governo Por Que Os Brasileiros Não Confiam Nos Políticos e Amam o Estado**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2015. 2015.

GIULLIANO, T. **Desconstruindo (ainda mais) Paulo Freire**. Porto Alegre: História Expressa Editora, 2019.

GIULLIANO, T. (org.). **Desconstruindo Paulo Freire**. 2a edição. Porto Alegre, RS, Brasil: História Expressa, 2020.

GOLDENTUL, A.; SAFERSTEIN, E. Los jóvenes lectores de la derecha argentina. Un acercamiento etnográfico a los seguidores de Agustín Laje y Nicolás Márquez. **Cuadernos del Centro de Estudios en Diseño y Comunicación N°112**, [s. l.], v. Año XXIV, Vol.112, Febrero 2022, Buenos Aires, Argentina, p. 113–131, 2021.

GOLDSTEIN, A. **La reconquista autoritaria**. [S. l.]: Marea, 2022.

KESSLER, G.; VOMMARO, G.; PALADINO, M. Antipopulistas reaccionarios en el espacio público digital. **Estudios Sociológicos de El Colegio de México**, [s. l.], v. 40, n. 120, p. 651–692, 2021.

LAJE ARRIGONI, A. **Generación idiota: una crítica al adolescentismo**. Cuauhtémoc, Mexico City: Harper Collins México, 2023.

LAJE ARRIGONI, A. **La batalla cultural: reflexiones críticas para una nueva derecha**. 1a. edición. Buenos Aires: Hojas del Sur, 2022.

MARTINS FILHO, J. R.; MARQUES, A. A. (org.). **Os militares e a crise Brasileira**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2021.

MIDORI DEAECTO, M.; MOLLIER, J.-Y. (org.). **Edição e revolução: leituras comunistas no Brasil e na França**. Cotia (SP), Brasil: Belo Horizonte (MG), Brasil: Ateliê Editorial; Editora UFMG, 2013. 2013.

MILEI, J. **El camino del libertario**. [S. l.]: Planeta Argentina, 2022.

MILEI, J. **El fin del aínflación**. Buenos Aires: Planeta, 2023. 2023.

MISES BRASIL. Quem somos. Disponível em: <https://mises.org.br/quem-somos> Acesso em: 05 Nov. 2023.

MORRESI, S.; SAFERSTEIN, E.; VICENTE, M. Los “libros de la grieta”: edición, política y cultura de derechas en la Argentina. *Em*: COLOQUIO INTERNACIONAL “PRÁCTICAS POLÍTICAS Y EDICIÓN EN AMÉRICA LATINA”, 2021, México. **Anais** [...]. México: El Colegio Mexiquense, 2021.

MUNIZ JR., J. de S. **Girafas e bonsais: editores “independentes” na Argentina e no Brasil (1991-2015)**. 2016. Tesis de Doctorado - Universidade de Sao Paulo, Sao Paulo 2016.

NÓBREGA, L. O mercado editorial e a Nova Direita brasileira. **Teoria e Cultura**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 73–84, 2018.

NÓBREGA, L. O mercado editorial e as direitas contemporâneas no Brasil. *Em*: IV COLOQUIO ARGENTINO DE ESTUDIOS SOBRE EL LIBRO Y LA EDICIÓN, 2021, Paraná. **Anais** [...]. Paraná: UNER, 2021. Disponível em: <https://www.fc.edu.uner.edu.ar/wp-content/uploads/2021/12/Leonardo-Nobrega-O-mercado-editorial-e-as-direitas-contemporaneas-no-Brasil.pdf>.

PÊCHEAUX, Michel. **O Discurso. Estrutura ou Acontecimento**, 2002.

ROCHA, J. C. de C. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. 1a reimpressão. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

ROMERO, G. Orden, Familia y Educación Sexual. Análisis de la trama de sentidos en torno al movimiento #ConMisHijosNoTeMetas en Argentina. **Revista Cultura y Religión**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 75–107, 2021.

RUBINICH, L. Productores privilegiados de visiones del mundo. Nociones de libertad en disputa. *Em: 0110 CREATIVIDAD, ECONOMÍA Y CULTURA EN LA CIUDAD DE BUENOS AIRES 2001-2010*. Buenos Aires: Aurelia Rivera, 2011. p. 9–43.

SAFERSTEIN, E. **¿Cómo se fabrica un best seller político?: La trastienda de los éxitos editoriales y su capacidad de intervenir en la agenda pública**. [S. l.]: Siglo XXI Editores, 2021.

SAFERSTEIN, E. Politics and Book Publishing in Argentina. **Oxford Research Encyclopedia of Literature**, [s. l.], p. 1–22, 2020.

SAFERSTEIN, E.; GOLDENTUL, A. La batalla cultural de las “nuevas derechas” - Revista Anfibia. **Revista Anfibia**, [s. l.], 2022. Disponible em: <https://www.revistaanfibia.com/javier-milei-la-batalla-cultural-de-las-nuevas-derechas/>. Acesso em: 14 out. 2022.

SANAHUJA, J. A.; STEFANONI, P. **Extremas derechas y democracia: perspectivas iberoamericanas**. Madrid: Fundación Carolina, 2023.

SANTAMARINA, S. **“Ideología de género” y activismo político del movimiento provida. El caso de Con Mis Hijos no te Metas en Argentina (2017-2020)**. 2020. Tesis de Maestría en Derechos Humanos y Democratización en América Latina y el Caribe - Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires 2020.

SOLER, L.; GIORDANO, V. Editoriales, think tanks y política. La producción y circulación de las ideas de las nuevas derechas en Argentina. **Revista Paraguaya de Sociología**, [s. l.], v. 147, p. 35–50, 2015.

STEFANONI, P. **¿La rebeldía se volvió de derecha? cómo el antiprogresismo y la antcorrección política están construyendo un**

nuevo sentido común (y por qué la izquierda debería tomarlos en serio).

Buenos Aires, Argentina: Siglo Veintiuno Argentina, 2021.

SZPILBARG, D. **Cartografía argentina de la edición mundializada. Modos de hacer y pensar el libro en el siglo XXI.** Temperley: Tren en movimiento, 2019.

TARCUS, H. **Marx en Argentina.** Buenos Aires: Siglo XXI, 2013.

VÁZQUEZ, M. "Ahora es nuestro tiempo". Activismos juveniles en las nuevas derechas durante la pandemia (Argentina, 2020-2022). **IBEROAMERICANA. América Latina - España - Portugal**, [s. l.], p. 117-137 Pages, 2023.

VIEIRA PINTO, A. **A sociologia dos países subdesenvolvidos: introdução metodológica ou prática metodicamente desenvolvida da ocultação dos fundamentos sociais do "vale de lágrimas".** Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.


VOMMARO, G. «Unir a los argentinos» El proyecto de «país normal» de la nueva centroderecha en Argentina. **Nueva Sociedad**, [s. l.], v. 261, 2016. Disponível em: <http://nuso.org/articulo/unir-los-argentinos/>. Acesso em: 9 out. 2019.

ZICARELLI, Á. **Cómo derrotar al neoprogresismo: una batalla política.** Buenos Aires: Sudamericana, 2022.

MOVIMIENTO LIBERTARIO Y PROFETAS DEL MERCADO EN EL CHILE ACTUAL. LAS IDEAS DE AXEL KAISER.

MOVIMENTO LIBERTÁRIO E PROFETAS DO MERCADO NO CHILE DE HOJE:
AS IDEIAS DE AXEL KAISER

LIBERTARIAN MOVEMENT AND PROPHETS OF THE MARKET IN CHILE: THE
IDEAS OF AXEL KAISER

Juan Jesús Morales Martín¹ 
Universidad Católica Silva Henríquez, Chile

Resumen: Axel Kaiser se ha convertido en los últimos años en uno de los más destacados representantes del movimiento libertario en Chile. Algunos de sus libros, como *La fatal ignorancia. La anorexia cultural de la derecha frente al avance ideológico progresista* (2014), *La tiranía de la igualdad. Por qué el proyecto de la izquierda destruye nuestras libertades y arruina nuestro progreso* (2015), *La neoinquisición. Persecución, censura y decadencia cultural en el siglo XXI* (2020), o *El economista callejero. 15 lecciones de economía política para sobrevivir a políticos y demagogos* (2021), se han convertido en auténticos éxitos de ventas. Precisamente, el objetivo de este artículo es analizar las ideas más representativas que este intelectual público ha vertido en sus libros. Para ello, el artículo se fundamenta teóricamente en la sociología de los intelectuales y en la sociología de las intervenciones públicas. Además, se utiliza un modelo de análisis de contenido aplicado en los libros de Axel Kaiser. El artículo discute y concluye cómo el movimiento libertario en Chile se está constituyendo en una alternativa ideológica al marxismo cultural; está construyendo un nuevo sentido común basado en el liberalismo económico y Axel Kaiser sobresale como un intelectual profeta del mercado que apela a las emociones y a la educación económica.

Palabras clave: Movimiento libertario; Axel Kaiser; Chile; Intelectual público; Profeta del mercado.

¹Doctor en Sociología. Docente investigador en la Escuela de Sociología y coordinador del Núcleo de Investigación en Ideas, Intelectuales e Instituciones, Universidad Católica Silva Henríquez (Chile). Correo: jmoralesma@ucsh.cl

Resumo: Axel Kaiser tornou-se nos últimos anos um dos mais proeminentes representantes do movimento libertário no Chile. Alguns de seus livros se tornaram verdadeiros best-sellers, como *La fatal ignorancia. La anorexia cultural de la derecha frente al avance ideológico progresista* (2014), *La tiranía de la igualdad. Por qué el proyecto de la izquierda destruye nuestras libertades y arruina nuestro progreso* (2015), *La neoinquisición. Persecución, censura y decadencia cultural en el siglo XXI* (2020), o *El economista callejero. 15 lecciones de economía política para sobrevivir a políticos y demagogos* (2021). Precisamente, o objetivo deste artigo é analisar as ideias mais representativas que esse intelectual público tem despejado em seus livros. Para tanto, o artigo fundamenta-se teoricamente na sociologia dos intelectuais e na sociologia das intervenções públicas. Além disso, é utilizado um modelo de análise de conteúdo aplicado nos livros de Axel Kaiser. O artigo discute e conclui como o movimento libertário no Chile está se tornando uma alternativa ideológica ao marxismo cultural; ele está construindo um novo senso comum baseado no liberalismo econômico e Axel Kaiser se destaca como um profeta intelectual do mercado que apela às emoções e à educação econômica.

Palavras-chave: Movimento libertário; Axel Kaiser; Chile; Intelectual público, Profeta do mercado.

Abstract: Axel Kaiser has become in recent years one of the most prominent representatives of the libertarian movement in Chile. Some of his books, as *La fatal ignorancia. La anorexia cultural de la derecha frente al avance ideológico progresista* (2014), *La tiranía de la igualdad. Por qué el proyecto de la izquierda destruye nuestras libertades y arruina nuestro progreso* (2015), *La neoinquisición. Persecución, censura y decadencia cultural en el siglo XXI* (2020), or *El economista callejero. 15 lecciones de economía política para sobrevivir a políticos y demagogos* (2021), have become real bestsellers. Precisely, the objective of this article is to analyze the most representative ideas that this public intellectual has poured into his books. The article is theoretically based on the sociology of intellectuals and the sociology of public interventions. In addition, a content analysis model is applied in Axel Kaiser's books. The article discusses and concludes how the libertarian movement in Chile is becoming an ideological alternative to cultural Marxism; it is building a new common sense based on economic liberalism and Axel Kaiser stands out as an intellectual prophet of the market who appeals to emotions and economic education.

Keywords: Libertarian movement; Axel Kaiser; Chile; Public intellectual; Prophet of the market.

1. Introducción.

Axel Kaiser es uno de los más destacados representantes del movimiento libertario en Chile. Algunos de sus libros, como *La fatal ignorancia. La anorexia cultural de la derecha frente al avance ideológico progresista* (2014), *La tiranía de la igualdad. Por qué el proyecto de la izquierda destruye nuestras libertades y arruina nuestro progreso* (2015), *La neoinquisición. Persecución, censura y decadencia cultural en el siglo XXI* (2020), o *El economista callejero. 15 lecciones de economía política para sobrevivir a políticos y demagogos* (2021), se han convertido en auténticos éxitos de ventas. Precisamente, el objetivo de este artículo es analizar las ideas más representativas que este intelectual público ha vertido en sus libros. Ello se debe a porque la academia ha prestado mucha más atención a estudiar a las derechas desde los discursos y las intervenciones de sus intelectuales y representantes en los medios de comunicación y en las redes sociales (LUNA; ROVIRA KALTWASSER, 2014), que a adentrarse al análisis de las ideas que contienen sus libros. Además, con este trabajo se pretende aportar insumos a los estudios sociológicos sobre las derechas en Chile (HERRERA, 2014; BUSTAMANTE, 2022).

Si bien, antes de abordar la obra de este intelectual, es pertinente introducir y situar las ideas de este autor en un contexto histórico concreto como es el Chile de los últimos 15 años. Pues, como veremos más adelante, la producción intelectual de Axel Kaiser como defensor a ultranza del modelo neoliberal de ese país ha estado muy condicionada por las coordenadas de su tiempo. En ese sentido, el año 2011, con las movilizaciones estudiantiles, se inició en Chile lo que algunos sociólogos (GARRETÓN, 2014; MORALES; GÓMEZ DE BENITO, 2022) llaman como un 'nuevo ciclo histórico y polític', el cual se proyecta hasta la actualidad y

donde la agenda político-cultural, además de económica, ha estado claramente marcada y caracterizada por el debate constitucional, por la tensión entre 'refundar' o 'reformular' la sociedad chilena y por la necesidad de superar la Constitución impuesta del año 1980.

Además, las movilizaciones estudiantiles dieron comienzo a toda una serie de protestas que no solamente exigieron cambios del modelo político-económico y su efecto en las instituciones sociales del país: a las demandas de educación universitaria pública y de gratuidad, se unieron después una variedad de reclamos en ámbitos tales como las identidades, los valores, las aspiraciones, la relación con el Estado, con el mercado, el consumo, la educación, el trabajo, el sistema previsional o el cuidado medioambiental (MARTUCCELLI, 2021). Demandas sociales que también se sintieron durante las movilizaciones del estallido social de 2019. Como parte de ese proceso, en octubre de 2020 la sociedad chilena decidió por mayoría, en un plebiscito nacional, comenzar a trabajar en la redacción de una nueva Constitución, la cual finalmente fue rechazada en referéndum en septiembre de 2022. Si bien durante este año 2023 hay continuidad del proceso con la elección de un nuevo Consejo constitucional.

Este nuevo ciclo histórico y político, además, ha estado marcado por la alternancia, el desgaste y el desfonde de distintos gobiernos y sus respectivos proyectos: primero, el primer gobierno de Sebastián Piñera (2010-2014), marcado por no cumplir las expectativas modernizadoras y económicas de crecimiento prometidas a las clases medias; después, la Nueva Mayoría (2014-2018), que bajo el liderazgo de Michelle Bachelet logró unificar bajo una nueva coalición política a la Concertación y al Partido Comunista. La Nueva Mayoría "llegó al gobierno con un ambicioso programa y una mayoría parlamentaria nunca vista en ambas cámaras" (TITELMAN, 2019, p. 121); sin embargo, las reformas estructurales propuestas (educación, previsión, reforma tributaria, cambio constitucional), no tendrían sus efectos deseados por la bajada de inversión, el posterior estancamiento económico y, principalmente, por los casos de corrupción y

financiamiento ilegal de la política (COLODRO, 2020). Después siguió el segundo gobierno de Sebastián Piñera (2018-2022), que comenzó con la promesa de tiempos económicos y sociales mejores, y que terminó por colapsar con la mayor crisis institucional, social y política vivida en el país desde la vuelta a la democracia. El 19 de diciembre de 2021 fue electo Gabriel Boric como Presidente de la República para el período 2022-2026. Su trayectoria política, que comenzó al alero del movimiento estudiantil en 2011, continuó luego como diputado y finalmente como líder de la nueva izquierda chilena, es una representación del relato de esta época.

Una época que ciertamente ha sido inestable y en la que se agudizó la crisis de legitimidad de la política institucional y el desprestigio de los partidos políticos. Pero también hubo diferentes procesos de politización (PNUD, 2015) con la emergencia de nuevos actores que reactivaron la discusión pública y política. Por ejemplo, nacieron nuevos *think tanks*² en Chile, varios de ellos ligados a las derechas, algunos como plataformas políticas y de cuadros para el segundo gobierno de Sebastián Piñera, como Avanza Chile; otros con perfiles más intelectuales, como el Instituto de Estudios de la Sociedad (VIDELA, 2021); otros más técnicos y alineados con las corrientes liberales de la derecha chilena, como Horizontal, ligado al partido político Evópoli; y otros, como la Fundación para el Progreso, de la que Axel Kaiser es su presidente, de carácter combativo y alineado con el movimiento libertario internacional (ALENDA; GARTENBALUB; FISCHER, 2020; RODRÍGUEZ, 2020).

Además, desde las izquierdas chilenas también emergieron nuevos *think tanks* ligados a los aires de renovación política que representa el Frente Amplio (RUIZ, 2019). Por ejemplo, el *think tank* Espacio Público ha sido relevante al ofrecer cuadros al gobierno de Gabriel Boric (FLORES; FUENTES; PINOCHET, 2022). Además, han surgido centros vinculados a los

² El término *think tank* alude, por lo general, a instituciones de la sociedad civil que se dedican a realizar investigación orientada a la política, y al asesoramiento y análisis sobre asuntos de interés público. Aunque también hay *think tanks* que no se ocupan de la investigación y al conocimiento aplicado, estando más dedicados, en cambio, a una de sus funciones más habituales como es la de promover las intervenciones de sus miembros en los medios de comunicación con tal de influir en la opinión pública.

movimientos sociales del país y que se pueden caracterizar como centros de acción o activismo social (SALAS-PORRAS, 2018), dedicados a tejer redes con organizaciones y colectivos sociales, como puede ser el caso de la Fundación Nodo XXI. El partido Revolución Democrática creó el centro de estudios Rumbo Colectivo para influir en los lineamientos ideológicos del Frente Amplio. También han surgido nuevos espacios difíciles de catalogar como *think tanks*, pero que han operado como agrupaciones intelectuales y políticas con agendas colectivas (XIFRA, 2008). Ahí destaca, especialmente, La Casa Común, el cual ha sido un lugar clave para la proyección política del debate constitucional en el país.

El nuevo ciclo histórico y político en Chile ha visto, en consecuencia, emerger a toda una serie de actores, como el propio Axel Kaiser que aquí nos ocupa, que han venido interviniendo en el debate público general, con contribuciones por parte de intelectuales y expertos de estos *think tanks*, y quienes participan vivamente en la llamada “batalla cultural” (STEFANONI, 2021, p. 91). Una batalla ideológica y política que, en el caso concreto de este país, está caracterizada en la actualidad por la pugna entre, por un lado, la ilusión de reemplazo de la hegemonía neoliberal (representada por la Constitución de 1980) por otro modelo de sociedad y entre, por otro lado, las fuerzas sociales y económicas que desean mantener el orden establecido.

2. Interviniendo en la batalla cultural: la plataforma de la Fundación para el Progreso en Chile y la construcción de Axel Kaiser como intelectual público

La fundamentación teórica se encuadra en la intersección entre el estudio sociológico de los *think tanks*, la sociología de los intelectuales y la sociología de las intervenciones públicas, pues los *think tanks* operan como instituciones que promueven las intervenciones de sus miembros,

convirtiéndoles en intelectuales públicos (EYAL; BUCHHOLZ, 2010; GONZÁLEZ HERNANDO; WILLIAMS, 2018; MEDVETZ, 2012). Son perspectivas complementarias que entregan herramientas conceptuales que nos permiten situar a la Fundación para el Progreso y a su intelectual más representativo, como es Axel Kaiser, en el marco general del campo de *think tanks* en Chile desde su creación en 2012 por el empresario y filántropo Nicolás Ibáñez.³ La fundación de este centro de pensamiento estuvo condicionada, como se vio anteriormente, por un ciclo histórico iniciado por el movimiento estudiantil de 2011 y por toda una serie de movilizaciones sociales que culminan con el estallido social de 2019 (GARRETÓN, 2021). Un ciclo político interpretado como una “batalla cultural” por parte de sectores de derecha (NEUMANN, 2021, p. D10), y en el que los grupos económicos van a intervenir por medio de los *thinks tanks*.

En efecto, la estrategia de creación y financiación de *think tanks* por grandes empresarios ha sido habitual en Chile. Así lo demuestra, por ejemplo, el Centro de Estudios Públicos, creado en 1980 y símbolo del interés político y de intervención en los asuntos públicos por parte de los grupos económicos del país (JARA, 2022). Desde entonces el empresariado chileno, en su defensa corporativa y de proyección del modelo neoliberal, se encarga de implementar una ofensiva cultural e ideológica apoyada en los medios de comunicación, las consultoras de negocios, los gremios profesionales, las universidades privadas y, por supuesto, los centros de pensamiento (ÁLVAREZ VALLEJOS, 2015; UNDURRAGA, 2014, pp. 187-188). De hecho, la Fundación para el Progreso es una institución clave en el llamado ‘circuito cultural del capitalismo’(THRIFT, 2005; UNDURRAGA, 2013), el cual opera de manera articulada con “los poderes extrainstitucionales” (CORTÉS TERZI, 2000, p. 12), y que está destinado a la producción ideológica a favor del neoliberalismo en Chile.

³ Nicolás Ibáñez, antiguo presidente de la institución, es dueño del holding empresarial Drake Group, el cual opera desde servicios financieros hasta comercio. Además, es Alumni Harvard Business School, miembro del Advisory Committee del David Rockefeller Center for Latin American Studies, y miembro del Consejo Empresario Asesor de la Fundación Internacional para la Libertad que preside Mario Vargas Llosa. Igualmente participa en directorios de Fundaciones, ONG´s, y universidades privadas (CÁRDENAS, 2020).

Si bien la Fundación para el Progreso declara que su misión “es impulsar un cambio cultural que promueva las bases de una sociedad más próspera, libre, digna, inclusiva y en paz; a través de la difusión del ideario liberal en espacios de influencia y la formación de jóvenes líderes que guíen a Chile y América Latina por el camino del progreso”⁴, la forma de hacerlo es de manera combativa y claramente alineada con el movimiento libertario internacional (ALENDA; GARTENBALUB; FISCHER, 2020; RODRÍGUEZ, 2020). Son expresiones que se relacionan también con el auge de las nuevas derechas en América Latina, las cuales han ido asumiendo en la región discursos y narrativas cada vez más radicales (BOHOSLAVSKY; BOISARD, 2017; GIORDANO, 2014; GIORDANO; SOLER; SAFERSTEIN, 2018).

De hecho, esta radicalización en los discursos y esta estrategia proclive a la contienda ideológica es lo que ha permitido a este *think tank* adquirir una cierta relevancia en la arquitectura institucional del neoliberalismo chileno como vocero y defensor a ultranza de la economía de libremercado y de la desregulación del Estado. Por su forma de actuar es un *think tank* de abogacía o “advocay think tank” (PINILLA, 2012, p. 123). Incluso se le puede caracterizar como un ‘fight tank’ (PÉREZ VILLAMIL, 2016); principalmente por el tono polemista y provocador de las intervenciones de sus integrantes, especialmente las de Axel Kaiser. Este carácter combativo es, además, lo que realmente diferencia a la Fundación para el Progreso de otros centros de pensamiento de derecha chilenos, como el Centro de Estudios Públicos, Libertad y Desarrollo, o la Fundación Jaime Guzmán, entre otros.

Una de las estrategias más utilizadas en la actualidad por la Fundación para el Progreso para intervenir e instalar sus ideas ha sido a partir del uso de las redes sociales (VALLADARES, 2020). Sin embargo, este *think tank* inicialmente fue ganando reconocimiento público a partir de la edición y

⁴ Para más información, véase: <https://fppchile.org/es/mision-vision-y-valores/>

promoción de los libros de Axel Kaiser. Incluso se puede afirmar que la Fundación para el Progreso se fue edificando y construyendo alrededor de la figura carismática de Kaiser. Después la institución ha ido sumando a jóvenes voces, como Fernando Claro, Eugenio Guerrero, Jorge Gómez Arismendi y Pablo Paniagua. Todos ellos comparten en sus columnas, redes sociales y opiniones, un horizonte de acción común al movimiento libertario latinoamericano: hay que dar la ‘batalla de las ideas’ contra la izquierda regional (PANIAGUA, 2021). De hecho, la Fundación para el Progreso y Kaiser especialmente se alinean también con las nuevas derechas radicales a nivel internacional, para las cuales “el comunismo ha vuelto bajo la forma del “marxismo cultural” y es necesario retomar esos combates con la misma energía” (STEFANONI, 2021, p. 37). No es casualidad que para esta lucha hayan estado muy influenciados por las estrategias de líderes globales, como Steve Bannon, a la hora de combatir desde medios digitales y centros de pensamiento a la “nueva hegemonía progresista” que “se ha venido imponiendo en el mundo occidental y cuyo reinado explicaría, en parte, la actual “decadencia de Occidente”” (STEFANONI, 2021, p. 65).

Los contenidos y lineamientos ideológicos de la derecha radical y populista internacional impregnan, como veremos más adelante, las intervenciones públicas y los libros de Axel Kaiser, presidente y principal referente público de la Fundación para el Progreso. De manera específica, Kaiser es abogado, Doktor der Philosophie por la Universidad de Heidelberg y columnista habitual de los diarios *Financiero*, *El Mercurio* y *El Líbero*.⁵ Precisamente estas colaboraciones en medios de comunicación más su actividad editorial han facilitado la “construcción de su figura autoral” (SAFERSTEIN, 2020 p. 69) como referente en Chile del movimiento libertario. La edición de sus libros en la editorial del diario *El Mercurio* le han permitido desarrollar su carrera, a la par que le han aportado “capital de

⁵ Además, Axel Kaiser tienen un podcast “Mentalmorphosis” para difundir “las ideas de la sociedad abierta” y que es financiado por mecenas desde la plataforma Patreon. Para más información, véase: <https://www.patreon.com/axelkaiser> y <https://podcasts.apple.com/bo/podcast/podcast-axel-kaiser/id1506210959>

consagración”, “gran visibilidad”, y un “*habitus* mediático” que le permite operar como intelectual (SAFERSTEIN, 2020, p. 70). Si la plataforma de la Fundación para el Progreso y el mecenazgo de Nicolás Ibáñez fue fundamental en la trayectoria de Kaiser, no menos importante ha sido la alianza estratégica tejida con *El Mercurio*, la cual le ha proporcionado llegar a grandes audiencias y que varios de sus libros como *La fatal ignorancia. La anorexia cultural de la derecha frente al avance ideológico progresista* (2014), *La tiranía de la igualdad. Por qué el proyecto de la izquierda destruye nuestras libertades y arruina nuestro progreso* (2015), *La neoinquisición. Persecución, censura y decadencia cultural en el siglo XXI* (2020), o *El economista callejero. 15 lecciones de economía política para sobrevivir a políticos y demagogos* (2021), se hayan convertido en auténticos éxitos de ventas.

Kaiser representa al “intelectual público” y, especialmente, al “intelectual mediático”; categoría que da cuenta de “intelectuales quienes venden masivamente sus libros, frecuentan los medios de televisión y de radio como invitados o conductores y escriben columnas dominicales” (SAFERSTEIN, 2021, p. 121). Un intelectual mediático conoce bien el lenguaje de los medios y sabe utilizarlo a su favor (SAPIRO, 2017, p. 202). Los intelectuales mediáticos “lejos de denunciar el poder, contribuyen a legitimarlo” (TRAVERSO, 2014, p. 70). En ese afán mediático, Kaiser genera controversias, sostiene frecuentes polémicas y “se mueve en un registro muy de trinchera” (MANSUY, 2017). Se asemeja a la categoría de “intelectual polémico” para quienes utilizan “un estilo panfletario, hablan rápido, en el escrito y en el oral usan la invectiva, la confusión, lanzan juicios precoces con tintes populistas. Usan habitualmente giros o cambios de opinión bien calculados y con impacto mediático” (SAPIRO, 2017, p. 200). También su perfil encaja con la categoría del intelectual como “activista político” que se aprovecha de los medios de comunicación y de las redes sociales para insertar sus discursos (PECOURT, 2015; VALLADARES, 2020).

Discursos provenientes, la mayoría de las veces, de ideas expuestas y desarrolladas con más profundidad en sus libros.

3. Marco metodológico.

Se siguió una metodología cualitativa para cumplir con el objetivo propuesto de analizar las ideas más representativas que Axel Kaiser ha vertido en sus libros. Esta perspectiva se ajusta al interés por comprender las creencias, juicios y opiniones de este intelectual público. Además, la perspectiva cualitativa aplicada al contenido de libros permite examinar cómo la obra de un autor da cuenta de una lógica, de unas motivaciones y de un plan ordenado para el proceso de formación de ideas concretas, en este caso tendientes a aportar al movimiento libertario en Chile, como un movimiento ideológico e intelectual que también tiene claras connotaciones latinoamericanas e internacionales y que tiene repercusiones sociales y también políticas, como se verá en la discusión y conclusiones. Respecto al método, se siguió el estudio de caso, por lo que representa Axel Kaiser como una figura pública intelectual representante de la nueva derecha en Chile.

La muestra de libros fue intencionada y su selección respondió al criterio de ser libros escritos por Axel Kaiser. Se seleccionaron los 7 libros en los que ha sido autor único y también los otros 2 libros escritos en coautoría (uno junto a Gloria Álvarez y otro junto a Hernán Büchi).⁶ Frente a otro tipo de discursos e intervenciones públicas como pueden ser columnas de opinión, mensajes en redes sociales o participación en medios de comunicación, se eligió el análisis de los libros porque éstos actúan como manifiestos que hacen pública una declaración de principios y doctrinas. Tienen una intencionalidad, en el caso de que nos ocupa, de ser manuales que

⁶ Gloria Álvarez es una politóloga e intelectual guatemalteca. Conduce el programa radial “Viernes de Gloria” en la radio Libertópolis y el programa de televisión “HDP” en el canal Azteca Guatemala. Se dio a conocer internacionalmente dentro del movimiento libertario con el discurso que pronunció en el Parlamento Iberoamericano de la Juventud en 2014, donde defendió el uso de las nuevas tecnologías para poner freno a los gobiernos progresistas (Para más información, véase: <https://newmedia.ufm.edu/autor/gloria-alvarez/> y <https://eliberoc.cl/tag/gloria-alvarez/>). Más adelante nos referiremos al caso de Hernán Büchi.

compendian y recogen lo más sustancial de la producción ideológica del movimiento libertario en Chile. Además, los libros están insertos en las disputas ideológicas y sociales por los significados, las interpretaciones y el poder de una sociedad. También los libros suelen perdurar en el tiempo, siendo algunos de ellos auténticos *best-sellers* de ventas y reeditados varias veces. El CUADRO 1 muestra la selección de los libros analizados:

CUADRO 1: Libros de Axel Kaiser publicados entre 2009 y 2021

Título	Ciudad y Editorial	Año de publicación
La fatal ignorancia. La anorexia cultural de la derecha frente al avance ideológico progresista.	Santiago de Chile: Unión Editorial, Fundación para el Progreso.	2014 (publicado originalmente en 2009)
La tiranía de la igualdad. Por qué el proyecto de la izquierda destruye nuestras libertades y arruina nuestro progreso.	Santiago de Chile: Ediciones El Mercurio.	2015
El engaño populista. Por qué se arruinan nuestros países y cómo rescatarlos. (junto con Gloria Álvarez)	Santiago de Chile: Ediciones El Mercurio.	2016
El Papa y el capitalismo. Un diálogo necesario.	Santiago de Chile: Ediciones El Mercurio.	2017
La miseria del intervencionismo: 1929-2008.	Madrid: Unión editorial	2019 (2ª edición, primera de 2013)
El Chile que viene.	Santiago de Chile: Fundación por el Progreso.	2020 (publicado originalmente en 2007)
La neoinquisición. Persecución, censura y decadencia cultural en el siglo XXI.	Santiago de Chile: Ediciones El Mercurio.	2020
Reflexiones sobre la cuestión constitucional (junto con Hernán Büchi)	Santiago de Chile: Ediciones Libertad y Desarrollo.	2020

El economista callejero. 15 lecciones de economía política para sobrevivir a políticos y demagogos.	Santiago de Chile: Ediciones El Mercurio.	2021
---	---	------

Fuente: elaboración propia en abril de 2023.

El modelo de análisis utilizado para los libros de Axel Kaiser fue el análisis de contenido temático a partir de categorías levantadas en la revisión teórica de la bibliografía especializada (VALLES, 1999). Este modelo de análisis posibilita el estudio exhaustivo de la producción intelectual e ideológica de este representante del movimiento libertario chileno al identificar ideas reiterativas que permiten reconstruir contenidos y temas. Además, el análisis de contenido ayuda a situar las ideas en su contexto histórico, social y político concreto. A su vez, este modelo de análisis permite identificar cómo estas ideas se insertan en debates más amplios, como es el espacio transnacional de las derechas (SALAS-PORRAS, 2018; STEFANONI, 2021). De forma complementaria, el análisis de contenido aplicado en los libros de Axel Kaiser se trianguló con esta literatura especializada sobre las derechas, lo que ayuda a interpretar teóricamente las ideas que están detrás de esta nueva derecha en Chile.

4. Análisis y resultados.

4.1. Crítica al dominio progresista.

El discurso de Axel Kaiser se caracteriza, en primer lugar, por una crítica al dominio cultural e ideológico del progresismo en la sociedad chilena. Ese diagnóstico, desde su punto de vista hegemónico, es el motivo fundamental de su compromiso a dedicarse a la “batalla de las ideas” antes que, por ejemplo, “comprender la realidad” o incluso “en dudar respecto de las propias certezas” o “a preguntar(se) seriamente por las ideas del adversario” (HERRERA, 2018, p. 9). De la siguiente manera, Kaiser (2015) expresa nítidamente esta motivación por la disputa ideológica:

[P]ara quienes creemos en la libertad debemos derrotar a la izquierda en el plano intelectual primero, demostrando que su propuesta es moralmente inferior y dejando en evidencia que su idea de justicia supone, contrario a lo que ellos plantean, el desprecio por la dignidad de las personas además de una insana adoración por el poder. Y, por supuesto, debemos también refutar su crítica a la economía libre por falaz y antojadiza. Se trata así de

una genuina batalla de las ideas al más alto nivel (KAISER, 2015, p. 25).

Kaiser (2014), como se puede apreciar, no reniega de la batalla de las ideas y de combatir a la “hegemonía progresista” (p. 103). En este combate identifica, por supuesto, un claro enemigo: los intelectuales de izquierda, quienes han provocado la “destrucción cultural” de la sociedad y quienes han sido los encargados de difundir “el tono romántico del proyecto de la izquierda” (KAISER, 2015, p. 171). Un proyecto de izquierda que, según su punto de vista, está asociado al marxismo y al socialismo, doctrinas caracterizadas por “la miseria y el hambre” (KAISER, 2021, 84); ya “que Marx y todas las escuelas anticapitalistas que lo siguieron, jamás entendieron ni los más elementales principios de economía y por eso la aplicación de sus ideas llevó al totalitarismo y a la pobreza generalizada” (KAISER, 2021, p. 54). El hilo conductor de esa visión desfavorable respecto a la izquierda -y respecto al progresismo en general- se relaciona con el que quizás sea el rasgo más típico de las reflexiones que Kaiser deja en sus libros: el marxismo y el socialismo alimentan al gran mal de nuestro tiempo, el populismo.

En este sentido, para este autor el populismo es, en primer lugar, un “producto intelectual” y para ello, de manera reiterativa, se debe “llamar la atención sobre el hecho de que las ideas, las ideologías y la hegemonía cultural que construyen intelectuales y líderes de opinión son nutrientes fundamentales del populismo” (KAISER; ÁLVAREZ, 2016, p. 22). El populismo es entonces una construcción intelectual que remite a visiones del mundo caracterizadas por valores como la justicia social, la igualdad o la redistribución que ponen “en riesgo a los sistemas económicos liberales y a las sociedades a favor del mercado” (KAISER, 2017, p. 23). Su valoración del populismo, o según sus términos “populismo de izquierda” o “sociedad neopopulista”, no puede ser más taxativa como simple para el caso chileno: “la economía política de Chile ya giró hacia el redistribucionismo y el estatismo de manera tan profunda que será casi imposible revertir” (KAISER, 2020a, p. 16). El populismo, por tanto, está asociado al despilfarro, a

“la tendencia al ocio y la vida fácil” (KAISER, 2019, p. 121), a la irresponsabilidad fiscal, o a la “obsesión igualitarista” (KAISER; ÁLVAREZ, 2016, p. 80). Son conceptos que remiten, en síntesis, a una crítica feroz hacia el papel del Estado y su intervención en la sociedad y, principalmente, en la actividad económica.

El gran peligro es el llamado ‘estatismo’. El Estado en las ideas de Kaiser aparece como un problema, como una molestia, un obstáculo y, sobre todo, como una organización que confisca y se apropia del patrimonio y de las propiedades de las personas. De hecho, no puede ser más explícita su visión sobre la institucionalidad estatal: “si el Estado como organización se convierte en el saqueador por excelencia, la sociedad podría terminar arruinada” (KAISER, 2021, p. 27). La idea de Estado que maneja este autor es, por tanto, absolutamente negativa y queda asociada “a la desigualdad, criminalidad desatada, desempleo, inflación y toda la miseria que acompaña a Estados interventores y corruptos como los nuestros” (KAISER; ÁLVAREZ, 2016, p. 65). Pues bien, insistiendo en esa evaluación, el Estado facilita “la relación inescindible que existe entre colectivismo, igualdad y miseria” (KAISER, 2015, pp. 162-163). El trasfondo cultural, ideológico e incluso político implícito de estas ideas explicaría una defensa corporativa de la actividad empresarial en Chile y de sus grupos económicos como protagonistas del desarrollo “que han logrado” para el país (KAISER, 2020a, p. 16).

Nos encontramos, entonces, ante una fuerte crítica a todo discurso relacionado, según sus términos, con la “doctrina populista y anticapitalista” (KAISER, 2017, p. 99); la cual pretende imponer desde el Estado los “derechos sociales” que “destruyen el principio de derecho de propiedad porque suponen que al menos parte de ella es del colectivo y no de quien la ha producido” (KAISER, 2015, p. 73). Junto con esta “trampa de los derechos sociales” que erosionan la propiedad privada, aparece también otro punto crítico respecto al Estado: el Estado siempre debe ser un Estado mínimo, sin grasa, con “impuestos moderados” (KAISER, 2021, p.

26) y que no interfiera en la libertad económica. Veamos la postura de este autor de manera sintética:

[L]a obesidad mórbida del Estado chileno, hoy ahogado en una burocracia inútil y empresas estatales que han sido usadas para pagar favores políticos y despilfarrar el dinero de los contribuyentes. Ésas serían reformas de verdad que nos harían avanzar hacia el desarrollo y alejarnos del populismo redistributivo ruinoso que ha mantenido a América Latina en la miseria a lo largo de su historia (KAISER, 2015, p. 227).

Puede decirse que estas ideas de Axel Kaiser respecto al Estado y a la sociedad chilena están muy influidas, sin duda, por el contexto y la sucesión de movilizaciones que se desarrollaron desde el 2006 hasta el 2019, las que, si bien tenían demandas específicas, a la vez alcanzaron gran popularidad y apoyo ciudadano (RUIZ, 2020). De esta forma, la ciudadanía cada vez fue más activa y exigió cambios en distintos ámbitos, como la educación secundaria y la educación universitaria, la salud, el sistema previsional o el cuidado medioambiental (MARTUCCELLI, 2021; PAREDES; VALENZUELA, 2021). Todas esas movilizaciones expresaban varios aspectos relacionados con el malestar acumulado durante años por la crisis de representatividad y legitimidad del sistema político, por la insatisfacción respecto al Estado y también por los abusos del mercado en Chile, como también representaban el cambio cultural y social que la sociedad chilena viene experimentando en las últimas décadas (AVENDAÑO; OSORIO, 2021; GARRETÓN, 2012; HUNEEUS, 2014; MAYOL; AZÓCAR, 2011). Sin embargo, para Kaiser dan cuenta de una visión genérica de la 'sociedad neopopulista', idea o concepto que consigue, o por lo menos alienta, la segunda de las dimensiones que caracteriza el repertorio de ideas de este intelectual público: la defensa de la ideología liberal ante la paulatina pérdida de peso que esta doctrina ha tenido en la sociedad chilena. Veámoslo a continuación.

4.2. La radicalización: la anorexia de la derecha chilena.

El avance de la hegemonía populista de izquierda tiene para Axel Kaiser (2014) un factor explicativo: el retiro generalizado de la derecha en la batalla cultural ante el “triunfalismo capitalista” producido por los éxitos del modelo socioeconómico (p. 125). Hubo, en apretada síntesis, una entrega de la disputa cultural e ideológica al adversario. Este proceso cultural de “dominio progresista” ha seducido y moldeado a la opinión pública bajo un halo de superioridad moral que no necesariamente terminaría con el problema de la pobreza o la desigualdad en el país. Son, según la visión de Kaiser (2020b), los tiempos de la “neoinquisición de izquierda” y de su “ideología victimista y el correlato autoflagelante” (p. 125; 127). Según este autor, este diagnóstico se debe a porque “la derecha no destina ni tiempo ni demasiado recursos al mundo de las ideas y piensa casi exclusivamente en términos de productividad, convencida de que los seres humanos nos movemos solo por incentivos, entonces lógicamente no atrae a las masas. Al no transmitir ideas, la derecha no logra configurar una identidad ni perfilarse como referente” (KAISER, 2014, p. 89). Aquí aparece otro argumento característico y recurrente de los libros de Kaiser y de gran parte de sus intervenciones públicas: la anorexia cultural e ideológica de la derecha traerá graves consecuencias patológicas para el destino del país.

Este debilitamiento de la derecha ha sido ocasionado, según Kaiser (2015), por la “fatal ignorancia de la llamada “derecha” política, social y económica en Chile”, la cual ha despreciado “el rol de los intelectuales y la función de la cultura como soporte de las instituciones sobre las que descansa la prosperidad y paz de naciones” (p. 231). La visión que tiene este autor sobre la derecha chilena da cuenta de un sector débil, famélico y entreguista que quedó en evidencia durante el segundo gobierno de Sebastián Piñera cuando, como consecuencia del estallido social de octubre de 2019, entregó al adversario la Constitución de 1980: “Chile, cual república bananera, ha decidido desechar la Constitución que más estabilidad y

prosperidad le ha traído en su historia” (KAISER, 2020a, p. 16). Para este autor este gesto simbolizó el fracaso de la derecha en no haber asumido un rol más decisivo y fuerte en la batalla cultural ante la ‘izquierdización’ del escenario cultural y político del país: “La fatal ignorancia de la derecha chilena, que jamás entendió la historia de Chile y su presente en clave ideológica y cuya cobardía la llevó nuevamente a regalar el país a las facciones más extremas de la izquierda, pavimentó el camino del fracaso” (KAISER, 2020a, p. 16).

Ante esta derecha cobarde, Kaiser sugiere una y otra vez en sus libros una medida bien manoseada en sus argumentos discursivos: “La batalla por la cultura y -como diría Gramsci- por la conciencia de las personas es la clave de cualquier proyecto que pretenda ofrecer esperanza” (KAISER; ÁLVAREZ, 2016, p. 196). De manera evidente, hay un reconocimiento a la incapacidad que ha tenido la derecha social y política en Chile, pues ésta ha sido capaz de ganar elecciones presidenciales, pero ha sido incapaz de cambiar la mentalidad y la cultura del país. Ello se debe a que la derecha en el poder ha sido una derecha desperfilada, que ha suavizado sus marcos interpretativos ideológicos y que ha jugado en la cancha cultural del adversario. Además, el temor siempre está puesto en el regreso de los populistas de izquierda con sus cantos de cisne y sus anhelos de modificar y refundar las bases sobre las que se construyó el desarrollo que el país alcanzó en los últimos años. Por tal motivo, “el desafío consiste en cambiar las ideas en la sociedad de manera tal que el sentido común, las creencias y los valores predominantes sean aquellos que favorezcan la libertad y la prosperidad” (KAISER; ÁLVAREZ, 2016, p. 195).

Dentro de tal esquema de pensamiento, “es la cultura, es decir, las ideas y valores dominantes en una sociedad, lo que marca la diferencia entre el éxito y el fracaso, entre el bienestar y la ruina general” (KAISER, 2014, p. 200). En otras palabras, “del resultado de la lucha intelectual dependen los intereses de todos” (KAISER, 2014, p. 202). Y, por supuesto, “son los intelectuales los encargados de construir lo que Gramsci llama

‘hegemonía’” (KAISER; ÁLVAREZ, 2016, p. 101). Existe, por tanto, una visión generalizada de que intelectuales como el mismo Kaiser deben contribuir a la construcción de una ‘hegemonía liberal’ que ha entrado en crisis por la flojedad de la derecha en no disputar el sentido común y por sus concesiones. Pero también el momento crítico se debe al “egoísmo de nuestra clase dirigente” (KAISER, 2020b, p. 165). Hay aquí un recurso generalizado que aparece en los discursos de la derecha en su vertiente más populista: la separación binaria entre pueblo y élite, entre pueblo y casta, entre buenos y malos. La lógica del enfrentamiento, de la polémica, no solamente permea la manera que tiene Kaiser de interpretar la realidad económica, social y política chilena, sino que además es una representación de una derecha sin complejos.

4.3. Defendiendo el modelo.

Esta derecha sin complejos alimentada por las ideas de Axel Kaiser es una derecha que transita desde esta vertiente libertaria hacia posturas radicales. Unas posturas que, a su vez, convergen de manera específica en la defensa de una corriente ideológica concreta de la derecha chilena: la llamada ‘derecha chicago gremialista’ o la ‘derecha economicista’ (HERRERA, 2014; BUSTAMANTE, 2022; BUSTAMANTE, 2023). Entrando en su contenido, esta derecha economicista se nutre, en lo que respecta al ideario liberal, de los aportes iniciales de la llamada Escuela austriaca representada por las ideas de Ludwig von Mises y Friedrich von Hayek (DE BUREN, 2020; KAISER, 2019, p. 106-107). Además, bebe también de los principios de la Escuela de Chicago, simbolizada principalmente por la figura de Milton Friedman. La alquimia de estas dos corrientes la van a realizar en Chile los llamados ‘Chicago Boys’. Con esa etiqueta se reconoce a los estudiantes chilenos procedentes de la Universidad Católica que, entre los años 60 y 70, estudiaron economía en la Universidad de Chicago

junto con Friedman y que regresaron a Chile convencidos de que la liberación de los mercados representaba un nuevo modelo de desarrollo económico para el país (VALDÉS, 2020).⁷ Estos economistas se encargarían después de hacer toda la revolución macroeconómica de la dictadura civil-militar de Augusto Pinochet, participando en el equipo económico y ocupando importantes puestos en los Ministerios de Economía, Trabajo, Hacienda o en la Oficina de Planificación Nacional (ODEPLAN) (GÁRATE, 2012; HUNEEUS, 2016). Gracias a esta arquitectura institucional pudieron implementar este modelo neoliberal caracterizado, de manera abreviada, por el papel limitado del Estado, por privatizar y descentralizar la actividad económica, por defender y promover la propiedad privada, por asumir el mercado un rol central en la vida social reconociendo la importancia del individuo, y por una apertura de la economía hacia el comercio exterior (MORALES, 2013).

Los Chicago Boys buscaban, por un lado, un antídoto contra las políticas económicas y sociales propuestas por la CEPAL para América Latina y también rechazaban la perspectiva de la dependencia y su cuestionamiento al sistema capitalista (MORALES; GÓMEZ DE BENITO, 2022). El papel del Estado era la causa clave del lento crecimiento de la economía chilena y en su lugar proponían aprovechar al máximo las ventajas que ofrece un sistema de mercado abierto al mundo. Por otro lado, se quería experimentar in situ las teorías referidas al capital humano concebidas por la Universidad de Chicago. De hecho, el modelo neoliberal impuesto en Chile por la dictadura constituyó la aplicación más extrema de la ortodoxia monetarista y librecambista de la Escuela de Chicago que fue seguida más tarde por otros países y que se consolidó en América Latina en los años 80 (GÁRATE, 2012; MORALES, 2013; VALDÉS, 2020). El mercado, el intercambio voluntario de bienes y servicios, por lo general cubriría las necesidades de los individuos con mayor eficacia que el Estado, dentro de

⁷ Los primeros y más importantes becarios chilenos fueron Pablo Baraona, Álvaro Bardón, Jorge Cauas, Sergio de Castro, Fernando Lens, Sergio Undurraga, Juan Villarzú o José Luis Zavala. Posteriormente figuran nombres como los de Miguel Kast, Hernán Büchi, Julio Dittborn, Joaquín Lavín o José Piñera (MORALES, 2013).

las limitaciones de los recursos limitados. Sus postulados se resumen entonces como la creencia de que la intervención del Estado por lo general no funciona y que los mercados por lo general sí. Éste diagnóstico es claramente compartido por Axel Kaiser (2017):

Cuando hablamos de libertad económica nos referimos a un marco institucional en el que se asegure fuertemente el derecho a la propiedad privada, se mantengan impuestos razonables, regulaciones amistosas con el emprendimiento, inflación controlada, con baja cantidad de empresas controladas por el Estado, gasto público sostenible y amplia apertura comercial (p. 60).

En resumen, una vez más aparece la necesidad de limitar la acción del Estado y de que los mercados deban regularse solos bajo la ley de oferta y demanda, pues “el libre mercado es el instrumento más eficaz para colocar los recursos y responder eficazmente a las necesidades” (KAISER, 2017, p. 123). Un “Estado limitado”, según Kaiser (2015), permite el juego espontáneo del cual depende la sociedad” (p. 43), pues “la visión liberal pone un tremendo énfasis en la sociedad civil” (p. 109). Incluso hay un reconocimiento a “la fuerza civilizadora del mercado libre” (KAISER, 2017, p. 89). Dicho argumento es más o menos como sigue: el libre mercado trae prosperidad y todo intervencionismo traería, según afirma Kaiser con firmeza, miseria; la cual siempre puede “multiplicarse hasta proporciones insospechadas” (KAISER, 2019, p. 22). En consecuencia, en sus ideas sobresale indudablemente una protección intelectual al modelo liberal y al liberalismo, sobre todo económico, pero también hay un claro propósito de instalar creencias y sentidos contra la “mediocridad estatista” que representan el marxismo y el socialismo (KAISER, 2014, p. 81).

No extraña entonces la defensa y la interpretación que hace este autor de la Constitución impuesta durante la dictadura: “la Constitución de 1980 buscó proteger la propiedad privada y la libertad económica, limitando el poder redistributivo y demagógico de los políticos” (KAISER, 2015, p. 31). Este último pasaje denota una cualidad sustantiva de la derecha economicista chilena y del ideario libertario que representa Axel Kaiser: para el pensamiento neoliberal nunca han sido importante las formas

políticas democráticas y constitucionales mientras se respetasen las bases fundamentales del orden económico. La auténtica democracia política únicamente se daría en una sociedad de libre de mercado. Por ello en los libros e intervenciones de Kaiser se distingue una constancia y firmeza en combatir a todo “reformismo radical” y a “la pretensión de refundar la República mediante una nueva Constitución, el reclamo por la nacionalización de recursos naturales, la moralina antilucro y el histérico discurso de denuncia empresarial” (KAISER, 2014, p. 25). Así pues, ha sido clara la posición de Kaiser de rechazar todo cambio constitucional:

Una nueva Constitución no podrá arreglar nada de eso, es más, de seguro que lo va a empeorar en la medida en que abra las puertas a un mayor intervencionismo estatal que en la práctica podría acabar con los fondos de pensiones privados y otros pilares del desarrollo económico nacional. No sería raro que finalmente todo este experimento constitucional que, según la clase política, tuvo por objeto salvar la democracia, termine por sepultarla en el caos, el desorden y la frustración social que genere (KAISER, 2020a, p. 17).

Uno de los énfasis de Axel Kaiser, en tanto intelectual público, ha sido defender el marco institucional de la Constitución de 1980 que ha consagrado la libertad económica en Chile y que, además, él interpreta como una herramienta de estabilización social y política. Con tal propósito, sus ideas e intervenciones intentan enfrentar la “pulsión constitucional” (BÜCHI; KAISER, 2020, p. 20) que hay en el país y frenar “el estatismo asistencialista desenfrenado que existía antes en Chile y que quiere reintroducir hoy buena parte de la izquierda” (KAISER, 2015, p. 75).⁸ Los argumentos de Kaiser (2020a) son insistentes en la “fórmula liberal” como “la única alternativa viable para superar nuestra actual condición de subdesarrollo. Pero nada de lo anterior ocurrirá mientras buena parte de nuestra clase política no supere de una vez por todas esa contagiosa

⁸ Con objeto de que se entienda mejor el rol de Axel Kaiser como “intelectual profeta del mercado”, es necesario señalar aquí la relación intelectual e ideológica que mantiene con Hernán Büchi, uno de los “arquitectos” del modelo neoliberal en Chile (HUNEEUS, 2016). Büchi, de manera breve, es fundador y consejero del *think tank* Instituto Libertad y Desarrollo y presidente del Consejo Directivo de la Universidad del Desarrollo. Además, es miembro del Directorio de grandes empresas nacionales como Quíenco y Falabella. Durante la dictadura, fue Ministro de Hacienda entre 1985 y 1989, y antes ejerció los cargos de Superintendente de Bancos, Ministro de Planificación y Subsecretario de Salud, entre otros. Es Ingeniero Civil en Minas de la Universidad de Chile y Máster de la Universidad de Columbia. La figura de Büchi representa, de hecho, la proyección intelectual y cultural del modelo neoliberal en democracia.

enfermedad intelectual que es la ideología” (p. 166). A esta conclusión la añade otro recurso habitual en sus planteamientos: la tendencia a propagar los peligros de no seguir ese camino liberal.

4.4. El alarmismo y la imagen catastrófica de Chile.

Continuando con este análisis, para Axel Kaiser todos los ataques, cuestionamientos y críticas que recibe el modelo y la “neoliberalización” de la sociedad chilena (HARVEY, 2005, p. 19) son desechados de manera simplista como “paranoia antineoliberal” o “fantasía refundacional” (KAISER; ÁLVAREZ, 2016, p. 27; p. 188). Chile, según la visión de este autor, “experimentará sin duda un endurecimiento del discurso “antineoliberal”, lo cual presumiblemente influirá por varias décadas en los cuadros políticos nacionales y en la política económica del país” (KAISER, 2014, p. 149). Ante toda “idea de desmontar el sistema económico liberal” (KAISER, 2014 p.152), su recurso habitual es el de propagar peligros imaginarios o exagerar los peligros reales. El tono general de sus libros descuella, precisamente, por este alarmismo. Incluso estos pronósticos de males gravísimos impregnan también sus intervenciones públicas. Las imágenes catastróficas del país si éste se desvía del modelo neoliberal o recurre al cambio constitucional son recurrentes en Kaiser, abonando el imaginario colectivo y condicionando a las audiencias. El siguiente pasaje es ejemplar desde este sentido persuasivo:

La Constitución vigente, con sus múltiples modificaciones, no ha sido el impedimento para que el país avance en todas las dimensiones relevantes. De hecho, hasta hace pocos años se vivió el período de progreso más acelerado de la historia de Chile. Sin embargo, con una gran habilidad, quienes parecen tener propuestas de poder personal, lograron convencer a la ciudadanía que solo con una nueva Constitución se lograría vivir mejor. Ello es falso. De hecho, lo más probable es que dadas las tendencias populistas imperantes en la discusión pública y el mundo político,

la calidad de vida de los chilenos empeore (BÜCHI; KAISER, 2020, p. 59).

Las ideas, discursos e intervenciones de Axel Kaiser han ayudado a instalar en Chile la agenda liberal caracterizada, como venimos analizando, por un gran escepticismo ante el papel estatal, la defensa de la libertad económica y la reivindicación de los principios del individualismo. Además, se rechaza la ideología populista de izquierda que fomenta, en su opinión, la regulación estatal del mercado y el aumento del gasto público, que no valora los principios de la libertad individual y que propaga, en consecuencia, la miseria y la destrucción de la sociedad. Pero también hay un halo catastrofista que augura gravísimos males para el país: “Los eventos de octubre de 2019 confirmaron que (...) (estamos en el) peor de los lugares posibles, al punto que hoy no es exagerado decir que Chile, definitivamente, fracasó. Salvo un milagro, no hay forma alguna de que el país consiga hacer reformas reales que le permitan dar el salto a la liga de las naciones serias” (KAISER, 2020a, p. 15). Kaiser (2020a) sentencia que en Chile la “demolición progresiva que se ha hecho del Estado de derecho, sumada a la desarticulación del aparato productivo del país en nombre de la igualdad y de los derechos sociales, llevará a mayor frustración e inestabilidad social en el futuro” (p. 17). Hay una evidente estrategia de recurrir al fracaso, concepto que este intelectual público identifica con la posibilidad de Chile de convertirse “en un típico país latinoamericano, incapaz de progreso sostenible, con creciente delincuencia, crisis recurrentes de nuestro sistema político, tensiones sociales intolerables y demagogia rampante” (KAISER, 2020a, p. 15). De hecho, identifica peyorativamente a América Latina como una región fracasada y a Chile como un país que se está conduciendo hacia el fracaso:

Cuando escribí este libro en 2007 afirmé, en la primera frase, que Chile se encaminaba hacia el fracaso. Por fracaso me refería básicamente a que nos convertiríamos en un típico país latinoamericano, incapaz de progreso sostenible, con creciente delincuencia, crisis recurrentes de nuestro sistema político, tensiones sociales intolerables y demagogia rampante. Los eventos de octubre de 2019 confirmaron que las tendencias que analicé en este texto nos llevaron al peor de los lugares posibles, al punto que

hoy no es exagerado decir que Chile, definitivamente, fracasó. Salvo un milagro, no hay forma alguna de que el país consiga hacer reformas reales que le permitan dar el salto a la liga de las naciones serias (KAISER, 2020a, p. 15).

El recurso, podemos decir, a la ‘fracasomanía’ de este intelectual público es recurrente. La caída con estrépito o la ruina es lo que espera a Chile si sigue “los discursos ideológicos igualitaristas” o las “políticas populistas” practicadas por otros países latinoamericanos, especialmente Argentina y Venezuela. La mención de estos países en sus libros ralla casi la obsesión: explicándose ésta porque Argentina simboliza en sus argumentos el fracaso económico del “intervencionismo estatal”, y porque Venezuela representa las promesas incumplidas de la “asamblea constituyente” (KAISER; ÁLVAREZ, 2016, p. 105; p. 151). Son países, por tanto, con pobreza, desigualdad, desempleo, inflación y miseria causada por Estados interventores y corruptos. Tal cual profeta de mercado, Kaiser (2021) sentencia que únicamente es evitable esta situación en Chile “si cada ciudadano cuenta con las herramientas para entender, en términos generales, las fuerzas de armonía económica que permiten el florecimiento humano. Este solo puede darse cuando el populismo, la demagogia, los discursos de lucha de clases y políticas estatistas se reducen de manera importante” (p. 126).

5. Discusión y conclusiones.

Este artículo consistió, básicamente, en una exploración de las ideas de Axel Kaiser contenidas en sus libros para así comprender la impronta de éstas en el movimiento libertario en Chile. Para empezar, y contrariamente a cómo se suelen considerar a estos intelectuales como “intelectuales menores” (STEFANONI, 2021, p. 29), se examinó seriamente su producción ideológica. De esta manera, se analizó cómo el marco ideológico de este intelectual público se sostenía en cuatro argumentos centrales: 1) la crítica a la hegemonía progresista; 2) la crítica a la derecha anoréxica y débil; 3) la

defensa a ultranza del modelo económico y a la Constitución de 1980; y 4) la constante apelación al alarmismo y a la imagen catastrófica de Chile y de su sociedad. Igualmente se trató de relacionar sus ideas y argumentos con el contexto histórico de este país, caracterizado principalmente por las movilizaciones sociales, el estallido social de 2019 y el proceso constitucional de los últimos años.

De esta forma, Kaiser quedó caracterizado en las anteriores páginas como un intelectual que responde a la coyuntura de su tiempo desde una posición de trinchera y destinada a la batalla cultural. Su combate es hacer frente a los discursos de los intelectuales de izquierda o los “populistas de izquierda”, “fabricantes de miseria” (KAISER, 2020a, p. 16), y portadores de “un activismo político tóxico” o “contaminadores” del espíritu (KAISER, 2020b, p. 19; p. 379). Por tal motivo, su perfil combativo encaja sucintamente con la categoría del intelectual como ‘activista político’(PECOURT, 2015; VALLADARES, 2020). Se puede afirmar, por tanto, que es un ‘intelectual público libertario’ que tal cual ‘profeta del mercado’se encarga de defender y difundir las bondades del modelo y del “sistema económico de libre empresa” en Chile (KAISER, 2014, p. 24). Además, en sus libros apela a las emociones y a la educación económica para prevenir la catástrofe y la deriva populista a la que se ve conducida el país.

Para tal tarea, ha contado con las plataformas que le ofrecen la Fundación para el Progreso y la editorial de *El Mercurio*, instituciones fundamentales en Chile dentro de ‘circuito cultural del capitalismo’ (GONZÁLEZ HERNANDO; UNDURRAGA, 2019; UNDURRAGA, 2013) que han promovido su consagración intelectual y desde donde ha podido difundir sus ideas y sus libros destinados a la producción ideológica a favor del neoliberalismo. Además, vimos cómo sus ideas han estado muy influidas por la tradición de la derecha ‘chicago gremialista’ o la derecha economicista chilena, lo que explica su afinidad, por ejemplo, con uno de los ‘arquitectos’ del modelo neoliberal en el país como es Hernán Büchi, fundador y consejero del *think tank* Instituto Libertad y Desarrollo, y uno de los economistas e

intelectuales corporativos más representativos de los grupos económico del país.

Se puede discutir y teorizar incluso de la existencia de una política de alianza entre estos intelectuales y estas instituciones forjada en el ‘circuito extrainstitucional del poder’ en Chile (CORTÉS TERZI, 2000). Una política de alianza que, además, explicaría cómo los argumentos y contenidos del movimiento libertario chileno, representado públicamente por Kaiser, se inserta en lo que algunos autores (GARRETÓN, 2007; HUNEEUS, 2014) han llamado como ‘post-pinochetismo’. Con esta categoría se pretende dar cuenta de una corriente ideológica más amplia que se empeña en mantener viva la huella del autoritarismo cultural y que impide una mayor apertura democrática en la sociedad chilena, la cual todavía vive “entrampada en la herencia institucional de la dictadura” (GARRETÓN, 2007, p. 11). De hecho, la panorámica general de los libros analizados de Axel Kaiser reveló una concepción neoautoritaria de la democracia -posición representada por rechazar todo cambio constitucional y mantener la Constitución escrita en dictadura-, y por difundir una visión de la libertad muy reducida al ámbito económico. Pensemos, por ejemplo, que toda postura contraria a los postulados de Kaiser es tachada por él como pensamiento propio de una izquierda totalitaria. Es, por cierto, una mirada muy reduccionista sobre el conflicto en la política democrática y sobre la economía o la vida misma en una sociedad compleja (INNERARITY, 2020).

Además, se puede discutir hasta qué punto las ideas libertarias de Axel Kaiser tendrían recorrido y repercusión en las audiencias si éstas no se apoyasen en ese afán de amarrarse al modelo neoliberal. En otras palabras, si él no hiciera ruido y si no fuera apocalíptico en su estilo y tono, y, por supuesto, si no contase con todo el entramado institucional que le ayudó a construir su figura autoral, probablemente poca gente leería sus libros y escucharía o seguiría sus intervenciones mediáticas.⁹ Kaiser hoy se ha

⁹ En su cuenta de Twitter (<https://twitter.com/AXELKAISER/>) cuenta con más de 320.000 seguidores.

posicionado en el medio, cuenta con su público y, además, ha instalado la agenda liberal en Chile: podemos decir que es un “autor marca” (SAFERSTEIN, 2021, p, 129) y representante de una derecha “sin complejos y dispuesta a asumir el desafío de proponer un proyecto realmente distinto al de la izquierda” (KAISER, 2015, 236). Esta estrategia de polemizar también está muy relacionada con las agendas internacionales de la derecha radical y populista a la hora de combatir al estatismo o al colectivismo como “el principal adversario del neoliberalismo” (BIEBRICHER, 2018, p. 25).

Sin embargo, Axel Kaiser no solamente en sus libros es refractario y vocero local de debates internacionales o de polémicas, principalmente provenientes de Estados Unidos, en otras temáticas que, por cuestiones de espacio, no pudimos analizar, como son sus críticas a la corrección política o a la ideología de género (KAISER, 2020b, 17; RODRÍGUEZ, 2020). Aquí nos detuvimos en sus ideas y planteamientos más específicos sobre la cultura, la sociedad y la política chilena contenidos en sus libros. En ese sentido, será interesante en próximos trabajos analizar cómo el discurso libertario de Axel Kaiser no solamente ha sido continuador de la derecha economicista en Chile, sino que también su deriva populista creemos que está alimentando a la derecha radical que representa José Antonio Kast y el Partido Republicano.¹⁰ Sería conveniente estudiar esta reconfiguración ideológica al interior de las derechas chilenas, las cuales se alinearon para rechazar la propuesta de texto constitucional el pasado 4 de septiembre de 2022.

Por mientras, y para ir concluyendo, sugerimos aquí que estamos asistiendo a un nuevo proceso de hibridación ideológica (BUSTAMANTE, 2023), continuador del ‘pospinochetismo’ al que nos referíamos anteriormente y que combinaría elementos de la derecha economicista, la derecha libertaria de Kaiser y la derecha nacionalista (PÉREZ DE ARCE, 2022). Todo ello da cuenta de la dificultad de “trazar fronteras” ideológicas

¹⁰ Axel Kaiser es hermano de Johannes Kaiser, youtuber y actual diputado nacional del Partido Republicano. Además, su hermana Vanessa Kaiser es también una reconocida youtuber del movimiento libertario en Chile, complementando en su canal “Esfera pública” las intervenciones de su hermano Axel.

(STEFANONI, 2021, p. 30) al interior de la nueva derecha chilena. Igualmente, esperamos en próximos trabajos estudiar las ramificaciones que están tejiendo estas nuevas derechas en América Latina, siendo ya evidentes las relaciones intelectuales entre Chile y Argentina, protagonizadas por Axel Kaiser, José Antonio Kast o Javier Milei (EL MERCURIO, 2021, D2).¹¹ De igual manera, habrá que continuar prestando atención a los corredores de ideas entre la región latinoamericana y España ante el ‘avance del comunismo’ y ‘la defensa de la libertad’, como es la Carta de Madrid.¹² Son derivaciones del movimiento libertario internacional que aquí tratamos, por lo pronto, de aterrizar al caso concreto de Axel Kaiser en Chile.

Referencias

ALENDIA, Sthepanie; GARTENLAUB, Andrea; FISCHER, Karin. Ganar la batalla de las ideas. El rol de los *think tanks* en la configuración de la nueva centro-derecha chilena. In: ALENDIA, Sthepanie (Ed.), **Anatomía de la derecha chilena**. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica, 2020.

ÁLVAREZ VALLEJOS, Rolando. **Gremios empresariales, política y neoliberalismo. Los casos de Chile y Perú (1986-2010)**. Santiago de Chile: Ediciones LOM, 2015.

AVENDAÑO, Octavio; OSORIO, Nelson Alejandro. Propuestas de cambio y debilidad institucional en Chile: De la revuelta social (2019) al inicio del funcionamiento de la Convención Constitucional (2021). *Revista de Ciencias Sociales Ambos Mundos*, n. 2, p. 7-18, 2021. <https://doi.org/10.14198/ambos.20978>

BIEBRICHER, Thomas. **The Political Theory of Neoliberalism**. California: Stanford University Press, 2018.

BOHOSLAVSKY, Ernesto; BOISARD Stéphane. Derechas nuevas, viejas y renovadas: presentación de la problemática. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos** [Online], 2017. <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.70495>

BÜCHI, Hernán; KAISER, Axel. **Reflexiones sobre la cuestión constitucional**. Santiago de Chile: Ediciones Libertad y Desarrollo, 2020.

¹¹ De hecho, Javier Milei presentó en Buenos Aires, en agosto de 2022, el último libro de Kaiser. Para más información véase: <https://fppchile.org/es/blog/javier-milei-presento-en-argentina-el-economista-callejero-de-axel-kaiser/>

¹² Detrás de la Carta de Madrid está Vox, partido de derecha radical española, y su *think tank* Fundación Disenso. Para más información véase: <https://fundaciondisenso.org/carta-de-madrid/>

BUSTAMANTE, Fabián. ¿Existe(n) una(s) nueva(s) derecha(s) en Chile? **Cuadernos Inter.c.a.mbio sobre Centroamérica y el Caribe**, v. 20, n. 1, e54336, 2023. <https://doi.org/10.15517/c.a.v20i1.54336>

BUSTAMANTE, Fabián. **La hibridación ideológica discursiva de la derecha chicogo gremialista en Chile entre 1973 y 2020**. Director: Isaac Caro. Tesis Doctoral - Doctorado en Sociología, Universidad Alberto Hurtado, Santiago de Chile, 2022.

CÁRDENAS, Luis. El rearme de Nicolás Ibáñez: Revisa sus aportes de filantropía y se aleja de Wanderers. **La Tercera**, 9 ene. 2020. Disponible en: <https://www.latercera.com/la-tercera-pm/noticia/el-rearme-de-nicolas-ibanez-revisa-sus-aportes-de-filantropia-y-se-aleja-de-wanderers/967225/>. Consultado en: 24 feb. 2023.

COLODRO, Max. Chile Indócil. **Huellas de una confrontación histórica**. Santiago de Chile, Tajamar Editores, 2020.

CORTÉS TERZI, Antonio. **El circuito extrainstitucional del poder**. Santiago de Chile: Ediciones ChileAmérica, CESOC, 2000.

DE BUREN, María Paula. Elementos para una genealogía del movimiento neoliberal en Argentina: intelectuales, políticos y empresarios. **Revista Temas Sociológicos**, n. 27, p. 59-89, 2020. <https://doi.org/10.29344/07196458.27.2250>

EL MERCURIO. Los nexos entre la nueva estrella de la derecha argentina y Chile. *El Mercurio*, Reportajes, D2, 19 sept. 2021.

EYAL, Gil; BUCHHOLZ, Larissa. From the Sociology of Intellectuals to the Sociology of Interventions. **Annual Review of Sociology**, v. 36, n.1, p. 117-137, 2010. <https://doi.org/10.1146/annurev.soc.012809.102625>

FLORES, Javiera; FUENTES, Javiera; PINOCHET, Alejandra. **De la crítica técnica a la decisión política: rol y redes del think tank Espacio Público en el Chile actual**. Director: Juan Jesús Morales Martín. Tesis de Licenciatura – Carrera de Sociología, Universidad Católica Silva Henríquez, Santiago de Chile, 2022.

GÁRATE, Manuel. **La revolución capitalista de Chile (1973-2003)**. Santiago de Chile:

Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2012.

GARRETÓN, Manuel Antonio (Coord.). **Política y movimientos sociales en Chile. Antecedentes y proyecciones del estallido social de Octubre de 2019**. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2021.

GARRETÓN, Manuel Antonio. **Las ciencias sociales en la trama de Chile y América Latina. Estudios sobre transformaciones sociopolíticas y movimiento social**. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2014.

GARRETÓN, Manuel Antonio. **Neoliberalismo corregido y progresismo limitado. Los gobiernos de la Concertación en Chile 1990-2010**. Santiago de Chile: Editorial ARCIS, CLACSO, PROSPAL, 2012. Disponible en: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/bitstream/CLACSO/12778/1/NeoliberalismoCorregido.pdf>. Consultado en: 28 abr. 2023.

GARRETÓN, Manuel Antonio. **Del postpinochetismo a la sociedad democrática. Globalización y política en el Bicentenario**. Santiago de Chile: Debate, 2007.

GIORDANO, Verónica. ¿Qué hay de nuevo en las “nuevas derechas”? **Nueva Sociedad**, n. 254, p. 46-56, 2014. Disponible en: https://static.nuso.org/media/articles/downloads/4068_1.pdf

Consultado en: 23 jun. 2024.

GIORDANO, Verónica; SOLER, Lorena; SAFERSTEIN, Ezequiel. Las derechas y sus raros peinados nuevos. **Apuntes de Investigación del CECYP**, n. 30, p. 171-191, 2018. Disponible en: <https://apuntescecyp.com.ar/index.php/apuntes/article/view/689/527>
Consultado en: 23 jun. 2024.

GONZÁLEZ HERNANDO, Marcos; UNDURRAGA, Tomás. Expertos y complicidad intelectual en la dictadura chilena. *In*: BOHOSLAVSKY, Juan Pablo; FERNÁNDEZ, Karinna; SMART, Sebastián (Eds.), **Complicidad económica con la dictadura chilena. Un país desigual a la fuerza**. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2019.

GONZÁLEZ HERNANDO, Marcos; WILLIAMS, Kate. Examining the link between funding and intellectual interventions across universities and think tanks: a theoretical framework. **International Journal of Politics, Culture, and Society**, v. 31, n. 2, p. 193-206, 2018. <https://doi.org/10.1007/s10767-018-9281-2>

HARVEY, David. **A Brief History of Neoliberalism**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HERRERA, Hugo. Think tank. **La Segunda**, 3 abril 2018. <https://digital.lasegunda.com/2018/04/03/A/6D3BUP83> Consultado en: 23 feb. 2023.

HERRERA, Hugo. **La derecha en la crisis del bicentenario**. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2014.

HUNEEUS, Carlos. **El régimen de Pinochet**. Santiago de Chile: Taurus, 2016.

HUNEEUS, Carlos. **La democracia semisoberana. Chile después de Pinochet**. Santiago de Chile: Taurus, 2014.

INNERARITY, Daniel. **Una teoría de la democracia compleja**. Gobernar en el siglo XXI. Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2020.

JARA, Max. **El Centro de Estudios Públicos (CEP): ideas y acción política del think tank para la transición a la democracia (1980-1990)**. Santiago de Chile: Centro de Estudios Bicentenario, 2022.

KAISER, Axel. **El economista callejero. 15 lecciones de economía política para sobrevivir a políticos y demagogos**. Santiago de Chile: Ediciones El Mercurio, 2021.

KAISER, Axel. **El Chile que viene**. Santiago de Chile: Fundación por el Progreso, 2020a. Edición original 2007.

KAISER, Axel. **La neoinquisición. Persecución, censura y decadencia cultural en el siglo XXI**. Santiago de Chile: Ediciones El Mercurio, 2020b.

KAISER, Axel. **La miseria del intervencionismo: 1929-2008**. Madrid: Unión editorial, 2019. Edición original de 2013.

KAISER, Axel. **El Papa y el capitalismo. Un diálogo necesario**. Santiago de Chile: Ediciones El Mercurio, 2017.

KAISER, Axel. **La tiranía de la igualdad. Por qué el proyecto de la izquierda destruye nuestras libertades y arruina nuestro progreso**. Santiago de Chile: Ediciones El Mercurio, 2015.

KAISER, Axel. **La fatal ignorancia. La anorexia cultural de la derecha frente al avance ideológico progresista**. Santiago de Chile: Unión Editorial, Fundación para el Progreso, 2014. [Publicado originalmente en 2009.]

KAISER, Axel y Gloria ÁLVAREZ. **El engaño populista. Por qué se arruinan nuestros países y cómo rescatarlos**. Santiago de Chile: Ediciones El Mercurio, 2016.

LUNA, Juan Pablo; ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal. Introduction: The Right in Contemporary Latin America: A Framework for Analysis. In: LUNA, Juan Pablo; ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal (Eds.), **The Resilience of the Latin American Right**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2014.

MANSUY, Daniel. Daniel Mansuy y Carlos Ruiz: Un cruce de fuego amigable. La Tercera, 23 jun. 2017. Disponible en: <https://www.latercera.com/noticia/daniel-mansuy-carlos-ruiz-cruce-fuego-amigable/> Consultado en: 17 feb. 2023.

MARTUCCELLI, Danilo. **El nuevo gobierno de los individuos. Controles, creencias y jerarquías**. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2021.

MAYOL, Alberto; AZÓCAR, Carla. Politización del malestar, movilización social y transformación ideológica: el caso Chile 2011. **Revista Polis**, v. 10, n.

30, p. 163-184, 2011. Disponible en: <https://journals.openedition.org/polis/2218>
Consultado en: 19 ene. 2023.

MEDVETZ, Thomas. **Think Tanks in America**. Chicago: University of Chicago Press, 2012.

MORALES, Juan Jesús. **Pugna de paradigmas de conocimiento y de modelos de sociedad en el Chile de los años setenta: dependencia, neoliberalismo y reformismo democrático**. En *XXIX Congreso ALAS.*, 2013, Santiago de Chile. Ponencia: ALAS, 2013.

MORALES, Juan Jesús; GÓMEZ DE BENITO, Justino. **History of Sociology in Chile**. Trajectories, Discontinuities, and Projections. Nueva York, Londres: Palgrave Macmillan, 2022. <https://doi.org/10.1007/978-3-031-10481-7>

NEUMANN, Ricardo. Intelectuales entran al debate por las “dos almas” del sector: la derecha, en busca de su esquivo relato. *El Mercurio*, Reportajes, D10, 5 sept. 2021. Disponible en:
https://www.litoralpress.cl/sitio/Prensa_Texto?LPKey=FO6V2CYERYWTFBW632B7YBHRYLTSHVHOYJY77CYNNK7XASX4RR6A Consultado en: 24 feb. 2023.

PANIAGUA, Pablo. **Atrofia. Nuestra encrucijada y el desafío de la modernización**. Santiago de Chile: RIL editores, 2021.

PAREDES, Juan Pablo; VALENZUELA, Katia. ¿No es la forma? La contribución político-cultural de las luchas estudiantiles a la emergencia del largo octubre chileno. **Última Década**, v. 28, n. 54, p. 69-94, 2021. Disponible en:
<https://ultimadecada.uchile.cl/index.php/UD/article/view/61493/65216>
Consultado en: 17 ene. 2023.

PECOURT, Juan. La esfera pública digital y el activismo político. **Política y Sociedad**, v. 52, n. 1, p. 75-98, 2015.
https://doi.org/10.5209/rev_POSO.2015.v1.n52.45423

PÉREZ DE ARCE, Rodrigo. **Contra todo lo podrido. Una crónica sobre nacionalismo chileno**. Santiago: Editorial Planeta, 2022.

PÉREZ VILLAMIL, Ximena. Nicolás Ibáñez y Axel Kaiser: los yihadistas del libre mercado. **El Mostrador**, 15 ene. 2016. Disponible en:
<https://www.elmostrador.cl/noticias/pais/2016/01/15/nicolas-ibanez-y-axel-kaiser-los-yihadistas-del-libre-mercado/> Consultado en: 23 feb. 2023.

PINILLA, Juan Pablo. *Think tanks*, saber experto y formación de agenda política en el Chile actual. **Polis. Revista Latinoamericana**, n. 32, p. 119-140, 2012. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682012000200008>

PNUD. **Informe sobre Desarrollo Humano en Chile 2015: Los tiempos de la politización**. Santiago de Chile: Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo, 2015. Disponible en: <https://www.estudiospnud.cl/informes-desarrollo/informe-sobre-desarrollo-humano-en-chile-2015-los-tiempos-de-la-politizacion/> Consultado en: 19 ene. 2023.

RODRÍGUEZ, Gina Paola. *Think tanks* de derecha y discursos de género en Chile. *Revista Temas Sociológicos*, n. 27, p. 91-125, 2020. <https://doi.org/10.29344/07196458.27.2500>

RUIZ, Carlos. **Octubre chileno. La irrupción de un nuevo pueblo**. Santiago de Chile: Editorial Taurus, 2020.

RUIZ, Carlos. **La política en el neoliberalismo. Experiencias latinoamericanas**. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2019.

SAFERSTEIN, Ezequiel. **¿Cómo se fabrica un best-seller político? La trastienda de los éxitos editoriales y su capacidad de intervenir en la agenda pública**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2021.

SAFERSTEIN, Ezequiel. El espacio editorial y la construcción autoral. Enrique Krauze como figura intelectual, autor y editor. En: FALERO, Alfredo; QUEVEDO, SOLER, Lorena(Coords.), **Intelectuales, democracia y derechos**. Buenos Aires: CLACSO, Editorial El Colectivo, 2020. Disponible en: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/gt/20200603090556/Intelectuales-de-mocracias-derechas.pdf>

SALAS-PORRAS, Alejandra. **Conocimiento y poder. Las ideas, los expertos y los centros de pensamiento**. Madrid: Akal, 2018.

SAPIRO, Gisèle. **Los intelectuales: profesionalización, politización, internacionalización**. Córdoba: Editorial EDUVIM, 2017.

STEFANONI, Pablo. **¿La rebeldía se volvió de derecha?** Buenos Aires: Siglo XXI, 2021.

THRIFT, Nigel. **Knowing Capitalism**. Londres: Sage Publications, 2005.

TITELMAN, Noam. La nueva izquierda chilena. **Nueva Sociedad**, n. 281, p. 117-128, 2019. Disponible en: https://static.nuso.org/media/articles/downloads/7.TC_Titelman_281_GDqo83u.pdf Consultado en: 19 ene. 2023.

TRAVERSO, Enzo. **¿Qué fue de los intelectuales?** Buenos Aires: Siglo XXI, 2014.

UNDURRAGA, Tomás. **Divergencias. Trayectorias del neoliberalismo en Argentina y Chile**. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2014.

UNDURRAGA, Tomás. Instrucción, indulgencia y justificación: Los circuitos culturales del capitalismo chileno. *In*: José Ossandón y Eugenio Tironi (Eds.), **Adaptación. La empresa chilena después de Friedman**. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Diego Portales, 2013.

VALDÉS, Juan Gabriel. **Los economistas de Pinochet: la Escuela de Chicago en Chile**. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica, 2020.

VALLADARES, Evelyn. **Think tanks de abogacía, infoxicación y ciberdemocracia en Chile. Un estudio de caso sobre las estrategias comunicativas de la Fundación para el Progreso (2014-2019)**. Director: Juan Jesús Morales Martín. Tesis de Licenciatura – Carrera de Sociología, Universidad Católica Silva Henríquez, Santiago de Chile, 2020.

VALLES, Miguel. **Técnicas cualitativas de investigación social. Reflexión metodológica y práctica profesional**. Madrid: Editorial Síntesis, 1999.

VIDELA, Martín. **Redes sociales, vínculos y trayectoria de una nueva derecha intelectual católica en Chile. El rol del Instituto de Estudios de la Sociedad en el debate público (2010-2021)**. Director: Juan Jesús Morales Martín. Tesis de Licenciatura – Carrera de Sociología, Universidad Católica Silva Henríquez, Santiago de Chile, 2021.

XIFRA, Jordi. **Los think tanks**. Barcelona: Editorial UOC, 2008.

LOS THINK TANKS DE DERECHAS COMO DISPOSITIVOS DE INTERVENCIÓN POLÍTICA DURANTE LA PANDEMIA EN AMÉRICA LATINA. SUS SENTIDOS SOBRE EL ESTADO EN CHILE, COLOMBIA Y ARGENTINA¹

*THINK TANKS DE DIREITA COMO DISPOSITIVOS DE INTERVENÇÃO
POLÍTICA DURANTE A PANDEMIA NA AMÉRICA LATINA: SEUS SENTIDOS
SOBRE O ESTADO NO CHILE, COLÔMBIA E ARGENTINA*

*RIGHT-WING THINK TANKS AS POLITICAL INTERVENTION MECHANISMS
DURING THE PANDEMIC IN LATIN AMERICA: THEIR PERCEPTION ABOUT
THE STATE IN CHILE, COLOMBIA, AND ARGENTINA*

Ana Belén Mercado² 
Universidad de Buenos Aires, Argentina

Resumen: El trabajo analiza el rol desempeñado por los think tanks de derechas como dispositivos de intervención política que despliegan sus estrategias a partir de la articulación entre la convocatoria a expertos, la producción y circulación de ideas y el activismo a través de las redes transnacionales que integran. Desde esta perspectiva y a partir del relevamiento documental, se estudia la producción de sentidos sobre el Estado y la gestión de la pandemia de Covid-19 por parte de tres think tanks de Argentina, Chile y Colombia, así como la actuación de dos redes transnacionales durante 2020. ¿Qué visiones sobre el Estado prevalecieron en cada caso? ¿Cuáles fueron las ideas de los think tanks de derechas acerca de la crisis económica, sanitaria y social desatada a partir de la pandemia? Los principales hallazgos dan cuenta de que, incluso

¹ Una versión preliminar de este trabajo fue presentada en las XIV Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires, en noviembre de 2021, en la mesa "Procesos de cambio social en América Latina. Pandemia, nuevas izquierdas y nuevas derechas latinoamericanas". Agradezco los comentarios realizados oportunamente a quienes coordinaron y asistieron a la mesa. En la presente versión se amplía el marco de análisis, incorporando casos y fuentes que no habían sido contemplados.

² Socióloga y Magister en Estudios Sociales Latinoamericanos por la Universidad de Buenos Aires. Licenciada y Profesora en Sociología en la Facultad de Ciencias Sociales (UBA). Becaria doctoral del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) con sede en el Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe (IEALC). Correo electrónico: mercadoanabelen@gmail.com

encontrándose en posiciones disímiles (afines a los gobiernos de derechas en Chile y Colombia y en la oposición a un gobierno progresista-populista en Argentina), los think tanks sostienen valoraciones en torno al Estado que se caracterizan por su homogeneidad y no presentan diferencias sustanciales entre sí.

Palabras clave: Think Tanks; Derechas; Pandemia; Ideas; Estado.

Resumo: O artigo analisa o papel desempenhado pelos think tanks de direita como dispositivos de intervenção política que exibem suas estratégias baseadas na articulação entre a convocação de especialistas, a produção e circulação de ideias e o ativismo por meio das redes transnacionais que os compõem. Nessa perspectiva e a partir do levantamento documental, estuda-se a produção de sentidos sobre o Estado e a gestão da pandemia de Covid-19 por três think tanks da Argentina, Chile e Colômbia, bem como a atuação de duas redes transnacionais durante o ano de 2020. Que visões de Estado prevaleceram em cada caso? Quais foram as ideias dos think tanks de direita sobre a crise econômica, de saúde e social desencadeada pela pandemia? As principais constatações mostram que, mesmo quando estão em posições díspares (filiais aos governos de direita no Chile e na Colômbia e em oposição a um governo populista progressista na Argentina), os think tanks mantêm avaliações do Estado que se caracterizam por sua homogeneidade e não apresentam diferenças substanciais entre si.

Palavras-chave: Think Tanks; Direitas; Pandemia; Ideias; Estado.

Abstract: The paper analyzes the role played by right-wing think tanks as political intervention devices that display their strategies based on the articulation between the call for experts, the production and circulation of ideas, and activism through the transnational networks that they comprise. From this perspective and the documentary survey, the production of meanings about the State and the management of the COVID-19 pandemic by three think tanks from Argentina, Chile, and Colombia are studied, as well as the performance of two transnational networks during 2020. What visions of the State prevailed in each case? What were the ideas of the right-wing think tanks about the economic, health, and social crisis unleashed by the pandemic? The main findings show that, even when they are in dissimilar positions (affiliated with the right-wing governments in Chile and Colombia and in opposition to a progressive-populist government in Argentina), think tanks maintain assessments of the State that are characterized due to their homogeneity and do not present substantial differences between them.

Keywords: Think Tanks; Right-wings; Pandemic; Ideas; State.

1. Introducción

La coyuntura trazada a partir de la pandemia de Covid-19 presenta un escenario relevante para el estudio de los think tanks como actores políticos y como productores de sentidos, es decir, en última instancia, para la configuración de la relación entre el saber y el poder. Esto se debe a que, en este período, proliferaron las palabras de los expertos (en especial, aquellos pertenecientes a las distintas áreas de la salud, pero también en materias como economía y sociología), al tiempo que se revalorizó el rol del Estado como institución clave para la gestión de la crisis (un problema público), lo que provocó posicionamientos variados en torno a sus funciones, límites y alcances por parte de los think tanks, entre otros actores. Partiendo de un análisis que considera a los think tanks de derechas en América Latina como dispositivos de intervención política, en tanto que despliegan sus estrategias mediante la articulación entre la convocatoria a expertos, la producción y circulación de ideas y el activismo a través de las redes transnacionales que integran, el artículo propone estudiar tres casos de think tanks de Argentina, Chile y Colombia, así como la actuación de dos redes transnacionales, durante 2020 en función de sus sentidos sobre el Estado y la gestión de la pandemia. Con este horizonte, se indagará especialmente en el posicionamiento de los centros de pensamiento con respecto a la intervención del Estado en la gestión de la pandemia, anclada en la dicotomía de “economía vs. Estado”, que, lejos de suponer una novedad, es producto de la reedición de visiones del mundo expresadas por estos think tanks desde los años '80. Algunas de las preguntas que motorizaron la investigación son: ¿cuáles han sido las ideas de los think tanks en América Latina para superar las consecuencias de la crisis económica, sanitaria y social desatada a partir de la pandemia del

Covid-19? ¿Qué visiones sobre el Estado prevalecieron en sus producciones? ¿De qué formas intervinieron las redes transnacionales de think tanks en el ámbito político durante la pandemia? Para abordar estos interrogantes se han seleccionado tres casos nacionales: la Fundación Libertad de Argentina (FL-Argentina), Libertad y Desarrollo de Chile (LyD-Chile) y el Instituto de Ciencia Política “Hernán Echavarría Olózaga” de Colombia (ICP-Colombia). Además, se considera el accionar de dos redes transnacionales que nuclea a los think tanks neoliberales de América Latina: la Fundación Internacional para la Libertad (FIL) y la Red Liberal de América Latina (RELIAL).

El papel desempeñado por los think tanks durante la pandemia ha sido problematizado desde distintos enfoques por el ámbito académico; algunos centrados en la relación entre los think tanks y la gestión de la crisis por parte de gobiernos de extremas derechas (BOURGERON, 2022; RIBEIRO, 2022). Desde una mirada que conectó el rol de los expertos con el cambio de lineamientos políticos del gobierno de Boris Johnson en el Reino Unido, Bourgeon halla que las políticas sanitarias que pugnaron por el libre esparcimiento del virus se corresponden con un nuevo régimen de acumulación capitalista, el libertario-autoritario, que desplaza al neoliberalismo tradicional y se asienta en sectores “capitalistas del desastre” con creciente influencia en la política, cuya capacidad para subsistir y hasta sacar provecho de crisis ambientales, humanitarias o geopolíticas les permite socavar las medidas de emergencia sanitaria. Mientras que Ribeiro se abocó al análisis de los institutos ultraliberales que, en Brasil, contribuyeron con la reproducción de ideas que asociaban las restricciones y medidas de seguridad con formas de autoritarismo o totalitarismo en perjuicio de la libertad individual y de la economía. Otros trabajos también han indagado sobre la actuación de los think tanks en pandemia, específicamente sobre dos de los casos que abordamos en esta investigación: LyD-Chile (DÁVILA, 2020) y la FL-Argentina (ETKIN, 2022). Para el caso de Chile, Dávila realizó un relevamiento sobre un conjunto de

think tanks de derechas y su abordaje de las dos crisis que atravesó el país: el estallido social de octubre de 2019 y la pandemia en 2020. En ese marco, la autora recupera testimonios de autoridades e investigadores de LyD. De estas posturas surgen voces críticas hacia el gobierno de Piñera por el manejo de la crisis social y política, especialmente enfocadas en la incapacidad del Estado para garantizar el orden público, y el rechazo al proyecto de elaboración de una nueva Constitución, por considerar que buscaba la destrucción del capitalismo, de la propiedad privada y de la democracia representativa; al tiempo que, con respecto a la crisis provocada por el Covid-19, el Instituto destacó el buen manejo por parte del gobierno. Por último, el caso de la FL-Argentina fue incorporado en el análisis de Etkin, quien estableció que, a partir de la pandemia, los think tanks se vieron compelidos a reestructurar sus estrategias de intervención política, orientando sus formas de incidencia y su intervención comunicacional hacia la opinión pública, antes que su tradicional rol de acción sobre políticas públicas concretas.

Este artículo se inscribe en el conjunto de investigaciones que se propusieron estudiar a los think tanks durante la pandemia, presentando como aporte original la perspectiva comparativa sobre tres centros de pensamientos latinoamericanos y sus conexiones con dos de las principales redes transnacionales de think tanks del continente. De esta forma, se contribuye con evidencia acerca del funcionamiento, organización y despliegue de las estrategias de los think tanks en el contexto de la pandemia; al tiempo que, el contraste producto del análisis entre los think tanks y las redes tiene como emergentes algunas diferencias sobre las que profundizaremos a lo largo del trabajo.

El período bajo estudio abarca, en Argentina, los primeros dos años de mandato de Alberto Fernández, luego del triunfo electoral del Frente de Todos, integrado por fuerzas del progresismo; por el contrario, en Chile y Colombia son fuerzas de derechas las que gobiernan durante este lapso, con Sebastián Piñera e Iván Duque a la cabeza, respectivamente. Cabe

señalar que, en ambos casos, estos mandatos estaban siendo fuertemente cuestionados por distintas demandas insatisfechas. En Chile, a raíz del estallido social que comenzó hacia fines de 2019 y se extendió durante varios meses, en octubre de 2020 Piñera llamó a realizar un plebiscito en el que se aprobó la sanción de una nueva Constitución. A partir de lo que se convocó a una nueva elección para designar a los y las integrantes de la Convención encargada de redactarla. En Colombia, el gobierno de Duque también atravesó una crisis social con protestas masivas en las calles de las principales ciudades del país a mediados de 2021. No obstante sus particularidades, ambas experiencias derivaron en cambios de signo político a partir de los procesos electorales presidenciales celebrados en 2021 (Chile) y 2022 (Colombia). Así, la llegada de las fuerzas progresistas al poder, de la mano de Gabriel Boric y de Gustavo Petro, desplazó a los gobiernos de derechas representados por Piñera y Duque, fuertemente deslegitimados.

Los think tanks relevados comparten características que los vuelven comparables entre sí, aún en sus aspectos disímiles. Los tres forman parte del espectro de centros de pensamiento de derechas en cada uno de sus países, inaugurados en los clivajes de consolidación del neoliberalismo como modelo de orden en contextos de democracia: el ICP-Colombia en 1987, la FL-Argentina en 1988 y LyD-Chile en 1990. Entre los años 2002 y 2013 editaron, en conjunto con otros centros, la *Revista Perspectiva*, publicación latinoamericana de política, economía y sociedad. Además, aparecen en el ranking anual de think tanks elaborado por el Programa de Think Tanks y Sociedades Civiles (TTCSP) de la Universidad de Pennsylvania. Para el año 2020, LyD-Chile y el ICP-Colombia ocupaban los puestos 27 y 78 en el top de think tanks de Sudamérica y América Central. Por otra parte, LyD-Chile y la FL-Argentina se ubicaban 111º y 116º, respectivamente, como los mejores think tanks a nivel mundial, exceptuando a Estados Unidos (MCGANN, 2021). En lo que refiere a las redes seleccionadas, para el caso de la FIL, el recorte responde a su prolífica actividad mediática en la región,

evidenciada en su amplia circulación en la opinión pública, con la relevancia que le brinda la figura de Mario Vargas Llosa, su fundador; y por la organización de distintas actividades relacionadas con la pandemia por parte de la RELIAL. Además, los tres think tanks abordados tienen conexiones con estas redes, lo que ilustra el funcionamiento de los engranajes transnacionales que caracterizan a este tipo de usinas como nodos neoliberales.

En el segundo apartado se da cuenta de algunos de los sentidos sobre el rol del Estado en contexto de pandemia producidos por expertos e intelectuales de las ciencias sociales latinoamericanas. En el tercero, se recuperan las definiciones sobre los think tanks como actores políticos y sus especificidades en relación con las derechas del siglo XXI. Por último, en las secciones cuarta y quinta se analiza el material producido por los think tanks con el objetivo de reconstruir sus posicionamientos sobre la pandemia, el Estado y los gobiernos en los tres países.

2. El estado en pandemia bajo la lupa, ¿un leviatán sanitario?

La atención puesta en el Estado al expandirse la pandemia de Covid-19 durante 2020 suscitó una serie de debates y reflexiones en torno a la necesidad de enfrentar las consecuencias del virus y resolver algunas de las problemáticas que, directa e indirectamente, tuvo sobre la población. Esta excepcionalidad tuvo como resultado que, durante 2020 y 2021, desde la opinión pública, las ciencias sociales y distintos ámbitos del pensamiento, se monitorearon las funciones que los Estados desempeñan regularmente. A partir de una multiplicidad de variables, se ha discutido la necesidad de controlar la circulación de las personas en las grandes ciudades, la demanda de paliativos para los sectores productivos afectados por la parálisis de las actividades, la capacidad de los sistemas de salud, públicos y privados, para contener la situación sanitaria, hasta la

distribución global de insumos sanitarios y vacunas, entre otras. La configuración de estos tópicos suscitó la pregunta ética y política por las libertades individuales y la necesidad (y posibilidad) de regular las conductas sociales y los espacios de circulación de las personas. Es posible ordenar las distintas posiciones según el nivel de concepción del Estado, desde su rol social, como garante de las necesidades básicas y del acceso a los derechos fundamentales (como trabajo, salud, seguridad, educación), o según consideraciones acerca de su injerencia como una intromisión que coarta libertades (individuales, de circulación, de empresa, de mercado).

En este marco, desde las ciencias sociales surgieron miradas sobre el Estado de la pandemia como un Leviatán, en referencia a la idea hobbesiana de un Estado fuerte que, a partir de la cesión de las libertades individuales en un contrato social, está habilitado a hacer uso del poder absoluto. No obstante, si para los think tanks neoliberales el peligro del Estado se asociaba a su intervención y su injerencia en la economía y las libertades de empresa o la amenaza al patrimonio y la propiedad privada (sentidos de los que daremos cuenta en los siguientes apartados); desde otros signos políticos, intelectuales alertaron sobre la amenaza que representaba para los sectores sociales más empobrecidos, víctimas de abusos de autoridad, la militarización del espacio público, así como la represión de las fuerzas de seguridad para ejercer el control de las medidas legitimadas desde lo sanitario. Es decir, las caracterizaciones del Estado como Leviatán no tuvieron un sentido homogéneo o unilateral, sino que diferirán según la posición desde donde se enuncian las ideas.

Para Svampa (2020), el “Leviatán sanitario” implica el retorno de un Estado social, interventor, tanto por parte de gobiernos con Estados fuertes (menciona los casos de Alemania y Francia), como de gobiernos liberales (Estados Unidos) (SVAMPA, 2020, p. 19). Al mismo tiempo, esto contempla un Estado de excepción basado en fuertes controles sociales que adoptan *“la forma de violación de los derechos, de militarización de territorios, de represión de los sectores más vulnerables”*, especialmente en los países del

Sur, donde los mecanismos de vigilancia administrados por las diferentes fuerzas de seguridad son menos sofisticados que aquellos digitales, propios de las sociedades asiáticas (p. 20).

Otra de las nociones que circulan por estas publicaciones y de las que Svampa se hace eco, es la de “intervención estatal”. En la compilación titulada *La Fiebre*, observa que quienes “*hasta ayer defendían políticas de reducción del Estado, hoy rearmen su discurso en torno a la necesaria intervención estatal, se maldicen los programas de austeridad que golpearon de lleno la salud pública*” (SVAMPA, 2020, p. 18). De este modo, identifica un cambio respecto de las posiciones contrarias a la intervención estatal en los planos que se vieron afectados directamente por la pandemia, como la salud. En esta línea se encuentra el planteo de Bringel (2020), quien destaca que, durante la pandemia, “*el Estado interventor fue reivindicado hasta por los neoliberales*”. El autor suscribe a lo esbozado por Svampa sobre la delgada línea que separa la intervención estatal sobre la salud y el control de la pandemia, de las prácticas autoritarias. Al tiempo que advierte sobre la importancia de considerar la condición de Estados dependientes de la periferia y semiperiferia mundial a la hora de evaluar las dificultades para afrontar la pandemia (BRINGEL, 2020, p. 181).

Por su parte, y en un sentido similar al de Svampa y Bringel, Sztulwark (2020) afirma que

En tiempos de crisis los neoliberales aceptan la idea de un “Estado fuerte”, imponiéndole, sin embargo, una tarea y un límite. La tarea: salvar bancos y empresas, ya que no conciben la reproducción social por fuera de la reproducción de las categorías del capital. El límite: el gasto público [...] no debe perturbar el reencarrilamiento de la dinámica social hacia la acumulación de capital. (SZTULWARK, 2020, p. 32–33)

De acuerdo con lo enunciado obtenemos dos nociones destacables: una, la idea de que existe cierto consenso sobre la necesidad del Estado de intervenir en el manejo de la pandemia, al referir a la reorientación de ciertos discursos anti intervencionistas. La segunda, sin embargo, remite a la “tarea” que el Estado debe desempeñar que, atada a la excepción que

representa la pandemia, puede tener orientaciones variadas y objetivos drásticamente distintos entre sí. Para los neoliberales, la acción estatal debe estar orientada exclusivamente hacia el salvataje del sistema financiero y de las empresas. Y ello no debería interrumpir la lógica de la valorización y acumulación del capital. La emergencia del Estado “fuerte” como “figura aclamada”, como la llama el autor, no implica dar por sentada esa intervención en función de las necesidades de la economía comunitaria, sino que representa “una congestión de demandas contradictorias”, violentas, que

[...] se incuban en esa consigna e intentar distinguir aquello que permite que por “Estado fuerte” entendamos una cosa (la salvación estatal de bancos y empresas, la extensión e intensificación de poder de control) o todo lo contrario a ella (un incremento de lo público capaz de hacer saltar la forma Estado tal y cómo la hemos conocido hasta el presente). (SZTULWARK, 2020, p. 31–32)

Se presenta entonces un problema que conlleva el interrogante por el *tipo* de intervención estatal. En relación con esto, Canelo (2020) esboza como hipótesis la necesidad de construir una nueva estatalidad. A partir de ello, la autora menciona dos consensos (inestables). Primero, que el Estado tiene la autoridad para “*definir y jerarquizar los problemas de la sociedad, y distribuir sus riesgos y costos*” (p. 19); y, el segundo, que el Estado, en el contexto de la pandemia, es visto como la única solución posibles a estos problemas. Su diagnóstico se basa en la revelación que arroja la pandemia sobre “*cuan profundas son las huellas que dejó el neoliberalismo en nuestra sociedad*” (CANELO, 2020, p. 17), especialmente, el relato de la desigualdad, su éxito cultural legitimador. Así, establece que se pusieron en tensión “*algunos de los consensos más profundos que sostienen el orden neoliberal*” (p. 23) y lo expresa preguntándose:

[...] ¿nuestra salud y/o nuestra alimentación deben ser consideradas problemas de toda nuestra sociedad, o sólo, por ejemplo, de los enfermos o hambrientos? ¿La educación y la seguridad deben ser consideradas derechos que deben ser garantizados por el Estado, o sólo como problemas individuales a ser resueltos (o no resueltos) por el mercado? (CANELO, 2020, p. 23)

Mediante la reedición del clásico antagonismo neoliberal Estado vs. mercado, cuyo triunfo es haber logrado que el *“Estado deje de pensarse a sí mismo”* (p. 22) para dar paso los valores e intereses del mercado, el poder económico y las corporaciones, Canelo identifica la evidencia de un *“Estado faltante”* en la pandemia *“que, aún replegado sobre sus funciones esenciales (la preservación de la vida, la salud, la alimentación, la seguridad), sólo pudo cumplirlas parcialmente”* (CANELO, 2020, p. 20). De este modo, la nueva estatalidad mencionada por la autora requiere una lucha política por la transformación del sentido común sobre lo estatal.

En tanto que productores de conocimiento que se erigen también como actores políticos, veremos cómo los think tanks participan de estas luchas por los sentidos con distintas estrategias, que adquieren características particulares en su cruce con las derechas latinoamericanas actuales.

3. Los Think Tanks como dispositivos de intervención política

Los think tanks se organizan para la producción de ideas y estrategias que, en última instancia, buscan instalar sentidos y temas de debates en las agendas públicas. El campo de estudio de los think tanks se ha estado desarrollando de forma continua desde los años '80 en adelante. En las primeras décadas, dedicados a definirlos y esbozar tipificaciones en función de sus formas, tamaños y objetivos. Muestra de ello han sido los trabajos pioneros de Weaver (1989), quien arrojó una clasificación de los think tanks en Estados Unidos a partir de su diferenciación con respecto a otras instituciones productoras de conocimiento (por lo que los llamó *“universidades sin estudiantes”*), así como también los agrupó en centros de estudios orientados a círculos políticos y organismos gubernamentales (*“contract researcher”*) o en organizaciones de promoción activa de ideas con una fuerte inclinación partidista o ideológica (*“advocacy”*). En tanto

que Stone (2000) ha realizado un aporte a los estudios comparativos en el campo de los think tanks, trazando diferencias y similitudes entre los casos de Estados Unidos y del Reino Unido, al tiempo que indagó en la conexión entre el desarrollo y desempeño de los think tanks y las comunidades epistémicas de intelectuales y académicos en los distintos grados de éxito de los primeros en la arena política. Por su parte, Smith (1994) hace hincapié en el surgimiento de una nueva élite política que se distingue por su presencia en instituciones como los think tanks, sus trayectorias políticas y académicas. Mientras que, en América Latina, los trabajos pioneros de Thompson (1994) y Centeno y Silva (1998) arrojan luz sobre el papel que desempeñan en la política local y sus vínculos con los nuevos perfiles intelectuales de expertos “tecnócratas”.

Ya en el siglo XXI, trabajos como el de Medvetz (2008) han problematizado la clasificación o tipificación de los think tanks a partir del cruce con la teoría bourdieana de los campos, al plantear sus múltiples inserciones en la política, los medios de comunicación o la academia; si bien el autor establece cierta autonomía relativa con respecto a estos campos y postula la necesidad de situar históricamente los estudios, en tanto que son estos procesos los que imprimen su sello en la forma y los sentidos que adquieren los think tanks, antes que modelos establecidos a priori. Retomando este postulado, Abelson (2007) hace foco en los contextos políticos e históricos en los cuales se deciden las agendas de trabajo; y Mendizabal (2009) sostiene que las funciones de los think tanks están supeditadas a las necesidades coyunturales del espacio político al que se vinculan.

En tiempos recientes, la afinidad entre los think tanks y los partidos, ideas o referentes de las derechas, en sus variantes conservadoras como liberales, ha sido abordada por una variedad de estudios, entre los que se destaca el trabajo de Stahl (2016), que reconstruye el camino transitado en Estados Unidos por los think tanks conservadores como instituciones proveedoras de sentido, no solo de políticas, para el movimiento

conservador, tanto de las élites como de la sociedad en general. En América Latina, estos estudios han tenido un crecimiento exponencial con el advenimiento del siglo XXI y, particularmente, con la oleada de gobiernos de derechas que se inaugura en la región a partir del año 2009, luego del golpe de Estado al gobierno de Manuel Zelaya en Honduras. Entre sus exponentes destacamos los aportes de Puello-Socarrás (2009), que enmarca la política de la experticia como emergente de un proceso de despolitización que se presenta como (aparente) neutralidad, escudada en el saber técnico; junto con quienes han explorado la relación entre los think tanks y el neoliberalismo a partir de las redes transnacionales de fundaciones que han intervenido en la circulación del ideario neoliberal (RAMÍREZ, 2013). A este corpus bibliográfico se suman compilaciones que abordaron a los think tanks latinoamericanos como productores de políticas públicas (GARCÉ; UÑA, 2007), junto con quienes armaron el mapa de conexiones entre think tanks y partidos políticos en distintos casos nacionales (MENDIZABAL; SAMPLE, 2009), y aquella que retrata los vínculos entre think tanks y universidades en función de su rol como productores de conocimiento (ARELLANO; BELLETTINI, 2014).

La aparición de los think tanks en América Latina se produce en distintas oleadas: la primera, en las décadas de 1960 y 1970, durante los gobiernos autoritarios, etapa en la que proveen espacios seguros donde canalizar una cuota de actividad política e intelectual en torno a la defensa de los derechos y las libertades. La segunda, en una coyuntura signada por la democracia, en las décadas de 1980 y 1990, los encuentra como partícipes de las reformas estructurales del neoliberalismo (BOTTO, 2011). El protagonismo de los think tanks durante estos años se asocia a la complejización de las funciones de los gobiernos, por lo que se demanda mayor eficiencia y, a su vez, conlleva la integración de perfiles de tipo tecnócrata que contribuyan a diseñar, elaborar, implementar y evaluar distintas políticas públicas. Aunque no todos los son o se transforman en neoliberales, ni tampoco es posible asumir que el neoliberalismo se asiente

especialmente en el accionar de los think tanks para incursionar en la política, es posible afirmar un clima favorable que los muestra como actores desideologizados o neutrales, cuyas ideas y programas se ven legitimados, de manera inversamente proporcional a los partidos políticos tradicionales, que atravesaban una fuerte crisis de representación. En este sentido, se conjuga la afinidad electiva entre las ideas del neoliberalismo con las nuevas formas de producción y difusión del conocimiento.

Con la irrupción del ciclo de gobierno progresistas, en el siglo XXI la relación entre los think tanks y las “nuevas” derechas en América Latina presentará algunas particularidades. En este cambio de época, se destaca el pragmatismo que caracteriza a estas derechas, dado que

[...] tanto las que se mantuvieron en la dirección de los gobiernos, como también las que se encontraban en la oposición, se vieron condicionadas por el ciclo de proyectos posneoliberales y compelidas a reconfigurar sus estrategias de acción e intervención política; sus prácticas, su discurso y su lenguaje. (NIKOLAJCZUK; PREGO, 2017)

Esta necesidad de reconfiguración de sus estrategias para acceder o permanecer en el poder vuelve relevante su conexión con los think tanks, en tanto que actores políticos con capacidad de instalar agendas y esquemas argumentales sobre distintos tópicos afines a sus intereses. Precisamente, una de las cualidades que destaca a los think tanks es su habilidad para exteriorizar planteos que tienen como propósito la incidencia en la sociedad. En otras palabras, *“no sólo realizan investigaciones sino que el fin último es darlas a conocer entre los gobernantes y políticos y conseguir la aceptación por parte de la sociedad en general”* (SOLER; GIORDANO, 2015, p. 36). En este sentido, las necesidades de las nuevas derechas y las estrategias de los think tanks coinciden en que las primeras buscan transmitir y poner en circulación sentidos que son vehiculizados por expertos intelectuales y que, a la vez, están aglutinados en los centros de pensamiento. De esta forma, *“dotan de sentido a la construcción del orden y construyen una comunidad de ideas”* (SOLER; GIORDANO, 2015, p. 36). Cabe agregar, además, que los think tanks

no solo tienen como objetivo la producción de influencias sobre las élites gobernantes y los formadores de opinión pública, sino que también buscan extender su margen de acción hacia otras esferas sociales. Así, estos centros de derechas pasan a articularse bajo nuevas bases que incluyen nuevos actores, estrategias y discursos (ROCHA, 2016), arrojando como resultado el encuentro entre las premisas del liberalismo y las ideas del emprendedurismo y del individuo como agente del cambio. Además de sus conexiones con las redes transnacionales, los think tanks priorizan otros ámbitos para la circulación de ideas y su promoción, como los medios de comunicación (MATO, 2007) e internet. Es mediante la conformación de nodos o *hubs* liberales que se agrupan en función de sus afinidades: la reivindicación del libre comercio, la propiedad privada, y la pugna por un Estado mínimo (ANDURAND; BOISARD, 2017).

Considerar a los think tanks como dispositivos de intervención política contribuye a iluminar un aspecto fundamental de un objeto de estudio por momentos difuso, que hace a su constitución y objetivos históricamente situados. Para dar cuenta de esta configuración, la propuesta es atender a la forma en que se articulan las ideas, los expertos y las redes transnacionales en los centros de pensamiento. En primer lugar, pensar la producción y la circulación de ideas de los think tanks apunta a conocer sus posicionamientos y visiones del mundo. Segundo, la presencia de los expertos permite analizar quiénes los integran, cuáles son sus credenciales y cómo buscan validar y legitimar su conocimiento, así como también, en qué ámbitos se insertan (medios de comunicación, universidades, academia, instituciones de gobierno, etc.). Por último, los think tanks se asocian entre sí a través de redes transnacionales que funcionan como nodos, a través de las cuales intercambian, no solo ideas o figuras del mundo intelectual, sino que también les otorgan posibilidades de financiamiento. La articulación entre las ideas, los expertos y las redes resulta un aporte a la legitimidad con la que los think tanks cuentan a la hora de intervenir en distintas coyunturas políticas. De esta forma, y

retomando el breve (y no exhaustivo) estado de la cuestión realizado, este trabajo aporta al campo de estudios sobre los think tanks considerándolos como dispositivos de intervención política producto de la articulación entre ideas, expertos y redes, definición lo suficientemente elástica como para abarcar las distintas coyunturas históricas, registrar las particularidades de cada caso y así dar cuenta de su versatilidad, habilitando su construcción como objetos comparables en función de las dimensiones mencionadas.

4. Las ideas sobre el estado, el gobierno y la gestión de la pandemia de los Think Tanks de derechas en Chile, Argentina y Colombia

La pandemia tuvo un impacto global a nivel socioeconómico, pero en América Latina, esto se tradujo en la agudización de algunos indicadores sensibles para la región. Para los tres casos nacionales abordados por el estudio se observan similitudes en lo relativo al paquete de medidas implementadas en 2020 y 2021 durante la pandemia. Tanto en materia de salud como en el plano económico, los gobiernos de Argentina, Chile y Colombia adoptaron políticas tendientes a disminuir la propagación del virus mediante distintos tipos de restricciones de actividades masivas, cierre de fronteras y de flujos migratorios, distribución de insumos sanitarios y de vacunas, otorgamiento de subsidios para paliar el impacto en distintos sectores, entre otras. Para los tres casos, hacia fines de 2021 el 70% de la población total se encontraba vacunada, por lo que el número de muertes por Covid había descendido considerablemente (COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (CEPAL), 2022a, p. 30). No obstante, el impacto de la pandemia repercutió en la *“reducción de la participación de los estratos de ingresos medios y altos en favor de los estratos de ingresos bajos”* (CEPAL, 2022b, p. 79). Esto se tradujo en que un 7% de los hogares de Colombia pasó a ser del estrato de ingresos más bajos, número que representó el 6% en Argentina y un 3% en Chile. Por otra parte, Colombia se encuentra entre los países con mayor caída del ingreso

medio por persona, registrando un 13,4% para 2020, cifra similar a la de Argentina, donde cayó un 12,7%; a pesar de lo cual, en este país, el coeficiente de Gini no presentó variación. Mientras que en Colombia como en Chile, registró un aumento de más de 4 puntos (4,3% para el primero y 4,6% para el segundo) (CEPAL, 2022b, p. 85).

Al igual que las distintas instituciones de producción de conocimiento, los think tanks sentaron sus posiciones, produjeron ideas y pusieron en circulación sus lecturas sobre los acontecimientos mundiales. A los fines de este artículo, analizamos las ideas de la Fundación Libertad de Argentina (FL-Argentina), Libertad y Desarrollo de Chile (LyD-Chile) y el Instituto de Ciencia Política de Colombia (ICP-Colombia) para dar cuenta de sus posicionamientos con respecto al Estado, sus evaluaciones de los gobiernos y la gestión de la pandemia alrededor de la dicotomía salud/economía, que atravesó a las distintas producciones, como vimos en el apartado anterior. Estos centros forman parte de lo que se conoce como *advocacy tanks*, esto es, centros activistas de ideas, en este caso, asociadas al neoliberalismo y, en función de ello, contrarias al rol social del Estado y a su intervención en la economía. Como mencionamos en la introducción, los tres participan, en mayor o menor medida, de la vida política e institucional de Chile, Colombia y Argentina y han sido abordados por distintos estudios. Para el caso de LyD-Chile, los trabajos de Cociña y Toro (2009), Corbalán Pössel y Corbalán Cabrera (2012) y Rodríguez (2020) resultan ilustrativos de sus ideas, parte de lo que damos cuenta aquí, así como de su composición y estrategias como think tank de la derecha chilena. Estas producciones se suman a otras que conforman un corpus de estudios a partir de los cuales es posible reconstruir el mapa de think tanks chilenos y su devenir histórico desde el período dictatorial hasta el gobierno de Piñera (GÁRATE, 2008; HUNEEUS; CUEVAS; HERNÁNDEZ, 2014; JARA BARRERA, 2019; MORALES MARTÍN; GARBER FUENTES, 2017; PINILLA, 2012). En lo que respecta a la FL-Argentina, encontramos en Morresi et al. (2022) un insumo para pensarlo como un think tank que

promueve y actúa en los términos de la batalla cultural, pugnando por el ideario de la escuela austríaca de economía. En términos similares, el ICP-Colombia es caracterizado por Leal y Roll (2013) como un clásico ejemplo de *advocacy* por su sello ideológico asociado a la libertad económica, en tanto que su concepción de la democracia en términos instrumentales ha sido trabajada en Mercado (2017).

Las formas de intervención de los think tanks durante la pandemia fueron variadas y van desde la convocatoria a expertos para la realización de reuniones virtuales, hasta la publicación de informes técnicos y recomendaciones a los líderes de los países, pasando por notas periodísticas y publicación de videos en las redes sociales. En lo que refiere a los ejes considerados en este trabajo -las ideas en torno a la pandemia, al Estado y la evaluación del gobierno-, observamos algunas regularidades entre los casos analizados y ciertas diferencias. Estas últimas pueden ser entendidas como producto de las particularidades de los contextos políticos en cada caso.

En lo que respecta a sus ideas sobre la pandemia, priman los sentidos que asocian la necesidad de contener la situación sanitaria con la reducción del impacto en la economía. Es decir, se asientan sobre la dicotomía entre salud y economía, sin negar la existencia o el impacto del virus.

A excepción de algunas nociones más extremas, como la del director de Políticas Públicas de la FL-Argentina, Alejandro Bongiovanni, quien en abril de 2020 planteaba que aquel sería *"recordado como el año en que la humanidad se suicidó ante un problema grave pero manejable. Y no quiero ser peyorativo, pero es una gripe multiplicada por 10"* ("Una visión distinta sobre las consecuencias del coronavirus en la economía que generó polémica en las redes", 2020), los think tanks en Colombia y Chile se mostraban interesados en mitigar las consecuencias para el sector productivo. En este sentido, en su carta dirigida al presidente Duque,

también en abril de 2020, el ICP-Colombia reconocía *“la labor decidida del Gobierno Nacional por garantizar el suministro de pruebas epidemiológicas que permiten detectar el Covid-19”* y resaltaba la importancia de destinar los *“recursos públicos necesarios”* a tales efectos (INSTITUTO DE CIENCIA POLÍTICA, 2020). Por su parte, desde LyD-Chile se alertaba sobre *“el error de tomar medidas por presiones políticas que exacerben la paralización económica [...] sin que ello ayude a contener la expansión del contagio del Covid-19. Se trata de salvar vidas y empleos”*. Así, proponían una serie de medidas en torno a tres ejes: mejorar los recursos del sistema de salud, la ayuda a las familias de menores ingresos y la protección de los puestos de trabajo y de *“las empresas que los generan”* (“Medidas económicas y sociales ante crisis por Coronavirus”, 2020). Por último, la FL-Argentina, además de las declaraciones de uno de sus expertos, lanzó varios informes donde analizaba la situación del sector privado a partir de las medidas de confinamiento. Allí, no se cuestionaba a las medidas en sí mismas, sino que se planteaba la necesidad de *“disminuir las presiones sobre el sector privado y también para contener la emisión monetaria”*, que se percibía como la vía por la cual se financiaría al sector de la salud, solicitando un *“gesto”* de la clase política ante la compleja situación. Ese gesto que se pedía era la *“reducción de sus sueldos”*, evocando el ejemplo del presidente de Uruguay, Lacalle Pou, quien *“ha determinado un recorte de hasta el 20% de los sueldos de funcionarios y empleados públicos con remuneraciones altas”* (FUNDACIÓN LIBERTAD, 2020a). En síntesis, estos think tanks no negaron la necesidad de tomar medidas extraordinarias frente a la expansión del virus, aunque tempranamente lanzaron una batería de comunicados, publicaciones y apariciones que tuvieron como objetivo delimitar los alcances y las direcciones que los gobiernos estaban tomando en su accionar.

La forma en la que estos think tanks organizan sus sentidos en torno a la pandemia se explica a partir de sus posicionamientos sobre el Estado: su percepción, su rol en la sociedad y sus alcances. Este conjunto de ideas

se presenta como una continuidad en el tiempo y una regularidad entre los distintos casos abordados. Los think tanks rechazan la posibilidad de que el Estado se extralimite en lo que consideran sus funciones primordiales: garantizar la libertad de mercado y la seguridad, orientada a la protección de la propiedad privada. Así, desde el ICP-Colombia se recomendaba al presidente Duque *“permitir que el mercado funcione con los mayores niveles de libertad posibles”* como la *“mejor respuesta política”* a la crisis económica. Por su parte, en Chile, LyD, reconocía la necesidad de articular la colaboración entre el sector público y el privado en el ámbito de la salud (*“2020: el año que vivimos en pandemia”*, 2020) y destacaba que *“el paquete de medidas anunciadas por el Gobierno apunta precisamente a construir un puente entre el momento actual y post crisis, de forma tal que las familias puedan mantener cierto nivel de ingresos y las empresas no quiebren en forma masiva”* (*“Medidas económicas y sociales ante crisis por Coronavirus”*, 2020). Además, señalaron como un acierto la declaración del Estado de Excepción Constitucional de Catástrofe, al tiempo que una de sus expertas, Lucía Santa Cruz, destacaba que la crisis sanitaria fuera conducida por *“manos de expertos en salud pública”* antes que dirigida por *“populistas”* (DÁVILA, 2020, p. 60). En una línea similar, el think tank argentino, proponía una *“disminución de los sueldos del personal del sector público”* para *“asignar esos fondos a los recursos que necesita el sector privado, para no despedir personal”* o para paliar la situación de los cuentapropistas que, *“por el confinamiento no pueden salir a trabajar y generar su ingreso”*. De esta forma, arengaba a que *“el Estado esté a la altura de las circunstancias”* y, ya que implementó las medidas de aislamiento *“impidiendo a los agentes económicos trabajar y producir”* (FUNDACIÓN LIBERTAD, 2020a), dividiera los costos entre las partes. Además, uno de sus expertos denunciaba la *“sobrerreacción terrible”* de las medidas restrictivas frente a la pandemia, lo que traería *“un mayor estatismo y un mayor nacionalismo”* (*“Una visión distinta sobre las*

consecuencias del coronavirus en la economía que generó polémica en las redes”, 2020).

Un aspecto en el que hallamos divergencias entre los think tanks son sus evaluaciones sobre los gobiernos en la gestión de la pandemia. Como mencionamos, los gobiernos de las derechas en Chile y Colombia atravesaban momentos de fuerte desgaste; mientras que, en Argentina, un nuevo gobierno de corte populista-progresista acaba de asumir, luego de la derrota electoral de la opción por derecha que dejaba el poder en diciembre de 2019. Esta podría ser una de las variables que determinan la mayor o menor consideración con respecto a la gestión de la pandemia. Los think tanks analizados, si bien no se encuentran formalmente asociados a partidos políticos, muestran afinidad o rechazo a los gobiernos según sus orientaciones. En este sentido, tanto el ICP-Colombia como LyD-Chile evaluaron la gestión de la pandemia por parte de Duque y de Piñera de manera positiva, aunque no sin críticas. Como muestra, el análisis de LyD sobre el plan del gobierno de Piñera para hacer frente a la pandemia establecía que

En términos generales, las medidas van en la dirección correcta: entregar mayores recursos al sistema de salud, entregar recursos directamente a las familias más vulnerables que generalmente dependen económicamente de empleos informales, y evitar el despido de trabajadores del sector formal de nuestra economía aliviando la carga de las empresas tanto en lo tributario como en el gasto en remuneraciones. (“Medidas económicas y sociales ante crisis por Coronavirus”, 2020)

En Colombia, el ICP, “[c]omo organización de la sociedad civil, comprometidos con la defensa del Estado de derecho y la función empresarial”, respaldaban al presidente Duque, poniendo el Instituto a su disposición

[...] para apoyar en el diseño de políticas públicas que contribuyan a enfrentar la crisis provocada por el COVID-19, y la actual coyuntura económica nacional e internacional, así como las diversas iniciativas para fortalecer y dinamizar la función empresarial y profundizar las libertades económicas de todos los colombianos. (INSTITUTO DE CIENCIA POLÍTICA, 2020)

Y, al tiempo que reconocían los *“esfuerzos por proteger la vida y la salud de los colombianos, el empleo y los ingresos”*, también utilizaban la ocasión para proponerle al gobierno que tomara decisiones *“que permitan reactivar el aparato productivo en el menor tiempo posible”*.

Mientras que la ponderación de la FL-Argentina sobre las acciones del gobierno de Fernández fue predominantemente negativa. Desde el think tank se hizo foco exclusivamente en el *“gasto público”* y, en este sentido, las propuestas eran reasignar o reducir las partidas de distintas jurisdicciones y programas *“con el objeto de priorizar el gasto en aquellas áreas que el Estado debe atender con mayor urgencia, tales como salud y seguridad o bien para asistir al sector privado ante el parate total de la economía”*. Llamaban a *“reactivar la economía de manera urgente”* y *“liberar cuanto antes las fuerzas del sector productivo tomando todas las precauciones necesarias para minimizar las posibilidades de contagio y así atenuar la crisis económica, sin sacrificar los logros conseguidos hasta ahora en materia sanitaria”* (FUNDACIÓN LIBERTAD, 2020b). Estas diferencias, aunque sutiles, son lo suficientemente relevantes para ser expuestas. En lo que hace a las similitudes, en los tres casos la atención está puesta en la intervención del Estado sobre la economía y en la forma en la que las medidas sanitarias afectaban al sector privado o productivo, y cómo paliar sus consecuencias. Aunque reconocen la necesidad de atender a los sectores más postergados, la vía sugerida para garantizar la cobertura es la ayuda a las empresas, al sector productivo y comercial, lo que por derrame reactivaría el empleo y la actividad económica.

5. Las intervenciones políticas de las redes transnacionales de derechas en américa latina durante la pandemia

En vínculo con los think tanks relevados, las redes transnacionales asociadas a las derechas latinoamericanas también participaron de la producción de sentidos en torno al Estado y a la gestión de la pandemia

entre 2020 y 2021. A continuación, analizamos dos de estas redes: la Fundación Internacional para la Libertad (FIL), creada en 2002 y presidida por el premio Nobel de Literatura, Mario Vargas Llosa, y la Red Liberal de América Latina (RELIAL), fundada en 2004 con el apoyo e impulso de la Fundación Friedrich Naumann para la Libertad en América Latina.

Ambas brindan espacios de *“experticia, consulta, lobby o apoyo activo transnacional”*, conformando verdaderas *“constelaciones hegemónicas neoliberales”* (FISCHER; PLEHWE, 2013, p. 75); por lo que han sido estudiadas como nodos a partir de los cuales los think tanks latinoamericanos se interconectan entre sí. Así, junto con las redes Atlas Network y HACER son indicadas como dos de los cuatro principales hubs liberales (ANDURAND; BOISARD, 2017).

Las ideas nodales de la FIL se encuentran asociadas a la noción de anticomunismo. Entre sus integrantes, nuclea a *“periodistas, empresarios, políticos, intelectuales y referentes del campo cultural”*, cuyo sentido de unión era la *“incondicional defensa de la libertad de mercado con un nítido recorte territorial trazado por el histórico-y desigual- vínculo atlántico entre España, Estados Unidos y América Latina”* (GIMÉNEZ; KAYSEL, 2021). El estudio citado encontró que los principales objetivos de la red se concentran en *“la defensa y difusión de los principios de la libertad individual, la democracia, el gobierno limitado, el libre mercado y el imperio de la Ley”*. En un mapeo de las actividades realizadas, se observó que entre los años 2002 y 2016 esta red patrocinó y organizó una serie de *“grandes debates públicos en foros y seminarios -que reúnan a cientos de personas del campo político, diplomático, empresarial, cultural, académico y periodístico- para discutir la coyuntura latinoamericana en clave liberal”*, con el anticomunismo como eje articulador.

Por otra parte, la RELIAL se presenta como la *“unión de organizaciones liberales más representativa de la región”*, cuyo compromiso es *“difundir e implementar principios y valores liberales tales*

como la Democracia, la Economía de Mercado, el Estado de Derecho y los Derechos Humanos y Civiles”. Con este horizonte, organiza un congreso y asamblea anual bajo la meta de *“reunir a sus organizaciones miembro, tomar decisiones estratégicas, renovar vínculos institucionales y fortalecer relaciones personales”*. El Congreso Virtual RELIAL 2020, titulado *“Activemos el Futuro”*, fue motorizado a partir del sentimiento de urgencia desatado por la pandemia, expresado por sus organizadores: *“como nunca antes, vemos la necesidad de reunirnos en persona, y decir –cara a cara – aquí estamos, juntos por la libertad”*. Reunieron a 39 organizaciones liberales de América Latina con el objetivo de analizar las consecuencias de la pandemia, expresar la preocupación por la *“presencia de gobiernos autoritarios en la región”* y reforzar el compromiso de *“crear los espacios para seguir defendiendo los derechos humanos, el estado de derecho, la economía de mercado y la democracia”*.

En los paneles y disertaciones del Congreso participaron algunas figuras de los tres think tanks. El primer panel, titulado *“Nuevos desafíos para los liberales en América Latina”*, fue moderado por Bongiovanni de la FL-Argentina (RELIAL, 2020). Mientras que, la Directora de Políticas Públicas de LyD-Chile, Bettina Horst, expresó en su disertación que *“[e]l liberalismo enfrenta dificultades ya que por la pandemia, se pide un gobierno más paternalista, siendo esencial romper ese círculo y reenfocar el que el individuo y las empresas son los garantes para el progreso a través de su trabajo”* (*“Los liberales de América Latina comparten retos y soluciones para recuperar a la región”*, 2020). Cabe señalar, además, que ambos referentes forman parte de la Mesa Directiva de RELIAL en calidad de vocales.

En el encuentro anual celebrado en 2021, titulado *“El Reencuentro”* y cuyo slogan fue *“recuperando las libertades en la región”*, desde RELIAL se evaluó el contexto latinoamericano como *“adverso para los liberales”*. Las causas de la mirada pesimista se enfocaron en un diagnóstico sobre el populismo como factor cautivante para *“parte de la población”*, lo que

generó que *“el autoritarismo”* lograra *“acomodarse en varios de los países”*, que no especifican. En función de este razonamiento, la propuesta del Congreso fue promover discusiones sobre *“cómo lograr que el Estado de derecho prevalezca en tiempos de autoritarismo, qué debemos hacer como liberales para defender efectivamente la democracia liberal”* (RELIAL, 2021).

En sintonía con las iniciativas impulsadas desde la RELIAL, la FIL hizo lo propio al publicar, en abril de 2020, el manifiesto titulado *“Que la pandemia no sea un pretexto para el autoritarismo”*, difundido a través de sus redes sociales y los medios masivos. Allí, proclamaron su alarma por la extralimitación de las medidas gubernamentales, expresadas en las restricciones indefinidas a las libertades y los derechos básicos. Según su enunciado algunos, gobiernos habían identificado en la pandemia la oportunidad para atribuirse *“un poder desmedido”* que redundaba en la suspensión del Estado de derecho, la democracia representativa y el sistema de justicia. El comunicado identifica los casos de España y Argentina como países cuyos *“dirigentes con un marcado sesgo ideológico pretenden utilizar las duras circunstancias para acaparar prerrogativas políticas y económicas que en otro contexto la ciudadanía rechazaría resueltamente”*. Mientras que, sigue, en el caso de México *“se utiliza el Grupo de Puebla para atacar a los gobiernos de signo distinto”* y se presiona a la empresa privada. En lo referido estrictamente al rol del Estado en la pandemia, el manifiesto traza un diagnóstico según el cual *“resurgen el estatismo, el intervencionismo y el populismo con un ímpetu que hace pensar en un cambio de modelo alejado de la democracia liberal y la economía de mercado”*. Al igual que en el Congreso de la RELIAL, aparece el populismo como amenaza a los *“derechos liberales”*. El comunicado no propone medidas alternativas de abordaje de la pandemia, pero sí repudia la intervención del Estado y se demanda que la crisis *“no debe ser enfrentada sacrificando los derechos y libertades que ha costado mucho conseguir”*. Hacia el final, se rechaza el *“falso dilema”* entre autoritarismo e

inseguridad, “entre el Ogro Filantrópico y la muerte”. Para sintetizar, el comunicado logra reunir posiciones afines a partir del rechazo a lo que categoriza como una intervención desmedida por parte del Estado; lo que, según su diagnóstico, conlleva una serie de amenazas para las libertades y representa un peligro para los principios de la democracia liberal y la economía de mercado.

El documento fue firmado por figuras del mundo político, intelectuales, periodistas y empresarios. Entre quienes se identifica a varios exmandatarios: Aznar (España), Macri (Argentina), Zedillo (México), Uribe Vélez (Colombia), Lacalle y Sanguinetti (ambos de Uruguay), Franco (Paraguay) y Cristiani (El Salvador). También aparece el entonces candidato a presidente de Ecuador, Lasso. Además, también adhirieron intelectuales como Enrique Krauze, Fernando Savater, Jorge Edwards, Loris Zanatta, Alberto Benegas Lynch (h), Plinio Apuleyo Mendoza y Carlos Alberto Montaner. En representación de los think tanks aparecen la FL-Argentina; Atlas Network, el Instituto Mises y RELIAL, de Brasil; la Fundación para el Progreso, de Chile; el Instituto Político para la Libertad, de Perú; el Instituto Ecuatoriano de Economía Política, de Ecuador; CEDICE Libertad, de Venezuela; Caminos de Libertad, de México; la Fundación Eléutera, de Honduras; el Think Tank Convivencia, de Cuba; Acton Institute y Cato Institute, de Estados Unidos; la Fundación Iberoamérica Europa Cipie, de España; el Instituto Bruno Leoni y la Universidad de Bologna, de Italia. Asimismo, suscribieron empresarios de Chile, Guatemala, Argentina, Costa Rica, Ecuador; El Salvador; España; México, Nicaragua, Panamá y Venezuela (FUNDACIÓN INTERNACIONAL PARA LA LIBERTAD, 2020).

Se observa que el tono adoptado por estas redes, de circulación regional, es más confrontativo y crítico con los gobiernos y las medidas que etiquetan como “populistas”.

6. Conclusiones

La propuesta del artículo supuso considerar a los think tanks de derechas en América Latina como dispositivos de intervención política, en tanto que despliegan sus estrategias a partir de la articulación entre la convocatoria a expertos, la producción y circulación de ideas y el activismo a través de las redes transnacionales que integran. En este caso, el producto de dicha articulación es el posicionamiento colectivo de los centros de pensamiento con respecto a la intervención del Estado en la gestión de la pandemia, anclada en la dicotomía de economía vs. Estado. Lejos de representar una novedad, esta dicotomía resulta una reedición de las visiones del mundo expresadas por los think tanks de derechas en América Latina desde los años '80.

Las ideas producidas por los think tanks acerca de la pandemia y el Estado en su gestión, presentan distintos registros. Por un lado, tienen tonos más confrontativos y alarmantes en lo que hace a su circulación masiva y al ser pronunciadas desde redes transnacionales como la FIL y la RELIAL. Mientras que, en la producción de informes técnicos y de circulación local, el registro aparece más moderado. No obstante, los sentidos de fondo permanecen: se asocia a la injerencia del Estado con la pérdida de libertades económicas de los individuos (considerados como agentes empresarios de sí mismos). Incluso cuando se recomienda la intervención parcial del Estado para ciertas medidas económicas (por ejemplo, proveer ayuda al sector productivo o comercial), se hace foco en su excepcionalidad y la necesidad de limitarla al mínimo posible en el contexto de emergencia económica.

Por último, no se observan diferencias sustanciales entre los diagnósticos trazados acerca de la gestión pública del virus. Por el contrario, los sentidos de los tres think tanks presentan similitudes tanto en el caso de gobiernos de corte progresista (Argentina) como bajo gobiernos

de derechas (Chile y Colombia), aun cuando las gestiones de los últimos estaban siendo cuestionadas por el aumento de la protesta social.

7. Referencias bibliográficas

2020: el año que vivimos en pandemia. **Revista Libertad y Desarrollo**, n. 323, dez. 2020.

ABELSON, D. ¿Alguien está escuchando? Evaluando la influencia de los think tanks en las políticas. Em: GARCÉ, A.; UÑA, G. (Eds.). **Think tanks y políticas públicas en Latinoamérica: dinámicas globales y realidades regionales**. Buenos Aires: Prometeo, 2007. p. 15–49.

ANDURAND, A.; BOISARD, S. El papel de internet en la circulación del ideario neoliberal: una mirada a las redes de Think Tanks latinoamericanos de las dos últimas décadas. **Nuevo mundo mundos nuevos**, 2 out. 2017.

ARELLANO, A.; BELLETTINI, O. **Más Saber América Latina. Understanding Think Tank – University Relationships in Latin America**. Ottawa: Think Tank Initiative, 2014.

BOTTO, M. Think tanks en América Latina: radiografía comparada de un nuevo actor político. Em: CORREA ASTE, N.; MENDIZABAL, E. (Eds.). **Vínculos entre conocimiento y política: El rol de la investigación en el debate público en América Latina**. Lima: Consorcio de Investigación Económica y Social, CIES: Universidad del Pacífico, 2011. p. 85–113.

BOURGERON, T. ‘Let the virus spread’. A doctrine of pandemic management for the libertarian-authoritarian capital accumulation regime. **Organization**, v. 29, n. 3, p. 401–413, 1 maio 2022.

BRINGEL, B. Geopolítica de la pandemia, escalas de la crisis y escenarios en disputa. **Geopolítica(s). Revista de estudios sobre espacio y poder**, v. 11, n. Especial, p. 173–187, 11 maio 2020.

CANELO, P. Igualdad, solidaridad y nueva estatalidad. Em: GRIMSON (COMP.), A. (Ed.). **El futuro después del covid-19**. Programa Argentina Futura ed. Buenos Aires: Presidencia de la Nación, 2020. p. 17–25.

CENTENO, M. A.; SILVA, P. (EDS.). **The politics of expertise in Latin America**. Basingstoke, Hampshire: Macmillan [u.a.], 1998.

COCIÑA, M.; TORO, S. Los think tanks y su rol en la arena política chilena. Em: **Dime a quién escuchas... Think tanks y partidos políticos en América Latina**. Lima: IDEA Internacional, 2009. p. 98–126.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (CEPAL). **Panorama Social de América Latina 2021**. Santiago: Comisión Económica para América Latina y el Caribe, 2022a.

COMISIÓN ECONÓMICA PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE (CEPAL). **Los impactos sociodemográficos de la pandemia de COVID-19 en América Latina y el Caribe**. Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), , 28 jun. 2022b. Disponible em: <<https://hdl.handle.net/11362/47922>>. Acceso em: 15 out. 2023

CORBALÁN PÖSSEL, F. C.; CORBALÁN CABRERA, P. C. El rol del think-tank Libertad y Desarrollo en la consolidación de la Educación neoliberal en Chile. **Profesorado. Revista de Currículum y Formación de Profesorado**, v. 16, n. 3, p. 191–212, 2012.

DÁVILA, M. Los think tanks de la derecha en tiempos de crisis. **Barómetro de Política y Equidad. Chile en cuarentena: Causas y efectos de la crisis política y social**, v. 17, p. 45–68, 2020.

ETKIN, F. Discurso científico y neoliberalismo en pandemia: comunicación y poder en los think tanks liberales. Em: BRUNO, L. E.; RUFFINI, M. L. (Eds.). **Las pandemias del neoliberalismo**. [s.l.] Centro de Estudios Avanzados, 2022. p. 75–98.

FISCHER, K.; PLEHWE, D. Redes de think tanks e intelectuales de derecha en América Latina. **Nueva Sociedad**, n. 245, p. 71–86, 1 maio 2013.

FUNDACIÓN INTERNACIONAL PARA LA LIBERTAD. **Manifiesto FIL. Que la pandemia no sea un pretexto para el autoritarismo**. , 2020.

FUNDACIÓN LIBERTAD. **Pandemia, aislamiento y el inevitable esfuerzo del sector público**. Argentina: Fundación Libertad, abr. 2020a. Disponible em: <<https://libertad.org.ar/web/1100/>>.

FUNDACIÓN LIBERTAD. **Impacto económico de la cuarentena en la producción, las familias y el empleo**. Argentina: Fundación Libertad, maio 2020b. Disponible em: <<https://libertad.org.ar/web/1156/>>.

GÁRATE, M. Think Tanks y Centros de Estudio. Los nuevos mecanismos de influencia política en el Chile post-autoritario. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Nouveaux mondes mondes nouveaux - Novo Mundo Mundos Novos - New world New worlds**, 14 jan. 2008.

GARCÉ, A.; UÑA, G. **Think tanks y políticas públicas en Latinoamérica: dinámicas globales y realidades regionales**. Buenos Aires: Prometeo, 2007.

GIMÉNEZ, M. J.; KAYSEL, A. ¿Nuevos problemas, viejas palabras? La traducción del discurso anticomunista en América Latina: el caso del V Foro Atlántico de la Fundación Internacional para la Libertad (2008). **Les Cahiers de Framespa. Nouveaux champs de l'histoire sociale**, n. 36, 31 mar. 2021.

HUNEEUS, C.; CUEVAS, R.; HERNÁNDEZ, F. Los centros de investigación privados (think tanks) y la oposición en el régimen autoritario chileno. **Revista Uruguay de Ciencia Política**, v. 23, n. 1, p. 73–99, 2014.

INSTITUTO DE CIENCIA POLÍTICA. **Recomendaciones al Presidente Iván Duque para enfrentar la crisis económica producida por el COVID-19**. , abr. 2020.

JARA BARRERA, M. El origen del Centro de Estudios Públicos: importando el liberalismo para una transición ideológica, 1980-1982. **Historia** 396, v. 9, n. 1, p. 225–253, 17 jul. 2019.

LEAL, D.; ROLL, D. Tanques de pensamiento y partidos políticos en Colombia. El caso de las reformas políticas de 2003 y 2009. **Ciencia Política**, v. 8, n. 16, p. 89–112, 1 jul. 2013.

Los liberales de América Latina comparten retos y soluciones para recuperar a la región. EMPREFINANZAS, out. 2020. Disponível em: <<https://emprefinanzas.com.mx/2020/10/29/los-liberales-de-america-latina-comparten-retos-y-soluciones-para-recuperar-a-la-region/>>. Acesso em: 30 abr. 2023

MATO, D. Think Tanks, fundaciones y profesionales en la promoción de ideas (neo)liberales en América Latina. Em: GRIMSON, A. (Ed.). **Cultura y neoliberalismo**. Colección Grupos de trabajo. 1a. ed ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2007. p. 19–42.

MCGANN, J. 2020 Global Go To Think Tank Index Report. **TTCSP Global Go To Think Tank Index Reports**, 28 jan. 2021.

Medidas económicas y sociales ante crisis por Coronavirus. **Revista Libertad y Desarrollo**, n. 315, abr. 2020.

MEDVETZ, T. M. Think Tanks as an Emergent Field. out. 2008.

MENDIZABAL, E. Introducción. Em: MENDIZABAL, E.; SAMPLE, K. (Eds.). **Dime a quién escuchas... Think tanks y partidos políticos en América Latina**. Lima: IDEA Internacional, 2009. p. 9–21.

MENDIZABAL, E.; SAMPLE, K. (EDS.). **Dime a quién escuchas... Think tanks y partidos políticos en América Latina**. Lima: IDEA Internacional, 2009.

MERCADO, A. B. Think tanks, democracia y partidos políticos. el Instituto de Ciencia Política Hernán Echavarría Olózaga durante la reforma constitucional colombiana (1986-1992). **Millcayac - Revista Digital de Ciencias Sociales**, v. 4, n. 7, p. 49–70, 28 set. 2017.

MORALES MARTÍN, J. J.; GARBER FUENTES, C. El consenso económico-social democrático fue posible. El papel de los economistas de Cieplan en el Chile de la transición (1988-1991). **Millcayac - Revista Digital de Ciencias Sociales**, v. 4, n. 7, p. 71–94, 28 set. 2017.

MORRESI, S. D. et al. La Fundación Libertad y la Batalla de ideas a nivel subnacional. **Sudamérica: Revista de Ciencias Sociales**, n. 17, p. 23–55, 2 dez. 2022.

NIKOLAJCZUK, M.; PREGO, F. Las ciencias sociales frente al avance de las “nuevas” derechas en América Latina en el siglo XXI. **Revista Leviathan**, n. 14, p. 1–25, 2017.

PINILLA, J. P. Think Tanks, saber experto y formación de agenda política en el Chile actual. **Polis, Revista de la Universidad Bolivariana**, v. 11, n. 32, p. 119–140, 2012.

PUELLO-SOCARRÁS, J. F. Política «qua experticia». Élités intelectuales, tecnocracia, «think-tanks». **Ciencia Política**, v. 4, n. 8, p. 116–146, 1 jul. 2009.

RAMÍREZ, H. El neoliberalismo en una perspectiva conosureña de largo plazo. Em: RAMÍREZ, H. (Ed.). **O neoliberalismo sul-americano em chave transnacional: enraizamento, apogeu e crise**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2013. p. 311–348.

RELIAL. **Programa Congreso RELIAL 2020**. , out. 2020.

RELIAL. **Congreso 2021. RELIAL espera su gran evento anual, ¿de qué se trata?** , 2021.

RIBEIRO, L. N. Think Tanks ultraliberais: o caso do discurso do Instituto Mises Brasil sobre a pandemia do Covid-19 (2021). **Geografia em Atos (Online)**, v. 6, n. 2, p. 152–180, 21 set. 2022.

ROCHA, C. **Think Tanks Liberais na América Latina, uma Nova Direita?** . Em: XIII SEMINARIO ARGENTINO CHILENO, VI SEMINARIO CONO SUR DE CIENCIAS SOCIALES, HUMANIDADES Y RELACIONES INTERNACIONALES INDEPENDENCIAS Y DICTADURAS EN EL CONO SUR. Mendoza, Argentina: 2016. Disponível em: <<https://bdigital.uncuyo.edu.ar/fichas.php?idobjeto=8342>>

RODRÍGUEZ, G. P. Think tanks de derecha y discursos de género en Chile. **Revista Temas Sociológicos**, n. 27, p. 91, 2020.

SMITH, J. A. **Intermediarios de ideas: los “Grupos de Expertos” (Think Tanks): y el surgimiento de la nueva élite política**. Buenos Aires: Grupo Editor Latinoamericano, 1994.

SOLER, L.; GIORDANO, V. Editoriales, think-tanks y política La producción y circulación de las ideas de las nuevas derechas en Argentina. **Revista Paraguaya de Sociología, Asunción**, n. 147, p. 35–50, 2015.

STAHL, J. M. **Right moves: the conservative think tank in American political culture since 1945**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2016.

STONE, D. Think Tank Transnationalisation and Non-profit Analysis, Advice and Advocacy. **Global Society**, v. 14, n. 2, p. 153–172, 2000.

SVAMPA, M. Reflexiones para un mundo post-coronavirus. Em: SVAMPA, M. et al. (Eds.). **La Fiebre - Pensamiento contemporáneo en tiempos de Pandemia**. [s.l.] ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020. p. 17–38.

SZTULWARK, D. La crítica y el “Estado fuerte”. Em: GRIMSON (COMP.), A. (Ed.). **El futuro después del covid-19**. Programa Argentina Futura ed. Buenos Aires: Presidencia de la Nación, 2020. p. 26–35.

THOMPSON, A. **“Think tanks” en la Argentina. Conocimiento, instituciones y política**. CEDES, , 1994.

Una visión distinta sobre las consecuencias del coronavirus en la economía que generó polémica en las redes. **Infobae**, 17 abr. 2020.

WEAVER, R. K. The Changing World of Think Tanks. **PS: Political Science & Politics**, v. 22, n. 3, p. 563–578, set. 1989.

EL BRAZO POLÍTICO DEL CAMPO CIENTÍFICO. LA SOCIEDAD BRASILEÑA PARA EL PROGRESO DE LA CIENCIA DURANTE EL GOBIERNO DE JAIR BOLSONARO (2019-2022)

*O BRAÇO POLÍTICO DO CAMPO CIENTÍFICO. A SOCIEDADE BRASILEIRA
PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA DURANTE O GOVERNO DE JAIR
BOLSONARO (2019-2022)*

*THE POLITICAL ARM OF THE SCIENTIFIC FIELD: THE BRAZILIAN SOCIETY
FOR THE PROGRESS OF SCIENCE DURING THE GOVERNMENT OF JAIR
BOLSONARO (2019-2022)*

Enzo Andrés Scargiali¹ 
Universidad de Buenos Aires, Argentina

Resumen: El objetivo del artículo es explicar la intervención política del campo científico en la coyuntura del gobierno de Jair Bolsonaro (2018-2022) en Brasil. El artículo es tributario de la perspectiva analítica de la sociología histórica de tiempo presente, a partir de una concepción temporal como categoría histórica y perspectiva metodológica. En este sentido, se analiza: a) la caracterización de las fuerzas de derecha en el gobierno bolsonarista, los principales agentes políticos y económicos que lo sustentan y las políticas promovidas para el área de ciencia y tecnología; b) las dimensiones sociales y políticas de la organización y acción política del campo científico brasileño, dando cuenta de su principal organización, la Sociedad Brasileña para el Progreso de la Ciencia (SBPC) y sus demandas en dicha coyuntura frente a la reducción del financiamiento del área y las violaciones a la libertad académica. Respecto de las fuentes, se acota y sistematiza la participación de referentes de la SBPC y otros agentes políticos y económicos relevantes en los medios tradicionales de comunicación y en espacios no tradicionales. Así como también, publicaciones periódicas del campo y el Estado; informes oficiales y datos estadísticos.

¹ Magister en Estudios Sociales Latinoamericanos, Universidad de Buenos Aires. Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe, Universidad de Buenos Aires. Correo: escargiali@cbc.uba.ar

Palabras clave: Campo científico; Sociedad Brasileña para el Progreso de la Ciencia; Derechas; Políticas científicas.

Resumo: O objetivo do artigo é explicitar a intervenção política do campo científico no contexto do governo de Jair Bolsonaro (2018-2022) no Brasil. O artigo é tributário da perspectiva analítica da sociologia histórica do tempo presente, a partir de uma concepção temporal como categoria histórica e perspectiva metodológica. Nesse sentido, analisa: a) a caracterização das forças de direita no governo Bolsonaro, os principais agentes políticos e econômicos que o apoiam e as políticas promovidas para a área da ciência e tecnologia; b) as dimensões sociais e políticas da organização e da ação política do campo científico brasileiro, tendo em conta a sua principal organização, a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e as suas reivindicações na atual conjuntura face à redução de verbas para a área e às violações da liberdade acadêmica. No que se refere às fontes, a participação de referentes da SBPC e de outros agentes políticos e econômicos relevantes nos meios de comunicação tradicionais e em espaços não tradicionais, bem como publicações periódicas da área de ciência e tecnologia. Bem como publicações periódicas do campo e do Estado; relatórios oficiais e dados estatísticos.

Palavras-chave: Campo científico; Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência; Direitas; Políticas científicas.

Abstract: The aim of the article is to explain the political intervention of the scientific field in the context of Jair Bolsonaro's government (2018-2022) in Brazil. The article is tributary to the analytical perspective of present-tense historical sociology, based on a temporal conception as a historical category and methodological perspective. In this sense, it analyzes a) the characterization of the right-wing forces in the Bolsonarist government, the main political and economic agents that support it, and the policies promoted for the area of science and technology; b) the social and political dimensions of the organization and political action of the Brazilian scientific field, taking into account its main organization, the Brazilian Society for the Progress of Science (SBPC) and its demands at this juncture in the face of the reduction in funding for the area and violations of academic freedom. About sources, the participation of SBPC referents and other relevant political and economic agents in the traditional media and in non-traditional spaces, as well as periodical publications in the field of science and technology. As well as periodical publications from the field and the state; official reports and statistical data.

Keywords: Scientific field; Brazilian Society for the Progress of Science; Right wing; Scientific policies.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.211297](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.211297)

Recebido em: 29/04/2023

Aprovado em: 30/08/2024

Publicado em: 31/08/2024

1. Introducción

Tras el ciclo de gobiernos populistas-progresistas encabezados por Lula Da Silva (2003-2007 y 2007-2011) y Dilma Rousseff (2011-2016)², Michel Temer (2016-2018) -quien llega a la presidencia tras el *impeachment* a Rousseff- convocó a elecciones que dieron por triunfador a Jair Bolsonaro (2019-2022). El presidente llegó al poder tras el encarcelamiento del principal candidato opositor -Lula Da Silva- y en el marco de la revitalización de acciones de protesta callejera de mujeres, disidencias y estudiantes, entre otros actores sociales, contra el nuevo gobierno. La retórica bolsonarista, basada en un discurso conservador y nacionalista y apoyado por sectores sociales ligados a la Iglesia evangélica, el empresariado agroganadero y los militares, ha chocado con los sectores progresistas del país, entre ellos, las principales organizaciones del campo científico del país.

El objetivo del artículo es explicar y caracterizar la intervención política del campo científico en la coyuntura del gobierno de Jair Bolsonaro (2018-2022) en Brasil. El análisis se inserta en una temporalidad de mediano alcance, indagando en los condicionantes sociohistóricos que intervienen en la politización del campo científico brasileño. El artículo es tributario de la perspectiva analítica de la Sociología Histórica de tiempo presente, que se ubica en la intersección de contextos estructurales y experiencias de grupos (SKOCPOL, 1994) a partir de una concepción temporal como categoría histórica y perspectiva metodológica.

En este sentido, se analiza: a) la caracterización de las fuerzas de derecha en el gobierno de Jair Bolsonaro (2018-2022), los principales agentes políticos y económicos que lo sustentan y las políticas promovidas para el área de ciencia y tecnología; b) las dimensiones sociales y políticas de la intervención en los asuntos públicos del campo científico brasileño,

² El gobierno de Rousseff se vio interrumpido por un proceso de *impeachment* que acabó con la consumación de un golpe de Estado. La acusación se centró en supuestas irregularidades en la administración de recursos públicos. No pudieron ser probadas ni justificadas, tampoco podían encuadrarse como delitos o crímenes de responsabilidad constitucionales (PREGO y NIKOLAJCZUK, 2022).

dando cuenta de su principal organización, la Sociedad Brasileña para el Progreso de la Ciencia (SBPC) y sus demandas en dicha coyuntura frente a la reducción del financiamiento del área y las violaciones a la libertad académica.

En cuanto a las fuentes, se acota y sistematiza la participación de los principales referentes de la SBPC y otros agentes políticos y económicos relevantes en los medios tradicionales de comunicación -declaraciones en portales periodísticos, documentos oficiales, solicitadas- y en espacios no tradicionales. Así como también, publicaciones periódicas del campo y el Estado; informes oficiales y datos estadísticos.

2. Metodología

El artículo retoma la propuesta metodológica propia de la sociología histórica y los estudios acerca de las derechas actuales propuesto por Soler y Prego (2019), Prego y Nikolajczuk (2022) y Soler (2023). Las autoras consideran que el análisis debe ser realizado a través de la perspectiva de la sociología histórica de tiempo presente. Braudel (1968) propone tres temporalidades para el estudio de los fenómenos sociales. La temporalidad estructural, que refiere a condiciones sociohistóricas y procesos sociales de largo aliento, con la particularidad de analizar cambios lentos y graduales; la coyuntura, que se desarrolla de forma más acelerada y se encuentra entre los momentos históricos que define el cambio social; y el acontecimiento, lo inmediato y fugaz, que presenta un comienzo y fin acotado en el tiempo. El autor advierte que estos tres tiempos no son sucesivos, sino que conviven y forman parte de los procesos sociales. En este sentido, las dimensiones analíticas de este trabajo se anclan en la coyuntura histórica o mediana duración, particularmente la llegada al poder de gobiernos populistas-progresistas y la articulación de agentes políticos, económicos, judiciales y mediáticos que fueron determinantes en

la reconfiguración de la derecha brasileña y que permiten comprender la coyuntura del periodo 2018-2022.

Por otro lado, y con el objeto de caracterizar la intervención política de la SBPC, se retoman los estudios sociales de ciencia, tecnología y sociedad, y particularmente la noción de campo científico, como operador descriptivo y conceptual. La noción de campo científico, desarrollada por Wacquant y Bourdieu (2005), es clave para la comprensión de la forma en que se organizan agentes, instituciones y líneas de investigación con el campo político y económico. En este sentido, "constituye la expresión de fuerzas sociales históricamente determinadas, excede a sus agentes e incluye a sus instituciones, sus leyes y los debates acerca de su funcionamiento" (GUTIÉRREZ, 2012).

En Brasil, la autonomía del campo científico ha tenido momentos de mayor y menor fortaleza en dictadura y democracia. Sin embargo, autores como Pécaut (1990) y Días (2009) explican que las decisiones en política científica históricamente han sido tomadas por el propio campo. Durante el periodo analizado, se observa cómo la tensión entre la autonomía y la politización del campo permite cristalizar la relación con el gobierno de Jair Bolsonaro de quienes forman parte de la comunidad científica brasileña.

3. El fin del ciclo progresista y la rearticulación de la derecha brasileña

El año 2003 marcó el inicio de un nuevo ciclo político y económico en Brasil con la llegada de Lula Da Silva al gobierno federal, sumándose al ciclo progresista-populista latinoamericano (SOLER, 2020). Su asunción se caracterizó por la generación de consensos entre diversos sectores sociales, particularmente la conciliación entre diferentes actores empresariales y movimientos sociales (GOLDSTEIN, 2019).

El modelo económico del gobierno de Lula se enmarcó en el ciclo de alza del precio de los *commodities* que permitió un periodo de vigoroso crecimiento económico acompañado por políticas sociales de transferencia monetaria. El Estado federal tuvo un rol central en la articulación de agentes económicos en las diversas regiones del país, lo que permitió la ejecución de políticas clave para el desarrollo: la movilización de la base científico y tecnológica, la promoción de la innovación y la planificación y ejecución de programas de inclusión social (SCARGIALI, 2020). Hacia el final de su segundo mandato, en el año 2011, Lula cerraba su segundo gobierno con una popularidad superior al 80% (SOLER, 2020).

El ciclo continuó bajo el mandato de Dilma Rousseff, ex-ministra de Minería y Energías de Lula Da Silva. Su presidencia se caracterizó por la aplicación de medidas económicas de reducción del gasto público y aumento de la tasa de interés, como efecto directo de la crisis económica global de 2008-2009. En este contexto, la oposición política y sectores de la clase media iniciaron un ciclo de protestas callejeras frente a la decisión de aumentar las tarifas de transporte público. A ellos, se acopló el ascenso de una “nueva” derecha. Bringel (2017) considera que dicho ciclo de movilizaciones debe interpretarse desde una perspectiva multicausal e histórica en la que se conjugan la apertura sociopolítica que posibilitaron los gobiernos del PT y las nuevas formas de organización de las fuerzas de derecha, capitalizando la mediatización y capacidad de interpelación. En este sentido, Anderson (2019) hace hincapié en el excepcional manejo y uso intensivo de las redes sociales de quienes impulsaron los movimientos “Vem Pra Rua” y “Brasil livre”, ligados a expresiones políticas derechistas. También, menciona el poder de algunas iglesias evangélicas y sus redes de medios de comunicación asociadas, que luego serán clave para la elección de Jair Bolsonaro en 2018.

En este contexto, se puso en marcha el plan para destituir a Dilma Rousseff. Soler y Prego (2019) tienen por hipótesis que las fuerzas de derecha se nuclearon en el espacio político parlamentario generando las

condiciones de posibilidad para destituir a la Presidenta constitucional con herramientas del orden jurídico y político: “Una nueva derecha que apeló tanto al Poder Legislativo como al Poder Judicial para efectivizar los golpes de Estado, clausurar el proceso de cambio impulsado por las experiencias populistas o progresistas y buscando instaurar un nuevo orden social.” (Pp. 35).

El *impeachment* a Rousseff se sustentó en una serie de acusaciones contra la firma de decretos de operaciones de créditos en el presupuesto nacional y la demora en el envío de partidas del Tesoro Nacional. En este marco, diputados del arco de partidos políticos de derecha y también otros aliados, articularon las acusaciones y concretaron la destitución de la presidenta constitucional (SALAS OROÑO, 2016).

Por otro lado, el proceso golpista avanzó desde 2014 a través del Poder Judicial con la operación “Lava Jato”³, encabezado por el Juez Sergio Moro. La acusación fue acompañada por los medios de comunicación y las redes sociales. El desenlace político del proceso fue la detención del ex-presidente Lula Da Silva en abril de 2018. Con el principal candidato excluido de la carrera electoral, Jair Bolsonaro, expresión de una nueva articulación de la derecha latinoamericana, fue electo presidente del país con el 55,21% de los votos contra el candidato del Partido de los Trabajadores, Fernando Haddad.

³ El “lava jato” se articuló a partir de las grabaciones en un lavadero de autos se detuvo a un contrabandista que comenzó a denunciar una trama de corrupción y lavado de dinero, implicando a directivos de las principales constructoras y empresas contratistas de Petrobras, como así también a diputados, senadores y gobernadores. (SOLER Y PREGO, 2019).

4. Alianzas sociales en el gobierno de jair bolsonaro

La nueva derecha latinoamericana, se articula -en el gobierno o la oposición- a partir de la crisis económica global de 2008 y el desgaste de las experiencias populistas-progresistas de la primera década del siglo XXI (SOLER, 2020). Entre sus características se destaca el vínculo con la democracia liberal en un sentido instrumental, y una novedosa composición social que se articula con sectores de la élite económica. Jair Bolsonaro, presentó a su gobierno como la renovación moral y cultural que debía oponerse a los gobiernos de Lula Da Silva y Dilma Rousseff. En este sentido, Soler y Prego (2019) lo enmarcan dentro de la categoría de “populismo de derecha” en el sentido que promovió políticas de redistribución del ingreso regresivas, con énfasis en el sostenimiento de las desigualdades sociales, que son vistas como “naturales”, y la defensa de aquellos sectores sociales que dan forma a su comunidad política frente a los “contaminantes de la pureza del verdadero pueblo” (CASULLO, 2019). El ascenso de Bolsonaro no fue producto de una estructura partidaria robusta, sino más bien, del escenario abierto a partir de la articulación de diversos actores mediáticos, judiciales y económicos durante el mencionado *impeachment* a Dilma Rousseff y encarcelamiento del ex-presidente Lula Da Silva.

El gobierno de Bolsonaro reunió apoyos de los sectores reaccionarios organizados en las “BBB”: las bancadas parlamentarias del buey, la biblia y la bala. La primera de ellas, el “Frente Parlamentar da Agropecuária” (FPA) representa a los sectores ligados al agronegocio, quienes además, condujeron el Ministerio de Agricultura, en manos de Tereza Cristina Corrêa da Costa Días, empresaria agropecuaria de Matto Grosso del Sur. Antes de asumir el cargo, impulsó la aprobación de la Ley 6299/02 que flexibilizó las regulaciones sobre aplicaciones fitosanitarias de pesticidas.

La segunda de ellas, engloba a los apoyos provenientes de diferentes sectores de las Iglesias Evangélicas. Dicha religión es profesada por el 31%

de la población del país, lo que representa unos 65 millones de personas (GOLDSTEIN, 2019). Los sectores evangélicos tuvieron un rol central en el gobierno de Bolsonaro, en el área de educación y derechos de mujeres, niños, niñas y adolescentes. El Ministerio de Mujer, Familia y Derechos Humanos, quedó en manos de Damara Regina Alves, pastora evangélica, y principal referente opositora en el país al derecho al aborto.

Los evangelistas también influyeron en el nombramiento de Ricardo Vélez Rodríguez⁴ frente al Ministerio de Educación. Profesor del Estado Mayor del Ejército brasileño y discípulo directo del filósofo y astrólogo Olavo de Carvalho, *“gurú ideológico del bolsonarismo”* (GALARRAGA GORTÁZAR, 2022). Vélez Rodríguez declaró: *“los brasileños son rehenes de un sistema de enseñanza ajeno a sus vidas y afinado con el intento de imponer a la sociedad, un adoctrinamiento de índole cientificista y enquistado en la ideología marxista”* (GOLDSTEIN, 2019: 229). Por otro lado, el gobierno fue acompañado por el conglomerado mediático “TV Récord”, perteneciente al empresario y fundador de la Iglesia Universal del Reino de Dios, Edir Macedo.

Por último, la “bala” hace referencia a la participación de fuerzas políticas y parlamentarios representantes de las Fuerzas Armadas y de Seguridad: el vicepresidente -Hamilton Mourão-, general retirado del Ejército y parte del gabinete presidencial tiene su origen en la familia militar. Dentro de las segundas y terceras líneas de gestión, al menos 100 cargos pertenecieron a las Fuerzas Armadas. De este sector provino el ministro de Ciencia, Tecnología, y Comunicaciones, el astronauta Marcos Pontes. Además, los militares administraron sectores estratégicos de la industria y el desarrollo brasileño, como Petrobras y Serpro.

Los centros de pensamiento y *think tanks*, también formaron parte de la estructura programática y política de la extrema derecha en el

⁴ Ricardo Vélez Rodríguez se mantuvo en el cargo desde el 1° de enero de 2018 hasta el 7 de abril de 2019 cuando fue reemplazado en su cargo por el economista liberal Abraham Weintraub, quien se mantuvo en el cargo hasta junio de 2020, cuando fue nombrado en el directorio del Banco Mundial. Fue sucedido por Milton Ribeiro, pastor evangélico, profesor y abogado, quien renunció al cargo en junio de 2022 acusado de hechos de corrupción en el Ministerio.

gobierno brasileño. Como ha estudiado Mercado (2021) la participación de estos espacios en la política proliferó en América Latina a partir de la década de 1980 y se caracterizan por acciones de lobby sobre el gobierno, la elaboración de políticas y la producción y difusión de discursos por parte de actores legitimados para tales fines. En particular, durante el periodo analizado, cobran relevancia por formar parte de las estrategias de construcción y acceso al poder de las derechas del siglo XXI (SOLER, GIORDANO Y SAFERSTEIN, 2018). Para el caso analizado, se destacan la participación del Instituto “Millenium” y del Instituto “Pensar Agropecuária”. El primero de ellos, fue central en el diseño de la política económica neoliberal de Bolsonaro. De aquí provino su ministro de Economía, Paulo Guedes. El segundo, es tanque de pensamiento del FPA y fue creado por diferentes entidades del sector agropecuario en 2011 con el objetivo de institucionalizar la agenda propia del sector en el poder ejecutivo, legislativo y judicial brasileño.

El resultado de la participación de los actores mencionados en la política económica del bolsonarismo consolidó una reedición del neoliberalismo en un nuevo contexto signado por la lógica financiarizada: privatizaciones, liberalización de los mercados, apertura económica y endeudamiento externo. Como describen Prego y Nikolajczuk (2022), la aplicación de este programa sólo fue viable a partir del uso de la violencia y de las fuerzas de seguridad, que formaron parte del proceso de militarización del territorio y la persecución de opositores políticos.

5. Agentes y políticas en ciencia y tecnología durante el bolsonarismo

Durante el gobierno de Jair Bolsonaro (2019-2022) el Ministerio de Ciencia, Tecnología y Comunicaciones -Luego Ministerio de Ciencia, Tecnología e Innovaciones- estuvo a cargo del astronauta Marcos Pontes y del Ingeniero Paulo César Alvim, quien asumió el cargo el 30 de marzo de

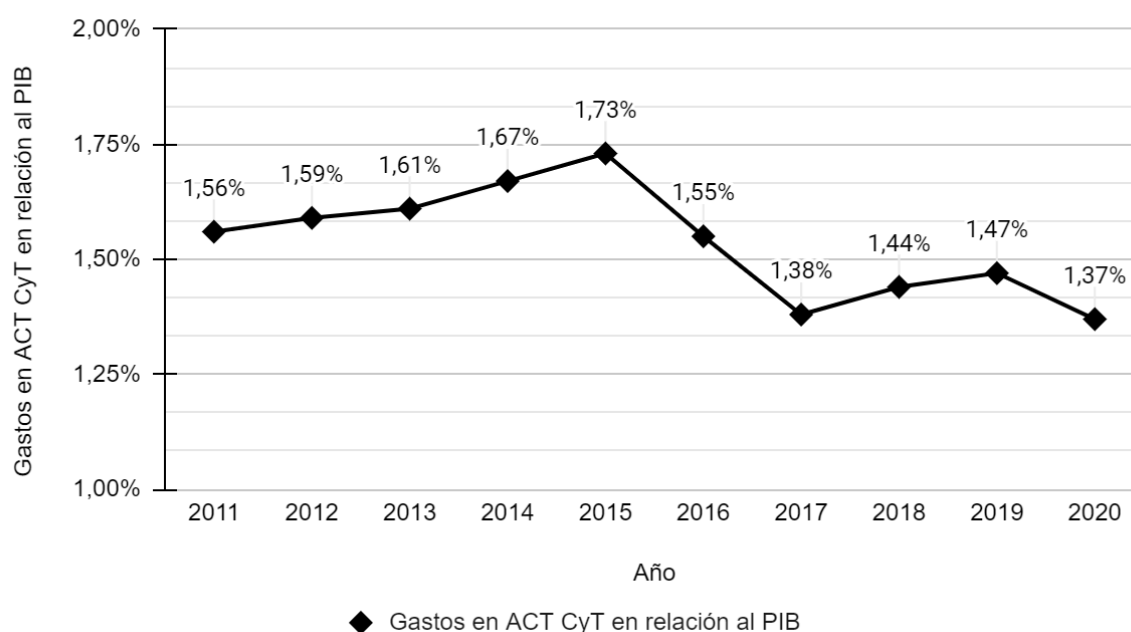
2022 y se mantuvo hasta el fin del mandato, el 31 de diciembre del mismo año. Pontes, en su primera exposición pública como nuevo ministro afirmó que *"siguiendo el ejemplo del juramento prestado en la Academia del Ejército, lucharé contra los enemigos internos y externos, aun sacrificando mi vida"*⁵ (FERNANDES e ALVES, 2018:27). El astronauta, antes de sumarse al gobierno de Bolsonaro, había sido candidato al parlamento por el Partido Socialista Brasileño (2014) y por el Partido Social Liberal (2018), en ambos casos, con el objetivo de representar al Estado de San Pablo.

Respecto de las políticas en ciencia y tecnología, el comienzo del proceso de desfinanciamiento puede ubicarse en el momento en que se produce el *impeachment* a Dilma Rousseff en abril de 2016 y que luego se profundizó durante el gobierno de Michel Temer (2016-2018) y Jair Bolsonaro (2019-2022). Según datos de la Red Interamericana de Indicadores en Ciencia y Tecnología (RICyT), con datos disponibles hasta 2020, la inversión en actividades científico-tecnológicas como porcentaje del producto interno bruto (PIB) se redujo drásticamente entre los años 2016 y 2020, desde un 1,73% a 1,37% (Gráfico 1). Por otro lado, la inversión en Investigación y Desarrollo (I+D) como porcentaje del PIB también disminuyó desde 1.37% a 1,17% (Gráfico 2). En este sentido, se deterioraron las condiciones materiales de trabajo, investigación, desarrollo y docencia de vastos sectores del campo científico y académico brasileño. Bolsonaro afirmó que en su gobierno *"no hay más espacio para que el área de ciencia y tecnología sea comandada desde Brasilia y dependiente de forma exclusiva de los recursos públicos"*.⁶ También, destacó la necesidad de promover el emprendedurismo y los acuerdos I+D junto al sector privado. (FERNÁNDES e ALVES, 2018:27)

⁵ La traducción es propia.

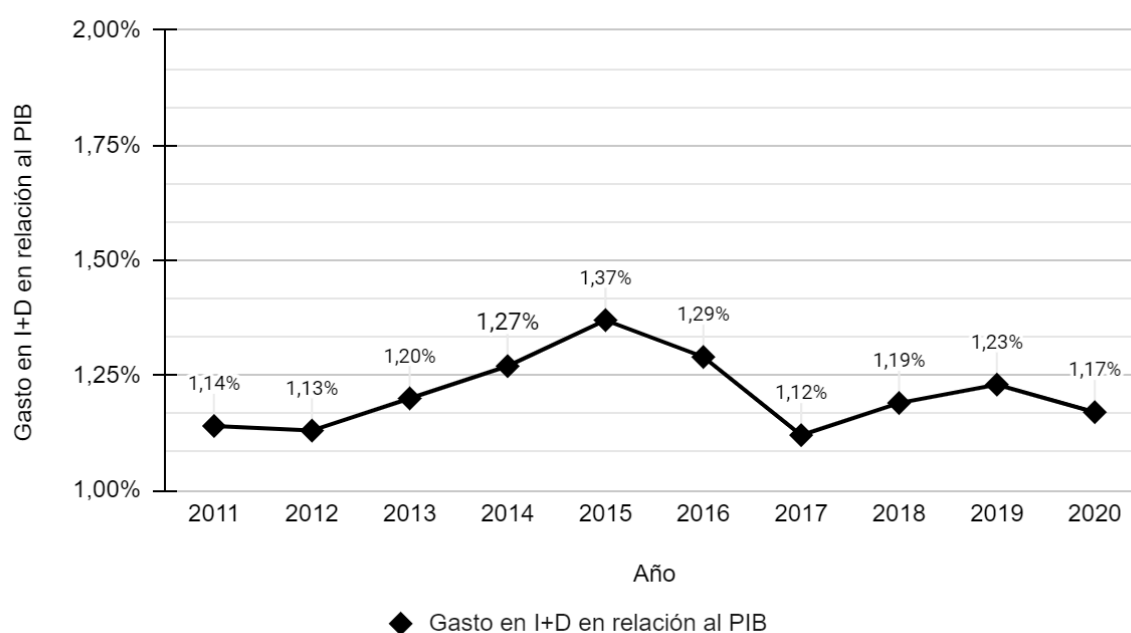
⁶ La traducción es propia.

Gráfico 1 - Gasto en actividades científico-tecnológicas como porcentaje del PIB por año



Fuente: RICyT, OEI. Elaboración propia.

Gráfico 2 - Gasto en I+D como porcentaje del PIB por Año

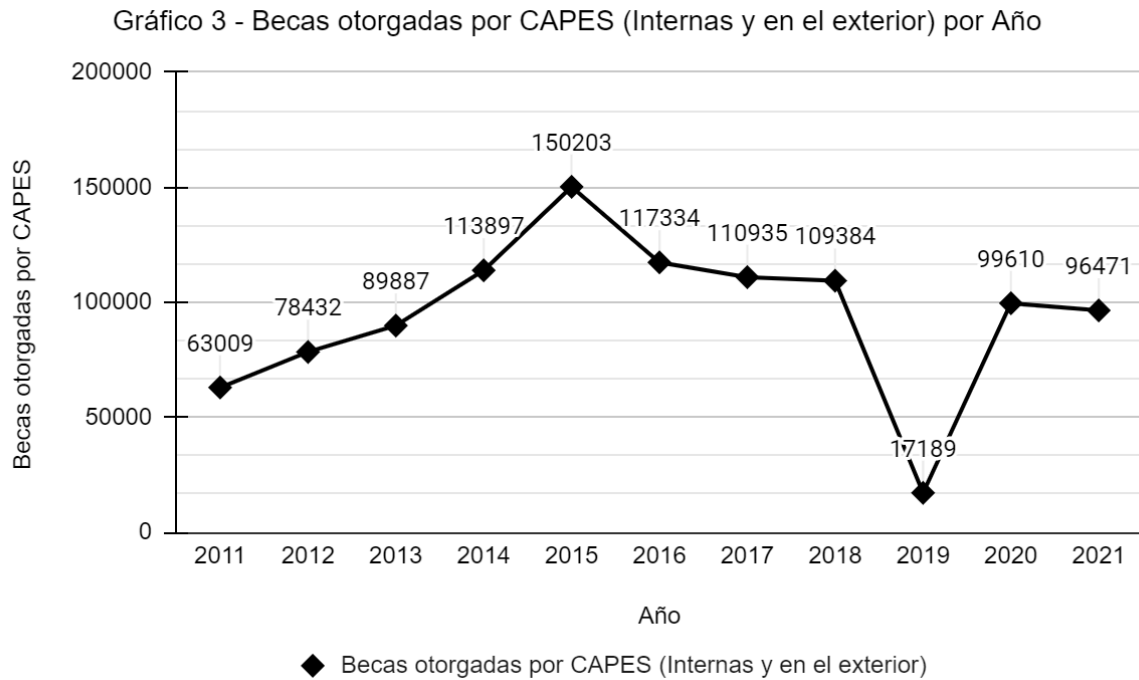


Fuente RICyT, OEI. Elaboración propia.

Según un estudio de la Sociedad Brasileña para el Progreso de la Ciencia (SBPC) el recorte entre los años 2016 y 2018 -cuando el porcentaje

de inversión en actividades científico-tecnológicas en relación al PIB se redujo del 1,55% al 1,44%- representaba una reducción del 50% en los recursos para investigación, desarrollo e investigación en las instituciones de dependencia directa del Ministerio de Ciencia, Tecnología y Comunicaciones; de un 62% en el presupuesto del Instituto Nacional de Investigaciones de la Amazonía (INPA); de un 90% de los recursos destinados al Centro Nacional de Monitoreo y Alerta de Desastres Nacionales (CEMADEN). También, condujo a la reducción del 58% del presupuesto para implementación, recuperación y modernización de infraestructura en instituciones públicas de investigación científica (CT-Infra) (SBPC, 2017).

Las instituciones de investigación ligadas a las universidades públicas y otros Ministerios del Ejecutivo Federal también sufrieron el impacto de la desinversión en el área. La Coordinadora de Formación del Personal de Nivel Superior (CAPES), principal organismo estatal de financiamiento de la formación de posgrado, en 2018 redujo su presupuesto en un 20% respecto de 2017. La reducción presupuestaria se verificó en la cantidad de becas de posgrado otorgadas por el organismo en el periodo. Entre 2011 y 2021, el máximo de becas -internas y en el exterior- otorgadas en un año (150203) fue alcanzado en el 2015 durante el gobierno de Dilma Rousseff. En tanto que a partir de 2016, declinó la cantidad de becas asignadas, alcanzando el mínimo en 2019 cuando fueron otorgadas 17189 becas. Luego, entre 2020 y 2021, el número de otorgamientos se recupera (99610 y 96471 respectivamente), retrotrayendo el tamaño del programa a números levemente superiores al del periodo 2013-2014 (Gráfico 3).



Fuente: CAPES. Elaboración propia. Disponible en:
<http://geocapes.capes.gov.br/geocapesds> - Consultado: 06/2/2023.

Por otro lado, el presupuesto de las universidades públicas federales se redujo un 80% respecto del año 2014 (SBPC, 2017:9). Al recorte presupuestario, se sumó el 29 de marzo de 2019, el congelamiento del 42% del presupuesto del Ministerio de Ciencia, Tecnología y Comunicaciones (MCTIC), que incluyó la paralización del 80% de las obras de infraestructura a cargo de la cartera (ANGELO, 2019). En lo que respecta al Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), dependiente del MCTIC, el recorte presupuestario del año 2019 alcanzó al 42,2% del respectivo en 2018, lo que puso en riesgo once mil proyectos científico-tecnológicos y ochenta mil becas de formación en posgrado (SBPC, 2019).

Desde 2019 los ataques a diferentes sectores del campo científico no cesaron. Durante la reunión anual de la SBPC, espacio de reunión de investigadores, docentes, académicos y estudiantes organizado por la principal corporación del campo, irrumpieron militares quienes comenzar a

filmar a la audiencia y la disertación de Sidarta Ribero (Universidad Federal de Rio Grande del Norte) acerca del estado de la ciencia en el país. Además, durante la reunión, diferentes funcionarios del gobierno cuestionaron informes oficiales acerca de los procesos de deforestación y expulsión de comunidades indígenas del Amazonas, así como también un relevamiento acerca del uso de drogas en el país (TOLLEFSON, 2019).

Los ataques también provinieron del propio presidente: Bolsonaro llamó "idiotas útiles" a estudiantes y docentes que se manifestaron contra los recortes del gobierno en enseñanza superior: *"Son idiotas útiles que están siendo usados como mano de obra de una minoría intelectual que constituye el núcleo de las universidades federales"* (BULLA, 2019). Como destaca Goldstein (2019), el movimiento bolsonarista se caracteriza por su anti-intelectualismo. Durante la campaña electoral por la segunda vuelta electoral de 2018, treinta universidades federales fueron intervenidas desde el Poder Judicial por la aparición de panfletos "contra el fascismo": *"Ese ataque a la producción de conocimiento sobre lo social es una de las condiciones de posibilidad para el establecimiento de legitimidad que precisa el nuevo régimen autoritario."* (GOLDSTEIN, 2019: 229). En este contexto, el 2 de julio de 2019, los ministros de ciencia del país desde el proceso de redemocratización en 1985, publicaron una solicitada en la que advertían acerca de los embates del gobierno de extrema derecha a las políticas de Estado en ciencia y tecnología.

En primer lugar, denunciaron los recortes presupuestarios que afectaron el desarrollo de tecnologías para la exploración petrolera en aguas profundas, las investigaciones agrícolas, la construcción de un acelerador de protones de tercera generación y la producción de la industria aérea a través de Embraer. También, expusieron la *"ausencia de representantes de la comunidad científica en comités y consejos gubernamentales"*. Entre los firmantes del manifiesto se encontraban los ministros de ciencia y tecnología de los gobiernos de Fernando Collor de

Mello, Fernando Henrique Cardoso, Lula Da Silva y Dilma Rousseff (BARBON, 2019).

6. La intervención política del campo científico en perspectiva sociohistórica. el lugar de la sbpc

Tras la segunda Guerra Mundial, Brasil ingresó en una etapa de complejización del sistema de educación superior y del programa en ciencia y técnica. En este marco, en el año 1948 fue fundada la SBPC. La entidad se organiza en San Pablo como resultado de las protestas realizadas por la comunidad científica frente al recorte del presupuesto del Instituto Butantan que lleva adelante el gobernador del Estado, Adhemar de Barros (SCHWARTZMAN, 1979).

En las décadas siguiente, las transformaciones económicas e institucionales del modelo desarrollista impactaron en el rápido proceso de institucionalización de la investigación científica y la educación superior. Como destaca Oteiza (1992) los aportes realizados a través de las universidades federales y estatales al sistema de ciencia y tecnología, permitió a Brasil impulsar la formación de profesionales y científicos que, a las tareas de investigación, sumaron la docencia. Esto se tradujo en el crecimiento sostenido de las actividades científicas al interior de las universidades y nutrió al sistema productivo.

Si bien la dictadura (1964-1985) logró imponer con éxito la reforma del sistema de educación superior de 1968 y la introducción de una burocracia especializada para el área de ciencia y tecnología, medidas que fueron acompañadas por la comunidad científica representada por la SBPC, hacia la década de 1980, la SBPC permitió la incorporación de investigadores y profesores provenientes de las ciencias sociales, lo que configuró una nueva identidad a la organización.

Al mismo tiempo, se reorganizaron las formas institucionales de circulación de agentes en el campo, lo que habilitó una mayor intervención en los asuntos públicos: con el proceso de redemocratización, la SBPC marcó presencia como parte activa de la sociedad civil en el reclamo por el retorno al Estado de derecho. El reclamo no se centraba solo en defensa del desarrollo científico-tecnológico sino de las instituciones democráticas y la ética política, convirtiéndose, en el “brazo político de la comunidad científica” (SBPC, 2022c).

La recuperación democrática y la creciente participación política de los miembros de la Sociedad permitieron el regreso de agentes e instituciones del campo en la conducción de las políticas en ciencia y tecnología, logrando durante el gobierno de José Sarney (1985-1990) la creación del Ministerio de Ciencia y Tecnología (FERNANDES, 2010). Los científicos, investigadores y universitarios reunidos en la SBPC durante el primer quinquenio de 1980, redefinieron las estrategias de participación política en la Sociedad. Ennio Candotti, presidente de la entidad en diferentes momentos de las décadas de 1990 y 2000, relata que esos años produjeron una revolución dentro de la comunidad: “Hasta principios de la década de 1980, la SBPC era básicamente una entidad paulista, representante de la ciencia en São Paulo, y opuesta, por así decirlo, a la Academia Brasileña de Ciencias, con sede en Río de Janeiro” (MORAES, 2019:122).

A partir de las propuestas de cambio dentro de la institución, se configuraron dos espacios delimitados: “los centralizadores” y “los descentralizadores”. Los primeros, buscaban mantener a la organización dentro de la “senda científica”: “Defendían la calidad de la universidad, el rigor, la excelencia, en definitiva, el modelo universitario de la USP”. Tenían una mentalidad estrictamente científica y, por tanto, creían que la SBPC no debía involucrarse en política” (Pp. 122). Los segundos, planteaban una perspectiva político-científica enmarcada en un proyecto nacional para la SBPC y el país “Creíamos en la importancia de tener una ciencia conectada

a cada región. Para los centralizadores, por ejemplo, era posible en los problemas del Amazonas desde San Pablo" (Pp. 122).

El avance del régimen neoliberal de la década de 1990, produjo conflictos al interior del propio campo científico y con el gobierno cuando intentó imponer una nueva racionalidad en el diseño y ejecución de políticas en ciencia y tecnología. La nueva etapa de expansión del sistema de educación superior y de financiamiento de la investigación científica y tecnológica llevada adelante por los gobiernos de Lula Da Silva y Dilma Rousseff, como se ha demostrado en el apartado N° 5, encontraron su límite con el proceso de *impeachment* a la presidenta Rousseff. La llegada al gobierno de Bolsonaro y la irrupción de la pandemia, modificaron la relación entre el campo y la dirección del Estado.

Durante el mes de marzo de 2020, con la declaración de pandemia por COVID-19, el contexto social, político y sanitario global mutó. Este nuevo ciclo irrumpió en el marco de las transformaciones políticas que el gobierno de Jair Bolsonaro implementaba desde hace un año en su gobierno y de la revitalización de las protestas callejeras. Frente al deterioro del contexto económico y sanitario diferentes sectores sociales se articularon a través del movimiento "Brasil pela Democracia e pela Vida", una alianza de más de setenta organizaciones de la sociedad civil: movimientos sociales, colectivos populares, organizaciones no gubernamentales, sindicatos y organizaciones científicas y académicas. La SBPC tuvo un rol central en la organización y difusión de actividades del conglomerado de entidades participantes. En primer lugar, por su rol histórico frente a la sociedad (SCARGIALI, 2020) y en segundo lugar, por ser un interlocutor central de la sociedad civil en el marco de la crisis sanitaria desatada. Durante los momentos de aislamiento social, preventivo y obligatorio el movimiento gestado en las redes sociales llevó adelante entrevistas, charlas abiertas, festivales virtuales y otros recursos materiales

cuyo registro circuló de forma masiva a través de las redes sociales (SOLER et. al, 2023):

En sintonía con el #EleNã, este movimiento se opone al gobierno federal, a la gestión de Jair Bolsonaro y busca enfrentar el ajuste neoliberal. En palabras de uno de los informantes clave, *Brasil pela democracia e pela vida* es concebido como un frente amplio de expresiones de diferentes vertientes políticas y ciudadanas y que -en el contexto de la pandemia- nace en las redes sociales. (SOLER et. al, 2023:262)

Las organizaciones científicas -junto a otros ámbitos de la sociedad civil- se convirtieron en espacios de organización y resistencia a las políticas sanitarias y económicas que el gobierno de Bolsonaro aplicó durante la contingencia por la pandemia de COVID-19 y sus consecuencias atravesaron la organización del campo científico brasileño.

Por un lado, la actividad científica y académica, los espacios de circulación, discusión e intercambio, debieron trasladarse a la virtualidad. Las críticas no solo se circunscribieron a las políticas en contexto de COVID-19, sino también, al avance que sectores del gobierno y sus aliados en las Fuerzas Armadas, realizaron por sobre el sistema democrático. En respuesta a los primeras medidas de gobierno, las cincuenta entidades científicas más importantes del país nucleadas en la SBPC publicaron en marzo de 2020 un crítico documento, reclamando por medidas urgentes para la contención de la pandemia:

Son particularmente graves las declaraciones que minimizan las consecuencias de esta pandemia para la salud de los brasileños y la actitud contraria a las medidas fundamentales para reducir los trágicos efectos que podrían derivarse de ella. Las declaraciones fueron en sentido contrario a lo que están planteando los organismos de salud nacionales e internacionales y esta incongruencia también expone la falta de liderazgo y coordinación al interior del gobierno para enfrentar esta crisis sanitaria en el país [...] Esto no es de ninguna manera una "gripezhina" o un "resfriadhino". Y, lo que es más grave, la pandemia está creciendo muy rápido en el país y tiene el potencial de afectar gravemente a un número muy elevado de personas si no se controla y mitiga adecuadamente. (SBPC, 2020)⁷

En 2020, además, el gobierno finalizó con el programa de beneficios fiscales para la importación de bienes tecnológicos e insumos destinados a la investigación científica. Según estimaciones del CNPq el recorte se

⁷ La traducción es propia.

tradujo en la reducción del 70% de las importaciones necesarias, aún aquellas destinadas al desarrollo científico y tecnológico frente a la pandemia de COVID-19. El físico Ildeu de Castro Moreira, presidente de la SBPC expresó: *“Ya estamos recibiendo muchas malas noticias sobre la ciencia en Brasil. Y esta fue una adicional que amenaza grandemente a la ciencia brasileña, incluso, al enfrentar los temas del COVID-19. Esta reducción es absolutamente drástica”* (BALDEZ, 2021). Sin embargo, uno de los mayores conflictos que atravesó la relación entre la SBPC y el gobierno de Bolsonaro se produjo cuando el Ministerio de Economía bloqueó el financiamiento del Fondo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (FNCDT).

Haciendo caso omiso a la Ley complementaria N° 177 del año 2021 -que prohíbe el desvío de fondos del FNCDT-, el gobierno avanzó en el reubicación de fondos del área que colocó como reservas de contingencia (SBPC, 2021a). En este marco, la SBPC, junto a 90 sociedades científicas, y la movilización de 130.000 firmas, logró que en agosto del mismo año, el Tribunal de Cuentas de la Unión, realizara una investigación acerca del bloqueo de recursos para el área (SBPC, 2021b). Finalmente, el Congreso derribó el veto presidencial y obligó al gobierno federal a ejecutar de forma completa el presupuesto del FNDCT (SBPC, 2022). En este marco, ganó fuerza la “Iniciativa para la ciencia y la tecnología en el Parlamento” (ICTP.br), un movimiento que reúne desde 2020 a 8 grandes organizaciones del campo⁸. Su objetivo es generar vínculos fluidos con los representantes parlamentarios a nivel federal, estadual y municipal.

Los ataques del gobierno derechista no se concentraron únicamente en el recorte de fondos públicos para la investigación científica y las universidades federales, sino también en ataques a la libertad académica.

⁸ Las entidades que conforman la ICTP.br son la “Academia Brasileira de Ciências” (ABC); la “Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior” (Andifes); “Conselho Nacional das Fundações Estaduais de Amparo à Pesquisa” (Confap); “Conselho Nacional das Fundações de Apoio às Instituições de Ensino Superior e de Pesquisa Científica e Tecnológica” (Confies); Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Conif); “Conselho Nacional dos Secretários Estaduais para Assuntos de CT&I” (Consecti); “Instituto Brasileiro de Cidades Humanas, Inteligentes, Criativas e Sustentáveis” (Ibrachics); y la “Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência” (SBPC).

En 2021, el “Observatorio del Conocimiento” de la SBPC junto al “Centro de análisis de la libertad y el autoritarismo” (LAUT) llevaron adelante una investigación acerca de la percepción de docentes universitarios, graduados, investigadores científicos, académicos e intelectuales sobre los ataques a la libertad académica durante el bolsonarismo. Entre los principales hallazgos del relevamiento se destaca que un 35% de quienes respondieron el cuestionario habían limitado aspectos de sus investigaciones y un 42%, contenidos de sus clases por temor a represalias o consecuencias negativas para sus trayectorias profesionales provenientes de organismos de financiamiento, las propias instituciones y otros órganos de la administración pública. Además, un 58% afirmó conocer experiencias de personas que sufrieron limitaciones e interferencias a sus investigaciones o cursos (OBSERVATORIO DO CONHECIMENTO et. al., 2022). BRITO et al. (2022), recopilaron los ataques a la libertad académica que se dieron entre los años 2019 y 2022 en el país. Por un lado, en forma individual, investigaciones administrativas, procedimientos disciplinarios y exoneraciones arbitrarias. Por otro lado, en la dimensión institucional, censura de temas de investigación y eventos y manifestaciones; retrocesos en la política de acceso y permanencia de grupos vulnerables a la enseñanza superior; y acciones de espionaje en las universidades. Además, hubo retrocesos en la autonomía administrativa de los organismos del área y las universidades federales, que se evidenciaron en el control político de la distribución de recursos. También, cómo ha sido destacado anteriormente

La gestión estuvo marcada por una serie de ataques a la enseñanza superior, valiéndose tanto de discursos peyorativos hacia la comunidad académica y el pensamiento científico, como también medidas normativas que limitan el ejercicio de las libertades individuales, la autonomía universitaria y los objetivos constitucionales expresos para el ámbito educativo. (BRITO et al. 2022:6)⁹

Durante 2022, y en vistas de las elecciones presidenciales del año, la conflictividad entre el gobierno y diferentes agentes institucionales del campo científico, se intensificó. Particularmente, la cristalización de dicha

⁹ La traducción es propia.

coyuntura se presentó cuando el Poder Ejecutivo presentó una medida provisoria (MP) que volvía a limitar los recursos disponibles del FNDCT entre el 2023 y el 2027. La SBPC, en el marco de la ICTP.br, se manifestó en contra del nuevo recorte: *“El gobierno tiene otras prioridades, que no son la educación, la salud, la cultura, el ambiente, la tecnología [...] De este modo, ni la economía crecerá ni formaremos mano de obra calificada. No solo no construiremos el futuro, sino que perderemos lo ya construido”*¹⁰ afirmaba el presidente de la SBPC, Renato Janine Ribero ¹¹(SBPC, 2022a). Además, lanzaron la campaña *“No a los recortes en educación y ciencia”* con una serie de acciones callejeras en las principales ciudades del país (SBPC, 2022b).

Frente a las amenazas que suponía un nuevo ciclo de gobierno de Jair Bolsonaro, el *“brazo político de la comunidad científica”* llevó adelante acciones tendientes a promover la defensa del proceso electoral y propuestas para la recuperación institucional de la ciencia y la tecnología (SBPC, 2022d; 2022e).

7. Reflexiones finales

El periodo 2018-2022, se caracterizó por el desfinanciamiento de instrumentos, agencias del ámbito científico y las universidades, así como también, la reducción del monto destinado a la formación de recursos humanos del área. Al mismo tiempo, el clivaje ideológico del gobierno de Jair Bolsonaro, que se vio reforzado por la crisis de la pandemia por COVID-19, apuntó contra la libertad académica, mediante la censura de las manifestaciones contrarias; la persecución de docentes e investigadores y acciones de espionaje en las universidades.

¹⁰ La traducción es propia.

¹¹ Entre el 6 de abril y el 30 de septiembre de 2015 se desempeñó como ministro de Educación del gobierno de Dilma Rousseff. Desde el año 2021 es presidente de la SBPC.

En este marco, las organizaciones del campo científico reunidas en la iniciativa ICPT.br, y particularmente la SBPC, actuaron de forma coordinada con referentes políticos y de otros ámbitos de la sociedad civil -como la acción Brasil pela democracia e pela vida- con el objetivo de defender los acuerdos sociales que el país plasmó en la Constitución del año 1988, tras el fin del largo proceso dictatorial.

La perspectiva de la sociología histórica permite identificar en el proceso de conformación y reorganización de agentes e instituciones del campo científico el modo en qué los diversos procesos políticos -como la larga dictadura, el proceso de redemocratización y el neoliberalismo- complejizaron las relaciones hacia su interior y con el Estado. En este sentido, en los últimos cincuenta años ha sedimentado una particular tensión entre la actividad científica y la politización de sus agentes en Brasil. Es relevante referir que construcción del campo es parte del proceso histórico que atraviesa el Estado y asume diversos grados de autonomía que se encuentran en plena relación con los contextos de producción y la relación que sus agentes tienen con el medio social (SOLER, 2018).

Si bien, la llegada de la extrema derecha al poder y el impacto de la pandemia por COVID-19 cristalizaron un novedoso escenario para la intervención del campo científico, el largo aprendizaje de otros periodos históricos de tensión entre la autonomía y politización de la actividad científica y académica permitieron a la SBPC posicionarse en la disyuntiva “democracia o autoritarismo” que planteó la coyuntura del periodo analizado y actuar frente a los recortes del área y los avances sobre la libertad académica llevada adelante por el gobierno de Bolsonaro, y también, por diversos agentes sociales que participaron de la gestión, como las iglesias evangélicas y las Fuerzas Armadas.

Los diversos hallazgos presentados durante la investigación permiten dar cuenta de la respuesta que diversos sectores de la sociedad civil dieron a la deriva autoritaria del gobierno de Jair Bolsonaro. En este sentido, la

intervención política de la SBPC fue más allá de la defensa del sistema científico y universitario, sino que posicionó a este como uno de los puntos neurálgicos de la democracia brasileña junto a sindicatos, movimientos sociales y otras organizaciones del tercer sector. Si bien, como ha sido analizado, en otros momentos históricos la organización intervino políticamente en los asuntos públicos, la novedad a la que condujo el bolsonarismo se relaciona con el modo en que diversos agentes sociales organizaron una resistencia democrática a las medidas institucionales y sanitarias -frente a la pandemia- del gobierno de extrema derecha.

Ahora bien, ante el nuevo contexto político que abrió la alianza de centro-derecha que permitió el regreso de Lula Da Silva a la presidencia en 2023, resta para futuros estudios, analizar el modo en que la tensión entre autonomía del campo científico e intervención política acciona ante las políticas estatales del área y verificar el modo en que la gimnasia adquirida durante el bolsonarismo impacta en la organización del propio campo.

8. Bibliografía

ANDERSON, Perry. O Brasil de Bolsonaro. In: **Novos Estudos**, n. 113, p. 215-254. 2019. Disponível em: DOI:10.25091/S01013300201900010012

BRAUDEL, Fernand. **La historia y las ciencias sociales**. Madrid: Editorial Alianza, 1968.

BRINGEL, Breno. Crisis política y polarización en Brasil: De las protestas de 2013 al golpe de 2016. In: BRINGEL, BRENO, PLEYERS, GEOFFREY. **Protesta e indignación global. Los movimientos sociales en el nuevo orden mundial**. Río de Janeiro: CLACSO, 2017, p. 141-154. Disponível em: https://www.clacso.org.ar/libreria-latinoamericana/contador/sumar_pdf.php?id_libro=1321

BRITO, Adriane Sanctis; VENTURINI, Anna Carolina; CARVALHO, Danyelle Reis; SALES, Fernando Romani; ASSIS, María Fernanda. **Retrato dos ataques à liberdade acadêmica no Brasil: sistematização das violações com maior repercussão midiática no país desde 2019**. San Pablo: Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo (LAUT), 2022. Disponível em: <https://laut.org.br/wp-content/uploads/2022/06/Pensar-sem-medo-2.pdf>

CASULLO, María Esperanza. **¿Por qué funciona el populismo?: El discurso que sabe construir explicaciones convincentes de un mundo en crisis.** Ciudad de Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2019.

DIAS, Rafael. **A trajetória da política científica e tecnológica brasileira: Um olhar a partir da análise de política.** Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

FERNANDES, Ana María. **Construção da ciência no Brasil e a SBPC.** San Pablo: SBPC, 1990.

GOLDSTEIN, Ariel. **Bolsonaro. La democracia de Brasil en peligro.** Ciudad de Buenos Aires: Marea Editorial, 2019.

GUTIÉRREZ, Alicia. **Las prácticas sociales: Una introducción a Pierre Bourdieu.** Ciudad de Buenos Aires: Eduvim, 2012.

MERCADO, Ana Belén. Think tanks y neoliberalismo en Colombia en los años 1980 y 1990: la Revista e Instituto Ciencia Política. In: **Revista História Unisinos**, v. 5, n. 22, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/hist.2021.252.14>

MORAES, Fernando Tadeu. Colaboração, sem colaboracionismo. In: **Ciência para o Brasil: 70 anos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).** San Pablo: FINEP, SBPC, 2019. Disponível em: <http://portal.sbpnet.org.br/livro/cienciaparaobrasil.pdf>

OLIVEIRA, Joelmo Jesús de. Ciência, tecnologia e inovação no Brasil: poder, política e burocracia na arena decisória. In: **Revista de Sociologia e Política**, v. 24, p. 129-147, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-987316245907>

OTEIZA, Enrique. **La política de investigación científica y tecnológica argentina: historia y perspectivas.** Ciudad de Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais ea política no Brasil: Entre o povo ea nação.** San Pablo: Ática, 1990.

PREGO, Florencia; NIKOLAJCZUK, Mónica. Las derechas en América Latina en el siglo XXI. La consolidación de la desigualdad y la instauración de una nueva institucionalidad. In: **Sudamérica: Revista de Ciencias Sociales**, v. 17, p. 119-160, 2022. Disponível em: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/sudamerica/article/view/6445>

SALAS OROÑO, Amílcar. Brasil 2016: del presidencialismo de coalición al golpismo. In: **Prácticas de oficio**, v. 17, p. 30-36, 2016. Disponível em: <https://static.ides.org.ar/archivo/www/2012/04/DOSSIER-4-Salas-Oro%C3%B1o.pdf>

SCARGIALI, Enzo Andrés. Entre la ciencia y la política: La Sociedad Brasileña para el Progreso de la Ciencia frente al gobierno de Collor de Mello (1990-1991). In: **Argumentos, Revista de crítica social**, n. 22, .2020. Disponible em: <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/argumentos/article/view/5993>

SCHWARTZMAN, Simón. **Formación de la comunidad científica en Brasil**. Río de Janeiro y San Pablo: FINEP, Companhia Editora Nacional, 1979.

SKOCPOL, Theda. **Social revolutions in the modern world**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

SOLER, Lorena. **Los oficios del sociólogo en Paraguay**. Asunción: FLACSO, CEPES, 2018.

SOLER, Lorena. Populismo del siglo XXI en América Latina. In: **Estado & comunes, revista de políticas y problemas públicos**, v. 1, n. 10, p. 17-36, 2020. Disponible em: https://doi.org/10.37228/estado_comunes.v1.n10.2020.146

SOLER, Lorena. Las derechas y sus derivas conceptuales. Punto de fuga en Paraguay. In: **e-l@tina. Revista electrónica de estudios latinoamericanos**, v. 21, n. 82, p. 23-36, 2023. Disponible em: <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/elatina/article/view/8168>

SOLER, Lorena; GIORDANO, Verónica; SAFERSTEIN, Ezequiel. Las derechas y sus raros peinados nuevos. In: **Apuntes del CECYP**, v. 1, n. 30, 2018. Disponible em: <https://www.apuntescecp.com.ar/index.php/apuntes/article/view/689>

SOLER, Lorena; MERCADO, Ana Belén; NIKOLAJCZUK, Mónica; SCARGIALI, Enzo Andrés, (2023). Movimientos sociales y derechas en Paraguay (2015-2016), Brasil (2018-2020) y Colombia (2018-2020). In: **Estado, democracia y movimientos sociales. Persistencias y emergencias en el Siglo XXI**. Ciudad de Buenos Aires: CLACSO. Disponible em: <https://www.clacso.org/movimientos-sociales-y-derechas-en-paraguay-2015-2016-brasil-2018-2020-y-colombia-2018-2020/>

SOLER, Lorena; PREGO, Florencia. Derechas y neogolpismo en América Latina.: Una lectura comparada de Honduras (2009), Paraguay (2012) y Brasil (2016). In: **Contemporánea**, v. 11, n. 2, p. 33-52, 2019. Disponible em: <http://revistacontemporanea.fhuce.edu.uy/index.php/Contemporanea/article/view/137>

WACQUANT, Loic; BOURDIEU, Pierre. **Una invitación a la sociología reflexiva**. Ciudad de Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2005.

9 Fuentes

ANGELO, Claudio. Brazil's government freezes nearly half of its science spending. In: **Nature**, 08 de abr. de 2019. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-019-01079-9>. Acesso em: 28 abr. 2023. Acesso em: 28 abr. 2023.

BALDEZ, Lucas. 'Desmonte orquestrado': cientista critica corte de quase 70% em pesquisa científica. In: **Sputnik Brasil**, 2021. Disponível em: <https://sputniknewsbrasil.com.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

BARBON, Júlia. Ex-ministros da Ciência lançam manifesto contra governo Bolsonaro. In: **Folha de São Paulo**, 02 de jul. de 2019, p. B5. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023. Acesso em: 28 abr. 2023.

BRASIL. Lei complementar N° 177, de 12 de janeiro de 2021. Altera a Lei Complementar n° 101, de 4 de maio de 2000, para vedar a limitação de empenho e movimentação financeira das despesas relativas à inovação e ao desenvolvimento científico e tecnológico. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 12 de janeiro de 2021.

BRASIL. Projeto de Lei 6299/2002, de 13 de mar. de 2002. Altera os arts 3º e 9º da Lei n° 7.802, de 11 de julho de 1989, que dispõe sobre a pesquisa, a experimentação, a produção, a embalagem e rotulagem, o transporte, o armazenamento, a comercialização, a propaganda comercial, a utilização, a importação, a exportação, o destino final dos resíduos e embalagens, o registro, a classificação, o controle, a inspeção e a fiscalização de agrotóxicos, seus componentes e afins, e dá outras providências. **Câmara dos deputados**, Brasília, DF.

BULLA, Beatriz. Bolsonaro chama manifestantes contra cortes na educação de 'idiotas úteis'. In: **UOL**, 15 de may. de 2019. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023. Acesso em: 28 abr. 2023.

FERNANDES, Talita; ALVES, Gabriel. Bolsonaro anuncia astronauta Marcos Pontes como novo ministro da Ciência. In: **Folha de São Paulo**, 01 de nov. de 2018, p. B1. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023. Acesso em: 28 abr. 2023.

GALARRAGA GORTÁZAR, Naiara. Muereo Olavo de Carvalho, el gurú ideológico de Bolsonaro, tras contagiarse de covid. In: **EL PAÍS**, 25 de ene. de 2022. Disponível em: <https://elpais.com/cultura/2022-01-25/muere-el-escriptor-y-filosofo-brasileno-olavo-de-carvalho-considerado-un-guru-del-bolsonarismo-a-los-74-anos.html>. Acesso em: 28 abr. 2023. Acesso em: 28 abr. 2023.

ICTP.br, Conheça a ICTP.Br, Disponível em: <https://ictpbr.com.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

OBSERVATÓRIO DO CONHECIMENTO; CENTRO DE ANÁLISE DA LIBERDADE E DO AUTORITARISMO [LAUT]; OBSERVATÓRIO PESQUISA, CIÊNCIA E LIBERDADE - SBPC. Pesquisa Nacional: A liberdade acadêmica está em risco no Brasil? [Relatório]. Rio de Janeiro: Observatório do Conhecimento, Jul. 2022. Disponível em: https://laut.org.br/wp-content/uploads/2022/08/liberdade-academica_pdf.pdf. Acesso em: 28 abr. 2023.

SBPC. Editorial: Conjugação de esforços. In: **Jornal da Ciência**, n. 778, p.2, 2017. Disponível em: <http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br/wp-content/uploads/2017/12/JC778.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SBPC. Governo Bolsonaro acelera a falência da ciência no Brasil. In: **SBPC NA MÍDIA**, 2019. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SBPC. Mais de 50 entidades científicas subscrevem manifestação da SBPC sobre o pronunciamento de Bolsonaro. In: **SBPC NA MÍDIA**, 2020. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SBPC. Canetaço de Bolsonaro em janeiro tirou até R\$ 9 bilhões da ciência e tecnologia. In: **SBPC NA MÍDIA**, 2021a. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SBPC. TCU investigará gestão Bolsonaro por bloqueio de R\$ 5 bilhões de verbas da ciência e tecnologia. In: **SBPC NA MÍDIA**, 2021b. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SBPC. Renato Janine Ribeiro vê o atraso da Ciência sob Bolsonaro. In: **SBPC NA MÍDIA**, 2021c. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SBPC. SBPC recebe coligação Lula-Alckmin para debater políticas de CT&I. In: **Jornal da Ciência**, 12 de jul. de 2022. Disponível em: <http://www.jornaldaciencia.org.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SBPC. A SBPC E AS ELEIÇÕES. In: **Jornal da Ciência**, 16 de ago. de 2022a. Disponível em: <http://jcnoticias.jornaldaciencia.org.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SBPC. Entidades da ICTP.br convidam toda a comunidade a participarem da campanha “Não aos cortes em Educação e Ciência”. In: **Jornal da Ciência**, 9 de jun. 2022b. Disponível em: <http://www.jornaldaciencia.org.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SBPC. **Projeto para um Brasil novo**. San Pablo: Cadernos SBPC, 2022c. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/publicacoes/projeto-brasil-novo/>. Acesso em: 12 abr. 2024.

SBPC. Desafio para equipe de transição é recuperação de recursos e estruturas para retomada científica do País, apontam especialista. In: **SBPC NA MÍDIA**, 2022d. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

TOLLEFSON, Jeff. 'Tropical Trump' sparks unprecedented crisis for Brazilian science. In: **Nature**, 01 de ago. de 2019. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-019-02353-6>. Acesso em: 28 abr. 2023. Acesso em: 28 abr. 2023.

JUDICIALIZACIÓN DE LA POLÍTICA Y GUERRAS JURÍDICAS EN EL SIGLO XXI. UN ANÁLISIS SOBRE LOS CASOS DE ARGENTINA, BRASIL Y ECUADOR

*JUDICIALIZAÇÃO DA POLÍTICA E GUERRAS JURÍDICAS NO SÉCULO XXI:
UMA ANÁLISE DOS CASOS DA ARGENTINA, BRASIL E EQUADOR*

*JUDICIALIZATION OF POLITICS AND LEGAL WARS IN THE 21ST CENTURY:
AN ANALYSIS OF THE CASES OF ARGENTINA, BRAZIL, AND ECUADOR*

Florencia Prego¹ 
Universidad de Buenos Aires, Argentina

Resumen: La judicialización de la política y las guerras jurídicas constituyen un tema central en la agenda política y en la opinión pública, y abre discusiones y debates en el seno del campo académico. En el presente trabajo buscamos problematizar los procesos de judicialización impulsados contra dirigentes políticos y elencos gubernamentales que protagonizaron los procesos de cambio social que se libraron en América Latina en el siglo XXI. Más precisamente abordaremos, en clave comparada, los casos de Cristina Fernández de Kirchner en Argentina, Lula Da Silva en Brasil y Rafael Correa en Ecuador. Desde nuestra perspectiva, las guerras jurídicas constituyen un fenómeno propio del siglo XXI y abren una nueva crisis en el seno de las democracias. Se trata de una estrategia sostenida en la lógica de la guerra para desacreditar al adversario político a través de mecanismos institucionales y mediáticos apelando tanto a formatos legales (sostenidos en el derecho penal y en las reglas de la democracia formal) e ilegales (a partir de la creación de normas de excepción) con el objetivo no solo de inhibir o proscribir a determinadas fuerzas y/o dirigentes sino de condicionar los escenarios electorales y generar un efecto disciplinador sobre el sistema político.

¹Licenciada en Sociología y Magister en Estudios Sociales Latinoamericanos (Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires). Becaria UBA categoría doctoral con sede en el Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe (IEALC). Profesora de la Facultad de Periodismo y Comunicación Social de la Universidad Nacional de La Plata. Secretaria de redacción de la revista e-I@tina. Revista electrónica de estudios latinoamericanos. Correo electrónico: prego.florencia@gmail.com

Palabras clave: Judicialización política; Guerras jurídicas; Argentina; Brasil; Ecuador.

Resumo: A judicialização da política e as guerras jurídicas constituem questão central na agenda política e na opinião pública, e abrem discussões e debates no âmbito acadêmico. No presente trabalho procuramos problematizar os processos de judicialização promovidos contra líderes políticos e grupos governamentais que lideraram os processos de mudança social ocorridos na América Latina no século XXI. Mais precisamente, abordaremos, em chave comparativa, os casos de Cristina Fernández de Kirchner na Argentina, Lula Da Silva no Brasil e Rafael Correa no Equador. Na nossa perspectiva, as guerras legais constituem um fenómeno típico do século XXI e abrem uma nova crise nas democracias. É uma estratégia baseada na lógica da guerra para desacreditar o adversário político através de mecanismos institucionais e mediáticos, apelando tanto a formatos legais (apoiados no direito penal e nas regras da democracia formal) como a formatos ilegais (baseados na criação de regras excepcionais). com o objectivo não só de inibir ou proibir determinadas forças e/ou dirigentes, mas também de condicionar cenários eleitorais e gerar um efeito disciplinador no sistema político.

Palavras-chaves: Judicialização política; Guerras legais; Argentina; Brasil; Equador.

Abstract: The judicialization of politics and legal wars constitute a central issue on the political agenda and in public opinion and open discussions and debates within the academic field. In the present work, we seek to problematize the judicialization processes promoted against political leaders and government groups that led the processes of social change that took place in Latin America in the 21st century. More precisely, we will address, in a comparative key, the cases of Cristina Fernández de Kirchner in Argentina, Lula Da Silva in Brazil, and Rafael Correa in Ecuador. From our perspective, legal wars constitute a phenomenon typical of the 21st century and open a new crisis within democracies. It is a strategy based on the logic of war to discredit the political adversary through institutional and media mechanisms, appealing to both legal formats (supported by criminal law and the rules of formal democracy) and illegal formats (based on the creation of exceptional rules) with the objective not only of inhibiting or proscribing certain forces and/or leaders but also of conditioning electoral scenarios and generating a disciplining effect on the political system.

Keywords: Political Judicialization; Legal wars; Argentina; Brazil; Ecuador.

DOI:[10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.211661](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.211661)

Recebido em: 21/04/2023
Aprovado em: 29/08/2024
Publicado em: 31/08/2024

1. Introducción

En el siglo XXI, con el paso del ciclo progresista en América Latina, las derechas apelaron a estrategias electorales y no electorales para lograr la recuperación de los gobiernos, y a los espacios políticos e institucionales como el Poder Legislativo y el Poder Judicial para nuclearse, articularse y desplegar sus acciones de intervención con el fin de reinstaurar un nuevo ciclo político.

Es posible identificar dos estrategias no electorales: por un lado, los juicios políticos (o *impeachment*) como el de Fernando Lugo en Paraguay (2012) y Dilma Rousseff en Brasil (2016) que conllevaron a reactualizar los debates en torno a los golpes de Estado de nuevo tipo; y, por otro lado, los procesos judicialización política contra los líderes de los gobiernos progresistas cuyos casos paradigmáticos -aunque no los únicos- fueron los de Rafael Correa en Ecuador, Lula Da Silva en Brasil y Cristina Fernández de Kirchner en Argentina.

La creciente apelación a instancias judiciales devino en una de las características principales de las democracias contemporáneas y los procesos de judicialización política en una herramienta para dirimir problemas políticos de distinto orden. Sin embargo, en el siglo XXI comenzaron a ocupar un lugar privilegiado a partir de denuncias contra dirigentes políticos y funcionarios de los gobiernos de izquierda, progresistas y nacional-populares de América Latina. Es decir, la judicialización de la política se agudizó en sociedades que en las últimas décadas ampliaron derechos -coincidiendo en muchos casos con la llegada de gobiernos progresistas- y ha crecido el número de conflictos judicializados ya sea por la ciudadanía, los gobiernos o las oposiciones (ABDÓ FEREZ, 2012).

Esto produjo ciertas alteraciones y reconfiguraciones en las estrategias y las modalidades de intervención en América Latina, siendo posible advertir un desplazamiento en el formato de las guerras convencionales hacia las guerras híbridas, dentro de las cuales se pueden agrupar conceptos como guerra asimétrica, guerra de cuarta generación, guerra de baja intensidad y guerra jurídica (WAGNER ALBUJAS, 2020).

Comprender las guerras híbridas requiere remitirse al final de la guerra fría -a la disolución de la URSS y la consagración del mundo unipolar- hasta la actualidad – donde Estados Unidos experimenta el declive de su hegemonía e irrumpen potencias que bregan por la multipolaridad- y a la consecuente reformulación de las estrategias geopolíticas y geoeconómicas de las potencias mundiales. Estados Unidos ha comenzado a utilizar la guerra jurídica como instrumento geopolítico so pretexto de la lucha contra la corrupción -que devino en la nueva enemiga de la democracia- (RAMINA & PRONER, 2023) homologándola a los líderes de los gobiernos progresistas de América Latina.

El ciclo de gobiernos progresistas, de izquierda o nacional-populares que se inició con la llegada de Hugo Chávez (1999) en Venezuela y continuó con el ascenso de Lula Da Silva Brasil (2003), Néstor Kirchner en Argentina (2003), Evo Morales en Bolivia (2006) y Rafael Correa en Ecuador (2007) se produjo en el marco de la crisis del consenso neoliberal -caracterizado por el ajuste estructural, las reformas fiscales, las privatizaciones, la reducción del gasto público y la desregulación económica- y la agudización del conflicto social producto de las reformas del Consenso de Washington.

En líneas generales, se trató de experiencias democratizadoras en términos políticos, sociales y económicos, aun cuando la matriz de acumulación no fue modificada. Se mantuvieron en el poder mediante elecciones democráticas y cambiaron estatutos legales del Estado; transformaron leyes que organizan el pacto social y ampliaron derechos; incorporaron a nuevos sectores políticos a la dinámica económica y estatal;

ampliaron la participación electoral y mostraron altos niveles de movilización social. Asimismo, mediante políticas de transferencia monetaria o de ampliación del mercado interno y crecimiento del empleo, modificaron las condiciones socioeconómicas y acortaron las brechas de la desigualdad del ingreso y la riqueza (SOLER, 2020). Inauguraron, de este modo, un novedoso proceso de ampliación y democratización de la participación social, política y económica, y aportaron a la construcción de órdenes sociales más igualitarios (LEIRAS, 2016).

En este contexto, las fuerzas políticas de derecha se vieron condicionadas a reconfigurar las estrategias de intervención política constituyendo una nueva institucionalidad a partir del vínculo con el Poder Legislativo y el Poder Judicial; a consolidar las alianzas sociales dado que organizan la dominación y su ejercicio bajo nuevos y viejos actores (militares, burguesías locales, intelectuales, *think tanks*, medios de comunicación, partidos políticos y religiosos); a *aggiornar* sus formatos de representación y sus repertorios discursivos; y, en algunos casos, a plantear disputas en torno al *statu quo* (PREGO Y NIKOLAJCZUK, 2022).

El presente trabajo procura hacer un análisis los procesos de judicialización que se libraron en América Latina en el siglo XXI a partir de la problematización de las guerras jurídicas. Más precisamente abordaremos, en clave comparada, los casos de Argentina, Brasil y Ecuador a partir de los procesos judiciales que se libraron contra Cristina Fernández de Kirchner, Lula Da Silva y Rafael Correa (y sus respectivos funcionarios) dado que, en los tres casos, acabaron con condenas y proscripciones políticas una vez culminados sus mandatos presidenciales.

Desde nuestra perspectiva, las guerras jurídicas constituyen un fenómeno propio del siglo XXI. Se trata de una estrategia sostenida en la lógica de la guerra para desacreditar al adversario político ya no por la vía militar y la violencia directa -tal como sucedió en la década del sesenta/setenta- sino a través de mecanismos institucionales y mediáticos,

y del empleo de múltiples violencias. En este sentido, las guerras jurídicas apelan tanto a formatos legales (sostenidos en el derecho penal y en las reglas de la democracia formal) e ilegales (a partir de la creación de normas de excepción) con el objetivo no solo de inhibir o proscribir a determinadas fuerzas y/o dirigentes condicionando los escenarios políticos en el corto plazo, sino también para generar un efecto disciplinador sobre el sistema político en el mediano y largo plazo. Las guerras jurídicas exponen la convivencia (y connivencia) de estructuras de excepción en el seno de los ordenamientos formalmente democráticos.

De acuerdo con nuestra hipótesis de trabajo, las fuerzas de derecha en Argentina, Brasil y Ecuador apelaron a las guerras jurídicas para recomponer el nuevo orden social neoliberal tras el paso de las experiencias de izquierda, nacional-populares y/o progresistas que atravesaron la región desde principios del siglo XXI, buscando enmarcarse en las reglas institucionales y constitucionales del Estado de derecho. De este modo, ya no se trata de la interrupción del estado democrático para el establecimiento del estado de excepción, sino de la inserción de mecanismos y lógicas autoritarias propias de la excepción dentro de la dinámica democrática.

2. Judicialización de la política y guerras jurídicas. Una aproximación al objeto de estudio

La judicialización de la política y las guerras jurídicas constituyen un tema central en la agenda política y en la opinión pública, y a la par abre discusiones y debates en el seno del campo académico. Un problema de coyuntura actual, protagonizado por viejos y nuevos actores, que alteran y condicionan los escenarios políticos en la región².

² Partimos de un trabajo de investigación previo titulado "Las 'nuevas' derechas en América Latina y el Poder Judicial: guerras jurídicas y estado de excepción en el siglo XXI" (PREGO, 2023).

Partimos de la premisa de que existen distintas formas de judicialización de la política.-SIEDER ET AL (2005) toma dos dimensiones: la intervención en la definición de política públicas; y el aumento de la presencia de los procesos y decisiones judiciales en la vida política y social, así como la resolución de los conflictos políticos y sociales o entre el Estado y la sociedad, en los juzgados (citado en BOSCÁN CARRASQUERO, 2010). Puede reconocerse una distinción entre la judicialización “desde abajo” producida por ciudadanos, movimientos sociales y expresiones de la sociedad civil, y la judicialización “desde arriba”, generada por las elites políticas y judiciales (SIEDER, SCHJOLDEN & ANGELL, 2008, p. 9 en NOSETTO, 2014, p. 98).

Existe judicialización cuando las sociedades adoptan argumentos legales para desarrollar discursos con los cuales exigir reivindicaciones sociales ante los órganos políticos. Por lo tanto, nace de los tribunales y se proyecta en dirección al resto de los poderes públicos, hacia otras instituciones del Estado y hacia el conjunto de la sociedad, pudiendo constituirse, cualquiera de estos sectores, en una caja de resonancia para estas acciones (BOSCÁN CARRASQUERO, 2010, p. 59). La judicialización de la política no puede reducirse al activismo de los jueces en cuestiones políticas -muchas veces no es iniciativa de ellos-, sino de actores sociales y políticos que los invocan (Sieder, Schjolden y Angell, 2008). Sin embargo, los poderes judiciales asumen un rol novedoso y protagónico, y se produce un cambio en los modos de hacer y decidir política (ABDÓ FEREZ, 2013).

Los procesos de judicialización como el vínculo de las fuerzas políticas (de derecha en este caso) con el Poder Judicial, no representan una novedad en sí misma para la región, como así tampoco un atributo de un sector político e ideológico determinado. Sin embargo, con la irrupción del ciclo progresista, el Poder Judicial comenzó a adquirir una particular significación a partir de un rol más activo y una intervención mayor en los asuntos políticos y públicos (PREGO Y NIKOLAJCZUK, 2022).

Esto puso en evidencia no solo al Poder Judicial como actor capaz de intervenir y torcer coyunturas de relevancia política, sino como sujetos que son reclamados y señalados como protagonistas (ABDÓ FEREZ, 2013). De este modo, como han analizado las teorizaciones sobre los “autoritarismos competitivos” o los “autoritarismos electorales”, puede usarse al Poder Judicial para influenciar la lucha por el poder político (DIAMOND, 2004; LEVITZKY Y WAY, 2004 en LESGART, 2012). La democracia aparece en el centro del problema y se puede pensar a las derechas como amenazas a la democracia desde el sistema, fuera de él o en el ejercicio del gobierno (SOLER Y VICENTE, 2023).

Sin embargo, no todo proceso de judicialización de la política puede describirse como una guerra jurídica. Existen denuncias impartidas por sectores de la sociedad civil para impugnar determinadas políticas o que acuden al Poder Judicial para dirimir conflictos específicos, que constituyen procesos de judicialización política. También procesos que se impulsan al interior del sistema político y que involucran a los distintos poderes del Estado (por ejemplo, al presentar recursos de amparo para evitar la aplicación de una ley) evidenciando mecanismos de pesos y contrapesos, impugnaciones y vetos propios de las dinámicas del sistema político. De este modo, los procesos de judicialización de la política operan como un recurso al que se ha apelado en distintos momentos históricos y, dependiendo de la correlación de fuerzas, los resultados obtenidos.

Empero, podríamos decir que las guerras jurídicas en el siglo XXI apelan al empleo instrumentos jurídicos y a sectores del Poder Judicial en coordinación con los medios masivos de comunicación para la persecución política (CABRAL, 2019, p. 2). Como decíamos líneas más arriba, pese a que no es novedoso el uso del Poder Judicial para la persecución política, si lo es el contexto de información y comunicación en el que se produce basado en la posverdad y en la articulación entre redes sociales, medios de

comunicación, fuerzas políticas neoliberales, segmentos del Estado, diplomacia y sectores del Poder Judicial (MEDICI & VALLEFÍN, 2023).

El concepto de guerra jurídica se refiere al uso del derecho y de los procesos judiciales para hacer la guerra por otros medios: es el uso del derecho como arma de combate y también como instrumento para regular las luchas que surgen producto de las relaciones sociales y de poder entre clases, grupos y pueblos (RIVERA LUGO, 2022).

Es menester destacar que la judicialización de la política que se manifiesta en las denominadas guerras jurídicas no constituye un atributo de un campo político e ideológico determinado. Esto es uno de los puntos más debatidos y obedece a que, dependiendo del campo político e ideológico en el cual se encuentran los actores, se apela o no a la utilización de esta categoría. De este modo, la “guerra jurídica” se circunscribe a los gobiernos o dirigentes de izquierda, progresistas o nacional-populares para definir y describir las arremetidas del Poder Judicial, el Poder Legislativo, el poder mediático y las fuerzas de derecha contra ellos; mientras que estos actores sostienen que se tratan de procesos judiciales ajustados a derecho.

La guerra jurídica es una realidad política y de poder en la que están implicados tanto la derecha como la izquierda (RIVERA LUGO, 2022); es un dispositivo de poder (MEDICI & VALLEFÍN, 2023). No remite a un concepto unívoco, sino que encierra distintas connotaciones. En efecto, no se trata solo de una disputa semántica, sino principalmente política.

Sin desconocer esta premisa, en este trabajo vamos a abordar guerra jurídica como herramienta a que apeló la derecha -junto al Poder Judicial y lo medios de comunicación- en Argentina, Brasil y Ecuador para intentar clausurar los gobiernos progresistas:

Existen datos y antecedentes suficientes como para afirmar que recurren a esta estrategia las minorías económicas privilegiadas que participan en la vida política a través de partidos de derecha con representantes o aliados en la élite judicial, a diferencia de los golpes cívico-militares

implementados/apoyados por estos sectores durante la Guerra Fría, porque se ven obligadas a mostrar una actitud de defensa de la democracia y el Estado de Derecho (aunque en los hechos operen deslegitimando y debilitando el Estado de Derecho), en un contexto de revalorización de la democracia generada en el marco de gobiernos nacional-populares. (ROMANO & MAISONNAVE, 2023, p. 108)

La criminalización como forma de desacreditar a los opositores depende de la existencia de un Poder Judicial que responda a los intereses de las clases dominantes –lo que requiere de la posibilidad de incidir de forma arbitraria en la conformación de sus integrantes-, normas jurídicas que faciliten la incriminación, aparato bélico y medios de comunicación masivos (TAVARES, 2023):

Como decía Weber para que el poder se mantenga será necesario contar con la docilidad de los ciudadanos. Eso ocurre de varios modos, más allá de los mencionados precedentemente, pueden ser resumidos en: el poderío de un aparato represor, un poder judicial confiable y servil, una legislación favorable a la incriminación de los opositores, la influencia de los medios de comunicación y las redes sociales comprometidas. Pero todo eso no podría sustentar un Estado autoritario sin que tuviera el apoyo de un contexto fáctico y político favorable. (TAVARES, 2023, p. 202)

Sin embargo, la guerra jurídica excede el ámbito jurídico, dado que no se circunscribe al incumplimiento del debido proceso judicial o del abuso de la ley, sino que genera contextos de estado de excepción (PRONER; CITADDINO, RICOBOM & DORNELLES, 2018 en ROMANO, 2020); y requiere una articulación con el aparato mediático y las redes sociales apoyados por voces expertas de *Think Tanks* y académicos que contribuyen a la construcción de un consenso a favor o en contra de determinados sectores políticos (ROMANO, 2020).

Es preciso advertir y problematizar las normas de excepción en el seno de los ordenamientos formalmente democráticos. En efecto, aprehender la excepción y las formas y/o los mecanismos de legitimación que le permiten coexistir con el estado de derecho o desde el estado de derecho. El derecho

es captado para que, a través de su lógica procesal y discursiva, sirva a los fines de una guerra *sui generis* (ALVES PINTO SERRANO, 2023):

La observación del fenómeno de las medidas de excepción como técnica de gobierno dentro de las sociedades democráticas han sido analizadas por diversos autores aunque con sus propias nomenclaturas. Norberto Bobbio tituló el fenómeno “nuevos despotismos” que se hizo universal, aunque su análisis se limitó a la Italia de la fase berluconista. Luigi Ferrajoli describe el proceso de vaciado de la Constitución y la crisis democrática italiana como “desconstitucionalización del poder”. Ronald Dworkin señala la pérdida del “*common ground*” de la sociedad. Boaventura de Souza Santos habla de “democracia de baja intensidad”. Giorgio Agamben desarrolló la nomenclatura “Estado de excepción”. Por último, entre nosotros, Rubén Casara trabajó en la idea del “Estado posdemocrático”. (ALVES PINTO SERRANO, 2023, p. 163)

Desde nuestra perspectiva, el estado de excepción no requiere necesariamente de la existencia de una guerra, conflicto o amenaza real que ponga en riesgo la supervivencia de las instituciones democráticas y sus autoridades. Sino que existe una situación de excepción de facto a partir de intervenciones parciales de determinados poderes del Estado que condicionan los escenarios políticos a partir de la persecución, la criminalización y la proscripción de los adversarios.

Los golpes de Estado del siglo XXI (Honduras, Paraguay, Brasil, Bolivia) apelaron a mecanismos y elementos legales desprovistos de toda materialidad y acabaron violando la soberanía popular. Lo mismo sucede con los procesos de judicialización política que, a partir de la criminalización, condicionan dinámicas políticas generando escenarios proscriptivos. Las guerras jurídicas crean situaciones de excepción que ponen de manifiesto la convivencia entre prácticas y lógicas autoritarias y democráticas. De este modo, el autoritarismo está presente en las democracias lo que admite la convivencia de elecciones libres, pero con dirigentes que no pueden ser elegidos (LESGART, 2019).

Las guerras jurídicas y los procesos de judicialización encuentran su curso a partir de la deslegitimación en la opinión pública. Es decir, a partir de una alianza de la institucionalidad jurídica con estrategias

comunicacionales desde los medios tradicionales y digitales (CASTRO, 2020). De allí, la importancia que asume el Poder Judicial, los medios de comunicación y las redes sociales en un trabajo mancomunado entre funcionarios y operadores judiciales, servicios de inteligencia y periodistas. De este modo, el Poder Judicial opera en el marco de la legalidad que ofrece en apariencia el derecho penal y se ampara en la legitimidad que le proveen los medios de comunicación y la opinión pública con el fin de erosionar la legitimidad del adversario.

Existe una relación directa entre los temas priorizados por los medios y la agenda del público dado que tienen la capacidad para moldear percepciones y/o preferencias ciudadanas, sobre todo en aquellos países donde existe una alta concentración de la propiedad de los grandes medios de comunicación y de las plataformas mediáticas: “en este sentido, los medios no solo colocan las noticias que consideran relevantes, sino que, sobre todo, construyen un encuadre de interpretación de los hechos” (HERNÁNDEZ ENRÍQUEZ, 2023). Así, se configuran nuevas formas de discursos que buscan legitimar el autoritarismo estatal (ALVES PINTO SERRANO, 2023):

Toda información obedece a una lógica económico-política, determinada por el contexto social y el proceso general de subsunción que la industria periodística ha venido experimentando desde finales del siglo XIX hasta nuestros días. La noticia, en otras palabras, es una mercancía, un producto o contenido formal que carece de sustancia representacional, salvo la de contribuir en su función al ciclo de acumulación y reproducción ideológica o en la guerra jurídica asimétrica la de coadyuvar a la liquidación de toda política de progreso. Así, la información en el lawfare encubre tanto como muestra, calla tanto como informa, y performa tanto como transforma la práctica jurídica, como resultado del poder de configuración cognitiva y sociocultural que proyecta en el espacio público el capital. (SIERRA CABALLERO, 2022, p. 171 y 172)

La construcción de *fake news* también es un elemento central. Los medios cumplen la función de realizar la doctrina del *shock* a través de falsas noticias y guerra de información (SIERRA, 2017). La propagación de información falsa es un ejercicio de poder político cuyo objetivo es dañar al

opponente y energizar al militante propio (CALVO & ARUGUETE 2020). Operan en la configuración de la subjetividad trasladando al interior de las clases subalternas la lógica adversarial de la política logrando impregnar en distintos sectores de la sociedad, profundizando el proceso de polarización política. Esto facilita, a su vez, la emergencia de expresiones más radicales que se postulan como “anti-sistema” y logran aglutinar a sectores de la sociedad desencantados, sobre todo, juveniles, sentando las condiciones para la emergencia de discursos escasamente democráticos o francamente autoritarios.

Los medios de comunicación masivos y concentrados operan como “periodismo de guerra” de modo transversal manipulando la opinión pública al magnificar algunos casos e invisibilizar otros, a la vez que manufacturan consentimiento sobre la corrupción como “enfermedad” del Estado y de lo público, a diferencia de las buenas prácticas de lo privado (VOLLENWEIDER & ROMANO, 2017); e imponen la culpabilidad como punto de partida (RAMINA y PRONER, 2023).

3. Guerras jurídicas y el ascenso de las derechas

Las guerras jurídicas en América Latina fueron condición de posibilidad para que las derechas recuperen la dirección del poder político. Tal como hemos analizado, tanto el Poder Legislativo como el Poder Judicial fueron los espacios políticos e institucionales directos para que las mismas puedan rearticularse y elaborar nuevas estrategias de intervención política.

En Argentina, las sucesivas denuncias mediáticas y judiciales fueron mermando la legitimidad de la por entonces presidenta Cristina Fernández de Kirchner y su elenco gubernamental facilitando la victoria electoral del PRO y la Alianza Cambiemos (2015). Una vez en el gobierno, los procesos de judicialización contra la expresidenta se intensificaron alcanzando una

docena de procesamientos y pedidos de prisión preventiva contra su persona como así también contra funcionarios y dirigentes de su espacio político.

En el caso de Brasil, pueden reconocerse dos dimensiones. Por un lado, el *impeachment* contra Dilma Rousseff (2016) que permitió la coronación de Michel Temer (PMDB) y, por otro lado, los procesos de judicialización contra Lula Da Silva que acabaron con su condena y encarcelamiento y la posterior proscripción electoral, posibilitando la llegada de Jaír Bolsonaro (2019).

Ecuador es tal vez el más singular dado que los proyectos políticos de la derecha los concreta quien era aliado y candidato de Rafael Correa. En efecto, la guerra jurídica contra el expresidente y el correísmo comienza bajo el gobierno de Lenin Moreno (2017-2021) quien, una vez asumido y en la dirección del Poder Ejecutivo, se alió con sectores históricamente opositores habilitando procesos de judicialización que acabaron con condenas e inhabilitaciones políticas contra el expresidente y funcionarios y funcionarias de su gobierno.

3.1. La corrupción como delito modelo: construcción de denuncias y condenas anunciadas

La criminalización de la política que posibilita los procesos de judicialización requieren de un delito modelo que justifique la persecución política. El delito modelo fue cambiando a lo largo del tiempo de acuerdo a las condiciones sociales e históricas. Sin embargo, la característica básica es la incertidumbre en torno a la determinación de sus elementos y sus efectos reales (TAVARES, 2023, p. 196):

(...) el delito de corrupción es hoy un delito modelo de las persecuciones penales generalizadas y de la criminalización de la política. La falta de determinación de los elementos y de los efectos reales de la corrupción conduce a tratarlo como un delito de honor, o sea, lo que sostiene la imputación no es más

el peligro o el daño a la administración, sino la violación de la fidelidad funcional. (TAVARES, 2023, p. 197 y 198).

Los procesos judiciales que nutren las guerras jurídicas se centran, principalmente, en causas por corrupción y tienen efectos jurídicos y extrajurídicos. Impactan no solo en el seno de las fuerzas políticas socavando su propia base social, sino que además logran presionar y condicionar a los gobiernos y sus funcionarios en materia de políticas de Estado o incluso de instancias electorales. Es posible advertir un uso selectivo (vinculado principalmente a la política y no así a los grupos económicos) y estratégico de la corrupción que busca desprestigiar y desmontar las políticas que imprimieron los procesos de cambio social en la región.

Para el caso brasileño, el punto de inflexión judicial se produjo con la Operación Lava Jato (2014) que remite a una operación de desestabilización económica y política, y violación a la soberanía jurisdiccional (PRONER, 2023) sin precedentes. El Lava Jato es una megacausa judicial que involucra principalmente al Partido de los Trabajadores (PT) e implica a Petrobras y posteriormente a Odebrecht (ROMANO, 2020). Cuando hablamos de guerra jurídica en el caso de Brasil, cabe señalar que se trata de una estrategia de injerencia en la que, con base en el argumento de la lucha contra la corrupción, en el marco de la cooperación internacional y a través de una mega operación que involucra a sectores de la policías federales, inspectores, jueces y medios de comunicación, se ha creado un teatro de la legalidad con fines de persecución política y económica y con el fin general de desestabilización geoestratégica del país (PRONER, 2022).

Los actos judiciales de la Operación Lava Jato fueron exhibidos, modificados, recortados e interpretados por los medios de comunicación eludiendo las arbitrariedades de la técnica jurídica (SALAS OROÑO, 2019). El juez Sergio Moro y el fiscal Deltan Dallagnol acusaron a Lula de ser el jefe de una organización criminal y mostraron especial celeridad para juzgar a los miembros del PT. Incluso, en el 2015 lo citaron a declarar bajo coacción

forzada montando un gran despliegue mediático; un proceso de espectacularización que invadió las portadas y la televisión buscando reforzar la idea de que la corrupción, como exclusividad del PT, estaba siendo combatida por Moro (VOLLENWEIDER y ROMANO, 2017 en ROMANO, 2020).

Lula Da Silva enfrentó el proceso por la Causa del Triplex de Guarujá (2017) donde se lo acusó de recibir un departamento como parte del pago de sobornos de la empresa de ingeniería OAS, fruto de contratos con Petrobras. La causa contra Lula se caracterizó por inconsistencias que desnudan la intencionalidad política: a la selectividad mediática se les sumó la selectividad judicial que le otorgó prioridad a este caso, frente a tantos, siendo la hipótesis más certera que el juicio elimine la posibilidad de que Lula se presente a elecciones (ROMANO, 2020).

Durante el juicio no pudieron constatar la propiedad o incluso la posesión de dicho apartamento por parte del exmandatario. Ante la falta de pruebas el juez Sergio Moro optó por la tesis del “acto de oficio indeterminado” que presupone la responsabilidad del presidente, aunque no se pueda identificar la conducta delictiva (RICOBOM, 2023). Pese a la falta de pruebas en su contra, condenó a Lula Da Silva por corrupción pasiva y lavado de dinero y a la pérdida de derechos políticos por 7 años³. Pese a no estar agotadas todas las instancias de apelación, el expresidente fue detenido en Curitiba permaneciendo en prisión durante el año y 7 meses, siendo liberado por un fallo de la Corte en noviembre de 2019 cuando el juez Sergio Moro ya era ministro de Justicia del gobierno de Jaír Bolsonaro⁴.

³ Con toda celeridad la condena fue confirmada por el Tribunal Regional Federal de la Cuarta Región (2018) aumentando la pena a 12 años y un 1 de prisión y, en el 2019, el Tribunal Superior de Justicia redujo la pena impuesta a 8 años, 10 meses y 20 días de prisión. La segunda condena contra Lula Da Silva fue por la causa de Atibaia donde el expresidente fue acusado de recibir sobornos de las constructoras OAS y Odebrecht a través de remodelaciones en una finca en São Paulo. Por este hecho, fue condenado a 2 años y 11 meses de prisión por corrupción activa, pasiva y lavado de dinero. En el 2019 la condena fue confirmada en segunda instancia y elevada a 17 años, 1 mes y 10 días.

⁴ En el 2022 el Supremo Tribunal Federal anuló todas las condenas y causas en el marco de la Operación Lava Jato por considerar al juez Sergio Moro incompetente por jurisdicción, además de reconocer la parcialidad del juez contra Lula Da Silva.

La Causa Vialidad en Argentina dio paso al juicio por la obra pública en la provincia de Santa Cruz que acabó con la condena y la inhabilitación perpetua a Cristina Fernández de Kirchner (sentencia que no se encuentra firme). Fueron 13 los acusados, entre ellos, la actual vicepresidenta de la Nación, el ex Ministro de Planificación Julio De Vido, el empresario Lázaro Báez, entre los principales. El fundamento de la denuncia fue que se quiso favorecer al empresario Báez con la adjudicación de obras viales otorgadas con fondos nacionales a cambio de beneficios económicos. La causa fue impulsada en el 2016 por Javier Iguacel -a pocos meses de haber asumido Mauricio Macri- quien se desempeñaba como director de Vialidad Nacional y denunció supuestas irregularidades en el manejo de la obra pública en Santa Cruz. Sin embargo, “ninguna de las 51 obras realizadas en la Provincia de Santa Cruz entre los años 2003 y 2015, e investigadas en la causa, resultó improductiva o innecesaria, dato que ni siquiera pudo ser desmentido por los diputados de la oposición”; también se pudo justificar su realización por el déficit vial existente hasta antes del 2003 (HERNÁNDEZ ENRÍQUEZ, 2023, p. 96). De este modo, no se pudo demostrar el pago sobrepagos como así tampoco la no realización de las obras. La misma Cristina Fernández de Kirchner compartió un documento titulado “las veinte mentirías de la causa vialidad”⁵ que retoma uno por uno cada una de las acusaciones, ante la negativa por ampliar su declaración.

El tribunal⁶ condenó Cristina Fernández de Kirchner a 6 años de prisión e inhabilitación perpetua para ejercer cargos públicos. Una condena que, pese a no estar firme, condiciona los escenarios políticos y electorales, y contribuye a la construcción de narrativas para la deslegitimación del adversario. En cuanto a los fundamentos, sostuvieron la inexistencia de una especulación electoral en su fallo y acusaron a Cristina Fernández de realizar una “defensa mediática y extrajudicial” rechazando la figura del

5

Disponible

en:

<https://www.pagina12.com.ar/502683-una-por-una-las-20-mentiras-sobre-la-causa-vialidad-que-deta>

⁶ El Tribunal estaba compuesto por los jueces Rodrigo Giménez Urriburu –denunciado junto al fiscal Luciani por tener vínculos con el expresidente Mauricio Macri–; Jorge Gorini –cuestionado por haber mantenido varias reuniones con Patricia Bullrich cuando era ministra de Seguridad–; y Andrés Basso. El Tribunal desechó la figura de asociación ilícita solicitada por el fiscal.

lawfare ya que se trata de un mero “anglicismo” que es parte de los argumentos defensores para calificar el proceso judicial como una guerra judicial.

El fiscal Sergio Mola, respondiendo a los argumentos de la defensa, sostuvo: “Ahora parece más sofisticado hablar de *lawfare* (como si las cosas al ser descritas en inglés tuvieran más valor) para definir algo que en la realidad aparece sólo como una nueva teoría conspirativa” y “una coartada para eludir las acusaciones”. La Causa Vialidad evidenció el paroxismo de la espectacularización de los medios de comunicación y la instrumentalización del aparato judicial ante la omisión del debido proceso, la falta de imparcialidad y autonomía de parte de jueces y fiscales (GARZON, RICOBOM & ROMANO, 2023).

En Ecuador, desde la asunción de Lenin Moreno, se abrieron causas contra al menos 300 funcionarios y asambleístas de Alianza País por enriquecimiento ilícito, asociación ilícita, peculado, delincuencia organizada, lavado de activos, tráfico de influencias, entre otras. El primero en ser apresado fue el vicepresidente Jorge Glas acusado de sobornos a la constructora Odebrecht; mientras que a Rafael Correa le abrieron, al menos, 12 causas y solicitaron su detención a la Interpol (ROMANO, 2020).

La Causa Sobornos, una de las más emblemáticas, surgió de un artículo de periodístico publicado el 3 de mayo de 2019 (en los portales Mil Hojas y La Fuente) vinculando a Odebrecht y otras multinacionales con funcionarios del gobierno de Rafael Correa, generando de inmediato un ambiente estigmatizante y persecutorio. De acuerdo con la denuncia, el expresidente Correa y su espacio político adjudicó y contrató millonarios a estas empresas a cambio de aportes para la campaña electoral del 2014 de la Alianza País.

Fue a partir de aquella denuncia mediática que se inició la causa judicial. Posteriormente, aparecerá la prueba: una agenda perteneciente a una ex asesora de gobierno –Pamela Martínez– donde figuraban las

supuestas entradas y salidas de dinero. La agenda en cuestión -que podría homologarse a los cuadernos de Omar Centeno en Argentina- contenía los asientos contables de los supuestos sobornos desde el 2012 al 2016⁷.

El Tribunal en primera instancia condenó (2020) a veinte personas, entre ellas al expresidente Rafael Correa y a otras 10 personas de su gobierno por delito de cohecho. Correa fue condenado a 8 años de prisión sin ningún elemento probatorio adicional que le vinculara apelando a la figura del “influjo psíquico”. Tal como mencionamos, la causa de inició en el 2019 y la condena en primera instancia se produjo el 7 de abril del 2020. Luego la Corte Nacional de Justicia confirmó la sentencia el 22 de julio del 2020 y Casación el 7 de septiembre de 2020. Este proceso, mostró una celeridad inusitada que indefectiblemente se ligan a los tiempos electorales a los efectos de inhabilitar la posible candidatura de Rafael Correa, quien no pudo postularse en las elecciones presidenciales del 2021.

3.2. Normas de excepción a medida de las guerras jurídicas

Ahora bien, para que estas causas tomen su curso se configuraron ciertas normas y medidas de excepción que facilitaron la persecución y la criminalización política que adquirieron los procesos de judicialización y que nos permiten, a su vez, problematizarlas como una dimensión de las guerras jurídicas.

De allí, que es posible advertir elementos que habilitan la comparación de los procesos: actuaciones judiciales selectivas, focalizadas y de *fast-track* (que atiende con cierta celeridad algunos expedientes y no otros); la multiplicidad de causas diacrónicas; el tipo penal “asociación ilícita” y “organización criminal”; las delaciones premiadas (ley del testigo arrepentido); los allanamientos –de locales políticos y viviendas privadas-; la

⁷ Pamela Martínez reconoció que la agenda había sido realizada en un vuelo de 35 minutos de Guayaquil a Quito en el 2018 aunque se refiere a hechos que supuestamente sucedieron en 2012. Este documento, además, fue hallado en un segundo allanamiento 20 días después de haber sido detenida y cuando ya se hablaba de la posibilidad de que se convierta en cooperadora eficaz de la Fiscalía. Esta “prueba” sirvió para condenar a Rafael Correa.

judicialización de familiares; el acoso judicial mediante denuncias permanentes y sistemáticas; las denuncias realizadas por notas periodísticas; la espectacularización de los casos en los medios y en las redes sociales (GARZON, RICOBOM & ROMANO, 2023).

La imparcialidad –producto de los vínculos entre los jueces y fiscales, entre otros funcionarios del Poder Judicial, con las fuerzas de derecha-, la violación al principio de juez natural y la designación/traslados de jueces fueron denunciados en los tres países. En el caso argentino, los fiscales de la Causa Vialidad, Diego Luciani y Sergio Mola –quienes solicitaron una condena de 12 años de prisión e inhabilitación perpetua para Cristina Fernández de Kirchner por los delitos de asociación ilícita y administración fraudulenta agravada por haberse cometido en perjuicio de la administración pública- fueron recusados por sus vínculos con el expresidente Mauricio Macri ya que ambos fiscales solían jugar partidos de fútbol en su quinta privada⁸. Pero no es el único caso de visitas de jueces al expresidente Macri –incluso durante el ejercicio de sus funciones- que tenían en sus manos causas judiciales contra la expresidenta de la Nación. Incluso, puede advertirse cierta exactitud cronológica entre aquellas visitas y decisiones judiciales centrales, como procesamientos, reaperturas de causas, etc. Otro elemento común fue el fuero de atracción. Entre el 2015 y el 2019 Cristina Fernández de Kirchner fue procesada en trece causas penales⁹ y, en casi todos los casos, intervinieron los mismos jueces: Claudio

⁸ También fue denunciada la vinculación de Mauricio Macri con otros jueces, como Gustavo Hornos y Mariano Borinsky, que coinciden cronológicamente con decisiones judiciales que tomaron trascendentales contra Cristina Fernández de Kirchner.

⁹ Diez de ellas tuvieron mayor presencia mediática: Vialidad; Hotesur y Los Sauces; gas natural licuado; fotocopias de los cuadernos; dólar futuro; Memorándum con Irán; concesiones viales y subsidios a trenes –derivada de la causa cuadernos-; diarios y muebles a Santa Cruz, ruta del dinero; y documentos históricos.

Bonadío¹⁰ y Julián Ercolini, en primera instancia y Gustavo Hornos y Mariano Borinsky en la Cámara de Casación.

El Relator Especial sobre la Independencia de Magistrados de la ONU, Diego García-Sayán, describió la manera en que el poder político entre el 2015 y el 2019 había interferido sobre el accionar de la justicia argentina, considerándolo un plan sistemático y estructural de amedrentamiento al Poder Judicial de la República Argentina por parte del Poder Ejecutivo Nacional, mediante intimidaciones, traslados y designaciones ilegales de jueces.

La denuncia del Lava Jato no casualmente se realizó en Curitiba, pese a que los hechos juzgados correspondiendrían a otra jurisdicción, con la clara intención que caiga en el juzgado de Sergio Moro, violando la disposición de juez natural. La investigación del portal *The Intercept* dejó al desnudo las conversaciones entre el juez Sergio Moro y los miembros del Ministerio Público Federal (MFP) evidenciando la parcialidad e la intencionalidad política de los funcionarios judiciales. De este modo “la Operación Lava Jato, que alegaba pretender barrer la corrupción de la vida nacional, acabó por constituirse en una conspiración de agentes públicos para atender a sus propias aspiraciones políticas dirigidas contra el expresidente Lula y su partido” (RIBEIRO, 2023: 13). El caso más paradigmático seguramente sea el del Juez Sergio Moro que, una vez condenando y proscripto Lula Da Silva, acepta el cargo de ministro de Justicia bajo el gobierno de Jaír Bolsonaro. En el 2021 al Corte Suprema reconoció la conducta sesgada y parcial de dicho juez dictando una sentencia condenatoria sin pruebas, razón por la cual fue anulada.

¹⁰ El juez de instrucción, Claudio Bonadío, llegó a describir sus procesos como parte del “derecho procesal creativo”: “Cuando yo digo ‘derecho procesal creativo’ son instituciones que no son técnicamente cosas del Derecho Procesal Penal pero que están en el derecho positivo argentino. Di el ejemplo de la aplicación de la intervención de una sociedad anónima de particulares. Fui el primero en hacerlo pero, bueno, era la única herramienta que encontré en el Código Procesal Civil y Comercial. Esto se aplica mucho ahí pero no en los jueces penales. Sin embargo, después, mi colega Ercolini ha hecho una cosa parecida en la causa Hotesur”. Disponible en: <https://urgente24.com/actualidad/politica/bonadio-del-derecho-procesal-creativo-al-trabajo-sucio-de-las-indagatorias>

En Ecuador el poder estatal se compone de cinco funciones (Ejecutiva, Legislativa, Judicial, Electoral y de Transparencia y Participación Ciudadana). A partir del referéndum y la consulta popular (2018) en pos de reformar la Constitución Nacional y consultar a las y los ciudadanos sobre temas de importancia nacional¹¹ impulsada por Lenin Moreno, se emprendió un proceso de reorganización del aparato institucional de Ecuador cambiando todas las autoridades de control del país y haciendo nombramientos de forma unilateral: se removió a los 7 consejeros del Consejo de Participación Ciudadana y Control Social (CPCCS)¹² y se nombró un nuevo Consejo de Participación Ciudadana y Control Social Transitorio (CPCCS-T) integrado por 7 miembros abiertamente anticorreistas. Es el caso del titular, Julio César Trujillo, quien no ha escatimado en sus declaraciones de acusaciones públicas contra el expresidente. De este modo, la reestructuración judicial posibilitó la remoción y el nombramiento unilateral de jueces y fiscales y, por lo tanto, posibilitó la instrumentalización del poder de Lenin Moreno.

Otra norma de excepción fue la aplicación de la ley del arrepentido (o del testigo privilegiado), cooperación eficaz o acuerdo de clemencia –de acuerdo del país de que se trate– que permite reducir la pena de personas que participaron de un delito a cambio de dar información y colaborar con la investigación. En varias causas se utilizaron estas declaraciones para construir y sustentar las imputaciones, siendo en algunos casos las únicas pruebas presentadas. Los “colaboradores” a cambio eran eximidos de la prisión preventiva y recibían condenas más bajas en comparación con el resto de los imputados.

¹¹ El punto uno del referéndum era "¿Está usted de acuerdo con que se enmiende la Constitución para que se sancione a toda persona condenada por actos de corrupción con su inhabilitación para participar en la vida política y con la pérdida de sus bienes, como dice el Anexo 1?". La misma obtuvo un 73, 71% de aprobación.

¹² Este Consejo de Participación Ciudadana y Control Social fue creado a partir de la Constitución del 2008 y hace parte del cuarto poder del Estado, es una entidad autónoma que forma parte y lidera la Función de Transparencia y Control Social de la República del Ecuador, teniendo responsabilidad en la designación de autoridades de la Defensoría del Pueblo, la Contraloría General del Estado y las Superintendencias, además de también tener influencia en la designación de ciertas autoridades de la función electoral y judicial.

Esto nos lleva a otra norma que rigió en el marco de las guerras jurídicas que tiene que ver con el uso y la apelación de la prisión preventiva como método de colaboración forzada, pero sobre todas las cosas, de amedrentamiento y disciplinamiento político. En Argentina se creó una doctrina *ad hoc* para justificar el encarcelamiento de opositores, la “Doctrina Irurzun¹³” que buscaba justificar la prisión preventiva so pretexto de las relaciones y los vínculos residuales que podían tener los funcionarios y dirigentes políticos objeto de las denuncias para entorpecer la investigación. Esto facilitó la detención de funcionarios y dirigentes políticos como así también el intento por desaforar a Cristina Fernández de Kirchner –en su carácter de senadora nacional- para que vaya a prisión. Uno de los casos más emblemáticos es el del vicepresidente Jorge Glas detenido en el 2017 con “prisión preventiva” por supuesta asociación ilícita. Incluso, Lula Da Silva estuvo 580 días detenidos sin tener una condena firme.

4. Reflexiones finales

Las democracias en América Latina nuevamente se encuentran en el centro del debate: las autoridades legalmente constituidas y sus instituciones marcan un nuevo tiempo –y tipo- de crisis que nos obliga a retomar debates no solo para analizar el presente sino el tiempo futuro.

En la coyuntura actual el escenario propone un empate hegemónico entre las fuerzas políticas en pugna. Promediando la primera década del siglo XXI fuimos testigos del retroceso de las fuerzas políticas de izquierda, nacional-populares y progresistas y, como contracara, el avance de las fuerzas de la derecha en la región. Derechas que supieron adaptarse al cambio de época y al legado tanto subjetivo como objetivo que dejaron los procesos de cambio social.

¹³ Martín Irurzun es el juez de la Sala II de la Cámara Federal.

Advertimos entonces, una derecha que se ajustó a las reglas de la democracia formal al punto tal que hasta los golpes de Estado librados buscaron ajustarse a los mecanismos constitucionales a los efectos de no dar lugar a la denuncia por la ruptura del orden institucional.

Las guerras jurídicas deben analizarse en este marco. De allí que sostenemos que se trata de un fenómeno propio del siglo XXI dado que configuran estrategias de acción e intervención política acorde a este tiempo que estamos analizando. Las estrategias libradas en el plano Legislativo a partir del juicio político o *impeachment* resultaron insuficientes a la hora de desmontar el Estado social de derecho. Era necesario, de este modo, implementar acciones que resuelvan el *impasse* político, pero con efectos de mediano y largo plazo. De este modo, la intervención del Poder Judicial a partir de los procesos de judicialización fueron la clave.

No solo permitieron la inhabilitación y proscripción los principales referentes políticos de la oposición –a partir de condenas por causas de corrupción- sino que además lograron el condicionamiento de ciertas dinámicas estatales a partir de normas de excepción que tienen efectos jurídicos y extrajurídicos, y que buscan el disciplinamiento de la clase política:

El Poder Judicial como agente de excepción, está produciendo paulatinamente decisiones que tienen una apariencia de compatibilidad constitucional y democrática, pero que se traducen en fraudes sui generis a la Constitución y, en consecuencia, en el vaciamiento del sentido de los derechos fundamentales, todo ello a través de decisiones que deconstruyen el Derecho, incluso con una finalidad eminentemente extrajurídica. (ALVES PINTO SERRANO, 2023, p.167)

El relato anticorrupción contra los gobiernos progresistas tiene un alcance en el mediano y largo plazo en términos ideológicos, ya que articula un sentido común contra la política como posibilidad de cambio y allana el terreno para una mayor intervención de las derechas liberales y conservadoras en la esfera política formal (ROMANO, 2020).

Pese a la heterogeneidad del mapa actual de derechas que plantea la región es posible diferenciar, en términos sociológicos, dos tipos: las nacionalistas conservadoras -reivindican la comunidad nacional homogénea, el nativismo, la centralidad del orden y la seguridad para justificar cierto grado de autoritarismo- y las renovadoras tecnocráticas -que hacen del neoliberalismo su práctica política- (SOLER, 2023). Como sostiene Svampa (2020) mientras que la derecha neoliberal mantiene una línea de convergencia entre clasismo y neoliberalismo, conservadurismo y liberalismo cultural, pregonando la meritocracia y algunos elementos de la retórica pospolítica, combatiendo el igualitarismo a través de la despolitización e intentando articularlo en clave de mercado; la derecha radical expresa la legitimación de valores autoritarios y jerárquicos, proponiendo una contrarrevolución silenciosa (IGNAZI, 1992) contra los valores postmateriales (defensa de la familia tradicional, crítica al garantismo y a la política de derechos humanos, a la ideología de género y la diversidad sexual, e incluso la defensa de la dictadura militar o la justificación de la tortura) y proponen como estrategia la lucha contra lo políticamente correcto. Es decir, politizan los problemas culturales. Esta estrategia de lucha contra lo políticamente correcto (SOLER, 2023) permitió el crecimiento de las derechas radicales y debilitó a los partidos que conforman el espectro de la derecha (DELLE DONE, 2022).

Las guerras jurídicas se inscriben en el marco de los procesos de judicialización política que se impulsaron “desde arriba” involucrando tanto a elites políticas como judiciales -entre otros actores- y se trasladaron al seno de la sociedad civil en pos de dirimir un conflicto político específico. Las demandas anticorrupción posibilitaron el traslado de los procesos de judicialización a las clases subalternas habilitando un proceso de polarización y radicalización política creciente.

La corrupción si bien involucra una parte importante de la clase política y empresarial, apunta de manera especial a deslegitimar los progresismos, instalando la idea de que éstos, lejos de perseguir la

igualdad, son y han sido populismos corruptos e irresponsables (SVAMPA, 2020). En efecto, la configuración de reclamos anticorrupción que despertaron los procesos de judicialización política fueron clave para impulsar reclamos y pedidos destituyentes, como así también de discursos apartidarios que conllevaron a la impugnación de la actividad y de la clase política en su conjunto recayendo tanto en los progresismos como en la derecha tradicional o moderada, y generando condiciones de posibilidad, en Brasil y Argentina, para la irrupción de la derecha radical.

5. Referencias Bibliográficas

ABDÓ FERREZ, María Cecilia. La política y la juristocracia. *Revista Sociedad*, n.33, p. 1-24, 2013. Disponible en <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/3233>

ALVES PINTO SERRANO, Pedro Estevam. Autoritarismo líquido y lawfare. En PRONER, Carol y GENTILI, Pablo (Coord.). **Objetivo: Cristina. El lawfare contra la democracia Argentina**. 1. ed. Buenos Aires: Escuela de Estudios Latinoamericanos y Globales, ELAG, Grupo Puebla, Consejo Latinoamericano de Justicia y Democracia, CLAJUD/Centro Estratégico Latinoamericano de Geopolítica, CELAG, 2023, p. 157-166.

BOSCÁN CARRASQUERO, Guillermo. Judicialización y politización en América Latina: una nueva estrategia para el estudio de la interacción entre los poderes públicos. *Cuestiones Jurídicas*, v. IV, n. 2, p.51-83, julio-diciembre 2010. Disponible en <https://www.redalyc.org/pdf/1275/127519335003.pdf>

CABRAL, Pablo Octavio. El lawfare en Argentina: luchas por la hegmonía del poder en el campo jurídico. *Revista de Direito Administrativo e Infraestrutura*, v. 9, p. 231-258, abr-jun. 2019. Disponible en <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/76293>

CALVO, Ernesto & ARUGUETE, Natalia. **Fake news, trolls y otros encantos, Cómo funcionan (para bien y para mal) las redes sociales**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2020.

CAMACHO, Emilio. Una persecución sistemática y permanente: el caso de CFK. En PRONER, Carol y GENTILI, Pablo (Coord.). **Objetivo: Cristina. El lawfare contra la democracia Argentina**. 1. ed. Buenos Aires: Escuela de Estudios Latinoamericanos y Globales, ELAG, Grupo Puebla, Consejo Latinoamericano de Justicia y Democracia, CLAJUD/Centro Estratégico Latinoamericano de Geopolítica, CELAG, 2023, p. 166-176.

CASTRO, Edizón León. La encrucijada del lawfare: entre la judicialización y mediatización de la política. *Nullius: Revista del Pensamiento Crítico del Derecho*, v.1, n. 1, p. 85-104, enero-junio 2020. Disponible en <https://revistas.utm.edu.ec/index.php/revistanullius/article/view/2476/4060>

DELLE DONE, Franco. La derecha radical populista. Un enemigo interior de la democracia liberal. *Astrolabio: revista internacional de filosofía*, n. 25, p. 51-60, 2022. Disponible en <https://raco.cat/index.php/Astrolabio/article/view/402876>

FEREJOHN, John. Judicializing Politics, Politicizing Law. *Law and Contemporary Problems*, v. 65, n. 3, p.41-68, 2002. Disponible en <https://doi.org/10.2307/1192402>

GARZON, Baltazar.; RICOBOM, Gisele & ROMANO, Silvana (2023). Instrumentalización del aparato judicial con fines políticos: del lawfare a la causa vialidad. En PRONER, Carol y GENTILI, Pablo (Coord.). **Objetivo: Cristina. El lawfare contra la democracia Argentina**. 1. ed. Buenos Aires: Escuela de Estudios Latinoamericanos y Globales, ELAG, Grupo Puebla, Consejo Latinoamericano de Justicia y Democracia, CLAJUD/Centro Estratégico Latinoamericano de Geopolítica, CELAG, 2023, p. 28-43.

HERNÁNDEZ ENRÍQUEZ, Virgilio. Ocho tesis sobre el lawfare: el absurdo de la causa vialidad. En PRONER, Carol y GENTILI, Pablo (Coord.). **Objetivo: Cristina. El lawfare contra la democracia Argentina**. 1. ed. Buenos Aires: Escuela de Estudios Latinoamericanos y Globales, ELAG, Grupo Puebla,

Consejo Latinoamericano de Justicia y Democracia, CLAJUD/Centro Estratégico Latinoamericano de Geopolítica, CELAG, 2023, p. 91-103.

IGNAZI, Piero. The silent counter-revolution. Hypotheses on the emergence of extreme right-wing parties in Europe. *European Journal of Political Research*, v. 2, n. 1, p. 3-34, 1992. Disponible en <https://ejpr.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1475-6765.1992.tb00303.x>

LEIRAS, Marcelo. Economía y política en los gobiernos de izquierda de América Latina. En LEIRAS, Marcelo, MALAMUD, Andrés y STEFANONI, Pablo (Eds.) **¿Por qué retrocede la izquierda?** Buenos Aires: Capital Intelectual/Le Monde Diplomatique, 2016.

LESGART, Cecilia. Golpes de Estado y golpes constitucionales. Usos e innovación de un concepto fundamental. *PolHis. Revista Bibliográfica Del Programa Interuniversitario De Historia Política*, v.12, n.23, p. 162-194, junio 2020. Disponible en: <https://polhis.com.ar/index.php/polhis/article/view/339>

LESGART, Cecilia. Historia y problemas de un concepto contemporáneo fundamental. *Perfiles Latinoamericanos*, v. 28, n. 55, p. 341-379, 2020. Disponible en <https://perfilesla.flacso.edu.mx/index.php/perfilesla/article/view/1061>

LOBO, Sascha. Cómo influyen las redes sociales en las elecciones. *Nueva Sociedad*, n. 269, mayo-junio 2017. Disponible en <https://nuso.org/articulo/como-influyen-las-redes-sociales-en-las-elecciones/>

MARTÍNEZ JIMÉNEZ, Aitor. “Lawfare” en América Latina: el paradigmático caso de Ecuador. *Le Monde Diplomatique*, ene. 2023. Disponible en <https://mondiplo.com/lawfare-en-america-latina-el-paradigmatico-caso>

MEDICI, Alejandro & VALLEFIN, Juan Cruz. Nuevas dimensiones del derecho a la verdad en tiempo de Lawfare. En SAMPER, Ernesto, RAMINA, Larissa & PRONER, Carol (Coord). **Guerras jurídicas contra la democracia. El lawfare en América Latina.** Buenos Aires: Escuela de Estudios Latinoamericanos y

Globales, ELAG/Instituto Joaquín Herrera Flores, 2023, p. 80-110. Disponible en:

<https://www.grupodepuebla.org/wp-content/uploads/2023/09/lawfare-l.pdf>

MENDEZ, Pablo Martín. Neoliberalismo y judicialización de la política: una genealogía posible. *Estudios de Filosofía Práctica e Historia de las Ideas*, v. 20, n.1, p. 1-27, abril 2018. Disponible en:

<http://www.scielo.org.ar/pdf/efphi/v20n1/v20n1a06.pdf>

NOSETTO, Luciano. Reflexiones teóricas sobre la judicialización de la política en Argentina. *Documentos y aportes en administración pública y gestión estatal*, n.23, p. 93-123, 2014. Disponible en:

https://ri.conicet.gov.ar/bitstream/handle/11336/49196/CONICET_Digital_Nro.f4af747e-fb70-45f4-9d56-ff48d4a59da9_H.pdf?sequence=5&isAllowed=y

PREGO, Florencia Las 'nuevas' derechas en América Latina y el Poder Judicial: guerras jurídicas y estado de excepción en el siglo XXI. *Estudios. Revista del Centro de Estudios Avanzados*, n. 49, p. 149-171, 2023. ISSN 1852-1568.

PREGO, Florencia y NIKOLAJZCUK, Mónica. Las derechas en América Latina en el siglo XXI. La consolidación de la desigualdad y la instauración de una nueva institucionalidad. *Revista Sudamérica*, n. 17, p. 119-160, diciembre 2022. Disponible en

<https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/sudamerica/article/view/6445>

PRONER, Carol. La trama del lawfare en Ecuador y sus similitudes con Brasil. *Diario Jurídico.com*, oct. 2022. Disponible en

<https://www.diariojuridico.com/la-trama-del-lawfare-en-ecuador-y-sus-similitudes-con-brasil/>

PRONER, Carol. Lawfare en Brasil y Argentina y una alerta para América Latina. En PRONER, Carol y GENTILI, Pablo (Coord.). **Objetivo: Cristina. El lawfare contra la democracia Argentina**. 1. ed. Buenos Aires: Escuela de Estudios Latinoamericanos y Globales, ELAG, Grupo Puebla, Consejo

Latinoamerincano de Justicia y Democracia, CLAJUD/Centro Estratégico Latinoamericano de Geopolítica, CELAG, 2023, p. 77-91.

RAMINA, Larissa & PRONER, Carol. Presentación: las guerras jurídicas en América Latina. En SAMPER, Ernesto, RAMINA, Larissa & PRONER, Carol (Coord). **Guerras jurídicas contra la democracia. El lawfare en América Latina**. Buenos Aires: Escuela de Estudios Latinoamericanos y Globales, ELAG/Instituto Joaquín Herrera Flores, 2023, p. 10-16. Disponible en: <https://www.grupodepuebla.org/wp-content/uploads/2023/09/lawfare-l.pdf>

RAMINA, Larissa. La guerra judicial contra Cristina Fernández Kirchner en el contexto de la guerra híbrida. En PRONER, Carol y GENTILI, Pablo (Coord.). **Objetivo: Cristina. El lawfare contra la democracia Argentina**. 1. ed. Buenos Aires: Escuela de Estudios Latinoamericanos y Globales, ELAG, Grupo Puebla, Consejo Latinoamerincano de Justicia y Democracia, CLAJUD / Centro Estratégico Latinoamericano de Geopolítica, CELAG, 2023, p. 119-133.

RIBEIRO, Ricardo Lodi. Lawfare y la crisis de la democracia en Brasil. En PRONER, Carol y GENTILI, Pablo (Coord). **Guerras Jurídicas contra la democracia. El Lawfare en Brasil**. Volumen II, 1º ed., Buenos Aires: Escuela de Estudios Latinoamericanos y Globales, ELAG / Instituto Joaquín Herrera Flores, 2023, p. 5-27.

RICOBOM, Gisele. Lawfare y desintegración latinoamericana: una mirada del paradigma brasileño. En PRONER, Carol y GENTILI, Pablo (Coord). **Guerras Jurídicas contra la democracia. El Lawfare en Brasil**. Volumen II, 1º ed., Buenos Aires: Escuela de Estudios Latinoamericanos y Globales, ELAG / Instituto Joaquín Herrera Flores, 2023, p. 267-281.

RIVERA LUGO, Carlos. La guerra jurídica: a propósito de eso que llaman lawfare. *El otro derecho*, n. 60, p. 29-53, 2022. Disponible en <https://ilsa.org.co/wp-content/uploads/2023/04/2-El-Otro-Derecho-60-La-guerra-juridica-a-proposito-de-eso-que-llaman-lawfare.pdf>

ROMANO, Silvina y MAISONNAVE, Marcelo. El lawfare como acoso judicial contra Cristina Fernández de Kirchner. En PRONER, Carol y GENTILI, Pablo (Coord.). **Objetivo: Cristina. El lawfare contra la democracia Argentina**. 1. ed. Buenos Aires: Escuela de Estudios Latinoamericanos y Globales, ELAG, Grupo Puebla, Consejo Latinoamericano de Justicia y Democracia, CLAJUD / Centro Estratégico Latinoamericano de Geopolítica, CELAG, 2023, p. 103-119.

ROMANO, Silvina. Lawfare y neoliberalismo en América Latina: una aproximación. *Revista Sudamérica*, n.13, p. 14-40, diciembre 2020. Disponible en: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/sudamerica/article/view/4662>

SALAS OROÑO, Amílcar. Juristocracia y ámbitos de aplicación en el lawfare brasileño. En ROMANO, Silvina (Comp.) **Lawfare. La guerra judicial y neoliberalismo en América Latina**. Buenos Aires: Mármol Izquierdo Editores, p. 39-59, 2019.

SIEDER, Rachel; SCHJOLDEN, Line; & ANGELL, Alan. **La judicialización de la política en América Latina**. Bogotá: Universidad Externado de Colombia, 2008. Disponible en <http://www.rachelsieder.com/es/the-judicialization-of-politics-in-latin-america/>

SIERRA CABALLERO, Francisco. Lawfare y guerra mediática. En RAMINA, Larisa (Ed.). **Lawfare e América Latina: a guerra jurídica no contexto da guerra**. Curitiba: Íthala, 2022, p. 171-195.

SOLER, Lorena & VICENTE, Martín. Introducción. Dossier Nuevas miradas sobre las derechas en América Latina. *Revista Sudamérica*, n. 17, p.10-22, diciembre 2022. Disponible en: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/sudamerica/article/view/6578/6583>

SOLER, Lorena. Las derechas y sus derivas conceptuales. Punto de fuga en Paraguay. e-I@tina. *Revista Electrónica de Estudios Latinoamericanos*, v.

21, n. 82, p. 23-36, 2023. Disponible en <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/elatina/article/view/8168>

SOLER, Lorena. Populismo del siglo XXI en América Latina. *Estado & comunes. Revista de políticas y problemas públicos*, v. 1, n.10, p. 17-36, 2020. Disponible en https://doi.org/10.37228/estado_comunes.v1.n10.2020.146

SVAMPA, Maristella. Lo que las Derechas traen a la región latinoamericana. Entre lo político y lo social; nuevos campos de disputa. En **Nuevas derechas autoritarias. Conversaciones sobre el ciclo político actual en América Latina**. Quito: Ediciones Abya-Yala y Fundación Rosa Luxemburg, 2020.

TAVARES, Juarez. La relación entre estado de derecho y estado de excepción. En PRONER, Carol y GENTILI, Pablo (Coord.). **Objetivo: Cristina. El lawfare contra la democracia Argentina**. 1. ed. Buenos Aires: Escuela de Estudios Latinoamericanos y Globales, ELAG, Grupo Puebla, Consejo Latinoamericano de Justicia y Democracia, CLAJUD/Centro Estratégico Latinoamericano de Geopolítica, CELAG, 2023, p. 176-205.

VOLLENWEIDER, Camila & ROMANO, Silvina. Lawfare. La judicialización de la política en América Latina. CELAG, 2017. Disponible en <https://www.celag.org/lawfare-o-la-guerra-judicial-en-argentina-y-brasil/>

WAGNER ALBUJAS, José Gregorio. El lawfare y su inserción en América Latina. *Nullius. Revista de pensamiento crítico en el ámbito del Derecho*, v.1, n.2, p. 1-31, julio-diciembre 2020. Disponible en <https://revistas.utm.edu.ec/index.php/revistanullius/article/view/2619>

ZAFFARONI, Raúl. Antecedentes y escenario judicial (político) de la Causa Vialidad. En PRONER, Carol y GENTILI, Pablo (Coord.). **Objetivo: Cristina. El lawfare contra la democracia Argentina**. 1. ed. Buenos Aires: Escuela de Estudios Latinoamericanos y Globales, ELAG, Grupo Puebla, Consejo Latinoamericano de Justicia y Democracia, CLAJUD / Centro Estratégico Latinoamericano de Geopolítica, CELAG, 2023, p. 43-51.

PERÚ: LA DERECHA RADICAL EN TRANSICIÓN HACIA UN ORDEN AUTORITARIO

*PERU: TRANSIÇÃO DA DIREITA RADICAL EM
DIREÇÃO O AUTORITARISMO*

*PERU: TRANSITION OF THE RADICAL RIGHT
TOWARDS AUTHORITARIANISM*

Ariel Goldstein¹ 

Universidad de Buenos Aires, Argentina

Resumen: El análisis del período comprendido entre la llegada al poder de Pedro Castillo, su caída y el desarrollo de la presidencia de Dina Boluarte, ha mostrado el paso hacia un tipo de gobierno autoritario sustentado por la derecha radical. Esta presidenta ha configurado un régimen basado en un Congreso de derecha, los militares y los policías. Estos grupos se nutren también de apoyos exteriores como el partido Vox de España. La derecha peruana, que ha sido caracterizada como un “archipiélago conservador” hasta el gobierno de Castillo por sus divisiones internas, ha logrado unirse en una cruzada “anticaviar” y “anticomunista” que tiene en la represión estatal un punto fundamental de su estrategia política para preservar el modelo económico heredado del fujimorismo.

Palabras clave: Derecha; Perú; Política; Fujimori; Congreso.

Resumo: A análise do período entre a chegada de Castillo ao poder, sua queda e sucessão por Dina Boluarte, mostrou o passo para um tipo de governo autoritário apoiado pela direita radical. Essa presidente estabeleceu um regime baseado em um Congresso de direita, os militares e a polícia. Esses grupos também contam com apoio externo, como o partido Vox na Espanha. A direita peruana, que se caracterizou como um “arquipélago conservador” até o governo Castillo devido às suas divisões internas, conseguiu se unir em uma cruzada “anti-caviar” e “anticomunista” que tem como ponto fundamental a repressão estatal de sua estratégia política para preservar o modelo econômico herdado de Fujimori.

¹ Becario de Post-Doctorado del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (Conicet) en el Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe en el Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe (IEALC). Doutor en Ciencias Sociales por la Universidad de Buenos Aires. Master en Ciencia Política por la Universidad Nacional de San Martín. Correo: arielgoldstein@hotmail.com

Quiero agradecer los comentarios para este trabajo que me han sido proporcionados por Aarón Quiñón. Han servido para enriquecerlo y plantear necesarios matices a mis reflexiones.

Palavras-chave: Dereita; Peru; Política; Fujimori; Congresso.

Abstract: The analysis of the period between Castillo's coming to power, his fall, and succession by Dina Boluarte's presidency, has shown the step towards a type of authoritarian government supported by the radical right. Boluarte has set up a regime based on a right-wing Congress, the military, and the police. These groups also draw on external support such as the Vox party in Spain. The Peruvian right, which has been characterized as a "conservative archipelago" until the Castillo government due to its internal divisions, has managed to unite in an "anti-Caviar" and "anti-communist" crusade that has state repression as a fundamental point of its political strategy to preserve the economic model inherited from Fujimori.

Keywords: Right; Peru; Policy; Fujimori; Congress.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.211263](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.211263)

Recebido em: 28/04/2023

Aprovado em: 30/08/2024

Publicado em: 31/08/2024

1. Introducción

En los últimos años, hemos visto la emergencia de fuerzas de derecha radical y extrema derecha en los países de América Latina. La pandemia y la *uberización* de la economía hicieron implosionar una crisis en la relación Estado, economía y sociedad. A su vez, se manifiesta una crisis en los partidos de derecha tradicional que en América Latina de la pos pandemia lleva a la emergencia de posiciones autoritarias influenciadas por los acontecimientos en Estados Unidos y Europa.

Esto ha llevado al desarrollo de una nueva derecha que defiende principios neoliberales, aunque no renuncia a la función estatal asistencialista, afín también a una matriz autoritaria y religiosa. A su vez, la dinámica de la comunicación tecnológica combinada con las transformaciones económicas, acelera un ciclo de agotamiento del modelo democrático liberal e institucional que había predominado durante el siglo XX.

Estos fenómenos han sido estudiados por distintos autores en América Latina (Roberts y Zanotti, 2021; Raygada, 2021; Sanhauja y López

Burián, 2022). Mudde ha señalado el reciente proceso de hibridación entre derecha radical y la extrema derecha a nivel internacional. Por otra parte, distintos autores han cuestionado la pertinencia de esa distinción entre derecha radical y extrema derecha, señalando que se trata más bien de un *continuum* y no de una división tajante (Forti, 2021).

En el contexto latinoamericano, el caso peruano se caracteriza por un patrón que hemos visto en distintas circunstancias históricas en países de la región. Se trata de un ciclo de movilización de grupos subalternos frente a la exclusión del modelo económico dirigido por elites que eligen la represión como forma de negar la participación y un cambio en las reglas de juego.

Este trabajo apunta a caracterizar los principales aspectos del escenario peruano, haciendo énfasis en los actores de derecha frente a una nueva coyuntura crítica que implica la destitución presidencial.

El trabajo busca respuesta a los interrogantes: ¿Qué relación presenta la inestabilidad política de los últimos años con las formas de organización y acción que ha desarrollado la derecha radical? ¿Qué impacto ha tenido el gobierno de Castillo sobre la identidad de la derecha radical? La caída de Castillo es un capítulo más en el ciclo de inestabilidad que refleja la incapacidad del sistema político y económico de representar en forma efectiva las demandas sociales. Este análisis refiere a la posición de la derecha en esta coyuntura donde los patrones de inestabilidad de los últimos años se han acentuado hasta niveles críticos.

El trabajo se encuentra basado en el análisis de encuestas realizadas por el *Instituto de Estudios Peruanos*, de artículos de la prensa y otros documentos, así como entrevistas a activistas de la derecha radical en Perú.

2. De castillo a Boluarte: fracaso progresista y “principio de unidad” en la derecha

Las elecciones de 2021 mostraron la presencia de una derecha que, aunque se encontraba dividida entre el fujimorismo de Keiko y la alternativa de López Aliaga, coincidía en su visión autoritaria al impugnar los resultados electorales a través de “tácticas trumpistas” (Vergara y Levitsky, 2021) como denuncias de fraude. Estas tácticas tienen que ver con una derecha que cuestiona el piso mínimo de construcción democrática como las elecciones (Lesgart, 2023).

El Congreso peruano buscó la vacancia de Castillo desde el comienzo de su presidencia. Fue una estrategia impulsada por los principales partidos de derecha: *Fuerza Popular*, *Renovación Popular* y *Avanza País*. El no reconocimiento de los resultados electorales por parte de Keiko Fujimori en la segunda vuelta de 2021, buscando el apoyo en organismos internacionales y marchas “contra el Comunismo”, exhibió sus “tácticas trumpistas”.

El ex canciller Héctor Bejar señaló desde el comienzo del gobierno de Castillo la estrategia de la derecha:

“primero hacer que el gobierno se desembarace de su izquierda más radical, cosa que ya el gobierno está haciendo, dividir al gobierno, que es una especie de alianza entre radicales y moderados, y cuando esa división esté establecida comenzar a atacar a los grupos moderados de la izquierda que están en el gabinete y sobre la base de este ataque chantajear a estos grupos moderados para que giren a la derecha”²

Castillo significaba, frente a un sistema político en crisis -con 9 de cada 10 peruanos que rechazan el Congreso (IEP, 2023)- una representación del llamado “Perú profundo”, principalmente de las Provincias andinas del Sur, que han sido epicentro de la represión de las Fuerzas Armadas y la Policía, eje central en la gobernabilidad de Dina Boluarte.

² Carlos Noriega, “Héctor Béjar, excanciller de Perú: “Los grupos ultras del Congreso quieren la destitución de Pedro Castillo””, Página/12, 25.08.2021.

Las elites de Lima, donde se encuentran las principales empresas y asociaciones corporativas como la Confederación Nacional de Instituciones Empresariales Privadas (CONFIEP)³, se expresan a través de un accionar que busca impedir el cambio social con el propósito de mantener los privilegios acumulados.

La llegada de Castillo fue sorpresiva y beneficiada por la fragmentación política y el antifujimorismo (cualquier otro candidato le ganaba según las encuestas salvo Keiko). La plataforma y las propuestas de Castillo eran autoritarias, exacerbando los temores de esta derecha. En el cargo, esta intención autoritaria no menguó y los casos de corrupción y clientelismo también lo acompañaron.

Una de las habilidades de Castillo fue explorar la desigualdad y la división social, movilizando a sectores que se sienten excluidos por el modelo económico. Castillo llega con una plataforma autoritaria con base en un partido regional que se autoidentifica como marxista-leninista. A los ojos de la derecha radical, este sería el enemigo a temer. Por este motivo, desde el principio sufrió tentativas destituyentes desde el Congreso. Este período permitió una recuperación de la derecha en Perú, capaz de quebrar el gobierno de Castillo para introducir un programa conservador y neoliberal de espaldas al voto mayoritario.

Durante su mandato, Castillo realizó en el Palacio de Gobierno una ceremonia donde reconocía las “rondas campesinas”. A través de estas ceremonias, incluía sectores que en pocas ocasiones habían sido convocados al palacio de gobierno; cholos, cholas, los más pobres participaban en estas ceremonias populares.

Una lectura de los carteles que llevaban los simpatizantes a sus actos permite comprender esta cuestión. “Señor presidente, a la tercera va la vencida a los golpistas” (26/11/2022). Los cholos, los negros y de Provincias

³ La Confederación Nacional de Instituciones Empresariales Privadas (CONFIEP) es una institución peruana que agrupa a las principales empresas del país, dominada por la presencia de mineras y bancos o el sector financiero (Durand y Crabtree, 2017). Se trata de la fracción empresarial más vinculada al mercado exportador y menos vinculada al mercado interno. En el pasado, tomó posturas que la acercaron a Keiko Fujimori.

con Castillo fueron reemplazados por los militares, policías y grupos religiosos representados por el presidente del Congreso Williams y el alcalde de Lima, López Aliaga. Estos actores políticos se han convertido en los principales apoyos de Boluarte⁴.

Castillo actuó como dinamizador y organizador de las pulsiones de participación y reconocimiento de los excluidos, asumiendo un papel como típico líder populista de izquierda latinoamericano (Casullo, 2019). Por lo tanto, su presencia pública aspiraba a representar una política de la identidad.

La derecha no lo dejó gobernar y el reclamo por un llamado a nuevas elecciones explica las protestas que fueron violentamente reprimidas en el Sur del país (Zapata, 2023)⁵. Las demandas comenzaron por ese motivo y el grupo que defendía a Castillo inicialmente era menor. Sin embargo, conforme Boluarte fue pactando con los actores de derecha, el respaldo a Castillo también creció en las protestas. En Apurímac, primero el reclamo era “Liberen a Castillo contra el golpe de la derecha”; luego “Dina asesina, dictadora” haciendo foco sobre la violencia y las muertes. Luego entró el tema de la Asamblea Constituyente y decidieron ir a la capital de Lima a marchar⁶.

Durante su mandato, se produjo una confrontación entre visiones opuestas que manifestaban una polarización regional y de clase, como veremos más adelante en este trabajo.

Tras la destitución de Castillo, políticos de extrema izquierda como Vladimir Cerrón y de derecha radical como Keiko Fujimori manifestaron su apoyo a Boluarte. Los congresistas la apoyaron para que no hubiera nuevas elecciones y poder mantenerse en sus cargos⁷. Un editorial del periódico

⁴ Y Estados Unidos ha marcado también su apoyo a este nuevo régimen. El Secretario de Estado Antony Blinken fue junto a Lula uno de los primeros en reconocer la validez del nuevo régimen.

⁵ Entrevista a Antonio Zapata, “Los campesinos están diciendo teníamos un representante y no lo han dejado gobernar”, *La República*, 10.01.2023.

⁶ Entrevista a Lisseth Melendez Vargas, ex candidata por el Partido Morado, 04-04-2023.

⁷ Diego Quispe Sánchez, “La asunción de Dina Boluarte responde a una tregua con la oposición”, *La República*, 08.12.2022.

progresista *La República* bendijo la caída de Castillo en reemplazo por Boluarte⁸.

Al comienzo de las protestas, periódicos como *Gestión* y *La República* pedían terminar con los llamados “vándalos”: “el Gobierno debe tener claro que el número de peruanos que reclama paz para poder trabajar es mucho mayor que los que buscan destruirlo todo”⁹. Por su parte, el periódico *El Comercio* llamaba a Castillo “golpista ya vacado” en su editorial¹⁰.

Como señala Tanaka, en el intento de autogolpe Castillo mostró una desconexión de la realidad política. Intentó detener a la fiscal que lo investigaba, Patricia Benavides, una oportunista de escasa transparencia en su trayectoria profesional y de compromisos con la derecha política¹¹.

La destitución de Castillo colocó a Perú en un escenario crítico. Acorralado por diversos motivos (acusaciones de corrupción, paralización de la administración pública, jaqueo del Congreso), el ex presidente cometió una acción violatoria de la Constitución que puede calificarse como “golpe”. Sin embargo, otros aspectos deben ser considerados y el debate no puede reducirse, como cierta ciencia política quiere hacer, observando exclusivamente aspectos institucionales. Es preciso, como señala Waldo Ansaldi, mirar la “larga duración” de los procesos históricos.

La derecha peruana, que antes se encontraba agrupada en el llamado “archipiélago conservador” (Vergara y Encinas, 2021) parece haber encontrado un *principio de unidad* en la oposición al gobierno de Castillo. Un primer momento que refleja este “principio de unidad” resulta en su amplia adhesión a la *Carta de Madrid* del partido de derecha radical español Vox, que proclama una lucha en América Latina contra el llamado

⁸ “Presidenta, gobierne de cara al país”, *La República*. El autoritarismo de Boluarte no fue inmediato. Fue arrinconándose hacia este tipo de régimen. Recién en las masacres en el Sur es cuando el régimen se expresa en su voluntad autoritaria.

⁹ “Sanción a los delincuentes”, *Gestión*, 15.12.2022.

¹⁰ 20.12.2022

¹¹ Esta fiscal fue premiada en 2023 por el derechista del Opus Dei alcalde de Lima, Rafael López Aliaga, lo que muestra el tipo de compromisos que tiene y a quienes responde.

“narcocomunismo”. Sus firmas incluyen desde *Fuerza Popular*, *Renovación Popular*, *Alianza para el Progreso* y *Avanza País*.

Durante el gobierno de Boluarte, se llevó a cabo el *II Foro de Madrid* organizado por la *Fundación Disenso* de Vox. Allí, el líder español Santiago Abascal presentó al Perú de Boluarte como el faro de Iberoamérica: “Cómo no sentir un inmenso respeto por la nación peruana y por su pueblo. Ahora mismo sois el faro de esperanza y de libertad en la región”¹².

Abrió el Foro la máxima autoridad de Vox en Madrid, Rocío Monasterio, mientras cinco partidos de la derecha estaban presentes. En el encuentro con Vox estaba Maricarmen Alva, presidenta de la Comisión de Relaciones Exteriores del Congreso. El empresario chino Erasmo Wong, dueño del canal de extrema derecha Willax fue uno de los principales financiadores del encuentro, que se llevó a cabo en la *Corporación Wong*. Patricia Chirinos, una de las principales críticas de Castillo, atacó en su exposición lo que denominó como la “izquierda cancerígena” y al gobierno del maestro rural como “un cuento del comunismo”. De este modo, se evidenció el compromiso de la derecha peruana con el extremismo.

Esta derecha, antes dividida en islas conformadas por los medios de comunicación (*Expreso*, *Willax*, *El Comercio*), las iglesias pentecostales y la católica, el Congreso y los partidos (*Avanza País*, *Renovación Popular* y *Fuerza Popular*) hoy parece encontrar un principio de unidad en torno al rechazo al llamado “comunismo” y los “caviars”¹³. A su vez, existe una coincidencia respecto de la importancia de la represión policial y militar para mantener el modelo económico y político que garantiza sus intereses. La frustrada experiencia populista de izquierda (Casullo, 2019) de Castillo, parece haber fortalecido a la derecha y debilitado a los movimientos populares.

¹² Foro Madrid, Twitter, 29.03.2023.

¹³ La idea de “los caviars” responde a una construcción mediática e ideológica sobre la izquierda; que se apropiaría de los recursos del Estado para vivir de forma privilegiada e indebida. Es una apropiación que viene de la denominación de “izquierda caviar” de la política francesa. Presenta alguna similitud también con lo que señala el político de extrema derecha Javier Milei con respecto a los políticos argentinos como una “casta”, aspecto que confunde de forma oportunista con sus ataques a la izquierda.

Uno de los ejes del conflicto es la contradicción entre Lima y las regiones relegadas, con percepciones distintas sobre lo que sucede en el país. Eso se vio durante la presidencia de Castillo, y hoy es donde Boluarte presenta mayores índices de rechazo. A su vez, allí es donde ha recaído la mayor parte de la represión.

Otro aspecto es el aislamiento internacional de Dina Boluarte (Bigio, 2023). Ésta ha enfrentado tensiones con la Comisión Interamericana de Derechos Humanos (de la cual han pedido retirarse diputados de *Renovación Popular* por tratarse de una entidad que respondería a “ONGS izquierdistas”), Colombia (donde Petro ha sido declarado por el Congreso “persona non grata”) y México (donde ha retirado a su embajador por las críticas de AMLO frente a la situación peruana).

Frente a esa situación, Boluarte se apoya en el Congreso -dominado por fuerzas de derecha- y las Fuerzas Armadas, reprimiendo a la base campesina y popular que la llevó al poder en la fórmula de *Perú Libre* compartida con Pedro Castillo.

En este sentido, aparece un paralelismo con el proceso brasileño sucedido entre 2016 y 2018. Durante este período, la presidenta Dilma Rousseff fue destituida por un Congreso conservador en un juicio político irregular. Luego, asumió su cargo el vicepresidente Michel Temer, que comenzó a ejecutar junto a los militares y las corporaciones un programa neoliberal de reformas opuesto a aquel para el cual había sido electo (Autor, 2019)¹⁴. Llevando el régimen a una “democracia blindada”, preparó el terreno para la llegada del autoritarismo bolsonarista.

Según Schmitter (2002), una de las condiciones para la democratización es que los grupos de poder dominante toleren, durante un tiempo prolongado, la movilización de los grupos excluidos. Lo que

¹⁴ Es necesario aclarar, sin embargo, que el proceso de juicio político a Dilma Rousseff fue largo y siguiendo varias de las especificaciones constitucionales (cómo el apartamiento de la presidenta del cargo en forma temporal y la asunción interina de Temer; el derecho de defensa en el Congreso); mientras que aquellos a los que se sometió a Lugo o Castillo fueron procesos inmediatos y sin derecho de defensa o réplica. Agradezco esta aclaración a los evaluadores anónimos.

sucede en Perú es la intolerancia a la movilización de los grupos subalternos por parte de las élites. Éstas ven esa movilización como una amenaza al orden social que sostiene sus privilegios.

Se presenta un escenario donde el rechazo a la movilización y organización de los grupos excluidos lleva al autoritarismo y la represión como forma del sostener el orden. Hay un sistema que presenta graves deficiencias porque le es vetada su representación a los grupos excluidos del modelo económico por una derecha que resiste el proceso de democratización. Este es el núcleo de la actual crisis peruana. El autoritarismo de la derecha es una respuesta de impugnación a la movilización y la organización de los movimientos sociales que habían llevado a la presidencia de Castillo.

La derecha ha recuperado capacidad de iniciativa política y los principales resortes del poder militar, político, empresarial y judicial. Esto se relaciona con cambios operados en el Tribunal Constitucional (TC) para aplicar una mayoría afín al gobierno y el fujimorismo. También, la fiscal Patricia Benavides, que ha mostrado particular celeridad en el juzgamiento de los hechos de corrupción que involucraban a Pedro Castillo, ha mostrado lentitud o rechazo para investigar las causas en las cuales se encuentra involucrada Boluarte o aliados de su gobierno.

3. El gobierno de Boluarte: alianzas y giro autoritario

Boluarte ha nacido en Apurímac, una provincia de la región andina y hablante de quechua. Previamente, era presidenta del Club Apurímac en Lima, dirigido a la clase media alta¹⁵. Esto lo utilizó para posicionarse y constituye una extracción social distinta de Castillo, que venía como maestro rural. Fue ministra de Desarrollo Social y vicepresidente por el partido *Perú Libre* que en 2021 llevó la candidatura presidencial de Castillo.

¹⁵ Entrevista a Lisseth Melendez Vargas, 04/04/2023. Ex candidata del Partido Morado.

El principal líder de este partido provinciano es un izquierdista radical llamado Vladimir Cerrón, ex gobernador de la provincia de Junín. Al estar impedido de presentarse como candidato por acusaciones de corrupción en 2021, decidió colocar la candidatura de Castillo. El triunfo del maestro rural fue sorpresivo, y explicable por la fragmentación política, al tratarse de un partido débil y ajeno al centro de poder limeño, sin trayectoria organizativa para gobernar. La emergencia de Boluarte se explica como resultado de esa débil organización.

Boluarte ha señalado en sus discursos a los manifestantes como “terroristas” en una retórica similar a la utilizada por Alberto Fujimori en su combate a la organización terrorista *Sendero Luminoso*, dirigida por Abimael Guzmán.

Desde su asunción, las reuniones de Boluarte fueron en su mayoría con partidos de derecha, que constituyen su base de apoyo en el Congreso¹⁶.

En un giro conocido en la historia de nuestra región -similar al realizado en su momento por Carlos Menem en Argentina, Víctor Paz Estenssoro en Bolivia o Michel Temer en Brasil- Boluarte comenzó a gobernar aliada con sectores opuestos -las Fuerzas Armadas y la derecha del Congreso- a aquellos que ganaron las elecciones. Esto tuvo un efecto disolvente sobre su frágil capital político cuando se trataba de alguien que se proclamaba como “marxista-leninista-mariateguista” (Bigio, 2023). A su vez, al quedarse tras la vacancia de Castillo, mientras había prometido lo contrario, debilitó también su vínculo con los votantes que la habían llevado al poder. Estos acontecimientos mostraron una recuperación de la derecha en Perú, y como fue capaz de quebrar el gobierno de Castillo para introducir un programa conservador y neoliberal de espaldas al voto mayoritario.

¹⁶ Se trataba de *Alianza para el Progreso*, *Avanza País*, *Fuerza Popular*, *Somos Perú* (democracia cristiana) y *Cambio Democrático* (izquierda progresista, Sigrid Bazán). Artículo de Jonathan Castro en *Washington Post*.

Aunque había sido vicepresidenta y ministra de Desarrollo Social de Castillo, se trata de una política que llega enfrentada a las bases populares por las cuales fue electa. También había sido expulsada del partido que la llevó al gobierno, *Perú Libre*. Encuentra “expertise” y apoyo en la derecha radical, que en busca de poder le abre los brazos.

Alberto Otárola, presidente del Consejo de Ministros (PCM) y José Williams, presidente del Congreso asumen un papel relevante en su gobierno¹⁷. Otro político de importancia en este proceso es Rafael López Aliaga, alcalde de Lima, que aparece en la mayoría de las ceremonias acompañando a Boluarte, y ha destacado la “calidad” y “capacidad” de sus ministros¹⁸.

Según Mirtha Vasquez, ex PCM de Castillo y presidenta del Congreso durante el gobierno de Fernando Sagasti:

“Mi hipótesis es que ella no gobierna, alguien está gobernando detrás de ella, que la convence de que esta es la mejor estrategia, lo que no la hace rehén ni irresponsable de esto. Creo que se ha convencido de que esta es la salida. (...) Calculan que necesitan para mantenerse en el poder: hacer alianza con grupos de derecha radical en el Congreso”¹⁹.

Se trata de un cálculo de supervivencia política (Torre, 1998) que tiene un eje central en la represión de las protestas. Estas manifestaciones fueron descalificadas desde el poder con la acusación de “terroristas”. El llamado “terruqueo” es la acusación que equipara a la izquierda con terrorismo, basado en el combate represivo sostenido por Alberto Fujimori durante su gobierno frente a *Sendero Luminoso*.

El gobierno de Castillo fue impugnado desde el principio pues era equiparado a *Sendero Luminoso* por lideresas jóvenes de la derecha radical como la influencer Vanya Thais, la congresista Adriana Tudela y la activista

¹⁷ Se trata de un militar vinculado a la represión en la época del Conflicto Armado Interno durante el gobierno de Alberto Fujimori.

¹⁸ Al observar la cuenta de *Flickr* de la presidencia peruana, los principales personajes que sobresalen en las apariciones rodeando a Boluarte son: Williams, López Aliaga y Otárola.

¹⁹ “Mirtha Vásquez: “Estamos otra vez en una lógica fujimorista de que por la seguridad todo está permitido””, La República, 04.02.2023.

“pro-vida” Giuliana Caccia. Los sectores de la derecha promovían la idea de que el gobierno estaba vinculado con esta guerrilla terrorista de izquierda.

En esta lógica, las protestas de izquierda fueron asociadas por la derecha con el “terrorismo”, en una maniobra similar a la del uribismo en Colombia. De allí que la acusación de “terrucos” a la izquierda radical y de “caviar” a la izquierda moderada pretende anular cualquier posición alternativa al modelo económico, político y social dominante.

Linz señala la problemática “doble legitimidad” para la estabilidad democrática de los sistemas presidencialistas: división entre el Ejecutivo y el Congreso. Eso ha generado gran inestabilidad en Paraguay (2012), Brasil (2016) y Perú (2019-2022)²⁰.

El primer año del gobierno de Castillo fue descrito como “un año de polarización extrema en una guerra sin pausa entre el Ejecutivo y el Congreso controlado por la derecha, en el cual el fujimorismo y otros grupos de ultraderecha marcan la pauta” (Noriega, 2022). Durante esta presidencia, el Congreso terminó con la Educación Sexual en las escuelas y el control estatal sobre las universidades privadas²¹.

El presidencialismo peruano tiene un parecido con el brasileño, ya que el Ejecutivo tiene una *alta dependencia* del Congreso para poder gobernar. Tanto en Brasil como en Perú, el Congreso es un espacio central de ejercicio del poder, donde la *vacancia* o el *impeachment*, figuras poco definidas en términos constitucionales, delimitan los rumbos del país²². Esa alta dependencia del Congreso, hace que la política adquiera un

²⁰ El trabajo de Amílcar Salas Oroño (2012) reflexionaba sobre eso. Sin embargo, se vuelve importante subrayar las diferencias entre cada uno de los sistemas políticos de estos países, aspecto en lo cual no es posible profundizar dados los límites de este trabajo.

²¹ El negocio educativo de las universidades privadas, que comenzó en el fujimorismo, parece haber dado libertad de acción a grupos para cometer chanchullos con instituciones que no llegan a los requisitos básicos, pero sí traen beneficios económicos para sus dueños. Estos grupos representan un lobby en el Congreso para preservar sus intereses.

²² Sin embargo, un aspecto, entre otros, que diferencia el funcionamiento de ambos países e influyen en la relación Ejecutivo-Legislativo es la gravitación de Estados como Río de Janeiro, Minas Gerais y San Pablo en su autonomía económico-política en Brasil; lo que diferencia del caso peruano, con provincias más débiles que influyen en la fragmentación y precariedad del sistema político.

pragmatismo donde el Ejecutivo entrega recursos del Estado a cambio de votos en el Congreso, lo que da lugar a hechos de corrupción.

Junto con Paraguay, se trata de tres Congresos donde, mientras en el Ejecutivo había sido electo un gobierno de orientación progresista (Lugo, Dilma, Castillo), caratulado como “comunista” por sectores conservadores (Prego, 2021), el Congreso actuaba como expresión de intereses corporativos como el sector agropecuario, los militares, los policías y los pastores evangélicos. En ese contexto, la crisis política fue aprovechada por estos Congresos conservadores para correr a presidentes de perfil progresista a un lado y hacerse del Poder Ejecutivo.

La situación que vive hoy el país es la derivación de un conflicto iniciado en 2016 con la victoria de Pedro Pablo Kuczynski (PPK) en segunda vuelta frente a Keiko Fujimori. La victoria de PPK fue cuestionada por el fujimorismo en el Congreso, que promovió su salida. Este aspecto refleja la competencia que existe entre las derechas, no sólo la existencia de una solidaridad entre estos grupos (Bohoslavsky, 2023).

Luego, con la asunción del vicepresidente Martín Vizcarra, se produjo un enfrentamiento entre Vizcarra y los fujimoristas²³. Acorralado, Vizcarra utilizó el argumento de la falta de confianza para cerrar el Congreso. Desde entonces, ese argumento comenzó a ser utilizado para obstruirse mutuamente entre el Ejecutivo y el Legislativo.

Durante la presidencia de Castillo, el Congreso estuvo presidido por la dirigente conservadora de *Acción Popular* Maricarmen Alva²⁴, luego existió un breve interregno de Lady Camones²⁵ y finalmente asumió Williams, ex jefe de las Fuerzas Armadas, y uno de los firmantes de la *Carta de Madrid* de Vox.

²³ Anatoly Kurmanaev y Andrea Zarate, “Who’s in Charge in Peru? Peruvians Can’t Agree”, New York Times, 01.10.2019.

²⁴ De raíces en la clase política tradicional, como presidenta del Congreso exhibió expresiones racistas de forma reiterada, mostrando la mirada colonial y conservadora que aún se mantiene en la elite peruana. Actual presidenta de la Comisión de Relaciones Exteriores del Congreso que declaró a Petro como “persona non grata”, fue una de las protagonistas del II Foro Madrid organizado en Lima por Vox.

²⁵ Destituida por acusaciones de corrupción, su mandato dura 2 meses.

La aparición de Rafael López Aliaga como uno de los apoyos de la presidenta, que comanda la alcaldía de Lima, representa las aspiraciones de poder de una derecha aliada a los principales centros de irradiación del extremismo: el partido Vox de España y el Partido Republicano de Estados Unidos²⁶.

En la ceremonia de juramentación de Boluarte, a su lado estaba Williams, un militar que ha sido “jefe del Comando Conjunto de las Fuerzas Armadas en 2006” así como “conferencista de la Escuela Superior de Guerra desde 2020”. Participó en operaciones represivas durante el Conflicto Armado Interno²⁷. Sin él, la expeditiva destitución de Castillo y su detención no hubiera sido posible. El gobierno de Boluarte comenzó a gestarse en la conspiración para desplazar a Castillo, articulada entre Williams y el sector conservador del Congreso.

La ceremonia del *Te Deum* por la fundación de Lima donde apareció Boluarte dando la mano de López Aliaga y próxima a Williams resultó una escenificación del poder conservador en el que se ha transformado su presidencia²⁸. Estas dos figuras, Aliaga y Williams, se han convertido en el principal apoyo de Boluarte.

Este viraje ha sido descrito del siguiente modo:

“Todos los que presentaron mociones destituyentes (Patricia Chirinos, Montoya, Edward Málaga, José Williams y Martha Moyano) y todos los congresistas de la derecha dura que les respaldaron, ahora se han tornado oficialistas, mientras que los que antes del 7/12/2021 defendían a la plancha presidencial ahora se han pasado a la oposición” (Bigio, 2023b).

Una vez producida la vacancia de Castillo, se manifestó la resistencia del Congreso peruano de anteponer el interés colectivo a sus intereses particulares, para la realización de nuevas elecciones²⁹. *Bloque Magisterial*,

²⁶ Sobre López Aliaga se ha señalado que “si bien es en los sectores de mayores ingresos donde se concentra su aceptación, su faceta de empresario le ha hecho ganar también un apoyo considerable en los sectores de ingresos medios bajos y bajos, lo que puede apreciarse en la importante votación que logró en distritos populares de la capital, como La Victoria y Breña, durante su última competencia electoral”. María Sosa Mendoza, “La extrema derecha que gobernará Lima”, *Nueva Sociedad*, octubre 2022.

²⁷ Entrada “José Williams” en Wikipedia.

²⁸ Por otra parte, Alberto Otárola viene de perfil progresista, ex Defensa de Humala.

²⁹ “La última oportunidad”, *La República*, 02.02.2023.

Acción Popular, *Avanza País* y *Renovación Popular* han sido los bloques contra el adelanto electoral de los cuales el gobierno de Boluarte consiguió apoyo³⁰. De este modo, se observa que quien tiene la iniciativa es la derecha, pero con mucha condescendencia de la izquierda.

Así, los principales opositores a las elecciones anticipadas son *Renovación Popular*, que exige la continuidad de Boluarte; *Avanza País* de la joven congresista Adriana Tudela, que pide reformas; el *Bloque Magisterial* cooptado por el gobierno y *Perú Libre*, que pide la renuncia inmediata de Dina junto a una Asamblea Constituyente³¹.

Es por eso que la presidenta “aparece como una figura de escudo entre la población y la derecha del Congreso que sostiene su gobierno y que apoya su manejo de la protesta social”³².

4. Polarización clasista, demanda de orden y represión³³

En Perú, una de las características es el racismo de sus elites políticas y económicas, así como un modelo que a pesar de su carácter excluyente es presentado como inmodificable por estos sectores, sus principales beneficiarios.

Durante las elecciones de 2021, se evidenció una polarización de bases regionales y de clase social. Mientras en Lima tuvieron un desempeño significativo *Avanza País*, seguido por *Renovación Popular* y luego el fujimorismo de *Fuerza Popular*; en Cajamarca, provincia de donde es originario Castillo, éste sacó en primera vuelta 44% frente a *Renovación*

³⁰ Diego Quispe Sánchez, “Congreso: la firma que falta para retomar debate del adelanto de elecciones”, La República, 14.02.2023.

³¹ Diego Quispe Sánchez, “Congreso: agendas particulares bloquean acuerdo”, La República, 31.01.2023.

³² Pamela Palacios, “Dina Boluarte: de la izquierda radical a la colusión con la derecha y las Fuerzas Armadas”, La República, 07.03.2023.

³³ El componente militar en la derecha peruana se encuentra representado por Jorge Montoya y José Cueto en el partido *Renovación Popular*. Este partido también tiene una integración con las iglesias evangélicas, representadas por la pastora Milagros Aguayo. La plana mayor de *Renovación Popular*, Cueto, Montoya y Muñante, han otorgado un premio del Congreso al *influencer* de derecha radical Agustín Laje. Sin embargo, en los últimos años, la derecha se ha visto renovada por figuras jóvenes, especialmente en *Avanza País*, como Alejandro Caverio y Adriana Tudela.

Popular, que obtuvo 6%. Mientras en Lima Castillo tuvo una votación de 7%, en Cusco obtuvo 38%, cuando *Renovación Popular* sacó en esa región 4%. Por el contrario, en Lima fue 16% para *Renovación Popular*. En las provincias de Cusco y Cajamarca, Castillo tuvo un triunfo resonante que contrasta con su desempeño en Lima, donde predominan *Renovación Popular*, *Avanza País* y *Fuerza Popular*.

A comienzos de diciembre de 2022, si bien la popularidad de Castillo era de 19% en Lima, en las áreas rurales alrededor de la capital era de 45%, casi como en 2021, según el Instituto de Estudios Peruanos (IEP)³⁴. A su vez, 52% del Perú rural aprobaba la disolución del Congreso (58% en el Sur), y existía un 78% de rechazo a Boluarte entre los más pobres. Tan sólo un 6% aprueba el desempeño del Congreso³⁵.

Uno de los ejes centrales de las protestas reside en el centralismo limeño y la exclusión de las provincias del Sur, aspecto ya expresado en la candidatura de Castillo, representante de una izquierda provinciana.

Las mediciones del *Instituto de Estudios Peruanos* indican que el rechazo al Congreso se ubica en 90% y al gobierno Boluarte 77%, con porcentajes bastante semejantes entre Lima y el Perú urbano y rural. En este marco, 9 de cada 10 peruanos desaprueban el Congreso. A su vez, Keiko Fujimori es la política que más rechazo tiene, un 31%³⁶. Por lo tanto, aunque el fujimorismo se mantiene como la fuerza más cohesionada en la fragmentación política peruana (Encinas, 2023), es también la que cuenta con un mayor rechazo por parte del electorado, lo que ha llevado a Keiko a tres derrotas en su competencia por la presidencia.

Estos datos muestran una polarización de contenido clasista y regional que explica la crisis política y social. La *polarización regional y de clase*, así como el peso del *congreso conservador* y un *sistema de medios*

³⁴ Mitra Taj y Genevieve Glatky, "He Vowed to Transform Peru. Instead He's Facing His Third Impeachment", New York Times, 05/12/2022.

³⁵ "Congreso en su peor aprobación y protestas sin resultados para la renuncia de Boluarte y adelanto de elecciones, según encuesta del IEP", La República.

³⁶ "Congreso tiene rechazo de un 90% y Dina Boluarte obtiene un 77% de desaprobación, según encuesta IEP", La República Especiales, Febrero 2023.

con escasa autonomía respecto de las élites, están presentes en Brasil y Perú, cuyas democracias están enfrentando problemas álgidos³⁷.

Durante el período transcurrido entre la caída de Castillo y la consolidación de Boluarte, sectores de la derecha como la *influencer* Vanya Thais, exigían más represión. Ésta consideraba insuficiente a la derecha existente: “Se le dice la DBA (Derecha bruta y ahorada). Me parecen más bien una derecha tibia y ahuevada”³⁸. Desde su perspectiva,

“o esto termina con las Fuerzas Armadas metiendo bala a cuanto terrorista se ponga en frente (que es lo que debería pasar). O nos vamos a la mierda y cedemos a los delincuentes con su Asamblea Constituyente. Hay una tercera salida que es que Dina renuncie y Williams haga lo primero que dije: FFAA pacifican todo y listo”³⁹.

Martha Meier Miró Quesada, representante del tradicional periódico *El Comercio*, demandaba orden y represión: “La Policía y las Fuerzas Armadas deben restaurar el orden; correrá más sangre, tanto de quienes ponen el pecho por defender el Estado de Derecho como la de civiles, jóvenes y niños”⁴⁰. Las posiciones extremistas en favor del orden también estaban representadas por el Jurista Ernesto Blume, ex presidente del Tribunal Constitucional, quien señalaba que: “el cuerpo social del Perú tiene que curarse de ese cáncer caviar si quiere salir adelante. Porque ese cáncer caviar es pernicioso y puede hacer metástasis”⁴¹.

El respaldo a las Fuerzas Armadas fue evidente en la *Unión de Gremios del Perú*: “Reafirmamos nuestro respaldo a la Policía Nacional y las Fuerzas Armadas, instituciones tutelares de la Patria, que con su labor están garantizando el orden y la seguridad de los peruanos y el resguardo de las propiedades y medios de vida de la población”⁴².

Así, la cuestión del “orden” frente a la movilización popular adquiría un carácter fundamental para la derecha en su búsqueda de mantener el

³⁷ Junto con Venezuela y Nicaragua, aunque estas dos por otros motivos que sería difícil desarrollar aquí.

³⁸ Entrevista a Vanya Thais, 06/12/2022.

³⁹ Entrevista a Vanya Thais, 17/12/2022.

⁴⁰ Martha Meier Miró Quesada, “Boluarte es la crisis”, *Expreso*, 17.12.2022.

⁴¹ Ernesto Blume: «El Perú tiene que curarse de ese cáncer caviar si quiere salir adelante», *Expreso*, 02.02.2023.

⁴² “Comunicado de la Unión de Gremios del Perú”, Sociedad Nacional de Industrias, 13.01.2023.

modelo económico. La represión era legitimada por distintos grupos que aquí hemos evocado en su búsqueda de preservar el modelo económico y político excluyente.

La derecha peruana se basa en una ideología *hispanista* cercana al partido de derecha radical de España, Vox. Dice Vanya Thais que “el peruano es muy hispanista, no españolista. Nuestra historia está ligada y marcada por la hispanidad”⁴³.

Daniel Encinas ha señalado que “la mejor manera de describir la situación actual es una donde prima el caos autoritario” (Encinas, 2023).

Los militares son los únicos que pueden producir un orden transitorio y gobernar en una sociedad pretoriana radical. La intervención militar produce un alivio de los conflictos políticos y un reordenamiento de los acontecimientos (Huntington).

El grupo fujimorista de extrema derecha *La Resistencia* que se autodenominan “patriotas” y en defensa de “Dios, patria y familia” marcharon frente a las casas de los periodistas Gustavo Gorriti, director de IDL Reporteros, y Rosa Maria Palacios de *La República*, quienes revelaron las ejecuciones de las Fuerzas Armadas. Según Gorriti, este grupo “se presenta como si fuese una fuerza auxiliar de la Policía, incluso de las Fuerzas Armadas”⁴⁴.

Se produjo la declaración del estado de emergencia en 7 regiones de Perú, apoyando un orden autoritario sostenido en las Fuerzas Armadas. El objetivo consiste en detener las protestas múltiples que se presentan frente a la exclusión social y la aplicación de Boluarte de un programa antagónico con respecto al cual obtuvo Castillo una votación mayoritaria.

⁴³ Entrevista a Vanya Thais, 06.12.2022.

⁴⁴ “Gustavo Gorriti: “Solo habrá salida si el centro democrático empieza a hacer sentir su presencia””, *La República*, 26.02.2023.

La persecución ha llegado al punto de que el Ministerio de Interior sacó una proclama para denunciar “apología del terrorismo” en las redes sociales⁴⁵.

Según Daniel Encinas, “la democracia peruana se ha militarizado”, aspecto complejizado por el problema de que “tenemos a una izquierda autoritaria, pero también a una derecha autoritaria”⁴⁶. Sin embargo, debemos decir que fue la derecha la que comenzó impugnando el resultado legítimo de las urnas en 2021, buscando la vacancia presidencial desde el comienzo del gobierno de Castillo⁴⁷.

“Limón pa’ tu caviar” es un programa realizado en conjunto por los *influencers* de derecha Lizandro Bonilla y Vanya Thais. Desde la perspectiva de este *influencer* se pretende construir “una derecha anti-mercantilista, anti-estatista, liberal hacia la opción de mercado, cobrar menos impuestos, desregular y flexibilizar la política laboral”⁴⁸. A *Renovación Popular*, un partido de derecha radical que ha firmado la *Carta de Madrid* junto a Vox, estos grupos lo reconocen como “socialcristiano”, es decir, como demasiado moderado de acuerdo a sus expectativas⁴⁹. Este tipo de impugnación a las fuerzas de derecha *mainstream* por “tibias” es parte de la estrategia de las nuevas fuerzas de derecha radical en la región.

José Luis Tapia, director del *Instituto de la Libre Empresa*, señala en una línea similar que “Renovación Popular y Fuerza Popular se ubican en la centroizquierda”⁵⁰. Jorge Ugarte, líder del partido *Tu Independencia*, indica que una de sus prioridades es “proteger el núcleo de la sociedad que es la familia” a la vez que indica que “con Milei esto se ha vuelto un boom a

⁴⁵ Lima, 6 de febrero 2023, Ministerio del Interior, “Apología del terrorismo en las redes sociales se puede denunciar ante el Min Inter”.

⁴⁶ Enrique Patriau, “Daniel Encinas: “Dina Boluarte ha hecho una coalición con fuerzas que no ganaron la elección””, *La República*, 07.03.2023.

⁴⁷ El politólogo Aarón Quiñón añade lo siguiente, en comunicación personal (10/04/2023): “También es cierto que Castillo dio declaraciones iniciales que daban a entender que se dio un fraude en su contra cuando los conteos iniciales no le favorecían. Además, ni bien entrados al gobierno, Castillo y sus legisladores tenían un plan y una narrativa para cerrar el congreso con el “gabinete de choque”. La disolución del congreso estuvo también desde el primer día en su forma de ver la política”.

⁴⁸ Entrevista a Lizandro Bonilla, 10.02.2023.

⁴⁹ Entrevistas a Bonilla, Thais, y José Luis Tapia.

⁵⁰ Entrevista a José Luis Tapia, 17.02.2023.

nivel latinoamericano (...) El partido se identifica 95% de nuestra propuesta económica con Milei, pero esas ideas son de Mises, la Escuela Austríaca de Economía, queremos eliminar el Banco Central”⁵¹. Desde su perspectiva, el problema del país serían los “mercantilistas y caviares, una casta que tiene el poder hace mucho tiempo”. Thais, Bonilla y Ugarte se encuentran vinculados al partido *Tu Independencia*.

A su vez, frente a los crímenes cometidos por las Fuerzas Armadas, *Avanza País* solicitó una amnistía para la represión de policías y militares: “hemos propuesto a la presidenta una amnistía para todos los policías y militares en este rango de tiempo que ha habido manifestaciones. Nosotros no podemos abandonarlos, teniendo en cuenta que, cuando el Perú más lo necesitó, ellos salieron al frente y defendieron nuestra democracia”⁵².

El apoyo de Rafael López Aliaga (“tiene los mejores ministros”) y Cavero de Avanza País (“amnistía para militares y policías, contra Amnistía Internacional, entidad internacional que busca dinero”)⁵³ muestra el alineamiento de la derecha peruana con Boluarte en la cruzada “anti-caviar” y “anti-comunista”. A su vez, *Renovación Popular* ha pedido a Boluarte el retiro del gobierno peruano de la Comisión Interamericana de Derechos Humanos (CIDH) porque sería una entidad designada “mediante oscuros procedimientos manejados por las ONG de izquierda”⁵⁴.

Por otra parte, el accionar de la fiscal Patricia Benavides se vuelve funcional a la derecha. Su premiación por parte de López Aliaga es muestra de ello. La cooptación de los organismos del Estado por parte del Congreso es parte de este régimen en descomposición y vía hacia el autoritarismo.

⁵¹ Entrevista a Jorge Ugarte, 17.02.2023. Javier Milei es un economista “libertario” argentino que ha adquirido progresivamente ideas de extrema derecha. Esto se hace claro con su alianza con la defensora de militares represores de la dictadura, Victoria Villarruel. A través de sus apariciones en medios y redes, y la fundación de una nueva fuerza política de extrema derecha, La Libertad Avanza, Milei se ha convertido -frente a una profunda crisis económico social- en uno de los principales actores políticos de Argentina, con serias chances de ser en el próximo presidente.

⁵² “Avanza País propuso a Dina Boluarte amnistía para policías y militares que habrían cometido delitos en protestas”, *La República*, 16.02.2023.

⁵³ Esto está en el podcast de RMP, 19.02.2023.

⁵⁴ “Secretaría general de Renovación Popular dice que están “más a la izquierda que la derecha””, *La República*, 20.02.2023.

5. Conclusiones

Un escritor, analizando la situación peruana, señalaba que “está probado que cuando gran parte de los seres humanos ve el caos prefiere perder su libertad a cambio de tener orden en su vida. Y eso es una situación muy peligrosa”⁵⁵. Estas situaciones de caos social como precedentes del autoritarismo fundador de un nuevo orden han originado los procesos de derecha con mayor duración en América Latina: El Salvador de Bukele, el Perú de Fujimori, la Colombia de Uribe y el Brasil de Bolsonaro.

Uno de los problemas parece ser un país partido en dos, que reconoce legitimidades distintas. Por lo tanto, no se trata de un aspecto episódico, sino de una crisis de profundas raíces y que permanecerá hasta tanto no haya modificaciones que permitan redefinir el mapa político. La polarización regional y de clase muestra el carácter duradero del conflicto.

El gobierno de Boluarte expresa el interés de la derecha por redefinir el orden político a través de la violencia estatal para garantizar una continuidad en el modelo económico excluyente. Se busca destruir el ciclo de movilización popular que había cristalizado en la presidencia de Castillo.

Otro aspecto que muestra esa vocación de la derecha peruana, unida en la cruzada anti-castillista, es el intento de cooptación de los distintos poderes del Estado a partir del Congreso como centro de gravitación para sostener esa reformulación hacia un orden autoritario.

La debilidad de la propuesta populista de izquierda de Castillo operó, paradójicamente, como un unificador de la derecha del “archipiélago conservador”, hoy unida en un proyecto común, “anti caviar y anticomunista” que sitúa a la represión en el centro de su acción política para sostener el modelo económico y social excluyente. Nuevamente,

⁵⁵ Renzo Gómez Vega, “Gustavo Rodríguez: “Los peruanos consciente o inconscientemente estamos buscando una dictadura””, *El País*, 12.02.2023.

podemos establecer un paralelismo con la historia brasileña, cuando la débil experiencia populista de izquierda de Joao Goulart dio lugar a una recomposición autoritaria del orden por parte de los militares en 1964. Se busca un Perú blindado a cualquier política progresista o de izquierda.

Por eso, la demanda de orden en los medios de comunicación conservadores, junto a la reivindicación del accionar represivo de militares y policías, adquieren un papel fundamental para estos grupos enquistados en el poder.

Si como muestra el informe de IDL reporteros, las FFAA están comprometidas en la represión y las muertes, no tienen incentivos para un proceso transparente y democrático a nivel electoral donde pudiera ganar una propuesta progresista.

En este proceso, resulta fundamental comprender el contexto histórico y las causalidades. En un contexto de exclusión y una pandemia que hizo implosionar la sociedad, la movilización subalterna encontró una respuesta de los excluidos en la candidatura de Castillo. Sin embargo, una vez en la presidencia fue jaqueado hasta su caída. El “autogolpe” de Castillo es una respuesta a ese proceso de desestabilización. La movilización popular es una respuesta a su caída y a la represión que arrastró la misma. El autoritarismo represivo del gobierno es una respuesta a ese nuevo ciclo de movilizaciones que buscan cuestionar el modelo económico.

6. Referencias bibliográficas

BIGIO, Isaac, “Perú vs México y la región”, Diario Siglo XXI, 27.02.2023.

BIGIO, Isaac. B. “Dina fue electa como marxista-leninista y gobierna como porky-fujimorista”, Bolpress, 24.01.2023.

CASTRO, Jonathan, “Perú ingobernable” en Washington Post, 16.12.2022.

CASULLO, María Esperanza (2019). **¿Por qué funciona el populismo?: El discurso que sabe construir explicaciones convincentes de un mundo en crisis.** Siglo XXI Editores.

CRABTREE, John, y DURAND, Francisco (2017). **Perú: élites del poder y captura política.** Universidad del Pacífico.

ENCINAS, Daniel “En Perú se ha impuesto el caos autoritario”, Letras Libres, 01.02.2023.

PEREDA, David: “Antonio Zapata: “Los campesinos están diciendo: Teníamos un representante y no lo han dejado gobernar”, La República, 10.01.2023.

FORTI, S. (2021). **Extrema derecha 2.0: qué es y cómo combatirla.** Siglo XXI de España Editores.

AUTOR (2019). **The new far-right in Brazil and the construction of a right-wing order.** Latin American Perspectives, 46(4), 245-262.

NORIEGA, Carlos (2022): “El primer año de gobierno de Pedro Castillo, marcado por expectativas y frustraciones”, Página 12, 28.07.

PREGO, Florencia (2021): “Democracia y estado de excepción en Paraguay (1992-2012)”. Maestría en Estudios Sociales Latinoamericanos, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires.

RAYGADA, J. C. U. (2021). **Sobre la especificidad de la derecha radical en América Latina y Perú.** De Hitler y Mussolini a Rafael López Aliaga. Discursos del Sur, revista de teoría crítica en Ciencias Sociales, (7), 85-116.

SALAS OROÑO, A. M. (2010). **La “parlamentarización” de la política en América Latina,** Papeles de Trabajo CEPS, América Latina Siglo XXI, Nro.4 Marzo 2010.

SANAHUJA, J. A., & BURIAN, C. L. (2022). **Hispanidad e Iberosfera.** Fundación Carolina, Documentos de Trabajo, 69, 2ª.

SCHMITTER, Philippe, "Corporatism, democracy and conceptual travelling" en Munck, G. L., Snyder, R., & Almond, G. A. (2007). *Passion, craft, and method in comparative politics*. JHU Press.

TORRE, J. C. (1998). **El proceso político de las reformas económicas en América Latina** (Vol. 4). Buenos Aires: Paidós.

VERGARA, A. y ENCINAS, D. (2021). From a Partisan Right to the Conservative Archipelago: Political Violence and the Transformation of the Right-Wing Spectrum en **Contemporary Peru. Politics after Violence** (pp. 226-249). Texas: University of Texas Press.

VERGARA, A. y LEVITSKY, S. (2021): "Tácticas trumpianas amenazan la democracia en Perú", *New York Times*, 23.07.2021.

ZANOTTI, L., & ROBERTS, K. M. (2021). **(Aún) la excepción y no la regla: La derecha populista radical en América Latina**. *Revista Uruguaya de Ciencia Política*, 30(1), 23-48.

DERECHAS Y ACCIÓN POLÍTICA EMPRESARIAL DEL SECTOR AGROPECUARIO EN ARGENTINA (2015-2019) Y EN PARAGUAY (2013-2018)

*DIREITOS E AÇÃO POLÍTICA EMPRESARIAL NO SETOR AGRÍCOLA NA
ARGENTINA (2015-2019) E NO PARAGUAI (2013-2018)*

*RIGHT WINGS AND CORPORATE POLITICAL ACTION IN THE
AGRICULTURAL SECTOR IN ARGENTINA (2015-2019)
AND PARAGUAY (2013-2018)*

Monica Susana Nikolajczuk¹ 
Universidad de Buenos Aires, Argentina

Resumen: El artículo se propone reconstruir el vínculo entre derechas y élite económica en Argentina y Paraguay a través del estudio de la acción política empresarial agropecuaria durante los gobiernos de Mauricio Macri (2015-2019) y de Horacio Cartes (2013-2018). La hipótesis es que la dimensión que determina el tipo predominante de acción política empresarial del sector agropecuario es la dirección política ideológica de los gobiernos en ejercicio del poder del Estado. Mientras que durante los gobiernos populistas-progresistas en los países bajo estudio el empresariado agropecuario ponderó la dimensión corporativa y el conflicto político, volviéndose la estrategia prioritaria; con el ascenso de las derechas al poder en Argentina (2015) y Paraguay (2013) se priorizó la estrategia de articulación institucional en el Poder Ejecutivo a través de los mecanismos de circulación de trayectorias desde el ámbito privado, relegando a un plano secundario el accionar contencioso de las organizaciones empresariales. Desarrollaremos una metodología comparativa puesto que el proyecto pretende contribuir a una carencia en el campo de estudios desarrollando explicaciones a la vez individualizadoras y generalizadoras del fenómeno.

¹ Lic. en Sociología (Universidad de Buenos Aires). Magister en Estudios Sociales Latinoamericanos (Universidad de Buenos Aires). Investigadora asistente formada del Grupo de Estudios de Sociología Histórica de América Latina (GESHAL). Doctoranda en Ciencias Sociales por la Universidad de Buenos Aires. Becaria interna doctoral del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET) con sede en el Instituto de Estudios de América Latina y el Caribe. Correo: nikolajczukmonica@gmail.com

Palabras clave: Acción política empresarial; Derechas; Paraguay; Argentina; Élite económica.

Resumo: O artigo tem como objetivo reconstruir o vínculo entre a direita e a elite econômica na Argentina e no Paraguai através do estudo da ação política empresarial agrícola durante os governos de Mauricio Macri (2015-2019) e Horacio Cartes (2013-2018). A hipótese é que a dimensão que determina o tipo de ação política empresarial predominante no setor agrícola é a direção política ideológica dos governos no exercício do poder do Estado. Enquanto durante os governos populistas-progressistas nos países em estudo, a comunidade empresarial agrícola pesou a dimensão corporativa e o conflito político, tornando-se a estratégia prioritária; com a ascensão do direito ao poder na Argentina (2015) e no Paraguai (2013), a estratégia de articulação institucional no Poder Executivo foi priorizada por meio dos mecanismos de circulação de trajetórias da esfera privada, relegando as ações a um plano secundário. litígios de organizações empresariais. Desenvolveremos uma metodologia comparativa, uma vez que o projeto visa contribuir para uma carência no campo de estudos, desenvolvendo explicações que sejam ao mesmo tempo individualizadoras e generalizadoras do fenômeno.

Palavras-chave: Ação política empresarial; Direitas; Paraguai; Argentina; Elite econômica.

Abstract: The article aims to reconstruct the link between the right wings and the economic elite in Argentina and Paraguay through the study of agricultural corporate political action during the governments of Mauricio Macri (2015-2019) and Horacio Cartes (2013-2018). The hypothesis is that the dimension that determines the predominant type of corporate political action in the agricultural sector is the ideological political direction of the governments in the exercise of State power. During the populist-progressive governments in the countries under study, the farm business community weighed the corporate dimension and the political conflict, becoming the priority strategy; with the rise of the right wings to power in Argentina (2015) and Paraguay (2013), the strategy of institutional articulation in the Executive Branch was prioritized through the mechanisms of circulation of trajectories from the private sphere, relegating the actions to a secondary level—litigation of business organizations. We will develop a comparative methodology since the project aims to contribute to a lack of studies by developing explanations that are both individualizing and generalizing of the phenomenon.

Keywords: Corporate political action; right-wings; Paraguay; Argentina; Economic elite.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.211684](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.211684)

Recebido em: 05/05/2023
Aprovado em: 31/08/2024
Publicado em: 31/08/2024

1. Introducción

La acción empresarial puede ser definida como el conjunto de decisiones que, desde los actores empresarios, son tomadas para llevar adelante su plan estratégico de inversión y producción (CASTELLANI, 2006) mientras que la acción política empresarial refiere a aquellas estrategias que vinculan al empresariado al ámbito de la política y que son implementadas con el propósito de influir en el espacio de sus relaciones políticas-institucionales (DOSSI, 2010). En efecto, aunque los factores económico-estructurales fijan efectivamente los límites dentro de los cuales el empresariado realiza sus acciones, el comportamiento histórico de este sector no puede ser explicado por el mero uso de esta variable (ACUÑA, 1994). En este sentido, proponemos un estudio que aborde simultáneamente un plano estructural (la posición de los agentes en la estructura económica y las relaciones de clase) al tiempo que un plan político e ideológico que se instala en el análisis de la actuación específica de este sujeto (O'DONNELL, 2008; BELTRÁN, 2006).

Siguiendo a TIRADO (2006) los grandes empresarios despliegan cuatro formas de acción política empresarial: a) acudir directamente al gobierno y al Congreso para plantear sus demandas, b) vincularse a los partidos políticos, c) la acción corporativa empresaria protagonizada por las organizaciones empresariales e d) intervenir en la opinión pública. Esta investigación indaga también en una quinta estrategia que se ha consolidado a lo largo de la década del noventa y ha tomado un carácter sistemático desde los 2000: la circulación ocupacional en la esfera institucional estatal, particularmente en el Poder Ejecutivo (lo que en la literatura académica actual se conoce como el fenómeno de la puerta giratoria).

En base a esta tipología, este artículo aborda dos tipos de acción política empresarial durante los gobiernos de derecha de Mauricio Macri

(2015-2019) y de Horacio Cartes (2013-2018): la acción corporativa y la circulación de trayectorias ocupacionales en el Poder Ejecutivo. La primera tiene como objetivo amalgamar posiciones disímiles en el ámbito económico-estructural para luego expresarlas en forma consensuada y homogénea en el plan político-institucional (BELTRÁN, 2012; DOSSI y LISSIN, 2011) y así generar condiciones privilegiadas en torno a la disputa por el poder (SCHVARZER, 1990). La segunda, tiene como consecuencia un cambio en la forma de Estado (VARESI, 2016) y permite incidir en el plan productivo pero, además, proporciona una expertis ajena al ámbito de las funciones como agentes económicos y desarrolla un nuevo capital político (BOURDIEU, 1981) cambiando de manera estructural la forma en que los empresarios se vinculan con el sistema de representación y habilitando novedosos canales de comunicación, un lenguaje extraeconómico y acceso a información privilegiada sobre el funcionamiento del Estado. En efecto, como sostiene Levita (2019) los capitales extrapolíticos se activan en la arena política convirtiéndose, eventualmente, en capitales políticos (p. 261). Durante el gobierno de Mauricio Macri (2015-2019) este fenómeno puede analizarse como una estrategia dilecta de acción colectiva cristalizada en la sistemática circulación de altos cargos de las organizaciones empresariales que conformaron la Comisión de Entidades de Enlace Agropecuario (CEEAA) en el Poder Ejecutivo, especialmente, de la Sociedad Rural Argentina (SRA). Mientras que en Paraguay, la victoria de Horacio Cartes (2013) la circulación de trayectorias empresariales en el Poder Ejecutivo fue condición para consagrar a la alta burguesía dedicada al comercio y los servicios en el Estado, por sus características no devino en forma de acción colectiva, sino que mantuvo su carácter no sistemático, focalizado e individual.

Por la naturaleza del problema propuesto, a lo largo del artículo problematizaremos el vínculo entre sistema político y *élite* económica para luego caracterizar a la nueva derecha en el poder en Argentina y Paraguay, particularmente a partir de su composición social. Asimismo, analizaremos la acción política que emprendieron los grupos empresariales durante el

ascenso de la nueva derecha regional representada por Mauricio Macri (2015-2019) y por Horacio Cartes (2013-2018) reconstruyendo a) las trayectorias de circulación empresarial del ámbito privado en la esfera estatal y b) las instancias de acción colectiva que protagonizaron.

En cuanto a la metodología comparada, proponemos un abordaje desde las estrategias de comparación desarrolladas por Tilly (1991) quien aísla tres tipos de estrategias no excluyentes para la comparación: la estrategia universalizadora, que busca encontrar las regularidades causales; la individualizadora, que intenta contrastar casos específicos de un fenómeno con el fin de captar sus particularidades y, por último, la estrategia de identificación de la diferencia, a partir del establecimiento del carácter o la intensidad del fenómeno mediante el examen de sus diferencias en cada caso particular. A través de estas estrategias buscamos indagar en la homogeneidad del problema a nivel regional y la heterogeneidad de situaciones nacionales.

2. Del vínculo entre sistema político y actores económicos. Algunas apreciaciones conceptuales

Alain Touraine (1987) sostuvo que el modelo de desarrollo se define en primer lugar por la naturaleza de la élite que dirige el proceso de transformación histórica y, en ese sentido, advirtió que combina de manera específica la acción del Estado, agente central del desarrollo, y la acción de los actores sociales, agentes sincrónicos de un tipo de sociedad, por ejemplo, agrario, mercante o industrial.

Por su parte, en un consagrado trabajo, Viguera (1996) analizó el comportamiento político de los empresarios en América Latina y advirtió que estos sujetos no son *per sé* actores políticos, y que su acción no puede definirse por rasgos constantes y unívocos, por tanto su actividad política depende del marco institucional en el que la misma tiene lugar. El autor

sostiene que *“dicho marco implica oportunidades, costos, beneficios y recursos en función de los cuales los empresarios -individual o colectivamente- actuarán políticamente de maneras diversas (o dejarán de hacerlo)”* (Viguerra, 1996, p.171). Asimismo, en la década de 1970, José Luis Romero (1970) caracterizó los grupos sociales y de pensamiento político que integraban las derechas (grupos señoriales, burgueses, oligarquías liberal burguesas). Sin embargo, el autor sostenía que era un error asimilar derecha a burguesía y proponía dos criterios para su estudio. Por un lado, el criterio político y el criterio socioeconómico. Estas contribuciones robustecen un análisis inscripto en las múltiples vinculaciones, relaciones y/o conexiones entre sistema político institucional y actores económicos. No puede considerarse completo un análisis que omita esta necesaria interlocución.

La consolidación de la región en su carácter de economía dependiente impulsó en el ámbito de las ciencias sociales sendas producciones sobre el carácter colonial, feudal o capitalista de su economía, dando lugar a un debate en torno a la caracterización de los agentes sociales emergentes. Este debate, alentado por el horizonte de cambio social, se mostró con más fuerza en las décadas de 1960 y 1970 de la mano de los teóricos desarrollistas, dependentistas y del marxismo latinoamericano (BEIGEL, 2006) y se centró en el rol de los actores económicos dominantes en el proceso de desarrollo y su vínculo con el Estado sin cuestionar el carácter político-ideológico de las fuerzas que se encontraban en el poder y su vinculación con los actores económicos concretos.

Como puede observarse, la premisa de una necesaria escisión entre una esfera superestructural o ideológica y otra estructural o económica permeó estos debates. La porosidad entre ambas fue teorizada a partir del carácter de clase que adoptaba una forma de dominación o la expresión políticas que adquiriría un determinado modelo de acumulación generando una vacancia en el análisis del diálogo histórico y los transversales

encuentros entre la agencia y la estructura, entre lo micro y lo macro, entre lo institucional y el actor, entre la coyuntura y el coeficiente histórico.

Esta vacancia no se explica solamente por una lectura vernácula, en el campoduran de la acción empresarial fue predominante la hipótesis elaborada por Offe y Wiesenenthal (1980). Para los autores, la posición de privilegio de los empresarios en las estructura social implicaría una homogeneidad apriorística que haría innecesaria la organización política a través de instituciones manteniendo su influencia en la esfera netamente estructural. Esta teoría fue aceptada durante la década de 1980 y parte de 1990, obturando los estudios sobre el accionar político y el cariz ideológico de los sectores económicamente dominante.

En el campo de las ciencias sociales paraguayas han sido especialmente escasos los trabajos que analizan la élite económica y en particular, su vínculo con el sistema político. El propio Ortiz (2019) advirtió que la mayoría de las contribuciones, aunque son aportes importantes, no suponen una ruptura teórica con la tradición precedente y no plantean criterios definidos de conceptualización de las clases para movilizarlos en investigaciones empíricas. Sin embargo, más recientemente, algunos aportes demostraron que los cambios a partir de la década de 1970 y consolidados en la década de 1990 derivan en la formación de un empresariado moderno con criterios eminentemente capitalistas, enfatizando la mutua interrelación con el Estado como formación histórica y, muchos de ellos, enfocando en las estrategias de acción política del empresariado para dirigir el proceso de acumulación en curso.

En Argentina, la cuestión en torno al tipo de empresariado local y de su rol como actor político ha ocupado un lugar central desde las primeras década del siglo XX. Sin embargo, como advierte Iramain (2012), la mayoría de las veces estas producciones se caracterizan más por sus discrepancias que por el alcance de ciertos consensos básicos, lo que obtura la

consagración de una estrategia teórico-metodológica susceptible de arribar resultados relativamente aceptados por el grueso de la comunidad.

En este trabajo, retomamos estos antecedentes y proponemos conceptualizar a los actores económicos como agentes constitutivos del sistema político-ideológico a partir de su acción política y, no solamente, por su capacidad de influir en los factores macroeconómicos y desde allí en el Estado.

3. El ascenso de las derechas latinoamericanas a partir del cambio de época

Las derechas regionales experimentaron drásticos cambios hacia fines del siglo XX. Como hemos argumentado en Prego y Nikolajczuk (2017, p. 3-4) “la transición a la democracia y el derrumbe del socialismo real moldeó las adhesiones político-ideológicas dando lugar al surgimiento de marcos de referencias laxos, pero también a la victoria de los ideales del pro-mercado y del Estado mínimo”. En este marco, llegaron por el sufragio y desarrollaron reformas estructurales con la intención de minimizar la capacidad del Estado en el control y organización de la economía y la sociedad.

Como advierte Hinkelammert (1988), la derecha emergente en la década de 1980 fue heredera de las dictaduras militares de bajo el paradigma de la Seguridad Nacional, y su vocación era la de asegurar el esquema de poder originado por esas dictaduras bajo formas democráticas, en beneficio de las élites. De ahí, la particular estrechez del vínculo entre élite económicas y derechas en las últimas décadas. Posteriormente, los paradójicamente llamados populismos de la década de 1990 -llamados así especialmente en referencia al carácter carismático de la figura presidencial- demostraron que las derechas partidarias lograban articular sus prácticas políticas en el marco de las instituciones

democráticas (ROBLES RIVERA Y NERCESIAN, 2023; ARAGÓN FALOMIR y CÁRDENAS, 2020; DURAND, 2019; HEREDIA, 2019)². En los albores del siglo XXI, el paradigma neoliberal entró en una crisis generalizada, dando inicio a una etapa que Maristella Svampa (2016) ha denominado como *cambio de época*. La fragmentación en las formas de representación abrió un espacio para el surgimiento de nuevos liderazgos y actores colectivos (PEREYRA, 2013) al tiempo que la crisis de los soportes funcionales del Estado social generó importantes transformaciones en el conflicto social (Natalucci y Pérez, 2015) modificando la arena política y las dinámicas de acción social.

Este fenómeno habilitó la irrupción simultánea de los actores subalternos en el espacio político y la emergencia de gobiernos populistas del siglo XXI³ (SOLER, 2020) en los cuales se priorizó la integración regional antes que el bilateralismo con Estados Unidos y Europa; se revalorizó el rol del Estado, distinguiéndose de la política de *laissez faire* de la década precedente; se amplió la participación política en democracias puramente formales y se concretó una distribución del ingreso nacional progresiva frente los altos niveles de desigualdad producto de la implementación de políticas de ajuste fiscal.

En el 2008, tras un momento de auge de estos gobiernos se comenzaron a articular demandas insatisfechas y el conflicto social debilitó las experiencias progresistas. El alejamiento de las bases sociales que los integraron originalmente (LE QUANG, 2016) y de los sectores sociales medios, atravesados por el proceso de movilidad social ascendente y un pacto de consumo (STEFANONI, 2012) en el marco de crisis económica fue el principal síntoma de agotamiento. En este contexto, las derechas latinoamericanas se vieron interpeladas a torcer la correlación de fuerzas.

A nivel global, el ascenso de las derechas responde a un contexto de crisis del sistema capitalista. Las políticas neoliberales y la crisis de las

²En referencia a los gobiernos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2003) en Brasil, de Carlos Menem (1989-1999) en Argentina, de Víctor Paz Estenssoro (1985-1989) y de Gonzalo Sánchez de Lozada (1993-1997 y 2002-2003) en Bolivia, de Alberto Fujimori (1990) en Perú, de Jamil Mahuad Witt (1998-2000) en Ecuador y Juan Carlos Wasmosy (1993-1998) en Paraguay.

³Venezuela, 1999; Brasil, 2003; Argentina, 2003; Uruguay, 2005; Bolivia, 2005; Ecuador, 2007; Paraguay, 2008.

socialdemocracias demostraron la incapacidad del modelo neoliberal para renovarse, lo que deslegitimó a las élites y a las instituciones establecidas por él, siendo esta la principal premisa de surgimiento de las derechas actuales (Traverso, 2018). En este sentido, la crisis de las hipotecas *subprime* iniciada en Estados Unidos en octubre de 2007 devino crisis mundial y sirvió de plataforma para la reconfiguración de las derechas en Europa, Estado Unidos y, posteriormente, América Latina, dando fuerza a configuraciones extremas o radicales. Waldo Ansaldi (2022) explica este fenómeno y afirma que la aparición de partidos de extrema derecha refuerza la convicción de estas fuerzas políticas, incluso las que se dicen democráticas, pueden ser autoritarias. Lo cierto es que la emergencia de una fuerza emparentada con el fascismo europeo de entreguerras (cuyo enemigo actual es el migrante y la presencia árabe) da lugar al surgimiento de una *“derecha de tercera generación en América Latina que combina los anteriores rasgos con una acendrada paranoia anticomunista de discurso antipopulista”* (IBARRA Y VELADOR, 2021, p.78).

Este nuevo ciclo histórico impuso con fuerza una reconfiguración en las estrategias de intervención política y consolidaron las alianzas sociales que desarrollaron las derechas en la región, especialmente cambiando su composición social e incluyendo a nuevos actores (PREGO Y NIKOLAJCZUK, 2020), así como sus formatos de representación y formas de acceso al poder (SOLER Y PREGO, 2019). Sin embargo, tal como advierten Rovira y Kaltwasser, (2021) aunque las derechas parecen haberse transformado mantienen un núcleo duro basadas en la represión, el conservadurismo valórico, y el liberalismo de mercado

Algunas producciones han podido analizar de manera sumamente lúcida el fenómeno, entre las mas reciente destacamos: CANNON y RANGEL, 2020; ANSALDI, 2022; SOLER, 2023; SANAHUJA y LÓPEZ BURIAN, 2023; MORRESI 2023; VOMMARO y GENÉ, 2023; GOLDSTEIN, 2022; BOHOSLAVSKY, ECHEVERRÍA y VICENTE, 2021; BOHOSLAVSKY, MOTTA y BOISARD, 2021; LUNA y ROVIRA KALTWASSER, 2021; SAIDEL, 2021; SVAMPA,

2020; GIORDANO 2019; VAZQUEZ SALAZAR, 2020. En este artículo nos interesa particularmente los análisis sobre la reestructuración social que han tenido las derechas en tanto han logrado incorporar *outsider* de la política como expresión de la deslegitimación del sistema político tradicional, cambiando la gravitación de viejos y nuevos actores y cristalizando un cambio cualitativo en la participación del empresariado, siendo esta generalizada, persistente y consolidada en el ámbito institucional partidario (ROBLES RIVERA, 2022; CAÑETE ALONSO, 2018; DURAND, 2020; NERCESIAN, 2020; CATELLANI, 2018).

Tanto en Argentina, con el ascenso de Mauricio Macri (2015), como en Paraguay, bajo la presidencia de Horacio Cartes (2013), la circulación de trayectorias ocupacionales del sector empresarial hacia el Poder Ejecutivo devino en acción política empresarial dilecta y generó un cambio en la organización del Estado que permitió incidir de manera directa sobre el proceso de acumulación. Para el caso paraguayo serán insumos vitales los trabajos de FOGEL, COSTA, y VALDEZ (2018); FOGEL y EZQUERRO (2018); SOLER, (2023); NIKOLAJCZUK y PREGO (2022); LACHI (2018); JUSTE (2015) y VALÈNCIA I MONTES, (2015) y, principalmente, los trabajos realizados por VOMMARO y GENÉ (2023); CASSAGLIA (2022); CASTELLANI y DOSSI (2021); CASSINI, GARCÍA ZANOTTI y SCHORR (2019); GENÉ (2018); CASTELLANI (2018); CANELO y CASTELLANI (2017) y VARESI (2016) para el caso argentino.

Los antecedentes mencionados y la perspectiva adoptada en este trabajo nos permite retomar la advertencia de Cannon (2016, p.27) quien destaca la necesidad de incluir el estudio de clases para el análisis de las derechas dado que *“cada opción de política tiene resultados implícitos y explícitos en favorecer algunas clases sobre otras y, por lo tanto, la clase y el papel de las élites deben ser centrales en cualquier discusión sobre la derecha”*. Desde este lugar podemos pensar que el vínculo entre sistema político y actores económicos es una relación histórica que se expresa empíricamente a través de una afinidad selectiva entre los fundamentos político ideológicos de las derechas regionales y los intereses económicos y

simbólicos de la élite económica. Si bien esta afinidad es constitutiva de ambos campos ya sea por origen social, por constitución histórica de los actores, por desarrollo de alianzas tradicionales o por convergencia de factores coyunturales (por ejemplo, intereses electorales inmediatos) o estructurales (bajo la constitución de un determinado bloque en el poder) hemos planteado que la institucionalización de este vínculo se consagra a partir de dos hitos históricos, siempre que las derechas han ganado relevancia en la correlación de fuerzas a nivel regional (NIKOLAJCZUK, 2022) .

El primero de ellos es a partir de la consolidación del neoliberalismo en la región. En los años ochenta con las políticas de ajuste y de reforma estructural se trastocó el contexto político y económico en que los diversos actores sociales desarrollan sus relaciones entre sí y con el Estado (VIGUERA, 1996). Esto implicó un contexto favorable para la participación progresiva de empresarios en el Poder Ejecutivo. Puntualmente, en puestos de poca visibilidad vinculados a la gestión económica, aunque claves a la hora de aplicar políticas centrales como las privatizaciones y la regulación de los servicios públicos (CATELLANI 2018:50).

En efecto, el vínculo entre élite económica y derechas se consolidó de forma progresiva durante el ciclo neoliberal a través de la afinidad de los empresarios con los líderes gubernamentales -como sucedió con Carlos Menem y Alberto Fujimori- o a través de la emergencia de candidatos empresarios -como Gonzalo Sánchez de Lozada en Bolivia y Vicente Fox en México- (DURAND, 2010).

Un segundo momento de afianzamiento de esta relación fue la crisis financiera de 2008. Tal como hemos advertido, el ascenso de las fuerzas conservadoras responde a un ajuste de las élites a las nuevas formas de acumulación del capital e importa una salida a los erráticos esfuerzos que se han desplegado para hacer frente a la debacle económica de 2008 (VÁZQUEZ SALAZAR, 2020). Asimismo, esta crisis profundizó el fenómeno

de deslegitimación de la clase política tradicional aportando condiciones dilectas para el ingreso definitivo de los *outsiders* a la política cuyo inicio data de la eclosión del neoliberalismo al finalizar el siglo XX. Al contrario, en el periodo transcurrido desde la crisis del neoliberalismo hasta la actualidad, lejos de verse deslegitimados -como la clase política tradicional- los sujetos provenientes de las esferas económicas y de los sectores empresariales fueron ponderados en tanto tres aspectos: su *expertis*, la eficiencia y la modernización (CASTELLANI, 2018).

El vínculo entre derechas y élite económica en la actualidad se expresa como una relación generalizada, persistente y consolidada en el ámbito institucional partidario. Este hecho se traduce en el protagonismo del empresariado frente a otros sectores (por ejemplo, expertos o clase política tradicional) en los partidos derechistas, así como en la mayor preponderancia de estos actores cuando se comparan con partidos políticos de izquierda (SERNA Y BOTTINELLI, 2019).

4. Estrategias de acción política empresarial en Argentina y Paraguay durante los gobiernos de Mauricio Macri (2015-2019) y de Horacio Cartes (2013-2018)

Nuestra hipótesis es que la dimensión que determina el tipo predominante de acción política empresarial del sector agropecuario en Argentina y Paraguay durante el periodo 2013-2019 es la dirección política ideológica de los gobiernos en ejercicio del poder del Estado. Mientras que como he demostrado en NIKOLAJCZUK (2021) durante los gobiernos populistas-progresistas en los países bajo estudio el empresariado agropecuario ponderó la dimensión corporativa y el conflicto político, volviéndose la estrategia prioritaria; con el ascenso de las derechas al poder en Argentina (2015) y Paraguay (2013) se prioriza la estrategia de articulación institucional en el Poder Ejecutivo a través de la circulación de

trayectorias ocupacionales del empresariado, relegando a un papel secundario el accionar contencioso de las organizaciones empresariales.

Hacia el año 2003 podemos observar un clivaje en la acción política empresarial del sector agropecuario como expresión del *cambio de época*. Se experimenta una modificación en la correlación de fuerzas políticas y la emergencia de gobiernos progresistas, así como también una rearticulación de los actores sociales gravitantes en un contexto de crisis del consenso neoliberal y avance de un ciclo de ascenso de los precios de los *commodities* (2002-2008) que le garantiza al sector primario exportador ganancias extraordinarias respecto de otros sectores de la economía. Estos fenómenos sentaron las condiciones para la rearticulación de las estrategias políticas del empresariado.

Las experiencias de Néstor Kirchner (2003-2007) en Argentina y de Nicanor Duarte Frutos (2003-2008) en Paraguay acotaron (aunque tímidamente y dentro de las posibilidades estructurales) el margen de acción del empresariado agropecuario local, con consecuencias directas en la dinámica corporativa empresarial.

Durante este periodo, las organizaciones empresariales agropecuarias adquirieron un rol central en la imposición de los intereses sectoriales. El conflicto político protagonizado por el empresariado en el agro se reactivó y se experimentó un progresivo proceso de unidad corporativa que se instituyó como la principal estrategia para afianzar su capacidad de intervención política en el proceso de acumulación. Este fenómeno se materializa en Paraguay con la conformación de la Unión de Gremios de la Producción (UGP) en 2005 y en Argentina con la confluencia progresiva de canales de diálogo entre las cuatro principales entidades agropecuarias del país desde 2003 hasta 2008 cuando se crea la Comisión de Enlace de Entidades Agropecuarias (CEEAA).

El 2008 conjugó crisis económica, debilitamiento de los gobiernos progresistas y rearticulación de la acción colectiva empresarial. Tanto la

UGP como la CEEA protagonizan los dos conflictos agrarios más importantes de las últimas décadas en ambos países: el conflicto por la Resolución 125/08 en Argentina y el Tractorazo en Paraguay. Estos fueron un punto de inflexión a partir del cual ambas supraentidades se constituyeron en actores de una gravitación central, condicionando los proyectos políticos en curso.

En Paraguay la centralidad que adquiere la UGP, sumado a la debilidad del oficialismo en el Congreso, determinan una política agraria intermitente y focalizada. No hubo una reforma agraria pero tampoco avances en materia impositiva, de reparto de tierras, de asentamiento del campesinado ni regulación de la actividad extractiva (FOGEL Y EZQUERRO, 2018).

Las consecuencias de la acción corporativa desplegada por la CEEA en Argentina durante el conflicto de 2008 fueron significativas. Son elocuentes las palabras de Pucciarelli y Castellani (2017) para quienes el acontecimiento significó un punto de inflexión en una etapa histórica iniciada tras la crisis de 2001. Según los autores, el conflicto marca el surgimiento definitivo de un proyecto prehegemónico de carácter republicano, conservador y neoliberal, iniciando un periodo de *hegemonía escindida* que redefinió los términos precedentes de la disputa política. Una muestra de ello es la polarización de la sociedad civil durante el conflicto y la capacidad de movilización que demuestra un novedoso poder de convocatoria por parte de las organizaciones en torno a sus demandas. En efecto, este fenómeno se convierte en un parteaguas del proceso de hegemonía en pugna. En las elecciones de 2015, las corporaciones se posicionaron como voceras del pedido de un cambio de modelo económico, y algunas de ellas, como Sociedad Rural Argentina (SRA), explicitaron su apoyo al principal candidato opositor, Mauricio Macri.

Con el ascenso de los gobiernos de derechas, las experiencias argentina (2015) y paraguaya (2013) se consagraron emblemas de la puerta

giratoria en la región, cuya expresión paroxística fue el ascenso de presidentes empresarios. En Paraguay, tras el golpe parlamentario a Fernando Lugo en 2012 y la breve presidencia de Federico Franco, Horacio Cartes ganó las elecciones de 2013 afiliándose al Partido Colorado sólo con el fin de presentarse en los comicios de ese año, por lo que se considera un *outsider* de la política tradicional. Mientras que en Argentina, Mauricio Macri, a través de la Alianza Cambiemos, ganó el balotaje en el año 2015 con un 51,34% de los votos, tras un ciclo de 12 años de kirchnerismo (2003-2015) y considerándose la primera experiencia nacional donde la derecha gana las elecciones mediante la constitución de un partido político (VOMMARO, 2019).

Ambos gobiernos tuvieron políticas afines a los intereses de los sectores más concentrados del agronegocio, en confluencia con las demandas históricas de las principales organizaciones empresariales. Tal como advierten Cantamutto, Constantino y Schorr (2019) en Argentina se desarrolló un fuerte ajuste social y una redistribución regresiva del ingreso, así como un repliegue de la estructura productiva. Se concretaron las dos demandas centrales de la CEEA y gran parte del sector empresarial. Por un lado, se devaluó el dólar y se eliminaron las retenciones al trigo, maíz, girasol y los productos regionales, reduciendo las retenciones a la soja en un 5% con la promesa de una baja de 5% por año hasta su completa eliminación. Como argumenta Varesi (2016, p.10) la devaluación en combinación con la quita de retenciones garantizó la generación de megaganancias para quienes concentran las exportaciones, es decir, las 10 empresas que exportaron en 2015 el 63% de los granos: *“Estos agentes económicos ahora reciben muchos más pesos por cada dólar que exportan y pagan mucho menos en materia de impuestos”*.

Asimismo, podemos advertir que en el caso argentino existió un notable desembarco de empresarios, ceos y líderes gremiales al poder ministerial y que este se vio progresivamente privatizado durante el transcurso del mandato de Mauricio Macri. Un detallado análisis de Canelo,

Castellani y Gentile (2018) sostiene que existió una creciente y progresiva “privatización” del gabinete de Mauricio Macri dado el elevado reclutamiento de funcionarios que poseen carreras ocupacionales desarrolladas exclusivamente en el sector privado desde su inicio hasta el 2018⁴. En el área destinada a la cuestión agropecuaria, las designaciones más significativas fueron las del dirigente de Confederaciones Rurales Argentinas (CRA) Ricardo Buryairle como Ministro de Agroindustria desde su asunción hasta noviembre de 2017 y posteriormente del presidente de la Sociedad Rural Argentina (SRA) que osciló, durante el período 2017-2019, en los cargos de Ministro de Agroindustria, Secretario de Gobierno de Agroindustria cuando se degradó el ministerio y de Ministro de Agricultura, Ganadería y Pesca⁵. Pero estos no han sido hechos aislados, sino que coincidimos con Lattuada (2021) cuando afirma que el macrismo inaugura una nueva institucionalidad incorporando al Ministerio una gran cantidad de funcionarios con trayectoria laboral exclusiva en el ámbito privado o vinculados a las corporaciones tradicionales del sector: Sociedad Rural Argentina, Confederaciones Rurales Argentinas y Coordinadora de Industrias de Productos Alimenticios (COPAL). Canelo y Castellani (2016) señalan que la mitad de los funcionarios de Agroindustria eran dirigentes de corporaciones agropecuarias.

Sostenemos que durante el gobierno de Mauricio Macri la estrategia de acción política del empresariado estuvo orientada a articularse institucionalmente en el Poder Ejecutivo y que esta acción de los actores se erigió como un tipo de acción colectiva puesto que a) las principales corporaciones empresariales del agro fueron el espacio predilecto de

⁴ El Ministro de Hacienda y Finanzas fue ocupado por Alfonso Prat Gay (trabajó en la banca de inversión JP Morgan); la Secretaría de Finanzas por Luis Caputo (CEO de la filial argentina del Deutsche Bank); el Ministro de Energía por Juan José Aranguren (CEO en la petrolera anglo holandesa Shell). Por su parte, se designó como Ministro de Desarrollo Productivo a Francisco Cabrera (ejecutivo de La Nación y Clarín y CEO de la compañía de Fondos de pensiones Máxima AFJP) y del Ministro de Transporte a Guillermo Dietrich (dueño de Dietrich Automotores); la jefatura de gabinete fue ocupada por Marcos Peña (CEO de la aerolínea chilena LAN y dueño de la cadena de supermercados La anónima S.A.), mientras que la Secretaría de Coordinación Interministerial tuvo como titular a Mario Quintana (fundador de la cadena Farmacity).

⁵ Promediando 2018, la crisis cambiaria, y la intención de reducir el déficit por pedido del Fondo Monetario Internacional (FMI) el Decreto 801/2018 reduce los ministerios de 22 a 10, eliminando algunos y degradando y fusionando otros. Producto de ello el Ministerio de Agroindustria devino en Secretaría pasando a depender del Ministerio de Producción y Trabajo. Sin embargo, tras el malestar del sector empresarial agropecuario y a días de las P.A.S.O de 2019 Mauricio Macri devuelve el rango de ministerio.

reclutamiento y b) por las características de la acción, existió una lectura política por parte del empresariado del sector de que este era el método más efectivo de influencia en el Estado y, por tanto, se canalizaron las demandas y repertorios a consolidar este vínculo entre empresariado y poder político denigrando otras vías como el conflicto político. De hecho, son elocuentes las palabras de Dávila (2022) quien sostiene que a pesar de que estas últimas acciones contravenían las promesas electorales y significaron una caída de los márgenes agropecuarios acentuada por un contexto económico recesivo e inflacionario, no se registraron movilizaciones pero existieron cuestionamientos, las críticas del sector no pasaron más que de unas pocas y formales declaraciones periodísticas de baja intensidad, principalmente por parte de FAA y CONINAGRO.

En Paraguay, tal como advierten Fogel, Costa y Valdez (2018) entre el 2003 y el 2017 los mecanismos utilizados por las élites económicas y políticas han sufrido ciertas transformaciones fuertemente condicionadas por el contexto socioeconómico. Según los autores estos mecanismos experimenta tres momentos:

el periodo entre 2003-2007, caracterizado por la retomada del crecimiento económico luego de continuos años de crisis política y económica a lo largo de los 90'; la ascensión al gobierno de Nicanor Duarte Frutos y la promulgación de la nueva normativa fiscal (Ley 2421/04); el periodo entre 2008 2012, caracterizado por la continuidad del crecimiento económico y nuevos intentos de reforma fiscal, en el marco de un nuevo gobierno, de características "progresistas"; y el periodo del 2013 hasta la actualidad, marcado por la retomada oficial del poder por el Partido Colorado (con la elección de un outsider de la política, el empresario Horacio Cartes), y la puesta en marcha de una nueva política económica de carácter neoliberal (Fogel, Costa y Valdez, 2018, p.17).

Este último periodo se presentó bajo un modelo de reestructuración del modelo económico paraguayo.

Lachi (2018) sostiene que la fracción más beneficiada históricamente, es decir, el sector del agronegocio sería desplazado al ponderar la fracción orientada a la industria, el comercio y las comunicaciones. Esto significó un juego político con las principales organizaciones empresariales y con la

Unión de Gremios de la Producción (UGP) que osciló entre el apoyo y el conflicto. Existieron dos momentos de tensión en la relación entre Cartes y las organizaciones empresariales agrarias, ambos focalizados en la cuestión tributaria. El primero de ellos fue apenas iniciada su gestión cuando Cartes empezó un proceso de apoyo a acciones parlamentarias que buscaban aumentar los niveles impositivos en el sector agrícola y promovió el proyecto que establecía el Impuesto a la Renta sobre las Actividades Agropecuarias o IRAGRO. Como relatan Lachi y Scheffer (2020), después que un lobby parlamentario de los grandes empresarios agro-ganaderos que intentó vaciar los contenidos de este proyecto de ley, el presidente decidió apoyar una ley aún más dura, que preveía un impuesto a la exportación de granos en bruto. Esta estrategia del ejecutivo hizo retroceder a los empresarios quienes accedieron a que la ley que establecía el IRAGRO fuera aprobada en su forma original y a su vez, Cartes accedió a vetar la ley de impuesto a la exportación de granos.

El segundo momento fue en junio de 2017 cuando se trató en el Congreso un proyecto de ley para gravar las exportaciones de grano en estado natural en un 15%. Este proyecto se dio en el marco de un acuerdo entre la concertación Frente *Guasu* encabezada por Fernando Lugo, por un lado, y Horacio Cartes, por el otro, para concertar la renovación de la mesa directiva del Senado de cara a garantizar gobernabilidad en el último año de gobierno oficialista⁶.

Inmediatamente las organizaciones empresariales se mostraron contrarias al proyecto e intentaron dar cuenta del acuerdo de fondo. En este sentido, son elocuentes las palabras del líder de la UGP, Hector Cristaldo: *“se hará sentir la voz de los productores que se sienten manoseados y maltratados por políticos que usan el trabajo honesto como moneda de cambio para cerrar comprendas partidarias”*. Asimismo, advirtió que *“hay mucho malestar, mucha indignación. Se cerraron las*

⁶ Este acuerdo tuvo su antecedente en el intento de concretar una enmienda constitucional para garantizar la reelección del Poder Ejecutivo, prohibida por la carta magna hasta la actualidad y que generó una crisis política e institucional (QUEVEDO Y SOLER, 2017).

*rutas de golpe, no es fácil controlar a tanta gente, están jugando con la paciencia de los mansos estos bandidos*⁷. Por su parte, Agustín Konrad, presidente de la Cooperativa Colonias Unidas (CCU) sostenía: *“Les decimos a los Senadores que si aprueban el Proyecto de Ley, que sepan que vamos a hacer el mayor tractorazo de la historia del país”*⁸. La Unión de Gremios de la Producción (UGP) realizó 40 bloqueos en seis departamentos y tractorazos en algunos puntos del país.

El proyecto logró aprobarse en general pero los senadores cartistas que habían votado positivamente abandonaron el Senado, quedando imposibilitados de seguir con su tratamiento. Inmediatamente, la ministra de Hacienda, Lea Giménez, llamó a una conferencia de prensa donde anunció que el Poder Ejecutivo vetará la ley, en caso de ser sancionada: *“El Poder Ejecutivo se verá obligado a vetar tal propuesta porque será muy dañina para la economía en su conjunto y nefasta para los pequeños y medianos productores”*⁹. Esto deshabilitó por completo la movilización y las organizaciones afirmaron que *“regresarían a sus campos al final de la tarde y levantarían las protestas hasta que la iniciativa vuelva a tratarse por el Senado en particular”*¹⁰, culminado la medida de fuerza.

A pesar de estos dos hechos de tensión entre el gobierno y los empresarios agropecuarios, el poder económico de la élite agropecuaria no fue transgredido durante el gobierno estudiado y no existió un verdadero desplazamiento del bloque de poder económico. En concreto, algunos elementos consolidaron la relación de Cartes con los gremios y el empresariado del sector. En principio, bajo el argumento de luchar contra el Ejército Paraguayo del Pueblo (EPP)¹¹ se modificó la Ley de defensa

⁷ABC Color, 21/06/2017 “El tractorazo se inicia en naranjito”. Recuperado de <https://www.abc.com.py/edicion-impresia/economia/el-tractorazo-se-inicia-en-naranjito-1605466.html>

⁸ La Nación, 22/06/2017. Sojeros amenazan con realizar mayor tractorazo en el país. Recuperado de https://www.lanacion.com.py/politica_edicion_impresia/2017/06/22/sojeros-amenazan-con-realizar-el-mayor-tractorazo-del-pais/

⁹ON24, 26/06/2017. Tractorazo Guarany. Recuperado de <https://www.on24.com.ar/negocios/agro/tractorazo-guarany/>

¹⁰ Ibidem.

¹¹ El Ejército Paraguayo del Pueblo (EPP) es una organización paramilitar de ideología marxista-leninista e influencias de la teología de la liberación creada en Paraguay desde marzo de 2008 cuya principal bandera es la lucha contra la concentración de la tierra.

nacional, garantizando al presidente la posibilidad de movilizar tropas en función a la seguridad interna, sin previo acuerdo del parlamento. Esto fue una demanda histórica del empresariado agropecuario para garantizar la seguridad jurídica de sus propiedades ante la metodología de la lucha campesina centrada, principalmente, en la ocupación de tierras (NIKOLAJCZUK, 2018). En este sentido, fue primordial la creación de la Fuerza de Tareas Conjunta¹².

Por otro lado, como documenta Irala (2019) si se desagrega el monto de la deuda externa del Paraguay al año 2018 se puede observar que el 55% de la deuda externa es destinado a obras de infraestructura para favorecer al modelo extractivista. Casi finalizando su mandato, el presidente de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), Luis Villasant sostenía *“Desde la ARP estamos conformes con lo mucho que se hizo, principalmente en materia de infraestructura, las obras viales son muy importantes para el sector productivo y Cartes apostó bastante en este punto”*¹³

En cuanto al desembarco del empresariado en el marco institucional o lo que denominamos puerta giratoria, podemos argumentar que en el caso paraguayo surge una nueva identidad colorada con un poder ejecutivo de corte tecnocrático y empresarial que contó con el apoyo de los cuadros políticos tradicionales al interior del parlamento (VALÈNCIA I MONTES, 2015). En este sentido, la gestión de Cartes fue caracterizada por la constitución de un grupo de ministros de cariz tecnocrático y vinculados a una expertis particular (VILLAGRA E IBARROLA, 2020). Sin embargo, la fortaleza del partido Colorado y del Partido Liberal no permitió a Horacio Cartes imponer un gabinete de empresarios que desplace el juego de nombramientos hacia afuera de la clase política tradicional. Del ministerio inicial (2013) pertenecían al mundo empresarial: Juan Carlos López Moreira,

¹² La Fuerza de Tarea Conjunta es una unidad de las Fuerzas Armadas integrada por miembros de las Fuerzas Armadas de Paraguay, de la Policía Nacional del Paraguay y de agentes de la Secretaría Nacional Antidrogas (SENAD) destinadas a la lucha contra el EPP.

¹³ La Nación, 02/04/2018. La ARP y la UGP, conformes con la gestión de Cartes. Recuperado de <https://www.lanacion.com.py/politica/edicionimpresa/2018/07/02/la-arp-y-la-ugp-conformes-con-la-gestion-de-cartes/>.

el jefe del Gabinete Civil de la Presidencia, y Fernando Ojeda, secretario privado de la Presidencia, ambos del grupo Cartes. Asimismo, el Ministro de Obras Públicas y Comunicaciones Ramón Jiménez Gaona Arellano fue presidente de la Cámara Paraguaya de Exportadores, Miembro Titular del Consejo de Desarrollo del Ministerio de Industria y Comercio del Paraguay en representación de la Cámara Paraguaya de Exportadores y perteneció al Consejo Directivo de la Federación Paraguaya de Madereros (FEPAMA).

Sin embargo, Horacio Cartes, mediante el decreto 1265 de 2014 conformó un grupo de asesores económicos *ad honorem* en materia económica. Los asesores provenían, particularmente, de las empresas del conglomerado Cartes pero que representaban de manera equilibrada a las distintas fracciones del capital en pugna: Carlos Cañete Tarman, ex director del Banco Amambay y director de Sporting Life S.A.; Gustavo Galeano, director de Tabacos del Paraguay S.A.; Juan Carlos Lopez, presidente de AgriCitrus Paraguay S.A.; Hugo Correa, director de Tabacos del Paraguay S.A.; Oscar Vicente Scavone, presidente de Grafica Mayo S.A.; Osvaldo Salum, director de Bebidas del Paraguay S.A.; Luis Ramirez, presidente del directorio de tabacos del Paraguay; Francisco Barriocanal, gerente general de Bebidas del Paraguay S.A. y José Ortiz, presidente de Tabesa.

5. Conclusiones

El artículo se propuso reconstruir el vínculo entre derechas y élite económica en Argentina y Paraguay a través del estudio de la acción política empresarial agropecuaria durante los gobiernos de Mauricio Macri (2015-2019) y de Horacio Cartes (2013-2018) bajo el enunciado de que la posición ideológica de las fuerzas políticas que se encuentran en ejercicio del poder del Estado es una variable condicionante de las formas en que se expresa la acción política de la élite económica.

Hemos podido demostrar que mientras que durante los gobiernos populistas-progresistas en los países bajo estudio el empresariado agropecuario ponderó la dimensión corporativa y el conflicto político, volviéndose la estrategia prioritaria.

Esto se evidenció en el progresivo proceso de unidad corporativa que se instituyó como la principal estrategia para afianzar su capacidad de intervención política y en la constitución de la Unión de Gremios de la Producción (UGP) en 2005 y de la Comisión de Enlace de Entidades Agropecuarias (CEEAA) en 2008. También en los dos conflictos agrarios más importantes de las últimas décadas en ambos países: el conflicto por la Resolución 125/08 en Argentina y el Tractorazo en Paraguay. Los mismos se erigieron como un punto de inflexión a partir del cual ambas supra entidades se constituyeron en actores de una gravitación central, condicionando los proyectos políticos en curso.

Posteriormente, se experimentó un cambio de correlación de fuerzas en la región y el avance de una derecha que evidenciaba una reestructuración social al incorporar, especialmente, *outsider* de la política, cambiando la gravitación de viejos y nuevos actores y cristalizando un cambio cualitativo en la participación del empresariado, siendo esta generalizada, persistente y consolidada en el ámbito institucional partidario.

Con el ascenso de Mauricio Macri en Argentina (2015) y de Horacio Cartes en Paraguay (2013) se prioriza por parte del empresariado la estrategia de articulación institucional en el Poder Ejecutivo a través de la circulación de trayectorias ocupacionales, relegando el accionar contencioso de las organizaciones empresariales en un segundo plano. El primer ejemplo de ello es el ascenso de presidentes empresarios como expresión paroxística. Posteriormente, ambos constituyeron gabinetes que expresaron, a través de las trayectorias de los ministros o secretarios, a los intereses mas concentrados de la élite económica y del sector agropecuario. La diferencia entre ambas experiencias radica en que mientras que en el caso Argentino, la variable contenciosa quedó

absolutamente relegada y la participación institucional en el Poder Ejecutivo devino un tipo de acción colectiva y estrategia dilecta; en el caso paraguay existieron instancias donde el conflicto político mantuvo un estado de latencia -como instrumento para el disciplinamiento de los actores políticos-. Aun así, la política económica de Horacio Cartes, así como la composición institucional del Poder Ejecutivo representaron en forma directa los intereses del sector empresarial en general y agrario en particular.

Finalmente, el trabajo pretende contribuir a una carencia en el campo de estudios ya sea desde los análisis existentes sobre las derechas latinoamericanas como así las actuales contribuciones sobre la acción política empresarial. Por ello ponderar los estudios comparados que, a su vez, desarrollen el vínculo e interacciones mutuas entre sistema político y actores económicos.

6. Referencias bibliográficas

ACUÑA, C. **El análisis de la burguesía como actor político. Seminario: Empresas y Estado en América Latina. Balance y perspectivas.** VI *seminario organizado por el grupo de trabajo "Empresarios y Estado*, 1994.

ANSALDI, Waldo. Propuesta para una agenda de investigación sobre las derechas latinoamericanas. ***Revista CIDOB d'Afers Internacionals***, núm 132, 2022.

ARAGÓN FALOMIR, Jaime y CÁRDENAS, Julián. Análisis de redes empresariales y puertas giratorias en México: Cartografía de una clase dominante público-privada. En: ***Temas y debates***, núm 39, 2020.

BEIGEL, Fernanada (2006). Vida, muerte y resurrección de las teorías de la dependencia. En: ***Crítica y Teoría del pensamiento social latinoamericano***. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales.

BELTRÁN, Gastón. Acción empresaria e ideología. La génesis de las reformas estructurales. En: Pucciarelli, A. (Coord.), **Los años de Alfonsín**. Siglo XXI, 2006.

BELTRÁN, Gastón. Las prácticas del poder. Discusiones en torno al problema de la acción política empresaria. En: **Apuntes: Revista de Ciencias Sociales**, núm 39, 2012.

BOHOLAVSKY, Ernesto, VICENTE, Martín y ECHEVERRÍA, Olga. Las derechas argentinas en el siglo XX: Presentación e itinerarios de un problema. En: **Las derechas argentinas en el siglo XX**. Buenos Aires: UNCPBA, 2021.

BOHOSLAVSKY, Ernesto; MOTTA, Rodrigo Patto Sá; BOISARD, Stéphane. **Pensar as direitas na América Latina**. Alameda Casa Editorial, 2021.

BOURDIEU, Pierre. La représentation politique - éléments pour une théorie du champ politique. En: **Actes de Recherche en Sciences Sociales**, núm, 36/37, 1981.

CANELO, Paula y CASTELLANI, Ana. ¿ El imperio de los CEO? Una radiografía del primer gabinete nacional del Gobierno de Macri. En: **Plan Macri: Argentina gobernada por las corporaciones**. Peña Lillo, 2016.

CANELO, Paula, CASTELLANI, Ana y GENTILE, Julia. Articulación entre elites económicas y elites políticas en el gabinete nacional de Mauricio Macri (2015-2018). En: **Elites y captura del Estado**. Buenos Aires: CITRA, 2018.

CANNON, Barry. **The Right in Latin America: Elite power, hegemony and the struggle for the state**. Routledge, 2016.

CANNON, Barry y RANGEL, Patricia. Introducción: resurgimiento de la derecha en América Latina. **Revista CIDOB d'Afers Internacionals**, núm ,126, 2020.

CANTAMUTTO, Francisco, COSTANTINO, María y SCHORR, Martín. **El gobierno de Cambiemos en la Argentina: una propuesta de**

caracterización desde la economía política. 2019.

CAÑETE ALONSO, Rosa (2018). **Las democracias capturadas: el gobierno de unos pocos.** CLACSO/OXFAM.

CASSINI, Lorenzo; ZANOTTI GARCÍA, Gustavo y SCHORR, Martín. Nuevo ciclo neoliberal y desindustrialización en la Argentina:: el gobierno de Cambiemos (2015-2019). En: **Cuadernos de Economía Crítica**, núm 13, 2021.

CASTELLANI, Ana. Lobbies y puertas giratorias: Los riesgos de la captura de la decisión pública. En: **Nueva Sociedad**, núm 276, 2018.

CASTELLANI, Ana. Los ganadores de la 'década perdida'. La consolidación de las grandes empresas privadas privilegiadas por el accionar estatal. Argentina 1984-1988. En: **Los años de Alfonsín ¿El poder de la democracia o la democracia del poder.** Siglo XXI Editores, 2006.

CASTELLANI, Ana y DOSSI, Marina. Elite económica y élite política bajo la presidencia de Mauricio Macri: el caso de Ministerio de Producción (2015-2019). En: **Estudios Sociales del Estado**, núm 14, 2021.

DÁVILA, Mabel. Aportes para el debate de las consecuencias políticas del conflicto agrario del 2008 en la Argentina. En: **Estudios Rurales**, vol, 12, núm 26, 2022.

DOSSI, Marina. La construcción de la representación y de la acción corporativa empresaria en las asociaciones empresariales: un estudio de la Unión Industrial Argentina a partir de la articulación de la dimensión organizacional, estructural y política en el período 1989-2003. **Tesis para optar por el título de doctora en Ciencias Sociales.** FLACSO. 2010.

DOSSI, Mariana y LISSIN, Lautraro. La acción empresarial organizada: propuesta de abordaje para el estudio del empresariado. En: **Revista mexicana de sociología**, 73, 2011.

DURAND, Francisco. **La captura del Estado en América Latina:**

reflexiones teóricas. Fondo Editorial de la PUCP, 2020.

DURAND, Francisco. Empresarios a la presidencia. En: **Nueva sociedad**, n. 225, 2010.

FOGEL, Ramón y EZQUERRO, Arturo. A coup foretold: Fernando Lugo and the lost promise of agrarian reform in Paraguay. En: **Journal of Agrarian Change** núm 17, 2017

FOGEL, Ramón, COSTA, Sara y VALDEZ, Sintya . El agronegocio y los mecanismos de la desigualdad en Paraguay. En; **Élite, captura del Estado y desigualdad**. Buenos Aires, CLACSO, 2018.

GENÉ, Mariana. Politización y controversias: los CEOS en el gobierno de Cambiemos. En: **Ensamblés**, núm 9, 2018.

HEREDIA, Mariana. **Cuando los economistas alcanzaron el poder (o cómo se gestó la confianza en los expertos)**. Siglo XXI Editores, 2019.

HINKELAMMERT, Franz . Democracia y nueva derecha en América Latina. En: **Revista Nueva Sociedad**, núm 98, 1988).

IRALA, Abel .Obras viales, el tributo de los Estados a la integración de capitales. En: PALAU, Marielle (Coord.). En: **Con la soga al cuello**. Asunción, BASE IS, 2019.

JUSTE, Rubén. Neopopulismo y proyecto de transformación de las clases patrimoniales. En: L. Soler y R. Carbone (comps.), **Des-cartes: estampas de las derechas en Paraguay**. Punto de Encuentro, 2015.

LACHI, Marcello. Las penas del joven Horacio. En: **Novapolis**, núm 13, 2018.

LACHI, Marcello; SCHEFFER, Raquel. Desencuentros y conflictos entre actores colectivos en la industria paraguaya. En: **Revista de la Facultad de Ciencias Económicas**, vol. 25, núm 2, 2020.

LATTUADA, Mario Jose. **La política agraria en tiempos de la grieta:**

Argentina (2003-2019). Teseo; Universidad Abierta Interamericana, 2021.

LE QUANG, Martin. **La Revolución Ciudadana en escala de grises: avances, continuidades y dilemas.** Instituto de Altos Estudios Nacionales, La Universidad de Posgrado del Estado, 2016.

LEVITA, Gabriel. Profesionales, amateurs y gremialistas. Trayectorias y entradas a la política de los “agrodiputados” en el Congreso argentino. En: **Política & Sociedade**, núm 43, 2019.

LUNA, Juan Pablo y ROVIRA KALTWASSER, Cristobal. Castigo a los oficialismos y ciclo político de derecha en América Latina. En: **Revista Uruguay de Ciencia Política**, núm 30, 2021.

MORRESI, Sergio Daniel. Derechas políticas y democracia liberal: convivencia, compromiso y tensión. En: **Estudios Sociales: Revista Universitaria Semestral**, núm 64, 2023.

NATALUCCI, Ana y PÉREZ, Gastón. La imaginación institucional. Movimientos sociales y Estado en Argentina (2003-2015). Ponencia presentada en el **III Congreso latinoamericano y caribeño de Ciencias Sociales**, organizado por FLACSO, 2015.

NERCESIAN, Ines. **Presidentes empresarios y Estados capturados: América Latina en el siglo XXI.** Buenos Aires, Teseo, 2020.

NIKOLAJCZUK, Mónica. De la construcción de Itaipú a la política energética cartista. Los mecanismos de acumulación por desposesión en Paraguay (1973-2017). **el@ tina. Revista electrónica de estudios latinoamericanos**, núm 65, 2018.

NIKOLAJCZUK, Mónica. **Organizaciones empresariales agropecuarias, acción corporativa y conflicto político en Argentina y Paraguay (1989-2008).** Tesis para optar por el título de Magíster en Estudios Sociales Latinoamericanos, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, 2021.

NIKOLAJCZUK, Mónica. Las derechas latinoamericanas en el Siglo XXI y su novedoso vínculo con las élite económicas. Los casos de Horacio Cartes (2013) y Mauricio Macri (2015). En: **Estudios**, núm, 49), pág, 95-114, 2022.

NIKOLAJCZUK, Mónica y PREGO, Florencia. Las derechas en América Latina en el siglo XXI. La consolidación

de la desigualdad y la instauración de una nueva institucionalidad. En **Sudamericana** núm 17 , 2022.

O'DONNELL, Guillermo. **Catacumbas**. Prometeo, 2008.

OFFE, Claus y WIESENTHAL, Simon. **Dos lógicas de la acción colectiva. Cuadernos de Sociología**, Carrera de Sociología, Universidad de Buenos Aires, num. 3, 1980.

PEREYRA, Sebastián. Procesos de movilización y movimientos sociales desde la transición a la democracia. En: **Observatorio latinoamericano**, núm 3, 2013.

PREGO, Florencia y NIKOLAJCZUK, Monica. ¿Nuevos actores en las derechas del siglo XXI en América Latina? Los casos del macrismo en Argentina (2015) y del bolsonarismo en Brasil. En: SOLER Lorena; QUEVEDO, Charles. y FALERO, Alfredo (Coords.). **Intelectuales, democracia y derechas**. Buenos Aires, CLACSO, 2020.

GIORDANO, Veronica. De la revolución a la democracia, ¿y ahora...? Comparación, conceptos y análisis de coyuntura en América Latina; En: **Democratización, inestabilidad y desigualdades en América Latina**; 2021. GOLDSTEIN, Ariel. **La reconquista autoritaria: cómo la derecha global amenaza la democracia en América Latina**. Marea Editorial, 2022.

ROMERO, José Luis. **El pensamiento político de la derecha latinoamericana**. Buenos Aires, Paidós, 1970.

PUCCIARELLI, Alfredo y CASTELLANI, Ana. El Kirchnerismo y la conformación de un régimen de hegemonía escindida. En: Pucciarelli,

Alfredo y CASTELLANI, Ana (coord.). **Los años del Kirchnerismo. La disputa hegemónica tras la crisis del orden neoliberal**. Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 2017.

ROBLES RIVERA, Francisco. **El presente y futuro de las élites en América Latina: captura del Estado, desigualdad y redes empresariales**. 2022.

ROBLES RIVERA, Francisco y NERCESIAN, Inés. ¿Quién le pone el cascabel al gato? Las elites y su poder de influencia en Centroamérica. En: **Nueva Sociedad** Núm. 303, 2023.

SAIDEL, Matías. El neoliberalismo autoritario y el auge de las nuevas derechas. En: **História Unisinos**, núm 25, 2021.

SANAHUJA, José Antonio y LÓPEZ BURIAN, Camilo. **Las “nuevas derechas” y la ultraderecha neopatriota: conceptos, teoría y debates en el cruce de ideología y globalización**. Fundación Carolina, 2023.

SERNA, Miguel. y BOTTINELLI, Eduardo. **El poder fáctico de las elites empresariales en la política latinoamericana: un estudio comparado de ocho países**. CLACSO, 2018.

SCHVARZER, Jorge. **Estructura y comportamiento de las grandes corporaciones empresarias argentinas (1955-1983)**. CISEA, 1990.

SOLER, Lorena. Populismo del siglo XXI en América Latina. **Estado & comunes. Revista de políticas y problemas públicos**, núm 1, vol 10, 2020.

SOLER, Lorena. Cambios en la configuración de las derechas en Paraguay: de la derecha partidaria a la derecha radical. En: **Temas Sociológicos**, núm 33, 2023.

SOLER, Lorena y QUEVEDO, Charles. La metáfora del Congreso en Iltam. En: **Página 12**, 2017

SOLER, Lorena y PREGO, Florencia. Derechas y neogolpismo en América Latina: Una lectura comparada de Honduras (2009), Paraguay (2012) y Brasil (2016). En: **Contemporánea**, V.11, 2019.

STEFANONI, Pablo. Posneoliberalismo cuesta arriba: los modelos de Venezuela, Bolivia y Ecuador en debate. En: **Nueva Sociedad**, núm 239, 2012.

SVAMPA, Maristella. **Populismos del siglo XXI. Debates latinoamericanos, Indianismo, Desarrollo, dependencia y populismo**. Buenos Aires, Edhasa, 2016.

SVAMPA, Maristella. Lo que las derechas traen a la región latinoamericana. Entre lo político y lo social: nuevos campos de disputa. En: **Nuevas derechas autoritarias. Conversaciones sobre el ciclo político actual en América Latina**. Rosa Luxemburg Stiftung/Ed. Abya Yala, 2020.

TILLY, Charles. **Grandes estructuras, procesos amplios, comparaciones enormes**. Madrid: Alianza editorial, 1991.

TIRADO, Ricardo. El poder en las cámaras industriales de México. En: **Foro Internacional**, núm 46, 2006.

TOURAINE, Alain. **Actores sociales y sistemas políticos en América Latina**. Chile, Preal, 1987.

TRAVERSO, Enzo. **Las nuevas caras de la derecha**. Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 2018.

VALÈNCIA I MONTES, Lino. Cartismo y Coloradismo. Otra vuelta. En: **Des-cartes: estampas de la derecha en Paraguay**. Punto de Encuentro, 2015.

VARESI, Gastón. Tiempos de restauración: Balance y caracterización del gobierno de Macri

en sus primeros meses. En: **Realidad económica**. núm 302, 2016.

VAZQUEZ SALAZAR, Carlos. La Restauración conservadora en América Latina. En: **Revista de Ciencias Sociales de la Facultad de Derecho y Ciencias Sociales**. Benemérita, Universidad Autónoma de Puebla, núm 14, 2020.

VIGUERA, Aníbal. Empresarios y acción política en América Latina. Una perspectiva comparada. En: **Nueva Sociedad**, num. 143, pag. 174-189, 1996.

VILLAGRA, Sara, y IBARROLA Rodrigo. Paraguay: la profundización conservadora en materia económica y política. En: **Reflexión política**, núm 22, 2020.

VOMMARO, Gabriel. **La larga marcha de Cambiemos: la construcción silenciosa de un proyecto de poder**. Siglo XXI Editores, 2019.

VOMMARO, Gabriel y GENÉ, Mariana. **El sueño intacto de la centroderecha: y sus dilemas después de haber gobernado y fracasado**. Siglo XXI Editores, 2023.

DERECHAS RADICALES, FAMILIA GLOBAL DE DERECHAS E IBEROESFERA. EL ROL DE VOX PARA AMÉRICA LATINA

*DIREITAS RADICAIS, FAMÍLIA GLOBAL DAS DIREITAS E IBEROESFERA: O
PAPEL DE VOX NA AMÉRICA LATINA*

*RADICAL RIGHT, GLOBAL FAMILY OF RIGHTS AND IBEROSPHERE. VOX'S
ROLE IN LATIN AMERICA*

Martín Rafael Duarte Penayo¹ 
Universidad de Buenos Aires, Argentina

Resumen: La obra de Ariel Goldstein, *La reconquista autoritaria: Cómo la derecha global amenaza la democracia en América Latina*, pone el foco en el modo en que las derechas radicales europeas construyen nexos y articulan agendas globales con sus pares latinoamericanos de derecha.

Palabras-clave: Derechas radicales; Derechas europeas; Vox; Democracia.

Resumo: Em *La reconquista autoritaria: Cómo la derecha global amenaza la democracia en América Latina* Ariel Goldstein aborda a forma como a direita radical europeia constrói laços e articula agendas globais com os seus homólogos de direita latino-americanos.

Palavras-chave: Direitas radicais; Direitas europeias; Vox; Democracia.

Abstract: Ariel Goldstein's book, *La reconquista autoritaria: Cómo la derecha global amenaza la democracia en América Latina*, focuses on how the European radical right builds ties and articulates global agendas with its Latin American right-wing counterparts.

Keywords: Radical rights; European rights; Vox, Democracy.

DOI: [10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.213178](https://doi.org/10.11606/issn.1676-6288.prolam.2024.213178)

Recebido em: 15/06/2023
Aprovado em: 31/08/2024
Publicado em: 31/08/2024

¹ Estudiante avanzado de la carrera de Sociología (Universidad de Buenos Aires). Investigador en formación del UBACyT. Correo electrónico: martinrdp93@gmail.com

En *La reconquista autoritaria: Cómo la derecha global amenaza la democracia en América Latina*, editada por Marea y publicada en 2023, Ariel Goldstein presenta una detallada investigación sobre interrogantes políticos y epistemológicos que interpelan de manera acuciante nuestro presente: ¿Cómo y por qué crecen las fuerzas de derechas radicales en Europa? ¿Existe una familia global de derecha? ¿Cuál es la agenda que promueve la derecha radical para América Latina y cómo se da el proceso de radicalización de las posiciones de derecha?

A partir de un vasto trabajo de archivo, rescate de publicaciones en redes sociales y entrevistas a líderes destacados de las derechas radicales, el autor logra ofrecer la huella biográfica y la trayectoria transnacional de nuevos actores políticos, así como el imaginario que los guía. Asimismo, se exponen los intercambios entre actores de distintas latitudes geográficas y sus respectivos espacios de socialización: *think tanks*, fundaciones y universidades. En estos circuitos se forman los cuadros políticos de derecha, constituyendo instancias institucionales activas en la construcción de hegemonía, lo que el partido Vox denomina “guerra cultural” frente al marxismo posmoderno.

El vector del libro consiste en comprender el papel articulador que desempeña el partido Vox² respecto de las derechas radicales europeas y latinoamericanas. En este sentido, es clave el protagonismo de Hermann Terstch, eurodiputado por Vox, quien desempeña un rol articulador de las relaciones internacionales del partido con las derechas radicales de Europa central y del este, así como las opciones radicales de derecha en América Latina.

Goldstein demuestra que Vox no es un partido más del espectro conservador, sino uno con pretensión de hegemonía global. Una de las líneas centrales de su proyecto consiste en ofrecer las experiencias de fracaso del “socialismo real” húngaro y polaco como ejemplo para los países

² Partido ultraderechista español fundado en diciembre de 2013.

latinoamericanos, amenazados por el “narcocomunismo”, supuestamente dirigido desde el Foro de San Pablo.

Por otra parte, subyace en Vox el imaginario de una reconquista de las antiguas áreas de influencia ibérica, si bien en un plano cultural y moral, aunque también geopolítico, puesto que estas derechas radicales buscan disputar con China la preeminencia en el mercado latinoamericano. Esta reconquista paternalista relanza narrativas coloniales y se basa en la idea de que España debe salvar a la región del castrochavismo, del comunismo y el crimen organizado. Para ello, retoman el concepto de hispanidad de Ramiro de Maetzu, idea que hermana a nuestra región con España, en virtud del catolicismo y del conservadurismo moral frente al globalismo liberal disolvente.

Este es el telón de fondo en el que se inscribe la iniciativa de la Carta de Madrid y el Foro de Madrid. El documento fue firmado por distintos referentes de las derechas radicales del mundo. El mismo traza un plan de lucha contra el narcocomunismo, la defensa de la democracia y las libertades, la propiedad privada y el libre mercado; el peligro se encarna en Cuba y Venezuela. Puede ser considerada como una respuesta de las derechas al Foro de San Pablo, bajo el presupuesto de que las derechas deben también articularse regional y globalmente y juntar fuerzas frente al peligro castrochavista.

La reconquista autoritaria expone con agudeza el discurso impugnador que propone Vox frente a las fuerzas progresistas, bajo la rúbrica de la política entendida en sentido *schmitiano*: el enemigo debe ser anulado en tanto su mera existencia amenaza mi propia existencia y la de mi grupo. Este *leitmotiv* puede verse en los capítulos dedicados a países latinoamericanos cuyos presidentes se encuentran ligados a tradiciones progresistas: Pedro Castillo en Perú, Petro en Colombia, Boric en Chile, Lula en Brasil. En todos estos casos, Vox impugna las alternativas políticas

progresistas, asociándolo al narcotráfico y el crimen organizado, clausurando de este modo cualquier debate racional y argumentativo.

Un aporte novedoso del libro consiste en examinar los circuitos internacionales institucionales por los que transitan las figuras destacadas de la derecha radical. Este ejercicio ilustra el modo en que se tejen agendas globales entre actores políticos de distintas geografías. Los nuevos medios de comunicación, las redes sociales, blogs y periódicos digitales constituyen una novedosa herramienta, concienzudamente utilizada por los actores de las derechas radicales para generar una atmósfera de comunicación alternativa, alejada de los consensos progres que caracterizan a los medios tradicionales, la academia y la industria cultural. Un ejemplo de esto lo constituye GETTR, una red social conservadora trumpista.

Además, el autor documenta las distintas redes de organizaciones y su entrelazamiento en la construcción de condiciones políticas y culturales propicias para la victoria política de las derechas radicales. Se trata así de dar la batalla en el plano de la cultura, algo que se revela notable en las estrategias de estos actores políticos. Para ello, Vox cuenta con su *think tank*, Fundación Disenso, y su periódico, La Gaceta de la Iberoesfera, instancias de publicación de varios referentes políticos y periodistas internacionales que opinan sobre América Latina. Otro ejemplo es el Mathias Corvinus Collegium, *think tank* y universidad conservadora financiada por el gobierno de Orbán. Además, Vox, desde Fundación Disenso, brinda cursos de formación como Jóvenes Líderes de la Iberoesfera. Para Goldstein, el partido español toma la delantera en la puesta en diálogo de las distintas derechas alternativas. Su misión para América Latina consiste en proveer un imaginario y un relato anticomunista, aproximando las experiencias de los horrores del comunismo en países como Polonia y Hungría. De hecho, Ley y Justicia de Polonia es el partido mayoritario en el grupo de europeos reformistas y

conservadores, y gran aliado de Vox en la agenda del conservadurismo moral y el anticomunismo visceral.

De este modo, Ariel Goldstein muestra la existencia de una familia de derecha radical, con pretensiones hegemónicas y un proyecto para nuestra región. Vox es el punto neurálgico y de cruce entre distintos actores políticos que han aprovechado el abandono del poder político por las fuerzas conservadoras de derecha tradicional, en un contexto de incertidumbre y escepticismo del electorado en torno a los pactos formales e informales establecidos en las transiciones a la democracia.

Un ejemplo interesante del libro, que refiere al odio y a la visión beligerante de la política propulsada por Vox, lo constituye el episodio de Milei insultando violentamente a Horacio Rodríguez Larreta, alcalde de Buenos Aires entre 2015 - 2023. Cuando el insulto y el odio ganan terreno como palabra pública admitida, la capacidad crítica pierde terreno y da paso a la torsión y reconfiguración del espacio público mismo. En términos de Ranciere, se produce un litigio en torno a la democracia misma, lo cual arroja un corrimiento de lo decible y enunciable tendiente a barrer con los pactos verbales de la democracia. En este sentido, inscribe el manejo mentiroso de la historia y la relativización del terrorismo de Estado por la diputada Villaruel del movimiento político de Milei.

Otro aspecto para remarcar del libro, lúcidamente señalado por el autor, es que las izquierdas políticas tienen el desafío de mostrar mayor coherencia entre lo dicho y lo hecho; deberían comprometerse en una tarea política para aislar los extremos y condenar todos los autoritarismos de izquierda, tanto de Cuba como Venezuela. En este sentido, Boric, más allá de sus derrotas políticas y altos índices de impopularidad; cabe reconocer que el presidente chileno es una excepción, puesto que condena a Cuba y Venezuela. Respecto a estos desafíos de la izquierda, el autor expone cómo la derecha radical se potencia, amplifica, dando voz,

escuchando a personas que padecieron las vejaciones y represiones de dichos regímenes.

El autor identifica una sugestiva similitud entre posiciones extremas de derecha y de izquierda; ambos diagnostican la decadencia y proponen una salida emancipadora. Esto puede explicar el pasaje de la izquierda radical a la derecha radical, una trayectoria común a muchos de los personajes que recorren el libro. Por lo tanto, para combatir a las derechas radicales, sugiere Goldstein, la izquierda debe dejar de tener como referentes regímenes autoritarios que cercenan derechos y libertades.

Por otra parte, se propone una interesante cuestión poco mencionada en la literatura sobre las derechas. Por un lado, el problema de hegemonía de las derechas latinoamericanas consiste en que defienden el neoliberalismo como modelo económico y a la familia tradicional como modelo de orden y jerarquía; sin embargo, dicha matriz económica imposibilita el incentivo económico popular de adhesión política. Por eso, con el fin de mantener una base social fuerte, las iglesias católicas y pentecostales cumplen una función intermedia y de contención importante para algunas fuerzas de derechas.

Esta lógica conlleva una suerte de contradicción programática, ya que se promueve la defensa de la familia tradicional, pero sin políticas económicas que potencien y eleven el nivel de vida de dichas familias. Como elemento de contraste, la derecha polaca en funciones de gobierno defiende los mismos valores y principios sobre la familia tradicional, pero acompañada por una efectiva política de bienestar chauvinista, es decir, con prioridad a los nacionales.

Finalmente, la lectura de este importante trabajo sobre los nuevos contornos de las derechas deja algunos interrogantes sobre los usos normativos que hacemos de las categorías en las ciencias sociales, pasando por alto muchas veces la trama social que bulle desde abajo.

En este sentido, el caso de Polonia es ilustrativo y nos lleva a preguntar si es legítimo pensar a la religión como un simple reaseguro de la tradición y la dominación. ¿Se trata de simples mitos e invenciones de un líder político y su equipo de gobierno? Considero que dicha mirada corre el peligro de reducir la complejidad de momentos políticos y sociales de movilización y efervescencia comunitaria en los cuales se pone el cuerpo por la nación u otros ideales. Ante esto, quizás convenga poner un énfasis mayor en la necesidad que tienen las fuerzas progresistas de conectar con mayor creatividad con las demandas de cohesión social, deseo de familia, comunidad y sentir nacional. De ese modo, podríamos concebir dichos tópicos como núcleos de diálogo y conflicto constante entre fuerzas que disputan por ser los verdaderos interpretes del sentimiento imperante en amplias mayorías sociales.

Referencias bibliográficas

GOLDSTEIN, Aiel. **La reconquista autoritaria. Cómo la derecha global amenaza la democracia en América Latina.** Editorial Marea. Ciudad Autónoma de Buenos Aires; 2022; p. 340.



BRAZILIAN JOURNAL OF
LATIN AMERICAN STUDIES